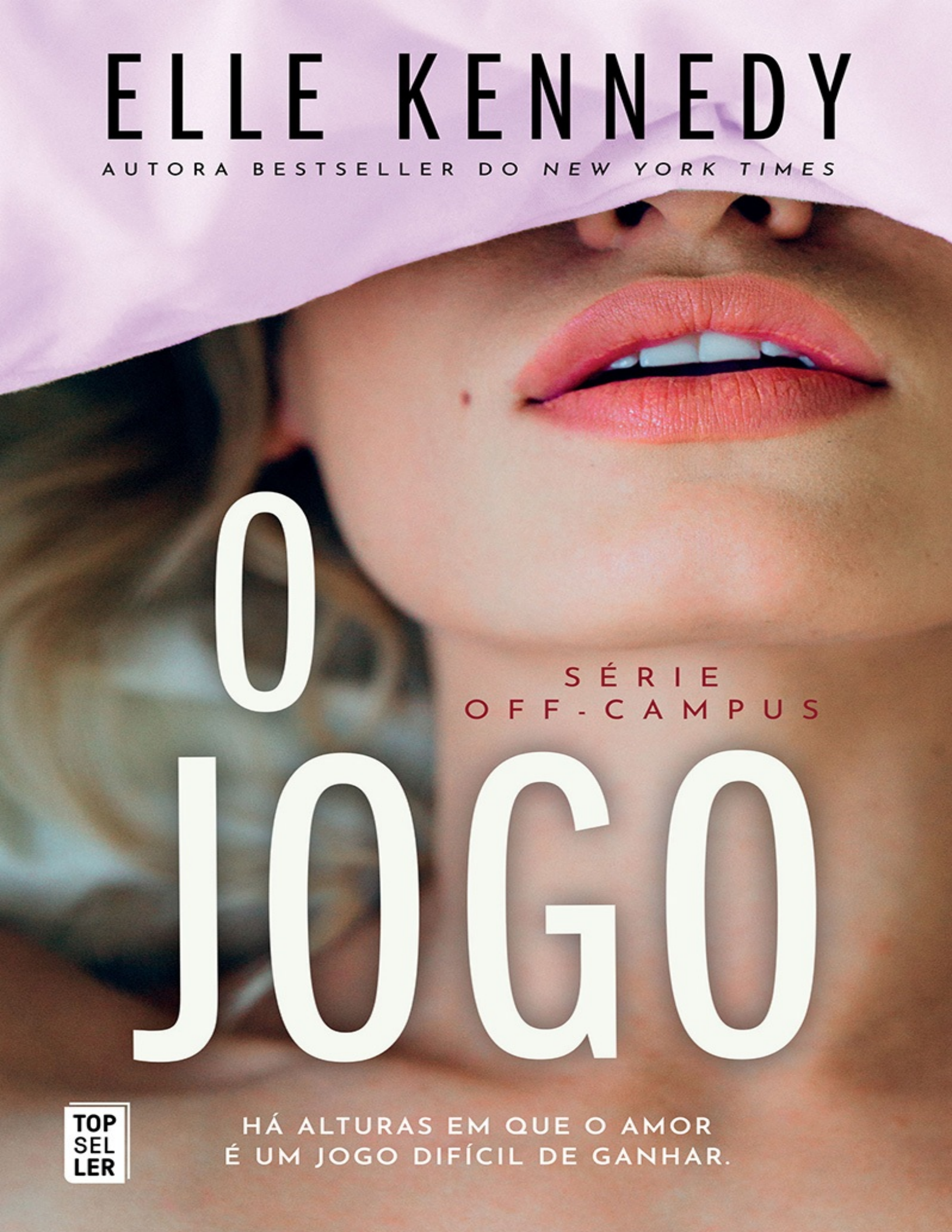
ELLE KENNEDY

AUTORA BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*



SÉRIE OFF-CAMPUS

O JOGO

TOP SELLER

HÁ ALTURAS EM QUE O AMOR
É UM JOGO DIFÍCIL DE GANHAR.

ELLE KENNEDY

O JOGO

TOP SELLER
os livros em primeiro lugar

Edição em formato digital: março de 2023

O JOGO
Título original: *The Score*
Texto: © 2015, Elle Kennedy
Todos os direitos reservados.

© desta edição:
2023, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a proteção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Isabel Moreira
Revisão: Manuela Duarte
Capa: adaptação de Wonder Studio sobre design de Morten Gorm
Imagens da capa: onlymag/Adobe Stock

ISBN: 978-989-787-007-1

Composição digital: leerendigital.com

Site: penguinlivros.pt
Twitter: @PenguinLivros
Facebook: topseller.editora
Instagram: topseller.suma

Índice

O jogo
Créditos

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28

Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Agradecimentos

Sobre este livro
Sobre Elle Kennedy
Notas

1

Allie

Sean: Podemos falar?
Sean: Por favor?
Sean: Mas que raio, Allie. Depois de tudo o que passámos, mereço mais do que disso.
Sean: Não estavas a falar a sério quando disseste que estava tudo acabado, pois não?
Sean: Importas-te de me RESPONDER, porra?!
Sean: Sabes que mais? Que se lixe. Queres continuar a ignorar-me? Como queiras.

Constato que tenho seis mensagens por ler quando estou a sair do centro de *fitness* do *campus* e olho para o telemóvel numa sexta-feira à noite. São todas do Sean, o meu ex-namorado desde ontem à noite. E embora me tenha apercebido de que ele rapidamente passou de suplicante a irritado, dou por mim concentrada no erro gramatical da mensagem.

Mereço mais do que isso.

Isso, não *disso*. E duvido que a culpa seja do corretor automático, porque o Sean não deve muito à inteligência.

Pronto, não é bem assim. Ele é muito inteligente para algumas coisas, como, por exemplo, o basebol. A sério, os números dele são impressionantes, equiparando-se até aos atingidos na década de 1960. Mas não é propriamente bom aluno. E também não é bom namorado, pelo menos de há uns tempos para cá.

Nunca quis ser uma daquelas raparigas que termina e reata com o mesmo

rapaz vezes e vezes sem conta. Achava mesmo que era mais forte do que isso, mas o Sean McCall tem um domínio sobre mim desde o meu primeiro ano na Universidade Briar. Diria que me conquistou com o seu ar betinho e sorriso de menino. Tem um sorriso maravilhoso, travesso, e quando sorri aparecem-lhe umas covinhas, que prometem mundos e fundos.

Torno a olhar para o telemóvel e a minha preocupação volta a trepar pelas paredes, como a hera no edifício atrás de mim. Bolas. Sobre o que é que ele quer falar? Dissemos tudo o que tínhamos de dizer ontem à noite. Quando lhe disse que estava farta e saí de rompante pela porta da residência dele, estava a falar a sério.

Estou farta. Esta é a quarta vez que terminamos em três anos. Não posso continuar a sujeitar-me a isto, a este ciclo doentio de felicidade e sofrimento, sobretudo quando a pessoa com quem devia estar a construir um futuro está determinada a impedir-me de avançar.

Mesmo assim, sinto uma tristeza no coração. É difícil esquecer alguém que foi uma parte tão importante da nossa vida durante tanto tempo. E é ainda mais difícil quando essa pessoa se recusa a *libertar-nos*.

Suspiro e desço as escadas à pressa, em direção ao caminho de pedra que percorre o *campus*. Normalmente paro um pouco a apreciar a vista, os imponentes edifícios antigos, os bancos de ferro forjado e as árvores maciças, mas esta noite só me apetece ir diretamente para o meu quarto, enfiar a cabeça debaixo dos lençóis e esquecer-me do mundo. Felizmente posso fazer isso, porque a minha colega de quarto, a Hannah, foi passar o fim de semana fora, o que significa que hoje não vou levar um sermão acerca dos perigos emocionais de me deixar levar pela depressão.

Se bem que ontem à noite ela deixou de lado os sermões e decidiu apoiar-me, assumindo o papel de melhor amiga. Assim que entrei pela porta depois de ter acabado com o Sean, a Hannah estava à minha espera na sala comum com uma embalagem de gelado, uma caixa de lenços de papel e duas garrafas de vinho tinto, e passou metade da noite acordada a entregar-me lenços e a ouvir-me tagarelar sobre coisas sem nexo.

As separações são uma *merda*. Sinto-me um autêntico fracasso. Quer dizer, sinto-me uma desistente. O último conselho que a minha mãe me deu antes de morrer foi nunca desistir do amor. Na verdade, ela repetiu-mo diversas vezes antes de ficar doente. Não estou a par dos pormenores todos, mas todos em minha casa sabiam que o casamento dos meus pais andou tremido mais do que uma vez durante os dezoito anos em que estiveram juntos. E, mesmo assim, eles ultrapassaram as crises. Eles *trabalharam* o casamento.

Sempre que penso que deixei o Sean ontem, sinto náuseas. Talvez devesse ter lutado mais por nós. Quer dizer, eu sei que ele me ama…

Se ele te amasse, não te teria feito um ultimato, assegura-me uma voz rouca. *Fizeste a coisa certa*.

Sinto um aperto na garganta quando reconheço a voz que ouço na cabeça. É a voz do meu pai, que por acaso é o meu maior apoiante. Para ele, eu nunca faço nada de mal.

É uma pena que o Sean não pense da mesma forma.

O meu telemóvel toca quando estou a cinco minutos da Bristol House, onde partilho um dormitório de dois quartos com a Hannah.

Merda. Outra mensagem do Sean.

E, para piorar, diz: Peço imensa desculpa por ter escrito um palavrão, miúda. Foi sem querer. Estou chateado. És a melhor coisa que tenho. Espero que saibas disso.

Recebo uma segunda mensagem: Vou a tua casa depois das aulas. Para conversarmos.

Detenho-me, invadida por uma sensação de pânico. Não tenho medo do Sean, pelo menos não fisicamente. Sei que ele nunca me levantaria a mão nem teria um ataque de raiva. Mas receio cair na cantiga dele. Ele tem *muito* jeito para isso. Basta chamar-me *amor* e esboçar aquele sorriso adorável, que eu deixo-me logo ir.

Sinto um misto de raiva, medo e irritação enquanto releio as mensagens. Ele está a fazer *bluff*. Ele não viria a minha casa sem ser convidado, pois não?

Macacos me mordam.

Com os dedos a tremer, encontro o número da Hannah. Depois de dois toques, ouço a voz tranquilizante da minha melhor amiga.

— Olá. Que se passa? Estás bem?

Ouço um murmúrio ao fundo. Uma voz de mulher… é a Grace Ivers, a namorada do Logan, o que significa que a Hannah e o namorado dela, o Garrett, já partiram de fim de semana para Boston. Ela convidou-me para ir com eles, mas eu recusei, porque não queria segurar a vela. Dois casais loucamente apaixonados e eu? Dispenso, muito obrigada.

Agora arrependo-me de não ter aceitado o convite, porque vou passar o fim de semana sozinha e o Sean quer *conversar*.

— O Sean vem cá esta noite! — exclamo.

A Hannah suspira.

— O quê? *Não!* Porque é que aceitaste…

— Não aceitei nada! Ele nem sequer me perguntou se eu me importava. Simplesmente enviou-me uma mensagem a avisar que vinha cá.

— Mas que raio? — Ela parece tão desagradada quanto eu.

— Exato! — Sou invadida por uma sensação de pânico. — Não posso vê-lo, Han. A separação ainda é recente. Se ele vier cá, ainda acabo por aceitá-lo de volta.

— Allie…

— Achas que se desligar as luzes e trancar a porta ele vai pensar que não estou em casa e se vai embora?

— Conhecendo o Sean como conheço, ele vai esperar à tua porta a noite toda. — A Hannah pragueja. — Sabes que mais? Não devia ter concordado em vir a este jogo dos Bruins. Devia estar em casa contigo. Espera, vou dizer ao Garrett para voltar para trás…

— Nem penses — interrompo. — *Não* vais cancelar a tua viagem por minha causa. Esta é a tua última oportunidade para fazeres algo divertido.

O namorado da Hannah é capitão da equipa de hóquei no gelo da Briar, o que significa que os treinos e os jogos vão ocupar-lhe a maior parte do tempo, agora que a temporada começou. E a Hannah não poderá vê-lo com tanta frequência. Recuso-me a ser a pessoa que estraga um raro fim de semana de liberdade para eles.

— Só quero um conselho. — Engulo em seco. — Por isso, diz-me o que fazer, por favor. Achas que peça à Tracy para me deixar dormir no quarto dela?

— Não, é melhor não estares na Bristol, se o Sean andar a vaguear pelos corredores. Podes pedir à Megan… Ah, não, espera, o novo namorado dela vem passar o fim de semana cá. Eles devem querer ficar sozinhos. — A Hannah parece pensativa. — E a Stella?

— Ela e o Justin foram viver juntos na semana passada. Não vão querer uma convidada de última hora.

— Espera um segundo. — Segue-se outra pausa demorada. Ouço a voz abafada do Garrett, mas não consigo perceber o que ele está a dizer. E depois a Hannah volta à chamada. — O Garrett diz que podes ficar em casa dele no fim de semana. O Dean e o Tuck vão estar lá, por isso, se o Sean descobrir onde estás e passar por lá, eles afugentam-no. — Volto a ouvir um murmúrio de vozes ao fundo. — Podes dormir no quarto do Garrett — acrescenta ela.

Fico indecisa. Quer dizer, isto é ridículo. Custa-me a acreditar que estou a considerar sair da minha própria residência por causa do Sean. Mas a minha mente é invadida pelas imagens do Sean a bater-me à porta. Ou pior ainda, a postar-se debaixo da minha janela com uma aparelhagem a tocar *Say Anything*. Raios, e se ele puser aquela canção do Peter Gabriel? *Odeio* essa canção.

— Tens a certeza de que não há problema? — pergunto.

— Sim. É na boa. O Logan está a enviar uma mensagem ao Dean e ao Tucker a avisá-los. Podes ir para lá quando quiseres.

Sinto-me ao mesmo tempo aliviada e culpada.

— Podes pôr-me em alta-voz? Quero falar com o Garrett.

— Claro que sim. Espera um segundo.

Minutos depois, ouço a voz grave do Garrett Graham.

— Os lençóis limpos estão no armário das toalhas, e talvez seja boa ideia trazeres a tua almofada. A Wellsy acha que as minhas almofadas são muito moles.

— E *são* muito moles — protesta a Hannah. — Parece que estamos a dormir num *marshmallow* empapado.

— É como se estivesses a dormir numa nuvem fofa — corrige-a o Garrett. — Confia em mim, Allie, as minhas almofadas são boas. Mas traz a tua, para o caso de não gostares.

Solto uma gargalhada.

— Obrigada pelo aviso. Mas tens a certeza de que não há problema? Não quero dar trabalho.

— Não há problema nenhum, miúda. Basta mostrares esses olhos azuis ao Tuck e ele prepara-te um bom jantar. Oh, e o Logan já avisou o Dean para não se fazer a ti, por isso não precisas de te preocupar, que ele não vai tentar seduzir-te.

Pois sim. O Dean Heyward-Di Laurentis é o maior engatatão do planeta. Sempre que o vejo, ele tenta saltar-me para cima. E nem sequer consigo sentir-me especial por causa disso, uma vez que ele faz o mesmo a *todas*.

Mas isso não me preocupa. Eu sei lidar com o Dean, e o Tucker vai ser um bom escudo de proteção entre mim e o colega de casa atiradiço dele.

— Agradeço muito — digo ao Garrett. — A sério, fico a dever-te uma.

— Nada disso.

A Hannah volta a falar.

— Envia-me uma mensagem quando chegares lá, está bem? E depois desliga o telemóvel, para o Sean não te incomodar.

Já disse o quanto adoro a minha melhor amiga?

Desligo a chamada a sentir-me bastante melhor. Talvez seja boa ideia sair da residência durante o fim de semana. Posso encarar a situação como uma pequena escapadinha, uns dias para esfriar a cabeça e reorganizar as ideias. E enquanto o Dean e o Tucker estiverem por perto, não me sentirei tentada a ligar ao Sean. Desta vez precisamos de um afastamento e de interromper o contacto, pelo menos durante umas semanas. Ou meses. Ou anos.

Para ser sincera, não sei se vou sobreviver a este rompimento. Estou apaixonada por este rapaz há anos. E a verdade é que o Sean tem as suas qualidades. Como quando ele apareceu à minha porta com sopa quando eu estava doente. E quando ele…

Alerta vermelho!

Disparam sinos de alarme na minha cabeça, alertando-me para a minha estupidez. Não. Não vou voltar atrás. Não quero saber se ele tem gestos queridos, porque ele também tem outros gestos que *não* são tão queridos, como ficou provado na noite anterior.

Endireito os ombros e começo a caminhar mais depressa, determinada a manter-me fiel ao plano inicial. Eu e o Sean terminámos. Não posso vê-lo, enviar-lhe mensagens ou fazer o que quer que seja que me coloque no caminho dele neste momento.

O primeiro dia da minha vida sem o Sean começou oficialmente.

Dean

É sexta-feira à noite e eu estou deitado no sofá da sala a beber uma cerveja enquanto duas loiras — duas loiras lindíssimas e nuas, diga-se de passagem — sugam a língua uma da outra à minha frente. A minha vida é maravilhosa.

— A melhor noite de sempre — digo eu, numa voz arrastada. Tenho o olhar colado na trajetória das mãos da Kelly enquanto elas deslizam na direção das mamas arrebitadas da Michelle. A Kelly aperta-as e eu gemo.

— Seria ainda melhor se as meninas trouxessem a festa para aqui.

Elas afastam-se, ofegantes, e riem-se enquanto olham para mim.

— Dá-nos um motivo para isso — provoca-me a Kelly.

Arqueio uma sobrancelha e depois estico a mão para agarrar o meu pénis ereto, puxando-o devagar.

— Isto não é motivo suficiente?

A Michelle é a primeira a vir na minha direção com as mamas e o rabo a abanar, enquanto sobe para o meu colo e encosta a boca à minha. Um segundo depois, a Kelly está encostada a mim com os seus lábios suaves e quentes junto ao meu pescoço. Meu Deus. Estou tão excitado que até me dói, mas estas duas deusas estão determinadas a fazer-me suplicar. Torturam-me com beijos demorados e arrastados e com as línguas molhadas e selvagens, dando-me lambidelas estratégicas e suaves que têm como propósito deixar-me louco.

Gostava de dizer que este pequeno *ménage à trois* é uma experiência nova para mim ou que o rótulo de engatatão que os meus colegas da equipa de hóquei me atribuem é um exagero. Mas não é. O rótulo é certeiro. Eu gosto de foder. Eu fodo bastante. Processem-me.

Gemo quando a Kelly coloca os dedos à volta do meu pénis.

— Meu Deus. Como é que tive tanta sorte?

— Ainda não sabes o que é sorte — diz a Michelle, enquanto empurra o cabelo comprido por cima do ombro. — Só te vens quando nós nos viermos, lembras-te disso?

Ela tem razão. Eu fiz uma promessa e tenciono cumpri-la. Ao contrário do que os idiotas dos meus amigos pensam, para mim o mais importante no sexo é a mulher. Ou, neste caso, as mulheres. Duas mulheres lindas e ávidas que não só estão interessadas em mim, mas também uma na outra.

Céu? Daqui fala o Dean Di Laurentis. Obrigado por me deixares visitar-te.

— Então, é melhor começar — anuncio, e depois deito a Michelle no sofá e colo a boca aos seios dela.

Apanho um mamilo com a boca e sugo com força, fazendo-a arquear as ancas no sofá enquanto geme. Vejo uma sombra pelo canto do olho. A Kelly dobra-se ao meu lado e lambe o outro mamilo da Michelle. Oh, meu bom Jesus. Gemo alto o suficiente para acordar um morto.

A Kelly levanta a cabeça e dirige-me um sorriso.

— Achei que precisavas de ajuda. — Depois começa a beijar o ventre liso da Michelle até chegar à dobra das coxas da amiga.

Esqueçam o céu. Isto é antes o nirvana.

Sigo o caminho que a Kelly percorreu e os meus lábios percorrem-lhe a pele bronzeada e as belas curvas até chegar ao local que me deixa com água na boca. A Kelly já o está a lamber. Cum caraças. Não sei se me vou conseguir controlar o tempo suficiente para que elas se venham primeiro. Já estou quase no limite.

Ignorando a palpitação por debaixo de mim, humedeço o lábio inferior, encosto a boca à vagina da Michelle e… toca a porcaria da campainha.

Merda. Levanto o pescoço e olho para o centro de entretenimento. O relógio digital marca 20h30. Tento lembrar-me se convidei algum dos rapazes para vir a

minha casa, mas não falei com mais ninguém hoje a não ser com os meus colegas de casa, e eles iam passar o dia fora. O Garrett e o Logan foram para Boston com as namoradas há uma hora, e o Tucker ia ao cinema esta noite com uma miúda qualquer.

— Já continuamos. — Lambo a coxa da Michelle num gesto de provocação e depois levanto-me do sofá para procurar os boxers.

Depois de enfiar os boxers, percorro rapidamente o corredor para abrir a porta. Quando vejo quem está do outro lado, semicerro os olhos.

— Má altura, boneca — digo eu à melhor amiga da Hannah. — A tua amiga já saiu. Volta cá no domingo. — Avanço para fechar a porta. Sim, sou um sacana mal-educado.

Infelizmente, a loira que está à porta coloca uma bota de neve preta entre a porta e o caixilho.

— Não sejas parvalhão, Dean. Sabes bem que vou passar aqui o fim de semana.

Arqueio as sobrancelhas.

— Como? — Olho para ela com mais atenção e é aí que reparo na mochila cheia que traz pendurada no seu ombro. E no trólei que tem pousado junto aos seus pés.

A Allie Hayes solta um suspiro enorme.

— O Logan enviou-te uma mensagem a avisar. Agora deixa-me entrar. Estou com frio.

Inclino a cabeça. E depois empurro com pouca suavidade o pé dela para longe da porta.

— Espera aqui. Já volto.

— Estás a gozar comigo…

A porta fecha-se quando ela solta uma expressão de indignação.

Irritado, dirijo-me novamente à sala de estar e constato que nem a Michelle nem a Kelly sequer se deram conta de que eu voltei, pois estão demasiado ocupadas numa sessão de marmelada. Demoro quase um minuto a encontrar o telemóvel e, quando finalmente o encontro no chão, descubro que a amiga da Hannah não estava a gozar comigo.

Tenho cinco mensagens por ler, o que não é de estranhar, tendo em conta que estava ensanduichado por duas boazonas. Quando estás num *ménage à trois*, nem te lembras do telemóvel. Quanto a isso não há dúvidas.

Logan: Mano, a Allie, a amiga da Wellsy, vai dormir em nossa casa este fim de semana.
Logan: Nada de sacar a pila das calças. Eu e o G não estamos com grande vontade de te dar uma tareia se tentares alguma coisa. A Wellsy é capaz de recorrer à violência. Recapitulando: pila = calças = não incomodes a convidada.
Hannah: A Allie vai ficar em vossa casa até domingo. Ela está muito vulnerável neste momento. Não te aproveites dela, senão vais ter de lidar comigo. E tu não me queres pôr à prova, pois não?

Rio-me baixinho. A Hannah é sempre muito diplomática. Leio rapidamente as duas últimas mensagens.

Garrett: A Allie vai dormir no meu quarto.
Garret: A tua pila pode ficar no teu quarto.

Credo, que obsessão é esta com a minha pila?

Era impossível isto vir em pior altura. O meu olhar pesaroso incide no sofá. Os dedos da Kelly estão exatamente onde eu gostava de ter os meus neste preciso momento.

Pigarreio e as duas raparigas olham para mim. A expressão da Michelle é enevoada devido à atenção especial que a amiga lhe está a dar.

— Odeio mesmo ter de fazer isto, mas vocês têm de se ir embora — digo-lhes.

Elas arregalam os olhos.

— Como assim? — pergunta a Kelly.

— Tenho uma hóspede inesperada à espera lá fora — resmungo. — O que significa que as atividades sexuais estão proibidas.

A Michele solta um sorrisinho.

— Desde quando é que te importas que te vejam a fazer sexo?

É verdade. Normalmente estou-me a borrifar se há pessoas por perto. Aliás, na maioria das vezes, até prefiro. Mas não posso expor a minha intimidade à amiga da Hannah. Ou à Hannah e à Grace. Se fossem os rapazes, não me importava. Eles já me conhecem. Mas eu sei que o Garrett e o Logan ficariam desagradados por eu estar a corromper as namoradas deles. Assim que iniciaram uma relação séria, os meus antigos comparsas viraram uns pudicos. É triste, na

verdade.

— Esta hóspede é uma flor delicada — digo, de modo seco. — Provavelmente desmaiava, se nos visse aos três juntos.

— Não desmaiava nada. — Ouço a voz irritada da Allie junto à porta.

Estou tão irritado quanto ela. A miúda entra em minha casa como se a casa fosse dela? Nem pensar.

Faço-lhe uma careta.

— Eu disse-te para esperares lá fora.

— E eu disse-te que estava com frio — responde ela. E parece não ter problema em estar a tão curta distância de duas raparigas nuas.

As minhas convidadas começam por estudar a Allie como se ela fosse uma bactéria debaixo da lente de um microscópio; a seguir, franzem os narizes e deixam de lhe prestar atenção, como se ela não passasse efetivamente de uma bactéria debaixo dos microscópios delas. As miúdas costumam revelar-se competitivas quando eu estou por perto, mas, para estas, claramente a Allie não é concorrência.

Também não as posso censurar. Ela está a usar um casaco preto enchumaçado, umas botas e umas luvas e conseguimos ver o seu cabelo loiro a escapar por baixo de um gorro vermelho. Estamos na primeira semana de novembro, não há neve no chão, o ar não é propriamente frio, por isso não se justifica tanto agasalho. A não ser que lhe falte um parafuso. Mas eu começo a suspeitar que a Allie Hayes tem um em falta, porque a miúda entra na sala de estar como se nada fosse e senta-se na poltrona em frente ao sofá.

Abre o fecho-éclair do casaco, olha para as minhas convidadas e depois novamente para mim.

— Porque não levas a festa para o andar de cima? Eu fico aqui a ver um filme ou assim.

— Ou então podes ir tu para o quarto do Garrett ver um filme no andar de cima — digo, num tom vincado. Mas, para ser sincero, tanto dá uma coisa ou outra. Ela já estragou o ambiente e eu não me sinto confortável a pinar com duas raparigas quando só estou eu e a melhor amiga da Hannah em casa.

Solto um suspiro e digo às raparigas:

— Fica para outra vez?

Nenhuma delas se mostra propriamente chateada. Pelos vistos, a menina Allie não estragou apenas o ambiente. Ela queimou a porcaria da terra e depois cobriu-a de sal para se certificar de que se tornava um terreno árido.

A Allie mal presta atenção às raparigas enquanto estas se vestem. Está demasiado ocupada a tirar as milhentas peças de roupa de inverno e a pousá-las no braço da poltrona. Já sem tanta roupa, parece muito mais magra, e dá para ver que está a usar umas *leggings* pretas e uma camisola larga. Não perde tempo a sentar-se confortavelmente na poltrona grande.

Acompanho a Kelly e a Michelle à porta e elas quase me arrancam os lábios para depois me dizerem que ficam à espera do próximo encontro. Despeço-me delas de lábios inchados e pénis novamente ereto.

Regresso à sala de estar exibindo uma expressão carrancuda que dificilmente conseguirei tirar.

— Foi divertido esse papel? — pergunto.

— Qual papel?

— O de empata-fodas.

A Allie solta uma gargalhada.

— Porque é que não levaste as loirinhas lá para cima? Não era preciso expulsá-las por minha causa.

— Não estavas mesmo à espera de que eu me enrolasse com elas sabendo que estavas cá em baixo, pois não?

Ela solta novamente uma gargalhada.

— Tu fazes sexo em público. A toda a hora. O que é que te importa se eu estou cá em casa? — Ela parece pensativa. — A não ser que o problema seja tu ires para o quarto. A Hannah disse que tu fazes sempre sexo na sala. Mas porquê? Tens percevejos na cama ou assim?

Cerro os dentes.

— Não.

— Então porque é que não dás uma queca lá?

— Porque… — Calo-me e depois adoto novamente uma expressão carrancuda. — Isso não te diz respeito. Aliás, porque é que vieste para aqui?

Houve algum incêndio na Bristol House?

— Estou a esconder-me — diz ela, como se fosse suposto eu compreender o que ela quer dizer. Depois olha em redor da sala de estar. — Onde está o Tucker? O Garrett disse que ele estaria aqui.

— Ele saiu.

Ela faz beicinho.

— Que porcaria. De certeza que ele haveria de querer ver um filme comigo. Mas paciência, terei de me contentar contigo.

— Primeiro empatas-me a vida e agora estás a contar que eu queira passar tempo contigo?

— Acredita em mim, serias a última pessoa com quem eu quereria passar tempo, mas estou no meio de uma crise e tu és a única alma aqui em casa. Tens de me fazer companhia, Dean. Ou então ainda vou acabar por fazer uma parvoíce e estragar a minha vida. — Lembro-me de a Hannah me ter contado que a Allie é aluna de Artes Dramáticas. Sim, drama não lhe falta. — Por favor?

A sua expressão de súplica convence-me. E eu sempre me deixei seduzir por uns grandes olhos azuis. Sobretudo quando os olhos azuis pertencem a loirinhas bonitas com uma grande prateleira.

— Ganhaste — cedo. — Eu faço-te companhia, está bem?

A sua expressão aligeira-se.

— Que filme queres ver?

Apetece-me gritar. A minha noite de sexta-feira passou de um *ménage à trois* para uma sessão de *babysitting* da melhor amiga da namorada do meu melhor amigo.

Ah, e ainda tenho o pénis ereto por causa dos beijos de despedida da Michelle e da Kelly.

Que maravilha.

2

Allie

O meu autocontrolo está nas mãos do Dean Heyward-Di Laurentis, um homem conhecido por não ter qualquer autocontrolo. Logo, estou em apuros. Em grandes apuros.

Mas não o vou fazer. Não vou ligar ao Sean. Pouco me importa que há vinte minutos ele me tenha enviado uma fotografia da viagem que fizemos ao México no ano passado. Ele utilizou uma daquelas aplicações para desenhar um coração vermelho grande em redor das nossas caras.

Foi uma viagem maravilhosa…

Afasto a recordação da cabeça e pego no comando que está em cima da mesa de centro.

— Tens *Netflix* associada à televisão? — Olho para o Dean, que continua irritado com a minha presença.

Ou estou a imaginar coisas ou ele está com uma ereção. Mas eu sou simpática e não o vou picar, porque, em defesa dele, ele estava a cinco segundos de fazer sexo com duas raparigas antes de eu ter aparecido.

O meu olhar incide no tronco nu dele. Não vou mentir, o peitoral dele é espetacular. O rapaz tem o peitoral *definido*. Alto e magro, com uns músculos perfeitamente esculpidos. E tem uma barba loira sexy que encaixa na perfeição

no seu rosto cinzelado. É mesmo uma pena. Alguém tão idiota não deveria ser tão bonito.

— Sim. Escolhe alguma coisa para vermos — diz ele. — Vou só lá acima bater uma e já venho ter contigo.

— Está bem. Acho que me apetece ver… espera, o quê?

Mas ele já se foi embora, deixando-me de boca aberta a olhar para a porta. Ele vai lá acima fazer *o quê*? Ele estava a gozar, certo?

Embora não seja boa ideia, ponho-me a imaginar. O Dean no quarto dele. Com uma mão à volta do pénis e a outra… a afagar os testículos? A prender os lençóis? Ou talvez esteja em pé apoiado sobre a secretária, a trincar o lábio inferior…

Mas *porque* é que eu estou a tentar resolver o mistério de como este tipo se masturba?

Abano a cabeça para reprimir os pensamentos e primo os botões do comando até encontrar a *Netflix* e depois começo a procurar os títulos de filmes mais recentes.

Menos de cinco minutos depois, o Dean regressa à sala de estar. Felizmente, vestiu umas calças. Só que deve ter tirado os boxers, e eu sei disso porque traz as calças tão baixas nas ancas que eu quase consigo ver… sítios que não me interessa ver.

Continua em tronco nu e tem um leve rubor nas faces.

— A sério que foste bater uma? — perguntei.

Ele acena com a cabeça como se não houvesse problema nenhum.

— Achas que vou conseguir ver um filme do início ao fim com os tomates prestes a explodir?

Olho para ele de boca aberta.

— Com que então, não podes fazer sexo quando eu estou em casa, mas podes subir e fazer *isso*?

Um sorriso maléfico assoma-lhe à boca.

— Podia ter feito isso cá em baixo, mas depois tu irias sentir-te demasiado tentada a substituir-me. Eu estava só a ser simpático.

É difícil não revirar os olhos. Por isso, nem me esforço.

— Acredita em mim, eu não te poria as mãos em cima.

— Com o meu pénis ali à escâncara? Nem pensar. Não conseguirias resistir. — Ele arqueia uma sobrancelha. — Eu tenho uma linda pila.

— Hum-hum. Tenho a certeza que sim.

— Não acreditas em mim? Posso mostrar-te uma fotografia. — Ele estica o braço na direção do telemóvel que está em cima da mesa de centro, mas depois para e leva a mão ao elástico das calças. — Quer dizer, posso mostrar-te mesmo o pénis, se quiseres.

— Não quero. Nem um bocadinho. — Aponto para a televisão. — Escolhi aquele. Já viste?

O Dean sorri ao ver o filme no ecrã.

— Por amor de Deus, é *esse* o filme que escolhes? Há três filmes de terror novos que podemos ver. Ou a filmografia completa do Jason Statham.

— Nada de filmes de terror — digo com firmeza. — Não gosto de apanhar sustos.

— Está bem. Então vamos ver um filme de ação.

— Não gosto de violência.

As faces dele encovam-se de frustração.

— Miúda, não vou ver um filme sobre — ele olha para o ecrã — «o percurso de mudança na vida de uma mulher depois de ser diagnosticada com uma doença terminal». Nem penses.

— As críticas são muito boas — protesto. — Recebeu um Óscar!

— Sabes que mais venceu um Óscar? *O Silêncio dos Inocentes*. *O Tubarão*. *O Exorcista* — diz ele num tom presunçoso. — E são todos filmes de terror.

— Podemos passar a noite toda a discutir isto, mas não vou ver nenhum filme que envolva sangue, ou tubarões, ou explosões. Aprende a aceitar.

O Dean cerra visivelmente os dentes. Depois relaxa a boca e deixa escapar um suspiro pesado.

— Está bem. Se tenho de ver a porcaria do filme em sofrimento, mais vale fumar um charro primeiro.

— Faz como achares melhor, lindinho.

Ele dirige-se ao corredor a resmungar qualquer coisa em surdina.

— Espera — digo eu. Tiro rapidamente o telemóvel do bolso do casaco. — Podes levar isto contigo? Posso ceder à tentação de enviar uma mensagem, se ficar sozinha com o telemóvel.

Ele lança-me um olhar estranho.

— A quem é que não queres enviar uma mensagem?

— Ao meu ex-namorado. Acabámos ontem à noite e ele não para de me enviar mensagens.

Segue-se uma pausa.

— Sabes que mais? Tu vens comigo.

Mal tenho tempo de pestanejar antes de o Dean atravessar a sala e me arrancar da poltrona. Quando os meus pés tocam no chão, perco o equilíbrio e caio sobre o seu tronco enorme e bato com o nariz no peitoral definido dele.

Rapidamente me recomponho.

— Eu estava confortável, idiota.

Ele ignora-me ao mesmo tempo que me puxa até à cozinha. Uma vez que nem sequer me deixou pegar no casaco, eu começo a tremer assim que saímos pela porta das traseiras.

O tronco nu do Dean brilha debaixo da luz do pátio. Ele não parece incomodado com o frio, mas eu reparo que tem os mamilos ligeiramente arrebitados devido ao ar frio da noite.

— Caramba. Até os teus mamilos são perfeitos — digo.

Os lábios dele reviram-se.

— Queres tocar-lhes?

— Blhec. Nunca. Só estou a comentar que são perfeitos e completamente proporcionais ao teu peito.

Ele baixa o olhar para os abdominais e põe-se a matutar.

— Sim, eu *sou* perfeito. Preciso de me lembrar disso mais vezes.

Solto um ronco.

— Pois sim. Porque ainda não és convencido o suficiente.

— Sou confiante — corrige-me ele.

— Convencido.

— *Confiante*. — Ele abre a caixa de estanho pequena que trouxe da cozinha e eu lanço-lhe um olhar carrancudo quando ele retira um charro bem enrolado e um isqueiro.

— Porque é que eu estou cá fora? — resmungo. — Não quero fumar uma ganza.

— Claro que queres. — Ele acende o charro, dá uma passa demorada e depois fala por cima da nuvem de fumo. — Estás toda enervada e estranha. Confia em mim, precisas disto.

— A isto chama-se pressão de grupo, sabias?

Ele estende o charro e arqueia uma sobrancelha.

— Vá lá, lindinha — provoca-me ele numa cantilena. — Só uma passa. Todos os miúdos fixes o fazem.

Não consigo deixar de soltar uma gargalhada.

— Vai-te lixar.

— Como queiras. — Ele volta a dar uma passa e eu sou envolvida pelo cheiro de marijuana.

Não me lembro da última vez que fiquei pedrada. Não o faço com frequência, mas, para ser sincera, se há uma noite em que se justificava era esta.

— Oh, está bem. Passa para cá. — Estendo a mão antes de pensar duas vezes.

O Dean mostra-se radiante quando me passa a ganza.

— Linda menina. Mas não contes à Wellsy. Ela dá-me uma tareia, se achar que estou a corromper a melhor amiga dela.

Envolvo o charro com os lábios e puxo o fumo para dentro dos pulmões, tentando não me rir ao ver a preocupação genuína no rosto do Dean. Ele tem motivos para ter medo da Hannah. A miúda tem a língua afiada e não tem medo de a usar. É por isso que a adoro.

Passamos os minutos seguintes em silêncio a passar o charro para a frente e para trás como se fôssemos dois rufias a fumar atrás de uma bomba de gasolina. É a primeira vez que passamos tempo juntos só os dois, e é uma sensação estranha estar nas traseiras com um Dean Di Laurentis sem camisola. Para ser sincera, nunca soube interpretá-lo bem. Ele é convencido, mulherengo…

Superficial.

Sinto-me uma idiota por pensar assim, mas não posso negar que esses são os adjetivos que me vêm à cabeça sempre que vejo o Dean. A Hannah disse-me que ele é podre de rico, e dá para ver. Não de uma forma pomposa ou exibicionista, mas sim pela postura dele, como se fosse o dono do mundo. Tenho a sensação de que nunca passou por necessidades na vida. Basta olhar para ele para *saber* que este rapaz tem tudo o que quer e quando quer.

Hum. E pelos vistos a marijuana deixa-me filosófica *e* crítica.

— Com que então, levaste com os pés? — pergunta ele, por fim, enquanto me vê a dar mais uma passa.

Sopro o fumo diretamente para o rosto dele.

— Não levei com os pés. Fui eu que acabei com ele.

— Com o mesmo gajo com quem estás há uma eternidade? O tipo da república? O Stan?

— Sean. E sim. Já namoramos desde o primeiro ano da faculdade.

— Credo. Isso é demasiado tempo para comer a mesma pessoa. O sexo era muito entediante?

— Porque é que para ti tudo tem que ver com sexo? — Devolvo-lhe o charro. — E fica sabendo que o sexo era bom.

— Bom? — Ele solta um risinho. — Uau, tanto entusiasmo.

Já começo a sentir os efeitos da ganza, a cabeça leve, o corpo relaxado, e essa é provavelmente a única razão pelo qual continuo a falar. Numa altura normal, nunca me passaria pela cabeça desabafar com este tipo.

— Bem, diria que mais para o fim já não era assim tão bom — admito. — Mas isso talvez seja porque andávamos a discutir desde o verão.

— Mas esta não é a primeira vez que acabam, pois não? Porque é que estavas sempre a voltar para ele?

— Porque o amo — corrijo. — Porque o *amava*. — Meu Deus, já nem sei. — As primeiras vezes que terminámos não foi porque um de nós tenha feito algo de errado. Eu achava que a relação estava a ficar demasiado séria, demasiado depressa. Andávamos no primeiro ano e parecia que devíamos estar a aproveitar a

vida e tudo o mais.

— Aproveitar a vida é bom — concorda ele, de modo solene. — Uma vez, eu aproveitei uma miúda bem jeitosa que despejou xarope de ácer por cima do meu pénis e depois o lambeu.

— Blhec. — Reviro os olhos. — Para dizer a verdade, quis aproveitar a vida e correu tudo mal. Saí com alguns rapazes e eram uns idiotas chapados. E foi aí que percebi que tinha uma boa relação com o Sean.

O Dean sopra outra nuvem de fumo.

— Está certo. Mas depois vocês acabaram.

— Sim. — A memória evoca uma onda de irritação. — Dessa vez foi porque ele se tornou tremendamente controlador. Um dos companheiros de república dele atirou-se a mim numa festa e o Sean decidiu que nunca mais ninguém poderia olhar para mim. Começou a dizer-me como me vestir, a enviar-me mensagens a toda a hora a perguntar onde é que eu estava e com quem estava. Era sufocante.

Foi a vez de o Dean revirar os olhos.

— Diz a miúda que voltou para ele logo a seguir.

— Ele prometeu que seria diferente. E foi. Ele parou de ser melga e depois disso foi *muito* bom para mim.

O Dean não parece convencido, mas isso pouco me importa. Não me arrependo de ter aceitado o Sean de volta. Depois de dois anos e meio com ele, eu sabia que tínhamos uma relação pela qual valia a pena lutar.

— O que nos leva ao rompimento número quatro. — O Dean inclina a cabeça em jeito de curiosidade. — O que é que aconteceu?

Sinto uma sensação de desconforto no peito.

— Já te disse. Andávamos a discutir muito.

— Acerca do quê?

As palavras saem-me da boca antes que tenha a oportunidade de travá-las. Raios me partam. Ele enrolou o charro com um soro da verdade ou quê?

— Sobretudo por causa do último ano e do que iríamos fazer depois de acabarmos a faculdade. O meu plano sempre foi ir para Los Angeles e concentrar-me na representação.

Ou Nova Iorque. Mas não digo isso ao Dean. Ainda não tomei uma decisão, e o Dean é a última pessoa com quem tenciono discutir decisões profissionais decisivas. O gajo é tão oco que dói.

— Quando começámos a namorar, o Sean não se importava com isso, mas, de repente, este verão ele decidiu que não quer que eu siga representação. Aliás, ele não quer que eu trabalhe de todo. — Franzo o sobrolho. — Meteu na cabeça que vai trabalhar na empresa de seguros do pai no Vermont e que eu vou ser a dona de casa feliz que tem o jantar do marido pronto quando ele chega a casa.

O Dean encolhe os ombros.

— Não há problema nenhum em ser dona de casa.

— Claro que não, mas eu não quero ser uma dona de casa — digo, num tom de voz frustrado. — Passei quase quatro anos a esfalfar-me para concluir a licenciatura em Artes Dramáticas. Quero *usá-la*. Quero ser atriz e não posso estar com uma pessoa que não me apoia. Ele… — Calo-me e mordo o lábio.

— Ele o quê?

— Nada. Esquece. — Arranco-lhe o charro da mão e inspiro profundamente. Demasiado até, porque começo a tossir como uma louca. Fico com os olhos humedecidos e, quando consigo ver com nitidez, encontro uns olhos verdes sérios a olhar atentamente para mim.

— O que é que ele fez? — indaga o Dean, num tom de voz suave. — Ele merece uma tareia valente ou não? Eu e o Garrett somos lutadores razoáveis, mas se quiseres que ele leve uma tareia a sério, podemos atiçar-lhe o Logan.

— Ninguém vai dar uma tareia a ninguém, idiota. O Sean não me fez nada de mal e não preciso que lhe batam. A única coisa que quero que faças é ficar com a porcaria do telemóvel. — Coloco o telemóvel na mão do Dean. — Mantém-no afastado de mim este fim de semana, pode ser? Só precisas de me dar o telemóvel se o meu pai me ligar. Ou a Hannah, ou a Stella. Ou a Meg… Sabes que mais? Eu vou conferir as chamadas algumas vezes por dia sob a tua supervisão, assim podes dar-me uma bofetada se eu tentar enviar uma mensagem ao Sean.

O Dean parece intrigado.

— Então isso faz de mim o padrinho da tua relação? Vou ser aquele que se certifica de que não cometes um deslize?

— Sim, parabéns. Finalmente vais poder fazer algo de valioso com o teu tempo — observo de forma sarcástica.

Ele inclina a cabeça.

— E o que é que recebo em troca?

— A satisfação de saber que estás a ajudar uma pessoa que não tu próprio.

— Não me parece. E que tal um broche? Faço isso em troca de um broche.

Faço-lhe um pirete.

— Isso querias tu.

— Pronto, uma pívia.

— Não sejas parvalhão. Por favor. Não tenho força de vontade quando se trata do Sean.

Como se adivinhasse, o telemóvel toca na mão do Dean e o meu primeiro instinto é tentar pegar nele. Ele afasta rapidamente o telemóvel e depois olha para o ecrã.

— É o Sean. — Os lábios dele estremecem de divertimento. — Ele sente falta do sabor dos teus lábios.

O meu coração dá um salto de nervosismo.

— Mais uma regra: não me podes dizer o que ele disse.

— Estás a dar-me demasiada responsabilidade, boneca. E eu não gosto de responsabilidade.

Que choque.

— Tu consegues, *boneco.* Eu tenho fé em ti.

O Dean dá uma última passa no charro e depois apaga-o no cinzeiro e encaminha-se para a porta de vidro deslizante. Meu Deus, até a forma como ele caminha é arrogante. Mas confesso que o torna bonito. Sem querer, o meu olhar incide no rabo sexy dele e na forma como as calças se colam à pele. Sim, estou a tirar as medidas ao rabo dele. Quer dizer, ele tem um rabo espetacular e eu sou *mulher*… como podia não o fazer?

— Estás a fazer isto mal, sabias? A melhor forma de esquecer uma pessoa é enrolares-te com outra. E o mais depressa possível.

Aquelas palavras afastam o meu olhar do rabo dele.

— Ainda não estou preparada para estar com outra pessoa.

— Claro que estás. A sério, basta-te encontrar um prémio de consolação. — O Dean levanta o braço. — E eu voluntario-me como tributo.

Deixo escapar uma gargalhada.

— Vai sonhando.

Mas, no fundo, estou a considerar a sugestão. Um prémio de consolação não é uma má ideia, por acaso. É como quando caímos de um cavalo, as pessoas aconselham-nos sempre a voltar a montá-lo, certo? Talvez seja isso que eu precise de fazer, voltar a montar a sela. Quando muito, seria uma boa distração da dor no meu coração.

Mas certamente não o faria com o Dean. Nem pensar. Preferia encontrar uma sela que ainda não tivesse sido montada por todas as raparigas da Briar.

— É uma ideia para colocar um pionés — decide ele.

— Se for para colocar essa ideia parva num balão e espetar-lhe um pionés para o rebentar, então, sim, podemos colocar-lhe um pionés.

O Dean para junto à porta e depois vira-se, mirando-me de cima a baixo com os seus olhos verdes sedutores.

— Por acaso, quanto mais penso nisso, mais gosto da ideia de ser o teu prémio de consolação. — O olhar dele incide no meu peito. — Aliás, gosto *bastante* dessa ideia.

Abafo um gemido.

— O Garrett prometeu que não te atiravas a mim este fim de semana.

— O G sabe que não é boa ideia fazer promessas em meu nome — responde o Dean com um sorriso no rosto. — Então, vamos ver o filme ou quê?

Sigo-o para dentro. Tenho a cabeça a andar à roda por causa da ganza, mas sinto-me bem, e quando o Dean para no meio do corredor para puxar as calças de fato de treino que estão prestes a cair-lhe das ancas, por algum motivo eu começo a rir-me como se isso fosse a coisa mais engraçada que já vi.

A minha boa-disposição esmorece quando nos sentamos no sofá, porque o Dean senta-se mesmo ao lado e desliza um braço musculado em volta dos meus ombros, puxando-me para si. Como se isso fosse completamente normal.

Lanço-lhe uma expressão carrancuda.

— Porque é que tens o braço à minha volta?

Ele revela uma expressão inocente.

— É assim que vejo filmes.

— Ah, sim? Tu pões o braço à volta do Garrett quando veem filmes?

— Claro. E se ele for simpático comigo, às vezes até lhe meto a mão dentro das calças. — O Dean baixa a outra mão para o elástico das minhas *leggings*. — Sê simpática comigo e eu prometo que serei ainda mais simpático para ti.

— Hum. Nem pensar. — Afasto-lhe a mão, mas sinto uma onda de calor a irradiar no meio das minhas coxas. O tronco nu dele é espetacular e está a provocar-me, a pedir-me que passe os dedos por aqueles músculos trabalhados. E ele cheira maravilhosamente. A mar. Não, a coco. Estou a sentir-me demasiado inebriada para determinar o cheiro, mas não inebriada o suficiente para não me aperceber de que a minha vagina continua a palpitar desenfreadamente.

Oh, por amor de Deus. A minha vida sexual deve andar mesmo pelas ruas da amargura, se me sinto excitada na presença do Dean Di Laurentis.

— O que mais temos para fazer? — pergunta ele.

Aponto para a televisão.

— Ver um filme.

— Prefiro ver-te a ti. — Ele agita as sobrancelhas. — Quando estiveres a gritar o meu nome enquanto te faço vir.

Desta vez não sinto qualquer palpitação. Apenas uma onda de gargalhadas que saem da minha boca de forma incontrolável.

— Credo, és péssima para o ego de um homem. — Ele parece insultado.

Engulo ar entre as gargalhadas. Sim, estou pedrada e relaxada e perdi qualquer filtro que possa ter, o que significa que posso gozar com o Dean à vontade e depois culpar a ganza.

— Desculpa, mas tu às vezes és insuportável. — Não consigo parar de rir. — As raparigas caem nestes engates?

Ele produz um som pouco favorecedor em surdina.

— Põe lá a porcaria do filme.

— Com todo o gosto. — Primo o botão do comando e deslizo para a outra ponta do sofá, deixando uns metros de distância entre nós.

Devo dizer que o Dean não abriu a boca durante quase 30 minutos. Mantém o olhar colado ao ecrã, mas pelo canto do olho consigo perceber que está agitado, a bater com os dedos compridos nas coxas. A passar uma mão pelo cabelo. A suspirar enquanto vemos a protagonista preparar uma omelete em tempo real.

Quando ela se senta à bancada e começa a comer a omelete — em *tempo real* —, o Dean sofre uma erupção como se fosse um vulcão adormecido.

— Este filme é uma treta! — geme ele. Sonoramente. — Pronto. Já disse. Esta porcaria de filme é uma *treta*.

— Eu gosto. — Estou a mentir. Aguentar este filme é tão doloroso como ver tinta a secar. Nem sequer a ganza que fumámos consegue tornar esta experiência mais agradável, mas não quero admitir que fiz uma má escolha. Não podemos dar o braço a torcer com um tipo como o Dean. Nunca. Ou ele há de me atirar isso à cara até morrer.

— É impossível gostares deste filme — desafia-me ele.

— Mas gosto — insisto.

Ele fica a olhar para mim durante vários segundos, mas eu recorro às minhas capacidades de representação e faço-me de inocente.

— Olha, mas eu, não. Este filme não tem ponta por onde se lhe pegue.

Ofereço uma sugestão útil.

— Porque não vais lá acima bater uma outra vez?

Merda. Não devia ter dito aquilo. Os olhos dele assumem de imediato um brilho sedutor.

Com um sorriso presunçoso, ele inclina-se para mim e diz:

— E se fizesses isso por mim?

Este tipo não tem emenda.

— Voltámos a essa conversa? *Nunca* aceitas um não?

— Não conheço essa palavra. Nunca ninguém ma disse antes. — Ele aproxima-se mais e pousa a palma da mão no espaço do sofá entre nós e afaga o tecido suave. — Vá lá, vamos tornar esta festa mais interessante. Estamos sozinhos em casa… somos os dois bonitos…

Rio-me.

— Vai ser divertido. O sexo é sempre divertido.

— Dispenso.

— Pronto, nada de sexo. E que tal só sexo oral?

Finjo que penso numa resposta.

— Eu dou ou recebo?

— Recebes. E depois dás. Porque é assim que se faz. — Ele esboça um sorriso de orelha a orelha. — Sabes como é o círculo da vida e tudo o mais.

Não consigo deixar de me rir. Podemos dizer o que quisermos sobre este tipo, mas pelo menos ele é divertido.

— Dispenso — volto a dizer.

— Queres curtir? — pergunta ele, esperançoso.

— Não.

— Eu beijo muito bem… — Ele deixa esse pensamento a pairar como se pretendesse seduzir-me.

— Hum. Isso significa precisamente o contrário. Sempre que um gajo diz que beija bem é porque é uma nódoa.

— Ah, sim? Tens alguma evidência empírica que comprove isso?

— Claro que sim. — Não tenho nada. E o Dean conhece a palavra *empírico*? Uau. Talvez haja mais do que ar dentro daquela cabecinha bonita.

Ele parece pronto para armar uma discussão comigo, mas somos interrompidos por música aos berros vinda do telemóvel dele. Faço uma careta quando reconheço a canção.

Homens. Não podem perder um segundo a baixar a tampa da sanita, mas têm tempo para programar o tema musical da ESPN como toque do telemóvel?

A expressão do Dean ilumina-se quando vê quem lhe está a ligar, atendendo logo de seguida.

— Maxwell! Tudo em cima? — Ele ouve e depois lança-me um olhar esperançoso. — Queres ir a uma festa?

Abano a cabeça.

A pessoa do outro lado da linha é obrigada a aguentar o suspiro mega dramático do Dean.

— Desculpa, meu, mas não posso. Estou a fazer de *babysitter*…

Dou-lhe uma palmada no braço.

— … e ela não quer ir — conclui, enquanto olha para mim. Faz novamente uma pausa. — Não, ela já é crescida.

O quê?

— Estou a tomar conta de uma adulta, meu. A amiga da namorada do G. — O Dean continua a falar como se eu não estivesse lá. — Estamos a ver um filme sobre uma mulher com cancro, e não vale nada… sim, o cancro é uma merda, de um modo geral. Quer dizer, tenho muita pena de quem tem, mas o filme é péssimo. Sim… não, o jogo é na terça-feira… é verdade. Sim, na boa. Podemos ir ao Malone's. Até depois, meu.

Ele desliga e lança-me um olhar carrancudo.

— Podia estar numa festa neste preciso momento.

— Ninguém te obriga a passar tempo comigo — digo.

— Estou a *tentar* ser simpático contigo por causa do teu desgosto amoroso e tudo o mais. Mas és capaz de demonstrar alguma gratidão? Nada disso. Nem sequer aceitas beijar-me.

Inclino-me para a frente e dou-lhe uma palmada no ombro.

— Oh, meu lindinho. Tenho a certeza de que qualquer rapariga que esteja na tua lista de contactos não se importaria de vir aqui enfiar a língua dentro da tua boca. Já eu tenho princípios.

— Como assim? Não sou suficientemente bom para ti? — Ele arqueia as sobrancelhas. — Só para que saibas, a tua amiga Wellsy adorou beijar-me.

Solto uma gargalhada sonora.

— Referes-te ao chocho que ela te deu só para o Garrett não perceber o quanto ela gostou de *o beijar a ele*? Sim, estou a par desse beijo, meu querido. Foi um beijo de desespero. — Se bem que ainda não me cabe na cabeça que a Hannah tenha mesmo beijado este tipo. O Dean não é *nada* o estilo dela.

Por outro lado, também nunca pensei que o Garrett Graham, a superestrela do hóquei no gelo, fosse o estilo dela, e agora olhem para eles. São almas gémeas.

— Não foi um beijo de desespero — contrapõe o Dean.

— Hã-hã. Continua a convencer-te disso.

Ele olha para o ecrã. A protagonista está novamente a cozinhar. Só que desta vez é o jantar, e a câmara filma demasiadas vezes de perto as batatas que ela está a descascar, o que é desnecessário. Ela come muitas vezes neste filme.

— Meu Deus, matem-me já. — Ele recosta-se e passa as mãos pelo cabelo, deixando-o despenteado. — Não consigo ver nem mais um segundo disto.

Eu também não, mas fui eu que fiz a cama e agora sou obrigada a deitar-me nela.

— Sabes que mais? — anuncia ele. — Esquece a ganza. Só há uma coisa capaz de tornar este filme fatela suportável.

— Ah, sim? O quê?

Em vez de responder, ele levanta-se do sofá e desaparece para dentro da cozinha. Desconfiada, ponho-me a ouvir os barulhos dos armários a abrir e a fechar, os copos a baterem uns nos outros, e depois ele volta com uma garrafa de vinho numa mão e dois copos na outra.

O Dean esboça um sorriso e diz:

— Tequila.

3

Allie

Alguém está a bater na minha cabeça com um martelo. Com um daqueles martelos comicamente enormes com que vemos as personagens de banda desenhada a bater umas nas outras. É horrível. É barulhento.

Oh, meu Deus. Estou com uma ressaca descomunal.

Até mesmo o audível grunhido que se me escapa dos lábios é suficiente para deixar as minhas têmporas em agonia. E o gesto de me remexer na cama evoca uma onda de náusea que me comprime a garganta e me humedece os olhos. Respiro para que passe. Inspiro. Expiro. Só preciso de controlar a náusea o tempo suficiente até chegar à casa de banho, para não vomitar em cima dos lençóis lavados do Garrett Graham.

Não estou na cama do Garrett.

Apercebo-me disso ao mesmo tempo que ouço o som de respiração. Não a respiração oca que me sai da garganta e que me faz lembrar que bebi demasiada tequila, mas sim a respiração suave e uniforme do tipo que está ao meu lado.

Desta vez, quando gemo, o gemido vem de dentro da minha alma.

As memórias vêm-me à mente em cores nítidas. O filme terrível. Os *shots* de tequila. O… resto.

Dormi com o Dean ontem à noite.

Duas vezes.

O meu coração bate mais depressa enquanto olho para o teto. Estou no quarto do Dean. Há um invólucro vazio de preservativo na mesinha de cabeceira. E… sim, estou nua.

Talvez seja um pesadelo, tenta assegurar-me uma voz no interior da minha cabeça.

Respiro fundo novamente e reúno a coragem para virar a cabeça. E o que vejo tira-me novamente o ar dos pulmões.

Um Dean todo nu está deitado sobre a barriga. O seu rabo nu deixa-me consternada, não apenas pela sua perfeição, mas pelos arranhões vermelhos que tem nas nádegas.

Foram as minhas unhas que fizeram aqueles arranhões. Levanto uma mão trémula e reparo que tenho a unha do indicador partida. *Eu parti uma unha* quando cravei as unhas no rabo do Dean. Isso deve ter acontecido lá em baixo, porque me lembro de ele estar por cima de mim quando nos encontrávamos no sofá. O chupão roxo no ombro esquerdo dele deve ter acontecido aqui, durante a nossa segunda ronda, porque dessa vez fiquei *eu* por cima.

«Quero ver esse quarto misterioso. Quero ser a primeira a batizá-lo.»

As minhas palavras rodopiam no meu cérebro já de si entorpecido. Afinal de contas, não fui a primeira rapariga que ele trouxe ao seu quarto. Ele próprio me disse isso. E não foi só isso que ele revelou. Sim, agora estou na posse do segredo que a Hannah anda a tentar descobrir há mais de um ano: porque é que o Dean prefere fazer sexo em todo o lado menos no quarto.

Infelizmente, o segredo não termina aí. Eu sei qual é a aparência do Dean quando está nu. Eu sei qual é a sensação de ele me penetrar. Eu sei quais são os sons que ele faz quando se vem.

Sei demasiado.

A minha cabeça martela com mais força.

Merda.

Merda, merda, merda.

Que raio fui eu fazer? Nunca fiz sexo casual antes. Tive três parceiros sexuais, dois na escola secundária e um na faculdade, e todos eram namorados oficiais.

O meu olhar incide novamente no corpo longo e musculado do Dean. Porque permiti que isto acontecesse? Eu aguento o álcool. Não estava perdida de bêbeda ontem à noite. Não estava a arrastar a fala ou a tropeçar em tudo ou a portar-me como uma idiota. Eu sabia bem o que estava a fazer quando dei o primeiro passo e beijei o Dean.

Eu dei o primeiro passo.

Mas o que se passa comigo?

Pronto. Pronto. Não é o fim do mundo. Massajo as têmporas em sofrimento com as pontas dos dedos e obrigo-me a ignorar o homem que está a dormir ao meu lado. Não há problema. Foi apenas uma noite de sexo casual. Ninguém morreu. Talvez me venha a arrepender — desesperadamente —, mas os arrependimentos são para piegas, como costuma dizer o meu pai. Temos de aprender com os erros e seguir em frente.

É isso que eu preciso de fazer. Seguir em frente. Não, simplesmente *seguir*. Ou seja, esgueirar-me desta cama, tomar um duche demorado e fingir que a noite de ontem nunca aconteceu.

Determinada a seguir o plano, levanto discretamente o lençol que me tapa a parte de baixo do corpo. O colchão chia e eu paraliso e olho em pânico para o Dean.

Ele continua morto para o mundo.

Pronto. Respiro novamente e empurro as pernas para o outro lado da cama. Quando os meus pés tocam no chão, o Dean mexe-se. Solta um meio gemido, meio suspiro. E depois rebola para o outro lado e, *oh, meu Deus*, consigo ver-lhe o pénis.

As minhas faces aquecem quando olho para o material dele. Mesmo flácido é impressionante. Ele tinha razão, tem um pénis incrível.

E a não ser que a memória me esteja a falhar, acho que elogiei a glória daquele pénis várias vezes ontem à noite.

As minhas faces aquecem ainda mais quando me lembro de tudo o que lhe disse. Tudo que lhe fiz.

Um gemido silencioso sobe-me à garganta. Pronto, já chega de recordações.

Preciso de me pisgar deste quarto. Não, primeiro tenho de encontrar o meu telemóvel.

Perscruto o quarto e depois encontro as calças de fato de treino do Dean. Ele vestiu-as depois do nosso enrolanço no sofá e tenho quase a certeza de que o meu telemóvel está dentro do bolso dele.

Não consigo encontrar as minhas roupas. Da última vez que as vi, estavam numa pilha no chão da sala de estar. O que me deixa ainda mais preocupada, porque isso significa que o Tucker deve tê-las visto quando chegou a casa ontem à noite. Merda. E deve ter-nos ouvido, porque sabe Deus que eu não estava a controlar o meu tom de voz enquanto tinha a língua do Dean no meio das minhas…

Não, recuso-me a pensar nisso.

Procuro o meu telemóvel nos bolsos dele. Sim. Está aqui. Graças a Deus.

Digito o código. Sinto uma pontada de culpa vinda de todas as direções quando vejo as mensagens por ler do Sean.

Meu Deus. Se ele soubesse o que eu andava a fazer quando me enviou todas aquelas mensagens sentimentais. Não é que lhe deva alguma explicação. Nós terminámos. E vamos continuar separados. Mas não consigo deixar de me sentir mal por saber que dormi com outra pessoa enquanto o Sean estava em casa, desesperadamente a tentar reconquistar-me.

Só que este não é um tipo qualquer. Eu dormi com o *Dean*. Dean, o tipo que estava prestes a fazer um *ménage à trois* antes de eu ter aparecido. Dean, o tipo que vai para a cama com tudo o que mexe. Dean, o tipo que…

— Passa-o para cá, boneca.

A voz dele arranca-me um guincho. A minha cabeça vira-se para a cama, onde o Dean está a sentar-se e a passar uma mão pelo cabelo desgrenhado de quem acabou de acordar. Ele não parece nem soa sonolento. Tem os olhos verdes despertos e o corpo nu está… a transformar-se.

Sinto-me corar ao ver o seu pénis ficar rapidamente ereto, por isso baixo o olhar para os pés descalços.

— Importas-te de te tapar, por favor?

— Não foi isso que disseste ontem à noite…

O tom de voz dele é divertido.

— Não vamos falar sobre ontem à noite. Nunca mais.

Ele parece ainda mais divertido.

— Oh, tem lá calma. Foi só sexo. — Ele não faz qualquer movimento no sentido de tapar a parte de baixo do corpo com o lençol. Em vez disso, estica os braços por cima da cabeça, chamando a minha atenção para os músculos fletidos. E para os pulsos. Tem marcas vermelhas em torno dos pulsos…

Porque eu atei-o à cama ontem à noite.

Valha-me Deus.

Quando ele percebe para onde eu estou a olhar, curva os cantos da boca para cima.

— Tenho de confessar que foi muito mais perverso do que esperava que fosse — continua ele, piscando-me depois o olho. — Mas não me queixo.

Matem-me já.

Sou invadida por outra vaga de humilhação e pego na peça de roupa mais próxima que consigo encontrar para a enfiar pela cabeça. Trata-se de uma t-shirt preta com gola em V. Um cheiro familiar tolda-me os sentidos. Um cheiro masculino e apimentado. É o mesmo cheiro que senti ontem à noite quando os meus lábios percorriam o peito nu do Dean. Quando o meu rosto estava enterrado no pescoço dele enquanto eu lambia a pele dele como se fosse uma guloseima. E, sim, ele tem outro chupão na garganta. Eu fui mesmo bruta com este tipo.

— Não vamos falar sobre isso — digo eu, de dentes cerrados. — Aconteceu, foi bom e nunca mais esse assunto virá à baila.

— Foi *bom*? — A sorrir, o Dean passa uma mão pelo peito e pousa os dedos compridos em cima da cabeça da sua ereção vigorosa. — Foi mais do que bom, e sabes bem disso.

— Podes, por favor, vestir-te? — imploro-lhe.

— Não posso, estás a usar a minha t-shirt. — Ele arqueia uma sobrancelha. — Porque não a despes e a atiras para aqui?

Nem pensar. Este tipo nunca mais volta a ver-me nua.

Uma vez que me recuso a dar-lhe a camisola, só me resta virar-lhe as costas

para ver o telemóvel. Ignoro as mensagens do Sean e passo para as mensagens das minhas amigas. Tenho uma mensagem da Hannah a perguntar como correu a noite e outra da Megan a convidar-me para um *brunch*.

Respondo rapidamente à Megan com um SIM e peço-lhe que me venha buscar à casa do Garrett. Assim que surge a bolha cinzenta a informar de que ela está a escrever uma resposta, o telemóvel é-me retirado da mão.

— Ei! — Fico espantada ao encontrar o Dean atrás de mim. Credo. O tipo parece um ninja.

— Isto é responsabilidade minha, lembras-te? — Ele está novamente a gozar comigo e a manter o telemóvel longe do meu alcance. — No papel de teu padrinho, devo aconselhar-te a ignorar — ele olha para o ecrã — estas nove mensagens do teu ex-namorado. Lê-las não te vai trazer nada de bom.

Ele tem razão em relação a isso. Mas depois do que aconteceu entre nós ontem à noite, não vou permitir que o Dean seja o padrinho da minha relação.

— Está tudo bem — murmuro. — Não preciso da tua ajuda.

Ele volta a provocar-me.

— Não foi isso que me disseste ontem à noite. O teu telemóvel vai ficar sempre comigo este fim de semana, Allie-Gata. E não quero discussões.

Allie-Gata? Por amor de Deus. Ele atribuiu-me uma alcunha.

— Vou ter com uma amiga — digo eu, empertigada. — Por isso preciso do meu telemóvel, está bem? Além disso, as tuas funções de padrinho estão oficialmente terminadas. Vou voltar para a residência depois do *brunch*.

Ele franze o sobrolho.

— Não, vais passar aqui o fim de semana.

— Já não.

Tento retirar-lhe o telemóvel da mão. Ele volta a afastá-lo.

— Isso é porque demos uma queca ontem?

Sinto as faces a aquecerem.

— Que parte de *nunca mais vamos falar sobre isso* é que não percebeste?

— Isto é uma treta. Não te podes ir embora só porque apanhámos uma bebedeira e nos enrolámos duas vezes. Estás a exagerar.

Respiro fundo.

— Podemos não falar sobre isso, por favor?

— Linda, achas que eu gosto de falar sobre isto? Preferia rebolar por cima de vidro partido a ter de lidar com este ambiente da manhã seguinte. Se fosses outra rapariga, eu esquecia o assunto, mas tu és a melhor amiga da Wellsy, por isso somos obrigados a falar sobre isso. — Ele pragueja. — Oh, merda. A Wellsy vai matar-me.

Ele tem razão, *é uma valente merda*. Com certeza irei receber um sermão duro da Hannah, se ela souber que dormi com o Dean. Talvez daqui a uns dias, ou uma semana — ou uma década — consiga dizer-lhe o que aconteceu ontem à noite, mas, neste momento, só quero esquecer este episódio. E isso implica não contar nada à minha melhor amiga durante o máximo de tempo que conseguir.

— Ela não te vai matar porque não lhe vamos contar — digo, com firmeza. — A sério, isto tem de ficar entre nós.

— Concordo.

— E nunca mais podes falar sobre isso. No que me diz respeito, isto não aconteceu.

Ele esboçou um sorriso presunçoso.

— Não te iludas, boneca. Não vais conseguir parar de pensar em mim, agora que já sabes do que sou capaz. — Para terminar em beleza, ele agarra o pénis semiereto e puxa-o suavemente.

Uma onda de calor desce ao meu sexo.

Bolas. Maldito seja o Dean e o seu maldito pénis fantástico.

— Já esqueci tudo o que aconteceu — minto. Mas na minha cabeça começam a surgir mais memórias, o que me dá vontade de soltar um grito de frustração.

«Gosto que gostes disto…»

«Hum. Com que então admites… gostas de mim», atira ele.

Sorri perante imagem dos seus pulsos imobilizados. «Eu disse que gosto que gostes disto.» A minha boca desce lentamente na direção do pénis ereto dele. «Completamente à minha mercê…»

Meu Deus. As minhas faces estão novamente a arder. No que dizia respeito ao sexo, o Sean nem sempre alinhava na minha natureza aventureira. Normalmente,

eu tinha de convencê-lo a experimentar qualquer que fosse a indecência que me despertasse o interesse.

O Dean não hesitou nem um pouco em aventurar-se sexualmente.

— Precisas que te lembre de como foi bom? — Ele inclina a cabeça em jeito de brincadeira, ainda com a mão no pénis.

— Não, preciso que te comportes como um adulto — expludo. Estou a perder a paciência com ele e estou demasiado irritada comigo própria para conseguir controlar o mau feitio. — Estou de ressaca e a morrer de vergonha, e tu estás a piorar as coisas ao atirares-me à cara o que aconteceu ontem à noite, está bem?

A expressão dele abate-se.

— Merda. — Pigarreia e larga o pénis. — Desculpa, não te queria deixar desconfortável. — Veste as calças do fato de treino. — E não tens motivo para sentir vergonha. Somos dois adultos. Divertimo-nos e demos prazer um ao outro várias vezes. Não é nada de especial, está bem? Mas se não quiseres que volte a falar sobre o assunto, não falo.

Deixei escapar um suspiro trémulo.

— Obrigada.

O Dean sonda-me o rosto.

— Está tudo bem entre nós?

Lá consigo acenar com a cabeça. Ainda está a latejar, mas não é a ressaca que me está a deixar fraca e trémula neste momento. É o facto de ter feito algo completamente atípico. É por saber que dormi com outra pessoa somente 24 horas depois de ter acabado com o Sean. *Eu* não sou assim, caramba.

— Tens a certeza? — insiste ele.

Obrigo-me a falar.

— Está tudo bem entre nós, Dean. — Nisto, o meu telemóvel apita com uma mensagem da Meg a avisar que chega dali a cinco minutos. — Preciso de me vestir. A Megan está quase a chegar. — Mordo o lábio quando me ocorre um pensamento. — Merda. As minhas roupas estão lá em baixo. O Tucker…

Quando me calo, o Dean dirige-se à janela e espreita pelas cortinas.

— Ele não está cá. A carrinha do Tucker não está aqui. Acho que não veio para casa ontem à noite.

Sou invadida ao mesmo tempo por uma onda de alívio e de irritação. Porque onde estava o Tucker ontem à noite quando precisava dele? Se ele estivesse em casa, eu provavelmente não teria acabado na cama com o Dean. Ou talvez tivesse acabado antes na cama com o Tucker, que, por acaso, é o ruivo mais sexy que alguma vez conheci. Também é mais calado do que os colegas de casa e não fala muito sobre si, mas, do que consegui perceber, é inteligente, bem-falante e decididamente bem-parecido.

Pensando bem, o Tuck teria sido um *fantástico* prémio de consolação.

— Vou lá abaixo buscar as roupas — murmuro, de modo constrangido.

Ele diz-me:

— Como vais justificar à Wellsy que te foste embora antes de o fim de semana acabar? Já sabes que ela vai fazer perguntas.

Raios. Ele tem razão.

— Digo-lhe que decidi ser uma menina crescida e lidar com a separação em casa.

Já vou a caminho da porta quando a voz dele me detém mais uma vez.

— Allie?

— Sim? — digo, virando-me para ele.

Há um brilho triste nos seus olhos.

— Tens a certeza de que estás bem?

Não, não tenho certeza nenhuma.

— Estou bem — minto, saindo em seguida do quarto.

No que respeita a escapadelas depois do sexo, esta nem foi muito má, porque pelo menos não havia ninguém por perto para ver.

4

Dean

Sempre fui popular. Por muito atrás que chegue nas minhas recordações, vejo-me sempre rodeado de amigos. E raparigas. Muitas raparigas. As raparigas que soltavam risinhos na escola básica e me passavam papelinhos a perguntar *Gostas de mim?* quando o professor estava virado para o quadro. As raparigas da escola secundária que lutavam pela minha atenção e se punham em fila para curtir comigo no campo de lacrosse depois das aulas.

E na faculdade, nem me façam falar da faculdade. Eu pensava que sabia o que era um íman de raparigas antes de ter vindo para a Briar, mas estes últimos três anos excederam as minhas próprias expetativas sobre a minha capacidade de receber atenção. Quanto mais velho fico, mais as miúdas gostam de mim.

Por isso não fiquei surpreendido por a Allie se ter atirado a mim ontem à noite. Era algo inevitável, a partir do momento em que ela me informou que tenho «mamilos perfeitos».

Mas a pura aversão que vi no rosto dela esta manhã quando acordámos juntos na cama? Isso nunca me aconteceu.

— O estúpido do Corsen não era capaz de travar um disco nem que este estivesse a mover-se a três quilómetros por hora na direção dele.

As queixas do meu colega de equipa arrancam-me aos meus pensamentos e

fazem-me soltar um grunhido. O meu amigo Hunter parece não compreender a etiqueta de um bar. Não se vai a bares queixar-se sobre um jogo de hóquei. Vai-se a bares para engatar. Ponto final.

Mas o miúdo só tem 18 anos. Um dia destes ganha juízo.

— Meu, o jogo foi há dois dias — digo ao caloiro. — Esquece isso.

Perscruto o bar em busca do Tucker, mas o meu amigo ainda não apareceu. Esta noite o bar está ocupado sobretudo por jogadores de hóquei no gelo. Muitos são meus colegas de equipa, outros são adeptos, e há uma série de coelhinhas do hóquei com roupa diminuta. Algumas raparigas estão a olhar para nós, mas o Hunter não parece reparar em nenhuma.

As feições dele estão tensas e ele mal tocou na bebida.

— Isto é culpa tua, sabias? — Ele fala num tom acusatório. — Nem sequer queria jogar este ano, mas tu *tinhas* de me convencer. Eu podia ter acabado a minha carreira como avançado estrela na equipa da escola secundária posicionada em primeiro lugar no país. E agora sou um ala esquerdo merdoso numa equipa que não sai da cepa torta.

Bebo um gole de cerveja.

— Já alguém te disse que tens mau perder?

— Oh, vai-te lixar. Como se *tu* gostasses de perder.

— Claro que não gosto. Mas também sei que ganhar não é tudo na vida. Ah, e já agora? Paredes de vidro, atirar pedras, etc…

— Mas que raio quer isso dizer?

— Quer dizer que em vez de culpares o Corsen por deixar entrar três golos, devias concentrar-te no facto de não teres marcado nenhum. Isto não é a escola secundária, Superestrela. Os defesas da faculdade não são tão fáceis de derrotar.

É duro, mas é verdade. E o Hunter Davenport precisa de o ouvir. O treinador tem sido brando com o Hunter no treino, porque, além do Garrett, ele é o único avançado capaz de jogar bem. Mas, ao contrário do Garrett, o Hunter tem uma grande fraqueza: excesso de confiança. O miúdo julga que é o próximo Sidney Crosby.

— Estás a dizer que não sou bom o suficiente para jogar a este nível? — Em

vez de raiva, a expressão do Hunter revela preocupação, que apenas salienta o seu maior *ponto forte*: ele está sempre a tentar ser melhor.

— Estou a dizer que precisas de trabalhar. Cometeste alguns erros de amador na outra noite. Por exemplo, quando o Fitzy estava a ver-se aflito depois daquela jogada? Foste ajudá-lo, mas esse não é o teu papel, meu. Não deves ir para o canto do outro ala. Tens de confiar no central e deixá-lo ajudar o outro jogador.

O Hunter bebe outro gole de cerveja.

— E às vezes és péssimo a ler os jogos. Quando o defesa dos Eastwood fez aquele passe que acabou por ser golo? Devias ter antecipado quem ia fazer o passe, mas não o soubeste ler.

— Estive o tempo todo concentrado no disco — protesta ele.

— Esquece o disco. Concentra-te no *jogador*, meu. Presta atenção a quem ele está a ver, para onde se estão a mover os colegas de equipa dele. Lê quem é o alvo dele e depois interceta o passe.

O Hunter fica calado. Quando volta a falar, parece relutantemente impressionado.

— Percebes mesmo disto, não percebes?

Encolho os ombros. Sei que tenho a reputação de não levar o hóquei tão a sério como os meus colegas de equipa, e talvez tenha um fundo de verdade, mas isso não significa que não conheça a mecânica e as nuances do jogo.

O hóquei no gelo faz parte da minha vida desde que me lembro. Cresci a jogar hóquei. E também lacrosse, mas eu encarava esse desporto sobretudo como uma forma de passar tempo na primavera até recomeçar os treinos de hóquei. O meu pai e o meu irmão mais velho jogavam hóquei em Harvard. Eu também podia ter jogado, mas preferi vir para a Briar. Estou sempre a seguir as pisadas deles e penso que apenas queria ser diferente.

Não me interpretem mal, não jogo hóquei apenas porque eles também jogam. Eu adoro o jogo. Só não me entusiasma da mesma forma que entusiasma o Garrett e o Logan sempre que estão no gelo.

Para ser sincero, divirto-me mais durante os treinos. Gosto da competição entre as equipas, da oportunidade de me tornar melhor e de ajudar os meus colegas de equipa a jogar melhor. Não estou interessado em tornar-me

profissional depois de concluir a faculdade, o que agrada sobretudo à minha família, uma vez que os Heyward-Di Laurentis não se tornam atletas profissionais. Tornam-se advogados. No próximo outono vou entrar para a Faculdade de Direito de Harvard como todos os outros membros da minha família. Não me importo e não tenho a menor dúvida de que me sairei bem. O encanto dos Di Laurentis que eu herdei do meu pai garante que vou conquistar qualquer juiz que me apareça à frente.

— Que mais estou a fazer de errado? — O Hunter parece mais curioso do que irritado.

Lanço-lhe um sorriso.

— Queres fazer umas sessões de treino comigo, esta semana? Vou pedir ao treinador para dar autorização para uma sessão extra no gelo.

— A sério? Adorava, por acaso. Obrigado.

Interrompo-o.

— Mas só se concordares em parar de falar sobre hóquei o resto da noite. — Aponto para o bar à pinha. — Olha à tua volta. É só raparigas jeitosas. Escolhe uma de que gostes e espeta-lhe o dente, totó.

O Hunter solta uma gargalhada, mas os olhos escuros dele brilham quando ele sonda o ambiente. Várias raparigas reagem à sua exploração e respondem com sorrisos sensuais; porém, em vez de ele lhes acenar a pedir que se aproximem, olha para mim — ou melhor, para o meu pescoço — e solta um ronco trocista.

— Se calhar prefiro que me apresentes à gata selvagem com quem te enrolaste ontem à noite. A Sra. Chupão parece ser divertida.

O meu corpo fica hirto. Nem pensar que vou deixar este miúdo chegar perto da Allie. Ele pode ser novo, mas vai a caminho de se tornar ainda mais engatatão do que eu.

Mas se calhar não era com o Hunter que me devia preocupar. Depois do desempenho de ontem à noite, a Allie Hayes provou que é bem capaz de deixar uma marca num homem. Credo. Aquela miúda é *fogo* na cama.

Caramba, agora estou com o pénis semiereto. Tem estado assim o dia todo, basta que eu pense na Allie. Há muito tempo que não tinha um encontro tão escaldante. Os meus pulsos continuam doridos de estar atado à cama, mas é o

tipo de dor que me dá vontade de repetir tudo.

Não tenho por hábito dormir com a mesma miúda duas vezes, mas neste momento o meu pénis mal pode esperar por penetrar novamente a vagina safada da Allie.

— Desculpa, Superestrela. Não vai acontecer — digo-lhe. — Arranja a tua própria gata selvagem.

— Tudo bem. — Ele sorri e volta a perscrutar a sala. — Sim. Acho que já sei com quem vou para casa esta noite.

Sigo o olhar dele até ao balcão de madeira comprido, onde está uma morena alta, de costas para nós e inclinada para a frente a pedir uma bebida. Tem uma minissaia preta e saltos altos, e os seus longos cabelos castanhos ondulados caem-lhe em cascata sobre as costas. O barman está quase a babar-se enquanto espreita para dentro da camisola dela com uns olhos famintos, o que indica que ela deve ter uma prateleira fantástica. Só lhe vejo o rabo, e é espetacular.

Em qualquer outra altura, aquela morena não me escapava, mas não me apetece levar ninguém para a cama esta noite. A minha cabeça não para de pensar na Allie. E na vagina da Allie. E nas mamas dela. Caramba, as mamas dela eram incríveis. Enchiam-me as mãos e tinham uns mamilos de um tom rosa-claro que ficavam ainda mais endurecidos quando eu os chupava.

Suspiro e reorganizo a minha região sul. Tenho de parar de pensar na noite de ontem, por amor de Deus. A Allie está a fazer os possíveis por esquecê-la.

— O que é que achas? — pergunta-me o Hunter.

Desvio o olhar da morena.

— É capaz de ser areia a mais para a tua camioneta.

— Sou jogador de hóquei. Ninguém é areia a mais para a minha camioneta.

— É verdade — digo, soltando uma gargalhada. Essa foi a primeira coisa que ensinei ao Hunter quando o acolhi no início da temporada. Mas, mesmo assim, a morena tem o corpo mais sexy que eu já vi. Uma mulher daquelas pode ter o homem que quiser deste bar, e eu não tenho a certeza de que o novato do Hunter seja um deles, mesmo com um blusão de hóquei da Briar vestido.

De repente, a morena que estamos a apreciar vira-se e a minha admiração depressa se transforma em nojo.

— Oh, esquece lá isso. Mantém-te longe daquela ali, puto. Ela é tóxica.

— Ela não me parece nada tóxica — responde o Hunter.

Sacana inocente. Felizmente eu sei do que falo. A Sabrina James é linda, sem sombra de dúvidas, mas eu preferia deitar cera quente nos tomates a enrolar-me com ela. Quer dizer, a enrolar-me com ela *outra vez*.

Sim, já cometi esse erro uma vez. Não vou repeti-lo.

Sinto um toque nas costas e, quando me viro, vejo o Tucker a aproximar-se. Traz o blusão preto e prateado e o cabelo a escorrer água.

— Caramba, está a chover a potes. — Sacode-se todo como um cão acabado de sair de um lago.

— Ei, *Fido*, vai secar-te para outro lado — ordeno, quando as gotas de água me salpicam a cara e me atingem no olho.

O Hunter nem sequer repara que o Tucker está a salpicar água para os nossos sapatos. Está demasiado ocupado a comer a Sabrina com os olhos.

O Tuck segue o olhar do miúdo.

— Boa — comenta ele, voltando em seguida o sorriso para mim. — Deduzo que já te tenhas apressado a reclamá-la.

Empalideço.

— Nem pensar. É a Sabrina, meu. Já tenho de levar com ela todos os dias nas aulas. Não preciso de levar com ela também fora da faculdade.

Eu e a Sabrina estamos a tirar a licenciatura em Ciências Políticas e vamos seguir advocacia, por isso temos mais aulas em comum do que a minha paz de espírito gostaria. Também nos candidatámos os dois a Harvard, o que não me deixa particularmente agradado. A ideia de passar mais três anos sentado nos mesmos auditórios que ela repugna-me.

— Espera, aquela é a Sabrina? — pergunta o Tucker, admirado. — Estou sempre a vê-la no *campus*, mas não sabia que era dela que estavas sempre a reclamar.

— É ela.

Ele recorre ao seu dialeto do Sul.

— Que pena. Ela é boa como o milho.

— O que se passa com vocês? — intervém o Hunter. — Ela é tua ex?

Volto a retrair-me.

— Cruzes, não.

— Então não vou quebrar o código masculino se me atirar a ela?

— Queres atirar-te a ela? Força. Mas aviso-te já que aquela cabra vai comer-te vivo.

A Sabrina vira rapidamente a cabeça na nossa direção. Deve ter um radar interno que apita sempre que alguém lhe chama cabra. Aposto que apita muitas vezes.

Quando os nossos olhares se cruzam, ela sorri para mim, levanta o dedo do meio na minha direção e vira-se para falar com a amiga.

O Hunter grunhe.

— Pronto, lá está. Agora que me viu contigo, já não me vai dar uma oportunidade. O que é que lhe fizeste, já agora?

— Absolutamente nada — digo sombriamente.

— Tangas. Uma miúda não fulmina um gajo com o olhar daquela forma, a não ser que ele tenha metido a pata na poça com ela. Enrolaste-te com ela?

O Tucker solta um ronco trocista.

— O que é que achas, puto? Quer dizer, *olha bem* para ela.

— As aparências iludem — murmuro.

O meu colega de casa inclina a cabeça num gesto de desafio.

— Com que então, não dormiste com ela?

Deixo escapar um suspiro.

— Dormi, sim. Mas foi há muito tempo. Tenho quase a certeza de que os engates têm prazo de validade. Depois de três anos, já não contam.

Os rapazes riem-se.

— Deixa-me adivinhar — diz o Tucker. — Não lhe ligaste depois.

— Não — admito. — Mas, em minha defesa, é difícil ligar a uma miúda quando, em primeiro lugar, ela não nos dá o número e, em segundo lugar, não te lembras de que isso aconteceu.

O Hunter fica de boca aberta.

— Como é que não te lembras *daquilo*? — Ele quase saliva quando olha

novamente para a Sabrina.

— Estávamos os dois podres de bêbedos. Confia em mim, ela também não se lembra de grande coisa.

— Então é por isso que ela te odeia? — insiste o Hunter.

Aceno com uma mão.

— Não. A quezília começou por causa de outra coisa. Mas não vou falar sobre isso agora, porque, por amor de Deus, é sábado à noite e devíamos estar a festejar.

O Tucker solta uma gargalhada.

— Vou buscar uma cerveja. Precisam de outra?

— Estou bem — diz o Hunter.

Quando o Tuck se dirige ao balcão, pego no telemóvel e vejo as horas. São 21h30. Percorro a lista de contactos enquanto o Hunter começa a falar novamente sobre hóquei. Acho que ainda tenho o número da Allie, de quando ela estava a planear a festa de aniversário da Hannah na primavera. Ela enviou centenas de mensagens a planear todos os pormenores.

Sim, ainda tenho o número dela no telemóvel. Guardei o contacto dela como *A Amiga Loira da Wellsy*. Se calhar era melhor mudá-lo para *Rapariga Bondage*.

Escrevo uma mensagem rápida.

Eu: Chegaste bem à residência?

É uma pergunta parva, porque ela saiu de nossa casa de manhã, por isso é claro que chegou bem. Mesmo assim, fico surpreendido quando ela responde logo de seguida.

Ela: Sim, já cá estou.
Eu: Esta noite o tempo está uma treta. Fizeste bem em ficar em casa.

Ela não responde. Fico a olhar para o ecrã, frustrado, e depois questiono-me por que motivo aquilo me importa. Eu sou o rei das relações sem compromisso. Raramente quero dormir duas vezes com a mesma rapariga, e se há uma rapariga com a qual não devia dormir novamente é a Allie.

Há poucas coisas neste mundo que me metam medo, mas a namorada do

Garrett está em terceiro lugar. A Wellsy não vai ficar contente se souber que dormi com a melhor amiga dela, e se a Wellsy não está contente, o Garrett não está contente, o que significa que terei de lidar com o desapontamento do Garrett. Seguir-se-á o Logan, e depois também a Grace se juntará ao grupo de pessoas que odeiam o Dean, e, quando der por mim, estou a ser atacado por todos os lados. Isso já é motivo suficiente para não arriscar, mas o meu corpo excitado está a ser teimoso como uma mula.

Quero-a novamente.

Mais uma vez não fará mal nenhum, pois não? Merda, ou talvez duas vezes? Não faço ideia de quantas vezes serão precisas para a tirar da cabeça. Tudo o que sei é que sempre que penso nela o meu pénis fica insuportavelmente ereto.

O Hunter, que está ao meu lado, desviou a atenção para um grupo de miúdas numa mesa ali perto, e eu não consigo deixar de me sentir orgulhoso quando basta um mero aceno de cabeça dele para o trio se juntar a nós. O meu puto sabe seduzir.

— Qual de vocês vai pagar-nos uma rodada? — pergunta uma delas num tom provocador. É alta e loira e traz um vestido curto até à coxa.

Quando o Hunter abre a boca para responder, as luzes começam a tremeluzir de modo sinistro.

Franzo o sobrolho e olho para o Tucker, que acabou de se juntar novamente ao grupo.

— Está o Apocalipse lá fora ou quê?

— A chuva não está para brincadeiras — admite ele.

As luzes param de tremer. Aproveito para me ir embora, porque se vai haver um apagão eu prefiro estar em casa quando isso acontecer do que a conduzir. Além disso, eu sei que disse que devíamos festejar, mas não estou a divertir-me grande coisa no bar esta noite.

— Vou-me embora. — Dou uma palmada no ombro do meu colega de casa. — Vemo-nos em casa. — Apercebo-me dos beicinhos desapontados nos rostos das raparigas, mas tenho a certeza de que se esquecerão de mim quando o Hunter e o Tuck lançarem o charme deles.

Saio do bar um minuto depois e apercebo-me de que o Tuck não estava a

gozar. Os dez segundos que demoro até ao carro são o suficiente para me deixar todo encharcado e a pingar água para os estofos em pele do *Beemer*. Os relâmpagos no céu são tão luminosos que quase nem vale a pena ligar os faróis. Podia deixar-me guiar até casa por aqueles relâmpagos brancos.

Volto a pegar no telemóvel.

Eu: O tempo está pior do que eu pensava. Mantém uma lanterna perto de ti para o caso de haver um apagão.

Por amor de Deus. Parece que estou a escrever um guia de sobrevivência fatela. Mas porque é que lhe estou a enviar mensagens?

A Allie responde a agradecer a dica e depois acrescenta: A sério, não precisas de te preocupar comigo. Estou a ler no sofá. Debaixo de um cobertor. Como um bicho no lixo.

Eu: No nicho.
Ela: ??
Eu: Como um bicho no nicho. É assim que se diz.

Seguem-se cinco segundos de silêncio e depois o telemóvel toca na minha mão. Estou a sorrir quando atendo a chamada.

— Porque é que o bicho haveria de estar no nicho? — pergunta ela.

Solto um ronco trocista.

— Porque é que haveria de estar no lixo?

— Porque é um local cómodo para os bichos. Se estiverem no nicho, alguém pode pisá-los.

— Se estiverem no lixo, alguém pode deitá-los *fora*.

— Estamos a escrever uma versão péssima do livro do Dr. Seuss?

Uma gargalhada borbulha na minha garganta.

— Parece mesmo que sim.

— De qualquer forma, acho que soa melhor como eu disse.

Distraio-me por momentos com a chuva que bate no meu para-brisas. Está a cair com mais força agora e, um segundo depois, as luzes do parque de estacionamento desligam-se.

Praguejo baixinho quando o meu carro fica rodeado pela escuridão.

— Merda. O Malone's acabou de ficar sem luz — digo à Allie. — Deixa-te

ficar em casa, está bem? E não andes pelos corredores da Bristol House se ficares sem luz.

— Achas que um assassino em série vai entrar à socapa na residência e perseguir-me? — Depois de uns minutos, conclui. — Mesmo que isso acontecesse, eu provavelmente conseguiria derrotá-lo.

Sorrio.

— Hã-hã. Claro que sim.

— Ei, eu sou *destemida* — insiste ela. — Eu e o meu pai participámos num programa intensivo de autodefesa para pais e filhos quando eu tinha 14 anos.

— Autodefesa para pais e filhos? Isso existe sequer?

— Não. Fomos nós que inventámos. Ele viajava muito quando eu era pequena, por isso, sempre que ele estava em casa, inventava formas criativas de passarmos tempo juntos. Mas, como ele era um machão, só podíamos fazer atividades masculinas. Por exemplo, pescar ou andar de moto-quatro ou aprender a lutar. Mas pronto, vou desligar agora. Quero acabar de ler esta peça. — Ela faz uma pausa. — Conduz com cuidado.

— Espera — digo, antes de ela terminar a chamada.

— Que foi?

Ponho-me a olhar para a chuva que escorre do para-brisas e a questionar que raio se passa comigo.

Depois lambo os lábios subitamente secos e digo:

— Quero pinar contigo outra vez.

Consigo ouvir a respiração dela do outro lado da linha.

Sinto o corpo tenso com a expetativa. Penso na curva deliciosa do rabo dela a encher-me as palmas das mãos. Nos mamilos dela a endurecerem com o toque da minha língua. A vagina dela a apertar-me o pénis.

Um gemido silencioso atravessa-me o peito. Raios me partam. Sinto um desejo intenso por esta miúda. E agora estou a conter a respiração à espera da resposta dela.

Depois de uma pausa demorada, a voz irritada dela diz:

— Adeus, Dean.

Gemo de frustração quando a chamada é desligada.

5

Allie

Sinto o coração a martelar quando desligo a chamada com o Dean. Não estava a contar que ele dissesse aquilo. De todo.

«Quero pinar contigo outra vez.»

É claro que quer. Sou fantástica na cama.

Mas nunca na vida vou dormir com ele outra vez. Não depois de ter passado o dia todo a sentir-me como a porcaria da Hester Prynne. Só que a autocrítica com a qual me ando a massacrar é muito mais mordaz do que alguma coisa que aquela pobre mulher tenha tido de aguentar dos Puritanos.

Eu não fui feita para sexo casual. Sinto-me… usada. O que é ridículo, porque se há alguém que foi usado ontem à noite foi o Dean. Não só o seduzi, como o atei à cama e o montei como se ele fosse uma atração só minha num parque de diversões.

Sou mesmo uma pega.

Não és uma pega.

Pronto, talvez não seja. Talvez seja apenas uma rapariga de 22 anos que se divertiu sem quaisquer compromissos por uma vez na vida.

O único problema é que eu gosto de compromissos. Para mim, o sexo e os relacionamentos andam de mãos dadas. Eu gosto de me enroscar na pessoa e de

ter piadas que só nós percebemos e de ficar a conversar noite dentro. Eu sou da Equipa Namorado, e, depois de ontem à noite, posso dizer com sinceridade que não sou fã da Equipa Sexo Casual. O sexo foi incrível, mas os orgasmos não justificam a vergonha que sinto.

Atiro o telemóvel para cima da almofada do sofá com um suspiro e pego no guião que estava a ler antes de ser interrompida pelo Dean. O guião escrito pelos alunos vai ser o meu último espetáculo na Briar. Sou uma das duas protagonistas e, embora o material seja um pouco melodramático para o meu gosto, estou ansiosa por iniciar os ensaios. Desde que me estreei no teatro em Boston este verão que anseio por atuar novamente perante uma audiência.

O que ainda vem aumentar mais o stress que sinto. Estou numa encruzilhada na minha carreira e não faço ideia que caminho seguir.

Quando comecei a faculdade, pedi ao meu agente que se concentrasse apenas em encontrar projetos de verão para mim. Seria demasiado tentador desistir da faculdade se aparecesse um papel apetecível, e eu queria concluir a licenciatura. Agora que vou concluir a licenciatura, aceito tudo o que aparecer. A temporada de episódios-piloto começa em janeiro e o Ira já me enviou dezenas de guiões para *sitcoms* e dramas musicais ao estilo do *Glee*, juntamente com vários guiões de comédias românticas que normalmente me despertam interesse.

Sempre achei que estava destinada a papéis cómicos. Fiquei com o bichinho da representação quando ainda estava na escola secundária, e todos os papéis que consegui ao longo dos anos eram leves e divertidos e revelavam o meu *timing* cómico e a minha personalidade de rapariga terra a terra. Sonhava ser uma rainha de comédias românticas. A próxima Sandra Bullock, ou Kate Hudson, ou Emma Stone.

Isso mudou este verão, quando surgiu um *casting* para uma peça muito séria e muito deprimente dirigida pelo Brett Carson, um realizador que já ganhou um Óscar e é uma autêntica lenda. Sem saber como, o meu agente conseguiu-me uma audição com o Carson e, para minha total surpresa, consegui o papel de irmã mais nova da protagonista, que é uma viciada em heroína. Embora a peça só durasse dois meses, foi um enorme sucesso. Desde aí que tenho recebido muitas

ofertas para *castings* de papéis mais dramáticos para o teatro e a televisão.

E alguém me contou que o Carson está a criar outro projeto para o teatro, só que desta vez *é mesmo fora da* Broadway…

Merda. Porque me sinto tão tentada a desviar-me do rumo que tracei para mim própria? Considerar papéis dramáticos é uma coisa, mas *teatro*?

Hollywood dá mais dinheiro. Mais reconhecimento. Óscares e Globos de Ouro e idas às compras em Rodeo Drive.

Olho para a pilha de guiões em cima da mesa de centro. E se for contratada para um destes episódios-piloto que o Ira me enviou e a série receber luz verde? Ou se conseguir um papel num destes filmes? Podia tornar-me conhecida. Então por que raio estou a fantasiar com representação no teatro?

Continuo imersa em pensamentos quando o telemóvel toca. Olho para o ecrã e, por um segundo, acho que o Dean me está a ligar, só que depois olho duas vezes e percebo que se trata de um *S* e não de um *D*. Hum. O meu ex-namorado e o meu engate têm literalmente o mesmo nome, só com a diferença de uma letra. Será que isso quer dizer alguma coisa…

O Sean está a ligar-te, idiota.

Sim, esse é provavelmente o assunto mais urgente neste momento.

O meu peito enche-se de ansiedade. Não devia atender. Não devia mesmo, mesmo atender.

Atendo.

— Estás bem? — São as primeiras palavras que ouço.

O Sean está tão nervoso que rapidamente o tranquilizo.

— Estou bem. Porque não haveria de estar?

— Fui a tua casa ontem, depois das aulas, e não estavas. E passei a noite toda a enviar-te mensagens.

— Eu sei. — Engulo em seco. — Passei a noite em casa de uma amiga. Eu… — Engulo novamente em seco. — Eu disse-te que não te queria ver.

— Tinha esperança de que mudasses de ideias. — É notória a tristeza na voz dele. — Que raio, amor. Sinto a tua falta. Sei que só passaram uns dias, mas sinto muito a tua falta. — O meu coração parte-se em dois. — Fiz asneira, está

bem? Agora percebo isso. Não te devia ter feito um ultimato e decididamente não devia ter dito que a tua carreira como atriz não vai a lado nenhum. Estava transtornado e descarreguei em ti, e não merecias isso. Quando fui à tua estreia em Boston este verão, fiquei estupefacto. A sério. És tão talentosa, amor. Sou um idiota por te ter dito aquelas merdas todas. Não estava a falar a sério.

Ele está praticamente a implorar, e o meu coração volta a partir outro pedaço.

— Sean…

— És a pessoa mais importante da minha vida — interrompe ele, com a voz embargada. — És a coisa mais importante para mim e sinto vontade de me esganar por te ter afugentado. Por favor, amor, dá-me mais uma oportunidade.

— Sean…

— Eu *sei* que posso consertar isto. Dá-me só mais uma oportunidade para…

— *Sean*!

Ele cala-se.

— Amor? — diz ele, inseguro.

Sinto a garganta dolorosamente tensa, quase como se estivesse a tentar impedir-me de dizer as próximas palavras. Mas a culpa está a comer-me viva. Não posso ficar aqui sentada a ouvi-lo implorar, não quando me sinto assim. Volto a engolir em seco e obrigo as minhas cordas vocais a cooperarem.

— Dormi com uma pessoa ontem à noite.

Ouve-se um silêncio ensurdecedor. Parece arrastar-se durante uma eternidade e, a cada segundo que passa, a sensação de desconforto no meu estômago aumenta.

— Ouviste o que eu disse? — sussurro.

Ouve-se um ruído abafado.

— Sim… ouvi.

Ficamos os dois em silêncio. A dor e a culpa continuam a cortar-me as entranhas. Penso involuntariamente no dia em que conheci o Sean. Foi durante a receção aos caloiros e eu lembro-me de pensar que ele era o rapaz mais bonito que alguma vez vira, com o seu cabelo castanho comprido — que entretanto cortou —, olhos cor de avelã e o rabo mais jeitoso do planeta. Por ser uma desbocada sem tento na língua, comentei que ele tinha um rabo jeitoso e as faces

dele ficaram mais vermelhas do que a t-shirt dos Red Sox que trazia vestida.

Nessa noite jantámos juntos na cantina.

Uma semana depois já éramos um casal.

E agora, passados três anos, terminámos o namoro e acabei de confessar-lhe que fiz sexo com outra pessoa. Como é que o nosso namoro correu tão mal?

— Quem?

A pergunta abafada surpreende-me.

— O quê?

— Quem foi? — pergunta o Sean, sem emoção.

O desconforto instala-se no meu peito.

— Não importa quem foi. Não vou voltar a estar com ele. Foi… — Respiro fundo. — Foi um erro parvo. Mas achei que devias saber.

Ele não responde.

— Sean?

Um suspiro irregular ecoa pela linha.

— Obrigado por me teres contado — murmura ele.

E depois desliga.

Demoro algum tempo a afastar o telemóvel do ouvido. Tenho a mão a tremer incontrolavelmente quando a passo pelo cabelo.

Meu Deus. Isto foi…horrível. Uma parte de mim pergunta-se porque lhe contei. Não o traí. Não precisava de lhe contar. Na verdade, podia ter-lhe poupado a dor que ele deve estar a sentir neste momento se tivesse ficado simplesmente calada. Mas sempre fui sincera com o Sean, e há uma parte estúpida de mim que se sente culpada e que insistia que ele merecia saber.

Um gemido angustiado escapa-me da boca. Sinto novamente um pesar no coração. Afinal, a culpa ficou ainda mais acentuada e sinto um nó sólido e devastador no estômago.

Em vez de pegar no guião, pego no telemóvel e ponho os auriculares. Depois cubro-me com a manta até ao pescoço e ponho a tocar em modo de repetição a *Wrecking Ball*, da Miley Cyrus, uma canção que resume na perfeição a forma como me sinto neste momento.

Arrasada.

Dean

— Oh, olha para ele, G. É tão lindo quando está a dormir.

— Parece um anjo.

— Um anjo muito promíscuo.

— Espera… os anjos fazem sexo? E se fazem, os orgasmos no céu são um milhão de vezes melhores do que os orgasmos na Terra? Aposto que sim.

— Duh. De onde achas que vêm os arco-íris? Sempre que vês um arco-íris isso significa que um anjo acabou de se vir.

— Ah. Faz sentido. Como sempre que toca um sino é porque um anjo recebeu as asas.

— Exato.

Abro um olho e direciono-o para a porta.

— Consigo ouvir-vos, sabem?

A minha voz irritada põe termo à conversa mais bizarra que alguma vez ouvi.

— Ainda bem que estás acordado — diz o Logan.

— Claro que estou — resmungo, enquanto esfrego os olhos. — Como é que posso dormir quando tenho dois idiotas ao pé da minha cama a falar sobre o orgasmo dos anjos?

O Garrett solta um risinho.

— Como se eu fosse a primeira pessoa a questionar-me sobre o mesmo.

— Acredita que és. Quando é que vocês voltaram?

O Logan encosta um ombro grande à soleira da porta.

— Há uma hora. A Gracie precisava de voltar mais cedo porque tem um programa para produzir esta noite.

Aceno com a cabeça. A namorada do Logan trabalha como produtora na estação de rádio do *campus*. E por falar nisso…

— Estás a pensar em ligar para lá para declarares o teu amor por ela outra vez? — gracejo.

Ele solta um suspiro.

— Nunca mais me vais deixar esquecer isso, pois não?

— Não. — Se bem que gostava que alguém tivesse gravado aquele segmento de rádio para poder usar umas frases e torturá-lo com elas. Depois de ter posto a pata na poça e de quase ter perdido a Grace no fim de semana passado, o Logan ligou para o programa de conselhos produzido por ela e proferiu as lamechices mais inacreditáveis para a reconquistar. Às vezes preocupo-me com o estado dele.

Afasto os lençóis e saio da cama completamente nu. Os meus colegas de casa continuam a olhar para mim junto à porta.

Encontro um par de boxers limpos e visto-os.

— Juro por Deus, se me disserem que ficaram a ver-me dormir durante a última hora como dois atrasados, eu ligo para a polícia.

— O treinador ligou — diz-me o Garrett. — Disse que passou a manhã toda a tentar ligar-te, mas que não atendeste. Ele quer-te no pavilhão daqui a uma hora.

— Porquê? — pergunto, cauteloso.

O Garrett encolhe os ombros.

— E eu é que sei? Talvez lhe tenha chegado aos ouvidos que bebeste este fim de semana. Deduzo que te embebedaste, certo? E quer dar-te na cabeça.

— Mas como é que ele soube? Ele não tem propriamente pessoas a vigiar-nos.

— Meu, o treinador é como um espião da *Guerra dos Tronos*. As fontes dele são ilimitadas.

Merda. Espero não ter de levar um dos sermões intermináveis do treinador Jensen sobre afastarmo-nos do álcool e das drogas. Não podemos beber nem consumir drogas durante a temporada, mas isso nunca impediu nenhum de nós de apanhar uma bebedeira ou fumar um charro de vez em quando. Mesmo assim, nunca falhei um teste de urina, nem manchei o bom nome da equipa com os meus desvios, por isso não sei porque é que o treinador está sempre em cima de mim.

— A Hannah ainda cá está? — pergunto ao Garrett enquanto visto umas calças.

— Não, foi para casa. Vai passar o dia com a Allie.

Ainda bem que estou de costas voltadas, porque assim que mencionam o

nome da Allie, o meu pénis fica semiereto. Que lindo. Agora já fico excitado com o som do *nome* dela?

— Não fizeste nenhuma parvoíce enquanto ela cá estava, pois não? — O tom de voz do Garrett está carregado de desconfiança.

Fui duas vezes para a cama com ela. Por isso… sim?

Mordo a língua e visto uma t-shirt, seguida de uma camisola azul-marinho da Briar.

— Fui um autêntico cavalheiro.

O Logan solta um ronco trocista.

— É inédito.

— Vai-te lixar. Por acaso sou versado na arte do *cavalheiramento*.

— Isso não é uma arte. Nem sequer é uma palavra. — O Logan revira os olhos e sai do quarto, mas o Garrett fica para trás.

Sonda-me o rosto durante tanto tempo que me sinto desconfortável.

— O que foi? — murmuro.

— Nada — diz ele, mas continua com um ar desconfiado quando sai do meu quarto.

Quando vou à casa de banho lavar os dentes, apercebo-me de que o chupão roxo que tenho no pescoço continua bastante visível. Teria o Garrett visto?

E se viu? Qualquer pessoa podia ter-me beijado o pescoço este fim de semana. Não há motivos para ele desconfiar que foi a Allie.

Raios partam a Allie. Disse-lhe que queria fazer sexo com ela outra vez e ela *desligou-me* o telemóvel na cara. Isso não me costuma acontecer… nunca. Sou o Dean Di Laurentis, por amor de Deus. Posso estalar os dedos e ter uma dúzia de raparigas aos meus pés a implorar por uma queca. A última vez que fui ao café do *campus*, a empregada jeitosa serviu-me um café e depois ofereceu-se para me fazer um broche na sala de arrumos.

Então qual é o problema da Allie? Passei demasiado tempo ontem à noite a questionar-me se ela estaria a fazer-se de difícil. Quer dizer, não é que ela não tenha gostado do sexo. Nunca estive com uma mulher que elogiasse tanto o meu pénis.

«Meu Deus, quero casar-me com a tua pila!»

«Melhor. Pila. De. Sempre.»

«Dean, vais fazer-me vir…»

Os gemidos dela rodopiam-me na cabeça de modo pervertido, deixando-me excitado, e agarro-me ao toalheiro com uma mão quando o gemido se escapa da minha garganta. A pasta de dentes que tenho na boca cai sobre o lavatório. Sinto o pénis ereto nas calças a tocar na porcelana e a precisar de estabelecer contacto com alguma coisa.

Questiono-me se o treinador ficaria chateado se eu chegasse atrasado por ter ficado a bater uma.

Provavelmente.

Trinta minutos depois, passo o cartão de aluno pelo leitor do campo de hóquei enquanto bebo o café que comprei pelo caminho. O corredor amplo está vazio e as minhas sapatilhas ecoam no chão brilhante enquanto me dirijo para as traseiras do edifício. Passo pelo conjunto de salas de aulas e pela sala de audiovisuais, contorno a cozinha e as salas de pesos e depois entro na enorme sala de equipamentos.

O nosso campo é topo de gama. Há uma meia dúzia de gabinetes grandes e confortáveis que o Chad Jensen podia ter escolhido, mas, por algum motivo, ele escolheu este gabinete modesto junto à lavandaria.

Bato à porta e só a abro quando ouço o treinador dizer: «Entre.» O último jogador que entrou no gabinete dele sem bater à porta levou um raspanete que todos nós pudemos ouvir desde os chuveiros. Gosto de pensar que o treinador usa o gabinete para bater uma e é por isso que insiste em ter privacidade. A teoria do Logan é que ele tem uma família secreta no escritório que só deixa sair do gabinete à noite.

O Logan é um idiota.

— Olá, treinador. Queria falar comigo… — Paro quando me apercebo de que não estamos sozinhos.

São poucas as vezes em que me apanham desprevenido. Sou um rapaz descontraído, o que significa que é preciso muito para me deixar surpreendido ou

chocado.

Neste momento, a única coisa que sinto é uma onda de ansiedade que me percorre o sangue e se entranha nos meus ossos.

O Frank O'Shea levanta-se da cadeira e lança-me um olhar descontraído. Não o vejo desde o 12.º ano, mas ele continua igual. Cabelo castanho, corpo robusto, boca austera.

— Di Laurentis — diz ele, com um breve aceno de cabeça.

Também lhe aceno com a cabeça.

— Treinador O'Shea.

O olhar do Jensen oscila entre mim e ele, e depois ele vai direto ao assunto.

— Dean, o Frank vai ser o novo coordenador dos defesas. Ele falou-me sobre o vosso passado na Greenwich Prep. — O treinador faz uma pausa. — Decidi que seria prudente porem as vossas desavenças de lado antes do treino de amanhã.

Imagino o que o O'Shea disse sobre o nosso «passado». Seja o que for, tenho a certeza de que foi mentira e de que não me favoreceu de todo, porque a versão da história do O'Shea é tão tendenciosa que faz com que as histórias do *National Enquirer* pareçam teses académicas bem investigadas.

O treinador Jensen dirige-se à porta.

— Vou deixar-vos a sós.

Caramba, ele vai deixar-nos sozinhos? Seria bom ter uma testemunha, caso o O'Shea tente alguma coisa. Afinal de contas, este foi o homem que deu um murro num dos seus jogadores num parque de estacionamento vazio de uma escola secundária. Na altura, eu tinha 18 anos. Não fiz queixa dele porque percebi os seus motivos, mas isso não significa que tenha esquecido. Ou que o tenha perdoado.

O O'Shea só fala quando o treinador sai e fecha a porta.

— Vamos ter um problema?

Contraio o maxilar.

— Diga-me você. — Obrigo-me a acrescentar: — *Senhor*.

Os olhos escuros dele brilham.

— Estou a ver que continuas o mesmo espertalhão insolente de quando eu era o teu treinador.

— Com todo o respeito, estou neste gabinete há cinco segundos. Acho que não pode fazer esse julgamento. — O meu tom é educado, mas por dentro estou a ferver. Odeio este homem, o que não deixa de ser uma ironia, porque dantes idolatrava-o.

— Da minha parte, não há problema — diz ele, como se eu nem sequer tivesse falado. — Passado é passado. Estou disposto a começar do zero para ter um ambiente de treino mais agradável. — Que magnânimo da parte dele. — Tudo o que peço em troca é que me trates com respeito e ouças o que te digo quando estivermos no rinque. Não vou tolerar qualquer insubordinação. — A boca dele contorce-se. — E não vou tolerar brincadeiras. O Jensen disse que tinhas fama de ser festivaleiro. O que não me surpreende. — Produz um ruído pouco lisonjeiro. — Mas se quiseres manter o teu lugar na equipa, espero que te portes bem. Nada de bebidas, nada de drogas, nada de farras. Percebeste?

Assento com a cabeça.

— Quanto aos nossos problemas anteriores, não serão discutidos. — O O'Shea lança-me outro olhar frio. — Nem entre nós, nem entre ti e os teus colegas de equipa. O passado fica no passado — repete ele.

Enfio as mãos nos bolsos.

— Já posso ir?

— Ainda não. — Ele avança na direção da secretária e pega num dossiê fino. Ou estou a imaginar coisas ou ele tem um brilho presunçoso nos olhos. — Mais duas coisas. E posso garantir-te que o treinador Jensen concorda com isto.

O desconforto revolve-me o estômago.

— Em primeiro lugar, vamos emparelhar-te com o Brodowski na segunda linha…

— O quê? — pergunto, em choque.

O O'Shea levanta a mão.

— Deixa-me terminar.

Fecho a boca, controlando-me para não me exaltar. Já não estou a ferver. Estou fulo da vida.

O tanas é que ele não tem problemas comigo. Sempre joguei na primeira linha com o Logan. Somos os dois melhores defesas da equipa. Um duo dinâmico, por amor de Deus. O Brodowski é um júnior que precisa de melhorar tanto que até admira que continue na equipa.

— O Jensen confia em mim para trabalhar com os defesas dele e para tomar as decisões que eu considerar melhores — diz o meu antigo treinador num tom agressivo. — A segunda linha é fraca. O Kelvin e o Brodowski são fracos e vão beneficiar de serem emparelhados com jogadores do teu calibre e do calibre do John Logan.

— O treinador chegou a dizer que experimentou algo do género durante a pré-época? — Não consigo deixar de o dizer, de modo irónico. — Fui emparelhado com o Kelvin no jogo de St. Anthony. Foi um desastre.

— Bem, desta vez não vais ser emparelhado com o Kelvin, pois não? — contrapõe ele num tom igualmente irónico. — Vou emparelhar-te com o Brodowski. E a decisão é definitiva… vou fazer o que for melhor para a equipa.

Tretas. Ele vai fazê-lo para me castigar, e ambos sabemos disso.

— Qual é a segunda coisa?

Ele pestaneja.

— Perdão?

— Disse que havia duas coisas. — Tenho dificuldade em manter a voz calma. — Vai reorganizar as linhas. Essa é a primeira coisa. Qual é a segunda?

Ele inclina a cabeça como se tentasse decidir se estou a tentar ser desrespeitoso novamente. O gajo não faz ideia da vontade que tenho de lhe dar um murro no queixo neste preciso momento. Preciso de recorrer a toda a minha força de vontade para não o fazer.

O O'Shea abre o dossiê e retira uma folha de papel. Volto a notar-lhe o brilho de satisfação quando me entrega a folha.

Olho para a página. É uma fotocópia daquilo que parece ser um horário de treinos e de jogos, mas não é da nossa equipa.

— O que é isto? — murmuro.

— A partir desta semana, vais oferecer generosamente o teu tempo aos Hastings Hurricanes…

— Aos quê?

— Aos Hastings Hurricanes. É a equipa de hóquei no gelo da Escola Básica de Hastings. Uma liga do terceiro ciclo, com alunos dos sétimo e oitavo anos. Briar tem um programa comunitário no qual os nossos alunos atletas se voluntariam para serem treinadores ou assistentes de treinadores nas equipas locais. A aluna que tem trabalhado com os Hurricanes é uma ala esquerda da equipa feminina da Briar. Apanhou mononucleose, por isso tem de ser substituída. Eu e o Jensen achámos que serias o candidato perfeito para isso.

Tento esconder o meu horror. Mas acho que falho redondamente, porque o O'Shea está a sorrir.

— São dois treinos à tarde por semana e o dia de jogo é à sexta-feira às seis. Já adiantei trabalho e estive a ver o teu horário das aulas e não interfere com o treino dos Hurricanes. Por isso, está tudo bem. — Ele inclina a cabeça. — A não ser que te oponhas…

É óbvio que me oponho. Não quero passar três dias por semana a treinar um bando de miúdos da escola básica. Estou no meu último ano, por amor de Deus. Tenho uma batelada de trabalhos académicos. E já treino seis dias por semana com a minha equipa e participo nos meus próprios jogos, o que não me deixa muito tempo livre.

Mas, se me opuser, o O'Shea vai transformar a minha vida num inferno. Tal como fez na escola secundária.

— Não, parece divertido. — Obrigo-me a dizer as palavras e resisto a fazer-lhe um pirete.

Ele acena a cabeça em sinal de aprovação.

— Ora bolas! Talvez *tenhas* mesmo mudado. O Dean Di Laurentis que eu conheci só se preocupava com uma pessoa… ele próprio.

A boca magoa mais do que devia. Sim, eu consigo ser um sacana egoísta às vezes, mas não fiz nada de mal na altura. Eu e a Miranda estávamos em sintonia… até deixarmos de estar.

Mas talvez não importe quem agiu mal, ou importa? Porque é notório que o Frank O'Shea nunca me vai perdoar pelo que aconteceu entre mim e a filha dele.

6

Dean

A primeira coisa que faço depois de sair do pavilhão é ligar ao meu irmão mais velho. É domingo, por isso tento ligar-lhe primeiro para o telemóvel, embora haja uma grande probabilidade de ele estar no escritório. O Nick trabalha muitas horas, incluindo a maioria dos fins de semana. Acho que ele está a tentar impressionar o nosso pai com a sua dedicação à advocacia, e, para ser sincero, acho que está a funcionar.

No entanto, a voz alegre que me entra pelo ouvido não pertence ao Nick.

— Dicky! Olá! Não falo contigo há que tempos!

Essa alcunha não me fazia espécie quando éramos miúdos, mas, agora que somos adultos, é uma vergonha. Na minha opinião, quando a minha irmã mais nova aprendeu a pronunciar *Dean*, os nossos pais deviam tê-la mandado parar de me chamar Dicky. Se bem que quando mandamos a Summer fazer o que quer que seja, ela faz o oposto. A minha irmã é uma fedelha teimosa.

— Porque é que estás a atender o telemóvel do Nick? — pergunto, desconfiado.

— Porque vi o teu nome e queria falar contigo primeiro. Deixaste de me ligar.

Consigo imaginar o beicinho que ela está a fazer, o que me leva um sorriso aos lábios.

— Também nunca me ligas — riposto.

A Summer fica calada por momentos. E depois solta um suspiro enorme.

— Tens razão. Não ligo. Tenho sido uma péssima irmã.

— Não, provavelmente andas tão ocupada quanto eu. — Desço o caminho de pedra em direção às traseiras do centro de treino, encaminhando-me para o parque de estacionamento.

— Tenho andado bastante ocupada — admite ela.

Ouço um barulho na extensão.

— O que foi isso? — pergunto.

— Nada. Foi só o Nicky a ser idiota. Passou o fim de semana a dar comigo em doida. Ele sempre foi assim tão tenso ou isso aconteceu quando se tornou *advogado*?

Ela pronuncia *advogado* como se fosse algo mau. Para a Summer, é capaz de ser. Aos 12 anos, a minha irmã disse que a advocacia é «muito aborrecida» e oito anos depois mantém a mesma opinião. Só concordou em entrar para uma universidade da Ivy League para fazer o gosto aos meus pais, mas, da última vez que falámos, disse-me que quer trabalhar em design de interiores quando acabar o curso.

— Comparado contigo, todos são tensos — digo à minha irmã. — O que não significa que aprove todos os teus desvarios.

A Summer é dois anos mais nova do que eu, mas dá-me uma abada no que diz respeito a aproveitar a vida. Surpreende-me que os nossos pais ainda não a tenham renegado.

Ocorre-me um pensamento súbito.

— Porque é que estás em Manhattan? Não devias estar na faculdade?

— Apeteceu-me visitar o meu irmão mais velho.

O tom de voz dela parece demasiado inocente para o meu gosto.

— Tretas.

— É verdade — protesta a Summer. — Queria ver o Nicky. E também quero ver-te *a ti*, por isso não te admires se aparecer à tua porta em breve. — Ela faz uma pausa. — Por acaso, estou a pensar em pedir transferência para a Briar.

Ouço um sinal de alarme dentro de mim.

— Porquê? Pensava que estavas satisfeita na Brown.

— E estou… mas… hum… sim. — A Summer volta a suspirar. — Estou de castigo.

Detenho-me.

— O que é que fizeste? — pergunto.

— O que te leva a pensar que eu fiz alguma coisa? — Ouve-se uma fungadela do outro lado da linha.

— Podes guardar a tua fita de menina inocente para os pais — digo, soltando um risinho. — Não é que isso ainda funcione com eles. E agora conta-me o que aconteceu.

— Digamos que houve um incidente na república. E houve togas pelo meio.

Contenho uma gargalhada.

— Podes ser mais específica?

— Não.

Deixo escapar um gemido de frustração.

— Summer…

— Conto-te quando estiver contigo — diz ela. — O Nicky quer falar contigo.

— Summer…

Ela foi-se embora. Ouço a voz grave do meu irmão do outro lado da linha meio segundo depois.

— Olá — diz ele.

— O que é que ela fez? — pergunto-lhe.

O Nicky solta uma gargalhada sincera.

— Oh, não. Não te vou estragar a surpresa. Só vou dizer que foi uma coisa mesmo à Summer.

Merda. Já nem sei se quero saber.

— A mãe e o pai sabem?

— Sim. Não estão contentes, mas ela também não foi expulsa. Vai ficar apenas dois meses de castigo e tem de fazer vinte horas de trabalho comunitário.

Esta última parte distrai-me das lamúrias da Summer.

— Por falar em trabalho comunitário… — Falo-lhe rapidamente sobre a nova tarefa de que o O'Shea me incumbiu na Briar.

— Merda — diz o Nick, quando acabo de falar. — Ele falou da Miranda?

— Não, mas é óbvio que continua a culpar-me por tudo o que aconteceu. — O ressentimento entope-me a garganta. — Uma parte de mim sente-se tentado a procurá-la e a pôr-lhe algum juízo na cabeça, ou até a pedir-lhe que fale com o pai.

— Ela não se preocupou com isso na altura — comenta o Nick. — Porque achas que o faria agora?

Bem visto.

— Eu sei, mas… — Chego junto ao carro e carrego no botão da chave para abrir a porta. Ainda estou nervoso com o reaparecimento inesperado do O'Shea na minha vida e só quero sair do campo.

— Seja como for — digo eu, sombriamente. — Acho que é parvo da minha parte pensar que a Miranda me quereria ajudar. Eu sou o monstro que lhe partiu o coração, lembras-te?

— Queres o meu conselho? Baixa a cabeça. Aparece nos treinos, faz o que O'Shea mandar e não comeces guerras. Quando deres por ti, estás na primavera, e depois terminas o curso e nunca mais és obrigado a ver esse sacana.

— Tens razão — admito. — Não vale a pena chatear-me com isso. Não tarda nada saio daqui, certo?

— Sim. Mas avisa-me se ele te chatear muito, está bem? Eu tento arranjar um motivo válido para lhe pôr um processo em cima.

Rio-me.

— Não trabalhas em direito civil.

— Por ti, maninho, abro uma exceção.

O meu humor melhora bastante depois de desligarmos a chamada. Os meus amigos estão sempre a gozar comigo por ser um menino rico do Connecticut. Tenho a certeza de que os meus amigos pensam que os meus pais são snobes e que os meus irmãos são uns mimados, mas a verdade é que a minha família é espetacular.

Os meus pais são advogados poderosos, mas são as pessoas mais simples do mundo. Não me interpretem mal, eu e os meus irmãos crescemos com inúmeros privilégios. Tínhamos uma ama e uma governanta. Andávamos em escolas

privadas e recebíamos uma semanada simpática. Mas também éramos obrigados a fazer as tarefas e a terminar os trabalhos de casa antes de recebermos um cêntimo que fosse. Se baixássemos as notas, ficávamos de castigo. E se nos achássemos no direito de receber o que queríamos porque tínhamos carradas de dinheiro, éramos castigados por isso. Da única vez que exigi dinheiro ao meu pai, ele doou todo o dinheiro do meu fundo para a faculdade a uma organização de solidariedade para crianças carenciadas. E depois obrigou-me a trabalhar na empresa dele durante todo o verão para receber o dinheiro de volta.

— O que queria o treinador? — pergunta o Garrett quando eu entro na sala de estar quinze minutos depois.

— Apresentar-me o novo coordenador dos defesas. — Sento-me no sofá e olho para a televisão. O G e o Logan estão a combater no *Ice Pro* e, a julgar pelo resultado, o Logan está a levar uma abada.

— Temos novo coordenador dos defesas? — O Logan pausa o jogo. — E porque é que houve uma apresentação privada contigo?

Escolhi as palavras com cuidado.

— Chama-se Frank O'Shea. Era o meu treinador na escola secundária, por isso o Jensen achou boa ideia conversarmos antes de o O'Shea ser apresentado oficialmente à equipa.

O Logan arqueou a sobrancelha.

— Está bem. Mas porque é que só vai entrar agora? A temporada já começou. Parece estranho arranjar um coordenador dos defesas depois de já termos jogado o nosso primeiro jogo.

— E perdido — murmura o Garrett.

— Foi só um jogo — insiste o Logan. — Não estamos assim tão mal que se justifique arranjar um novo treinador para reverter a situação. Parece-me uma reação de pânico. — Ele franze o sobrolho e volta-se novamente para mim. — Como é que ele é? Um tipo decente?

É o diabo.

— É decente — minto, mudando logo de assunto. — Onde está o Tuck?

— Não sei bem. Acho que ele não veio para casa ontem à noite. — O Logan retoma o jogo e volta a concentrar-se no ecrã.

Franzo a testa. O Tucker também não passou a noite de sexta-feira em casa. Será que anda com alguma miúda nova? Ele não costuma passar duas noites seguidas fora de casa.

Uma vez que os meus colegas estão distraídos com o jogo de vídeo, eu subo as escadas e obrigo-me a pôr em dia as leituras dos trabalhos que tenho deixado para trás. Passo o resto do dia ora a ler, ora a dormir, e só desço para roubar umas fatias de pizza que o Garrett e o Logan encomendaram para o jantar. Não sei porque estou tão antissocial. Talvez ainda me sinta incomodado com o encontro com o O'Shea na Briar. Ou talvez porque sempre que fechei os olhos hoje para dormir uma sesta imaginei a boca sexy da Allie a envolver-me o pénis. As suas curvas suaves encostadas a mim. As mamas dela a encherem-me as palmas das mãos.

Porque é que não consigo parar de pensar nesta rapariga? Sim, o sexo foi fenomenal. Sim, eu acho-a atraente. Mas sexo fenomenal e raparigas atraentes tenho eu aos pontapés.

Esquece isso, ordeno ao meu pénis quando ele volta a ficar ereto assim que penso na Allie.

O meu pénis estremece em resposta. A provocar-me.

— Caramba — resmungo. Depois pego no telemóvel, que está em cima da cama, e seleciono o número que marquei ontem à noite.

Ao fim de quatro toques, a Allie atende com a sua voz cautelosa.

— Olá. O que se passa?

Deixo escapar um suspiro irregular.

— Quero pinar contigo outra vez.

— Isto vai tornar-se um hábito? Vais ligar-me todas as noites a dizer o mesmo?

— Talvez? — Merda. Estou irritado e com tesão, e tão confuso quanto ela. — Diz que sim, boneca. Diz simplesmente que sim e acaba com o meu sofrimento.

— Já te disse que foi uma vez sem exemplo. Não gosto de sexo casual. Divertimo-nos, mas… merda, tenho de ir. Liga a uma das tuas amigas coloridas, que elas de certeza tratam de ti, está bem?

Pela segunda vez em dois dias, ela desliga-me o telemóvel na cara.

Allie

— Quem era?

Dou um salto quando ouço a voz da Hannah. Desliguei a chamada assim que ouvi os passos dela no corredor, mas não estava a contar que ela chegasse tão depressa à porta.

— Hum, não era ninguém. — Bela resposta.

Ela arqueia uma sobrancelha escura.

— Ninguém?

— Um operador de *telemarketing* — corrijo. — Ninguém, portanto.

Ela solta um grunhido de aborrecimento e encaminha-se para a cama.

— Como é que eles arranjam o nosso número de telemóvel? Quando assinei contrato com a empresa de telecomunicações, havia uma secção em que se comprometiam a nunca ceder o meu número a terceiros. Para mim, isso é uma grande tanga, porque recebo chamadas todos os dias de companhias aéreas e lojas de roupa a publicitar as suas maravilhosas promoções e a dizer que eu ganhei um prémio fictício qualquer. E sabes o que é pior? Aquela promoção parva para um cruzeiro que começa a chamada com uma sirene automática! É *horrível*.

O monólogo da Hannah dura vários minutos, o que me deixa contente, porque significa que ela está demasiado irritada para perceber que eu lhe menti. E está tão embrenhada na sua conversa que nem sequer repara quando eu olho discretamente para a mensagem que me surge no ecrã.

Dean: Tens mesmo de parar de me desligar o telemóvel na cara.

Respondo-lhe: Tens mesmo de parar de me fazer essas propostas. Sei que sou boa na cama, mas esquece lá isso.

Ele: Não consigo. Acredita em mim, já tentei.
Eu: Esforça-te mais.
Ele: Vá lá, boneca. Só mais uma vez. Pensa em como vai ser bom...

Claro que vai ser bom. Ele é um campeão do sexo. Mas isso não muda o facto de eu não me sentir confortável com sexo sem compromisso.

Eu: Esquece. Estou a ensaiar um texto com a Hannah.
Ele: Envia-me uma mensagem quando terminares e eu vou à socapa à tua residência. A Wellsy nem vai perceber que eu estou aí.

Fico surpreendida com o latejar ardente que surge entre as minhas coxas. A ideia de o Dean entrar à socapa e me foder enquanto a Hannah dorme no quarto ao lado excita-me mais do que eu contava.

Ignoro a resposta e escrevo: Boa noite, Dean.

Depois viro-me para a Hannah e digo:

— Já chega de falar mal dos operadores de *telemarketing*? Porque este guião não se vai ler sozinho, linda.

— Desculpa. É mais forte do que eu. Ouço a palavra «operador de *telemarketing*» e fico furiosa. — Senta-se com as pernas cruzadas no meio da cama e pega no guião que eu lhe atiro.

Continuo de pé. A cena de abertura exige que a minha personagem ande de um lado para o outro e eu quero perceber de que forma a minha respiração será afetada por ter de falar enquanto ando para trás e para a frente.

A Hannah folheia as páginas iniciais.

— Está certo. Quem sou eu? A Jeannette ou a Caroline?

— A Caroline. Ela é mesquinha e insensível.

A minha melhor amiga esboça um sorriso de orelha a orelha.

— Então eu vou fazer o papel de cabra? Que bom.

Para ser sincera, quem me dera que esse papel me calhasse a mim. A minha personagem é uma jovem viúva que perdeu o marido no Afeganistão, um papel mais emocionalmente desgastante. Graças ao meu rompimento com o Sean, já esgotei a capacidade emocional que tinha e estou com receio de não conseguir transmitir emoção e não fazer justiça a este papel.

O meu receio não é descabido. Só lemos cinco páginas e já me sinto esgotada, por isso, peço uma pausa rápida.

— Uau — comenta a Hannah, ao passar para as cenas seguintes. — Esta peça é intensa. O público vai passar o tempo todo a chorar.

Deito-me ao lado dela.

— Eu é que vou passar o tempo todo a chorar. — Literalmente, uma vez que a

minha personagem chora em quase todas as cenas.

A Hannah apoia-se nos cotovelos e instala-se entre nós um silêncio confortável. Eu aprecio o silêncio, porque isto acontece com poucas pessoas. Mesmo com a Megan e com a Stella, que eu considero amigas próximas, uma de nós está sempre a tentar preencher o silêncio com conversa. Acho que é necessário um certo nível de confiança para nos sentarmos ao lado de alguém e não sentirmos a pressão de falar pelos cotovelos.

O meu pai disse-me uma vez que a forma como uma pessoa responde ao silêncio diz muito sobre ela. Sempre achei que ele estava a falar por falar, porque o meu pai tem o hábito de inventar adágios bonitos e insistir que têm a sua sabedoria, quando a maior parte do tempo eu sei que ele me está a atirar areia para os olhos.

Mas agora vejo a verdade nas palavras dele. Quando penso nos silêncios que partilhei com as minhas outras amigas, apercebo-me de que são incrivelmente reveladores.

A Meg quebra o silêncio com piadas, dando o seu melhor para preencher o silêncio com gargalhadas. Desde que a conheço que recorre ao humor quando as coisas se tornam demasiado sérias para o seu gosto.

A Stella preenche o silêncio enchendo uma pessoa de perguntas sobre a sua vida. Desde que a conheço que ela só fala sobre a vida dela se não puder evitá-lo. Diria que foi por isso que fiquei surpreendida quando começou a namorar com o Justin Kohl, o jogador de futebol americano por quem a Hannah tinha um fraquinho antes de se apaixonar pelo Garrett. A Stella admitiu às claras mais do que uma vez que tem receio da intimidade.

Ao lembrar-me do Justin, viro-me para a Hannah.

— Alguma vez o Garrett admitiu que estava errado em relação ao Justin?

Ela franze a testa.

— De onde veio isso?

Sorrio.

— Desculpa. Estava a pensar na Stella e lembrei-me de quando o Garrett estava convencido de que o Justin tinha segundas intenções. Ele não insistia que o Justin era um sacana?

— Sim. — Ela senta-se e começa a rir. — Chegámos a falar sobre isso há algum tempo. Eu acusei-o de, inconscientemente, ter ciúmes do Justin.

— Ah. Aposto que ele adorou isso.

— É a única coisa que faz sentido. O Justin é um dos melhores rapazes que já conheci. Mas o Garrett continua a insistir que apenas o interpretou mal.

— De qualquer forma, fico contente por o Justin se ter revelado um bom rapaz. A Stella merece ser feliz. — Ouço a nota esperançosa na minha voz e espero que a Hannah não se aperceba.

Ela apercebe-se.

— Também mereces ser feliz. Sabes disso, certo?

— Eu sei. — Engulo o nó que tenho na garganta.

Os seus olhos verdes mostram-se hesitantes.

— Allie… arrependes-te de ter terminado com o Sean?

O nó fica maior. Tenho dificuldade em respirar, sobretudo quando recordo a agonia na voz do Sean quando me perguntou com quem é que eu tinha dormido.

— Não — digo, por fim. — Sei que foi a decisão certa. Queríamos coisas completamente diferentes no futuro e era algo de que não iríamos abdicar, isto sem um de nós ficar ressentido com o outro.

A Hannah parece pensativa.

— Achas que estás preparada para começar a namorar outra vez?

Deixo escapar um suspiro.

— Não, nem nada que se pareça. — Mas *gostava* de ter uma distração. Estou cansada de estar triste. Estou cansada de me perguntar como estará o Sean e de lutar contra a vontade que sinto de lhe ligar. Posso não querer voltar para ele, mas odeio saber que magoei alguém de quem gosto. Tenho o péssimo hábito de querer que todos fiquem felizes, mesmo que isso signifique sacrificar a minha própria felicidade. O meu pai insiste que é uma qualidade admirável, mas às vezes gostava de ser mais egoísta.

Mas talvez tenha sido egoísta na sexta-feira à noite. O sexo de consolação com o Dean serviu para satisfazer as minhas necessidades e, por mais envergonhada e culpada que me tenha sentido depois, não posso dizer que não me tenha satisfeito bastante.

Merda. Talvez o Dean tenha razão. Talvez *devêssemos* dormir juntos outra vez.

— Talvez precise de sexo sem compromisso — digo em voz alta, para testar a ideia.

A resposta da Hannah é rápida e certeira.

— Já tentaste isso, lembras-te? Depois de tu e o Sean terem acabado das primeiras vezes. E detestaste.

É verdade. Detestei mesmo.

— Mas não cheguei a dormir com ninguém — comento. — Só fui a uma série de encontros que foram uma porcaria e curti com uns idiotas. Talvez tenha sido esse o meu erro: *sair* com esses tipos. Talvez desta vez devesse escolher um tipo jeitoso e ir para a cama com ele durante umas semanas. Só sexo, sem expetativas.

Ela solta um ronco trocista.

— Boa sorte com isso. Ambas sabemos que nem sequer consegues curtir com um gajo sem ouvires os sinos do compromisso a tocarem na tua cabeça.

Também é verdade.

E porque é que estou sequer a ponderar isto? Se é assim que a Hannah me responde quando eu falo sobre ter sexo casual, imagino o que ela diria se eu admitisse que estou a pensar em ter uma amizade colorida com o *Dean*. O gajo é um mulherengo de primeira. Não só não serve para namorado, como duvido que ele alguma vez levasse a sério o sexo descomprometido. Não consigo imaginá-lo a dormir só comigo, o que para mim é inegociável, porque me recuso a dormir com um homem que anda a dormir com outras raparigas.

Sim… preciso de esquecer esta ideia do Dean. Não sei porque é que ele está tão aflito para se meter novamente na cama comigo, mas tenho a certeza de que, mais tarde ou mais cedo, isso lhe passa. O gajo tem a capacidade de concentração de uma mosca e os hábitos afetivos de um cachorro, e oferece a sua devoção sexual a quem quer que lhe dê uma guloseima. E por guloseima refiro-me a vagina.

Quando caio em mim, decido mudar de assunto.

— O que vais fazer no Dia de Ação de Graças?

— Eu e o Garrett vamos a casa dos meus tios em Filadélfia. Os meus pais vão

apanhar o avião para ir lá ter connosco.

— Que bom. Parece divertido.

— Vais estar em Brooklyn, certo?

Aceno com a cabeça. Passo todas as épocas festivas em Brooklyn com o meu pai. Embora esteja ansiosa por vê-lo, como sempre, este ano estou um pouco preocupada, porque na última vez que falámos ele insistiu em preparar o jantar do Dia de Ação de Graças.

Em qualquer outra altura, eu ficaria contentíssima por saber disso, porque o meu pai é o melhor cozinheiro do mundo. Mas desde que foi diagnosticado com esclerose múltipla, há cinco anos, eu tenho feito todos os possíveis para que ele não exagere. O único motivo pelo qual recusei a entrada para o programa de Artes Dramáticas da UCLA foi para poder estar a poucas horas de distância de casa dele. O homem é teimoso como uma mula e insiste que não precisa de ajuda e que consegue fazer tudo sozinho, mas eu não me sentia confortável a viver na outra ponta do país quando os períodos de remissão dele se tornassem cada vez menos e mais espaçados no tempo.

Agora sinto-me ainda mais aliviada por ter ficado na Costa Este, porque a doença do meu pai piorou de forma progressiva neste ano que passou.

Tal como a maioria das pessoas com esta doença, inicialmente recebeu o diagnóstico de esclerose múltipla de surto-remissão, mas agora progrediu para esclerose múltipla secundária progressiva, o que significa que as recaídas são mais frequentes e mais graves. Quando fui visitá-lo, no verão, fiquei chocada ao notar a mudança que ele sofreu. De repente, já estava com dificuldade em caminhar, enquanto dantes apenas perdia o equilíbrio de vez em quando e sentia um ligeiro adormecimento nos membros. Teve dois ataques de vertigem enquanto eu lá estive e, quando comecei a pressioná-lo, ele admitiu que a dor estava a piorar e que, de vez em quando, tinha problemas de visão.

Tudo isto me deixa apavorada. Já perdi a minha mãe para o cancro quando tinha 13 anos. O meu pai é tudo o que me resta. Recuso-me a perdê-lo também, mesmo que isso signifique prendê-lo à cadeira reclinável na nossa casa de Brooklyn e obrigá-lo a ver futebol americano enquanto eu preparo o jantar em vez dele.

— Pronto. A pausa terminou. — Uma vez mais, preciso de uma distração dos meus pensamentos sombrios. Solto um grunhido e sento-me, para depois abrir o guião no sítio onde parámos. — A Caroline vai gritar novamente com a Jeannette.

A Hannah prende uma madeixa de cabelo escuro atrás da orelha.

— E para que conste. Se alguma vez perdesses o teu marido, eu nunca te chamaria chorona e te diria «para seguires em frente». — A expressão dela torna-se séria. — Por outras palavras, podes continuar a lamuriar-te por causa do Sean durante o tempo que precisares. Prometo que não te vou julgar por isso.

A minha garganta comprime-se de emoção, mas eu lá consigo pronunciar uma palavra.

— Obrigada.

7

Dean

Mesmo tendo proferido aquela treta de que o passado é passado, é dolorosamente evidente que o meu antigo treinador quer infernizar a minha vida. O primeiro treino com o nosso novo coordenador de defesas acaba uma hora mais tarde, mas apenas para os defesas. Enquanto todos os outros se encaminham para o balneário para tomar banho, trocar de roupa e ir para casa, o O'Shea obriga os defesas a ficarem mais uma hora a treinar depois de anunciar que somos os piores jogadores de hóquei no gelo que ele alguma vez viu.

Quando finalmente nos larga, eu e os meus colegas de equipa saímos do rinque a reclamar e resmungar. Estamos a suar em bica, temos vapor de água a sair-nos dos capacetes e estamos de mau humor enquanto despimos o equipamento nos balneários, que agora se encontram vazios.

— Com que então, é um tipo decente? — pergunta o Logan com sarcasmo, repetindo a descrição que eu fizera no dia anterior.

— Ele só quis mostrar que a pila dele é maior do que a nossa — murmuro. — Provavelmente é a forma de ele tentar ganhar o nosso respeito.

Não, é a forma de me castigar por ter magoado a filha dele, mas guardo isso para mim. Não porque o O'Shea me tenha proibido de discutir esse assunto com os meus colegas de equipa, mas porque preferia não pensar em tudo o que aconteceu com a Miranda.

Por mais irónico que pareça, a minha relação com a Miranda O'Shea não afetou apenas a minha vida no secundário, afetou-a também na faculdade. É por causa da Miranda que agora deixo bem claras as minhas intenções — ou a falta delas — antes de me enrolar com uma rapariga. Eu também achava que tinha deixado as coisas claras na altura, mas nitidamente não me expressei tão bem quanto devia. Hoje em dia faço questão de pôr tudo em pratos limpos com as mulheres, antes que as suas cabeças se encham de fantasias sobre finais felizes.

— Vais preparar alguma coisa para o jantar? — pergunta o Logan a caminho dos chuveiros. — A Grace vai comprar comida chinesa na cidade e vem ter comigo a casa. Acho que vai trazer comida suficiente para todos.

— Ah, obrigado pelo convite, mas vou beber uns copos com o Maxwell. Não sei quando estarei em casa.

A conversa termina quando entramos para os chuveiros individuais. Ainda nem tinha acabado de lavar os tomates quando o Logan desliga a água. Credo. O gajo acabou de tomar banho como se alguém lhe tivesse oferecido um milhão de dólares se ele conseguisse lavar-se em menos de trinta segundos.

— Até logo — diz ele, e depois enrola uma toalha à cintura e sai da zona de chuveiro.

Eu sei que ele está ansioso por ver a Grace e, por algum motivo, isso provoca-me uma sensação estranha no peito. Não é bem inveja. Não é bem ressentimento. Desapontamento, talvez?

Eu percebo. Os meus melhores amigos estão apaixonados. Preferem enroscar-se e andar aos beijos com as namoradas em vez de passar tempo com os amigos, e eu não estou nem um pouco chateado com eles por isso. A questão é que parece o início do nosso fim.

Depois de o meu irmão mais velho ter terminado o curso em Harvard, ele perdeu o contacto com os amigos de faculdade no espaço de meses. Os colegas de equipa por quem ele há uns tempos daria a vida? Já quase não fala com eles. Os amigos do curso de Direito? Trocam um e-mail por mês, no máximo.

Eu compreendo que os amigos se afastem depois da faculdade. As pessoas casam-se. Seguem com a vida. Fazem novos amigos ou arranjam outros interesses. Mas odeio a ideia de não ter o Garrett ou o Logan ou o Tuck na

minha vida. Também odeio esta parte cínica do meu cérebro que aponta para essa inevitabilidade.

Para o ano estarei na Faculdade de Direito. Mal terei tempo para dormir, quanto mais para ver os meus amigos. O mais provável é o Garrett ir viver para outra cidade, para jogar na NHL. E o Logan também, se as coisas correrem bem com os Providence Bruins, a equipa que já mostrou interesse em assinar contrato com ele depois de ele concluir o curso. É só uma questão de tempo até ser chamado para uma equipa profissional e mudar de cidade também. E quem sabe o que o Tucker pretende fazer quando terminar a faculdade. Talvez regresse ao Texas.

Merda. Porque me sinto tão filosófico esta noite? Talvez seja porque não faço sexo há três dias. Infelizmente, é muito tempo para mim, e os meus tomates não gostam. E eu culpo a Allie por isso, claro está.

— Dean!

Ouço uma voz familiar a chamar-me quando saio do pavilhão. Vejo a Kelly a estugar o passo na minha direção, como se tivesse acabado de sair das páginas de um catálogo de roupas da Nova Inglaterra. Traz um cachecol vermelho grosso à volta do pescoço, um par de botas de pele castanhas e um sobretudo comprido cinzento. Tem o cabelo loiro preso num rabo de cavalo com madeixas compridas a emoldurar-lhe o rosto.

É podre de boa, mas, para ser sincero, não voltei a pensar nela ou na Michelle depois de ter dormido com a Allie. Mesmo assim, não me sinto culpado por não lhe ter ligado, nem lhe ter enviado uma mensagem, e a Kelly não me repreende por isso quando me recebe com um abraço caloroso. Foi como eu disse, as miúdas sabem com o que contar comigo. E, por mais irónico que seja, quando a Kelly e a Michelle se meteram comigo no Malone's, elas deixaram claro que não queriam compromissos antes de eu ter sequer aberto a boca. Disseram-me logo que só me queriam para uma queca, e eu não me importei minimamente.

— Tiveste um bom fim de semana? — pergunta ela.

Encolho os ombros.

— Podia ter sido melhor. — Se uma certa pessoa não estivesse sempre a dar-me uma tampa.

— Ah, isso não é bom — responde ela com um sorriso. — Mas sei de uma coisa que te vai animar. A minha melhor amiga do secundário está na cidade. Falei-lhe de ti e ela adorava conhecer-te. Ela vai ficar comigo e com a Michelle…

É impossível não interpretar bem o convite.

— Ah… bem… — Não sei bem como responder àquilo.

— Oh, e a Michelle também alinha… — A Kelly pisca-me o olho. — Dizem que três é o número mágico, mas eu acho que quatro é ainda melhor.

Espero que o meu pénis responda. Merda, eu *ordeno-lhe* que responda. Uma pequena ereção, um formigueiro nos testículos, um estremecimento. *Qualquer coisa*, raios! Mas não se passa nada na região sul. É como se o meu equipamento tivesse deixado de funcionar.

Vá lá, Pequeno Dean, ajuda-me, imploro-lhe em silêncio. *Estamos a falar de quatro pessoas.*

Continua flácido. Pelos vistos, o Pequeno Dean não vai colaborar, a não ser que lhe dê o que ele quer. E o que ele quer, infelizmente, não é a Kelly, nem a Michelle, nem a melhor amiga da Kelly.

É a Allie Hayes.

— Isso parece… fantástico. A sério. Mas vou ter de passar. Combinei ir beber uns copos com um amigo esta noite — digo, num tom pesaroso.

— Alguém que eu conheça?

— Hum, talvez. O Beau Maxwell. Ele é…

— O *quarterback* da nossa equipa de futebol americano — conclui ela. Os seus olhos adquirem um brilho sedutor. — Convida-o para vir. Cinco podem ser tão divertidos como quatro…

Oh, que caraças!

Eu quero ficar excitado. Eu *rezo* para que isso aconteça. Mas o Pequeno Dean não está para aí virado.

Quando a frustração forma uma bola no meu estômago, murmuro outra desculpa, peço para ficar para outra vez e depois dirijo-me ao carro, amaldiçoando o meu pénis o tempo todo.

Vinte minutos depois, sento-me na mesa do fundo do Malone's.

— Desculpa o atraso — digo ao Beau. — O treino durou mais uma hora.

O *quarterback* da Briar encolhe os ombros grandes.

— Não te preocupes. Cheguei aqui há uns minutos. — Para meu alívio, ele mal bebeu o copo de cerveja que tem à sua frente.

Quando dispo o meu blusão de hóquei e o atiro para o meu lado no banco, uma empregada morena e gira aproxima-se para recolher o nosso pedido.

— Então, o que tens andado a fazer? — pergunta o Beau depois de ela se ir embora. — Não te vejo desde o final da época de exames.

— Eu sei, meu. O nosso calendário de treinos tem sido brutal. Perdemos todos os jogos da pré-época e o treinador Jensen anda completamente passado.

— Que merda. O Deluca também anda passado — admite ele, referindo-se ao treinador principal. — Não temos hipótese de chegar aos *play-offs*. Até me admirava se chegássemos a competir num jogo da Liga. — O rosto dele está mais sombrio do que alguma vez o vi, mas não há muito que lhe possa dizer para o tranquilizar.

A equipa de futebol americano já sofreu três derrotas. Se sofressem só uma ou duas, talvez conseguissem recuperar. Mas três derrotas acabam com as hipóteses de se classificarem esta temporada.

Os olhos azuis do Beau ficam mais escuros quando ele bebe um gole demorado e engole quase metade do copo de cerveja. Eu compreendo a frustração dele. Eu sei o que é ser um jogador acima da média numa equipa abaixo da média. É claro que a temporada de hóquei ainda agora começou e os jogos da pré-época não contam para a média, mas as táticas de jogo ineficazes e os treinos merdosos não são favoráveis para a próxima temporada.

Por outro lado, vencemos três vezes o campeonato nacional, por isso não vou passar as noites a chorar na almofada se não nos classificarmos para os *play-offs* este ano. Se calhar estamos condenados a ter uma má época. Talvez seja a forma de os deuses do hóquei nos manterem humildes.

Mas a situação do Beau é diferente. A Briar recrutou-o enquanto ele andava no secundário e ele espantou toda a gente no primeiro ano. Os treinadores

chegaram mesmo a colocar o *quarterback* sénior no banco e a substituí-lo pelo Beau, que era um iniciante. Ele liderou a equipa numa temporada sem derrotas e conduziu-os ao jogo da decisão do campeonato. Perderam-no, mas levar a Briar aos *play-offs* após mais de uma década foi uma grande conquista.

No ano seguinte, a equipa foi de mal a pior. Quase todos os bons jogadores da equipa concluíram o curso ou trocaram de equipa, deixando o Beau com uma linha ofensiva fraca e com defesas ainda mais fracos. A equipa tem sofrido derrotas desde então, o que, de um modo geral, é desencorajador, mas ainda mais porque o Beau é um *quarterback* incrivelmente talentoso. Infelizmente, ele não dispõe das armas necessárias para conseguir uma vitória.

— Tinhas a oportunidade de pedir transferência no segundo ano de faculdade — lembro-lhe. — A LSU andava ansiosa por te cravar o dente.

Ele fez uma careta.

— E abandonava a minha equipa? Que tipo de crápula faz uma coisa dessas?

Um crápula que quer jogar na NFL, apetece-me dizer, mas impeço-me de fazer o comentário. Graças ao desempenho recente da equipa de futebol americano, as hipóteses de o Beau progredir — ou ser escolhido por uma equipa — são muito escassas. Mas diria que a lealdade dele à Briar é admirável. Diz muito sobre o seu caráter, isso é certo.

— Muda de assunto — ordena o Beau. — Agora, antes que eu comece a chorar para cima da cerveja.

Como se adivinhasse, a empregada regressa à mesa para me entregar a *Coors Light*. Pedi garrafa em vez de copo, e ela faz um espetáculo a tirar a carica e baixa-se tanto para me entregar a garrafa que eu consigo ver perfeitamente o seu decote.

— Digam-me se precisarem de mais alguma coisa — diz ela. — Estou por perto.

Ficamos a admirar-lhe o rabo quando se vira. Nem sequer me sinto um tarado por causa disso, porque ela praticamente está a convidar-nos a olhar quando começa a bambolear o rabo redondo e as ancas enquanto caminha. A camisola preta curta dela faz-me lembrar o outro rabo jeitoso que eu vi este fim de

semana. Um rabo que o Beau, apesar dos meus inúmeros avisos, conhece bem.

— Vi a Sabrina no Malone's na sexta-feira — digo-lhe.

Ele desvia o olhar da empregada.

— Ah, sim?

Aceno com a cabeça.

— Continuas a sair com ela? — E por sair, refiro-me a sexo sem compromisso, porque eu e o Beau somos farinha do mesmo saco. Ele também não quer um relacionamento.

— Não. As coisas arrefeceram — admite ele. — Ela anda demasiado ocupada.

— Ocupada a fazer o quê? — Pelo que sei, a Sabrina nem sequer tem emprego.

— Não faço ideia. Ela vive em Boston, por isso deve ter que ver com a viagem. Mas chegou ao ponto em que ela só estava comigo uma vez, talvez duas vezes por mês? E depois desaparece aos fins de semana. *Puf,* simplesmente desaparece. — Encolhe os ombros. — Pensei que ela estava a fazer-se de difícil, mas agora acho mesmo que ela vive uma vida dupla. — Ele faz uma pausa. — Achas que pode ser uma agente da CIA?

Penso nas palavras dele.

— Falta de consciência, coração negro… sim, faz sentido.

Ele ri-se.

— Oh, vai gozar com outro. Ela é uma miúda fixe, mesmo sendo impossível de ler.

— Se por «miúda fixe» queres dizer «cabra que fala mal de todos», então, sim. — É a minha vez de mudar de assunto. — O Justin veio cá a semana passada e disse que há um caloiro na equipa que é capaz de ter talento. É verdade?

O Beau confirma com um aceno de cabeça.

— O Johnson. É rápido, mas continua a ter dificuldade em conseguir manter a posse de bola.

Conversamos sobre as respetivas equipas durante os dez minutos que se seguem. Eu jogo hóquei no gelo e o Beau é uma estrela do futebol americano, mas somos fãs do desporto um do outro, por isso a conversa flui naturalmente entre nós. Depois de pedirmos a segunda rodada de cervejas, retomamos o

assunto das miúdas e eu conto ao Beau a proposta que a Kelly me fez no pavilhão.

— Mas que raio, meu? Recusaste uma *orgia*? Uma orgia para a qual fui convidado? — Ele abana a cabeça na minha direção. — Estás com gripe ou algo do género?

Passo os dedos pelo gargalo da garrafa de cerveja.

— Não. Simplesmente não estava para aí virado.

— Não estavas virado para uma orgia. — O seu tom de voz está carregado de incredulidade. — Quem és tu e que diabo fizeste com o meu amigo Dean?

Solto um grunhido.

— Não sei. Estou lixado, meu. Enrolei-me com uma rapariga na outra noite e agora não consigo tirá-la da cabeça.

— Estás a gozar com a minha cara.

— Não. É a mais pura das verdades.

O Beau continua a olhar para mim de boca aberta.

— Achas que *isto* me agrada? — digo eu, defensivo. — Confia em mim, não preciso desta dor de cabeça na minha vida. — Engulo um gole de cerveja. — Conheces o *Crepúsculo*?

Ele pestaneja.

— Desculpa?

— O *Crepúsculo*. O livro dos vampiros.

Ele sonda-me o rosto com um olhar cauteloso.

— O que é que tem?

— Então, sabes que o sangue da Bella é muito especial? E que dá um tesão incontrolável ao Edward sempre que ele está perto dela?

— Estás a gozar com a minha cara?

Ignoro o comentário.

— Achas que isso acontece na vida real? As feromonas e tudo o mais. É alguma teoria mirabolante que um gajo qualquer com tesão inventou para justificar o motivo pelo qual se sente atraído pela mãe ou algo do género? Ou existe mesmo um motivo biológico que justifique que nos sintamos atraídos por

uma determinada pessoa? Como na porcaria do *Crepúsculo*. O Edward deseja-a a um nível biológico, certo?

— Estás mesmo a explicar-me o *Crepúsculo*?

Estou mesmo. Foi a isso que a Allie me reduziu. A um falhado triste e patético que vai a um bar e obriga o amigo a participar no clube de leitura do *Crepúsculo*.

— Não sei se goze contigo ou se te encaminhe para um psiquiatra — diz o Beau, solenemente. — Nunca conheci um gajo que tenha lido esse livro.

— Não o li. A minha irmã andava obcecada com esses livros quando eles saíram. Ela costumava seguir-me pela casa a oferecer-se para me ler passagens contra a minha vontade.

— Hã-hã. Claro que sim. Atira as culpas para a tua irmã. — O Beau solta uma gargalhada e depois fica novamente sério. — Com que então sentes tesão por esta miúda. Porque não vais simplesmente com ela para a cama outra vez?

— Porque ela não quer dormir comigo outra vez — respondo, com os dentes cerrados.

— Impossível. Todas as miúdas querem dormir contigo.

— Eu também pensava que sim. — Levo a garrafa aos lábios. — Então, o que devo fazer?

O Beau encolhe os ombros.

— Esquece-a. Sai com outra pessoa. — Aponta para o bar. — Este bar está cheio de mulheres que venderiam o primogénito para ir para casa contigo. Escolhe uma e faz sexo para esqueceres essa miúda.

— O meu pénis não me deixa — murmuro.

O Beau ri-se.

— Podes repetir, por favor?

— O meu pénis está a fazer-se de difícil — explico, num tom irritado. — Tentei bater uma enquanto via pornografia ontem à noite e juro por Deus que esta porcaria não ficava dura. E depois basta-me pensar na All… nesta rapariga — corrijo, porque prometi à Allie que não contaria a ninguém sobre a noite que passámos juntos — e *pumba* — estalo os dedos —, fica duro como uma pedra.

O Beau olha para mim, pensativo.

— Sabes, acho que não estamos a lidar com uma situação que se assemelhe ao sangue mágico da Bella.

— Não?

— Não. Acho que a vagina desta miúda ficou gravada no teu cérebro.

Ouço uma tosse abafada atrás de mim e viro-me a tempo de ver a empregada a passar pela nossa mesa. Tem as bochechas coradas e os lábios a tremer, como se tentasse conter uma gargalhada.

Viro-me para o Beau.

— Como assim?

— Estás a enfrentar o problema do Jacob. Ficaste com a vagina dela gravada e agora é a única na qual consegues pensar. Existes apenas em função *dessa* vagina. Como o Jacob e aquele bebé mutante esquisito.

— Seu idiota. Tu leste os livros.

— Não — protesta o Beau, e depois lança um sorriso acanhado. — Vi os filmes.

Decido picá-lo mais tarde, porque agora tenho assuntos mais importantes a tratar.

— Então, qual é a cura, Dr. Maxwell? Dar quecas a torto e a direito e esperar que a imagem desapareça do meu cérebro? Ou continuar a lançar charme e esperar vencê-la pelo cansaço?

O meu amigo solta um ronco ruidoso.

— E como é que eu hei de saber? — Ele levanta o copo. — Estou bêbedo, meu. Ninguém me deve dar ouvidos quando estou bêbedo. — Ergue o copo e faz sinal à empregada para lhe trazer outro. — Nem sequer me deviam dar ouvidos quando estou *sóbrio*.

8

Dean

O segundo jogo da época é um autêntico desastre. Não. Risquem o que eu disse. É um autêntico banho de sangue.

Ninguém abre a boca quando entramos no balneário, e a humilhação da derrota segue as nossas passadas como um rasto de alcatrão. Mais valia termos baixado as calças, espetado os rabos ao léu e pedido à outra equipa que nos desse uns açoites. Demos-lhe a vitória, porra! Não, fizemos-lhe a *papinha* toda.

Enquanto dispo a camisola, revivo mentalmente cada segundo do jogo. Cada erro que cometemos esta noite está gravado na minha memória como se me tivessem marcado com um ferrete. Perder é uma porcaria. Perder em casa é ainda pior.

Vai haver muitos fãs dececionados esta noite no Malone's. Não anseio por vê-los, e sei que os meus colegas de equipa estão igualmente chateados. O mais chateado é o Hunter, que se apressa a despir o equipamento como se estivesse coberto de formigas-mordedoras.

— Fizeste bons remates esta noite — digo-lhe, e é verdade. Não marcámos golos no jogo, mas não foi por falta de tentativa. Jogámos bem. Simplesmente a outra equipa jogou melhor.

— Teria sido bom se um deles tivesse entrado — murmura ele.

Contenho um suspiro.

— O guarda-redes deles esteve impecável esta noite. Nem sequer o G conseguiu marcar golo.

O Garrett aproveita para se aproximar do cacifo e rapidamente conforta o caloiro dececionado.

— Não te preocupes, puto. Vai haver muitos mais jogos de hóquei esta temporada. Nós recuperamos.

— Sim, claro. — O Hunter não parece convencido. Não podemos continuar a moralizá-lo, porque o treinador Jensen entra no balneário, seguido pelo Frank O'Shea.

O treinador não perde tempo a fazer uma das suas breves palestras pós-jogo. Como de costume, parece que tem o discurso ensaiado.

— Perdemos. É uma merda. Mas não se deixem afetar. Isso significa apenas que temos de trabalhar com mais afinco nos treinos e jogar ainda melhor no próximo jogo. — Ele acena com a cabeça na direção de todos e depois sai pela porta.

Eu diria que ele estava irritado connosco, se não pelo facto de os discursos de vitória dele serem mais ou menos iguais: «*Vencemos. É ótimo. Mas não deixem que isso vos suba à cabeça. Temos de trabalhar com o mesmo afinco nos treinos e vencer mais jogos.*» Se algum dos nossos caloiros estava à espera de que o treinador fizesse um discurso épico motivacional, tipo o Kurt Russell no filme *Miracle*, teve uma grande desilusão.

O O'Shea permanece na sala. Os meus ombros ficam instintivamente tensos quando ele avança na minha direção, mas fico admirado quando ele diz:

— Fizeste uma boa cobertura na zona de defesa esta noite. E fizeste um bloqueio sólido no segundo tempo.

— Obrigado. — Continuo desconfiado do elogio inesperado, mas logo a seguir ele começa a elogiar o Logan por ter intercetado um golo no terceiro tempo, quando tínhamos um homem a menos.

Atiro o equipamento para dentro de um dos enormes caixotes de roupa suja e encaminho-me para os chuveiros para lavar o cheiro a derrota do meu corpo. Odeio perder, mas não me deixo lamuriar mais do que dez minutos. O meu pai

ensinou-me esse truque aos 8 anos, depois de uma derrota particularmente desmoralizante no lacrosse.

— Tens dez minutos — disse-me ele. — Dez minutos para pensares no que fizeste de errado e em como te sentes mal neste momento. Estás pronto?

Ele chegou mesmo a clicar num botão do cronómetro e a contar o tempo e, durante esses dez minutos, eu permiti-me chorar e reviver a humilhação. Lembrei-me dos erros que tinha cometido em campo e corrigi-os na minha cabeça. Imaginei-me a dar um murro na boca de todos os jogadores da outra equipa. E depois o meu pai disse-me que o meu tempo tinha acabado.

— Pronto. Já acabou — disse ele. — Agora tens de olhar em frente e decidir como é que vais ser melhor.

Adoro o meu pai.

Quando saio do chuveiro, a amargura da derrota desta noite já se desvaneceu e ficou guardada no meu arquivo interno num dossiê chamado Merdas Tristes.

Acho que o Garrett usa o mesmo sistema, porque está muito mais alegre quando nos encontramos com a Hannah no parque de estacionamento. Ele envolve-a nos braços e dá-lhe um beijo nos lábios.

— Olá, amor.

— Olá. — Ela aconchega-se nele. — Está a ficar tanto frio! Não me admirava se começasse a nevar agora mesmo.

Ela tem uma certa razão. Está um frio de rachar e sempre que respiramos sai-nos uma nuvem branca da boca.

— Vamos para o bar ou para casa? — pergunta o Logan, quando se junta a nós.

— Para o bar — responde o Garrett. — Não me apetece ter convidados em casa esta noite. E tu?

Depois de um jogo, costumamos ir para o Malone's ou convidar os nossos colegas de equipa e amigos para vir a nossa casa, mas é notório que nenhum de nós quer ser anfitrião esta noite.

— O bar — repete o Logan, e eu anuo.

— Estamos à espera do Tucker? — Procuro no parque de estacionamento, mas não vejo o nosso colega de casa em lado nenhum. — E a Grace?

— O Tuck já se foi embora com o Fitzy — responde o Logan. — E a Grace não vem esta noite. Está a trabalhar na rádio.

Faço-me de desentendido e olho para a Hannah.

— E a tua cara-metade?

— Estou aqui — responde o Garrett, com presunção.

— Estava a referir-me à tua outra cara-metade. — Lanço um sorriso à Hannah. — A loirinha dramática com quem costumas estar?

— Não lhe apetecia sair esta noite. Está demasiado ocupada a deprimir.

— A deprimir porquê? — Mas eu já sabia a resposta. Claro que era por causa do ex-namorado.

A Hannah confirma-me os pensamentos.

— O Sean. Ele ligou-lhe de manhã e não sei o que ele lhe disse, mas ela ficou muito calada depois disso e desde então que anda em baixo. Eu teria ficado em casa hoje, mas não queria perder o jogo.

O Garrett baixa-se para lhe dar um beijo na face rosada pelo frio.

— Ainda bem que vieste. Nós só temos a agradecer o teu apoio, amor.

— Estou tão chateada por terem perdido — diz ela, mas eu estou mais preocupado com a ideia de a Allie passar a noite sozinha na residência a deprimir. Provavelmente está a comer uma embalagem de *Ben & Jerry's* neste momento e a ouvir os Mumford & Sons.

— Não será melhor ires para casa fazer-lhe tranças no cabelo ou algo do género? — pergunto à Hannah. — É isso que as amigas fazem para dar apoio moral umas às outras, não é?

— Sim, Dean, é mesmo isso que fazemos. Tranças no cabelo, seguidas de lutas de almofadas todas nuas e depois sessões de marmelada.

— Posso ir? — perguntamos eu e o Logan em uníssono.

— Isso queriam vocês. E não, ainda não vou para casa. Enviei uma mensagem à Allie durante o terceiro tempo e ela insiste que está bem. Está a beber *margaritas* e a assistir a um programa horrível. Do *pior* que há, mesmo. Não ia para lá nem que me empurrassem.

— Que programa? — pergunta o Garrett, curioso.

— Do pior que se faz em televisão. — É tudo o que ela diz, e todos se riem.

O Logan bate na capota do meu *Beemer*.

— Estamos prontos para ir?

Hesito.

— Por acaso, importavas-te de ir de boleia com o G e a Wellsy? Primeiro preciso de passar nuns sítios. Encontro-me convosco lá.

— Claro que não — diz ele. Ele afasta-se do meu carro e dirige-se ao jipe do Garrett.

Sento-me no lugar do condutor e ligo o motor, mas depois fico a aguardar que o jipe desapareça antes de sair do meu lugar de estacionamento. Só preciso de fazer uma paragem e não quero que os meus amigos saibam onde.

Allie

Quando ouço alguém a bater à porta, o meu primeiro pensamento é que o Sean está à porta. Depois rezo para que não seja ele, porque depois da conversa bizarra e perturbadora que tivemos esta manhã, não estou preparada para o ver.

«Eu perdoo-te».

Ele proferiu aquelas duas palavras assim que atendi o telefone. Já eu tive de me controlar para não lhe dar uma resposta desagradável, porque aceitar o perdão dele significaria que eu tinha feito algo de errado ao dormir com outra pessoa, e não foi esse o caso. Eu não o traí. Não lhe menti. Sim, não me orgulho de ter feito sexo com o Dean pouco tempo depois de romper com o Sean, mas não sou a primeira rapariga a fazer sexo para esquecer uma separação, e certamente não serei a última.

Mesmo assim, apesar do ressentimento que aquele «perdão» tinha desencadeado, uma parte de mim sentia-se aliviada por ouvi-lo. Sabe Deus que eu andava a sentir-me culpada por ter passado a noite com o Dean, por isso talvez estivesse mesmo à procura de absolvição quando confessei o meu pecado ao Sean na outra noite.

O que não significa que esteja preparada para o encarar. Ele perguntou se podíamos tomar café, afirmando que tinha mais coisas que precisava de dizer,

mas que não queria dizê-las por telefone. Eu disse-lhe que iria pensar nisso. Agora que tenho alguém a bater-me à porta, espero mesmo que ele não esteja a forçar-me a decidir.

Preparo-me para um confronto e abro a porta. Mas não é o Sean. É o Dean.

— Olá, boneca. — Ele esboça um sorriso e entra em minha casa. — A Wellsy disse que tinhas ficado a deprimir, por isso decidi passar por cá para te animar.

— Não estou a deprimir — resmungo.

— Ainda melhor. Assim poupas-me o trabalho. — Ele puxa o fecho do casaco e atira-o para o braço do sofá. Depois despe a camisola, ficando apenas de calças de ganga gastas.

Fico a olhar para ele, incrédula.

— Acabaste mesmo de despir a camisola?

— Sim. Não gosto de camisolas.

Ele não gosta de camisolas.

Este tipo… raios, nem sei o que pensar dele.

Ele vira-se para o sofá, e a forma como o seu rabo firme se move por baixo da ganga justa recorda-me a firmeza que eu senti quando o apertei. Depois, deita o corpo longo nas almofadas do sofá, e o material dele provoca uma saliência sobre a ganga, o que me faz lembrar de quando fiquei com água na boca quando estava preenchida pelo pénis do Dean.

«Oh, sim, chupa-o, miúda. Chupa-o como se fosse teu.»

A ordem ecoa na minha cabeça. Começo a sentir um formigueiro nos lábios, porque, raios, eu *chupei-o* bem. Chupei-o como se fosse um chupa-chupa e um cone de gelado e todos os outros doces que possamos imaginar, todos enrolados num pénis duro.

Bolas. Tenho a certeza de que estou a corar quando o Dean me pisca o olho. Saberá ele que eu estou a lembrar-me do momento em que lhe fiz sexo oral?

Mas o que é que eu estou para aqui a dizer? Claro que sabe. Um tipo como o Dean deve partir do princípio de que todas as mulheres passam o tempo todo a pensar em fazer-lhe sexo oral.

Ele estica um braço sobre a parte de trás do sofá e chama-me com o outro.

— Vais sentar-te ou quê?

— Prefiro ficar de pé. Obrigada.

— Oh, vá lá. Eu não mordo.

— Mordes, sim.

Os olhos verdes dele cintilam.

— Tens razão. Eu mordo.

Ele parece demasiado confortável, ali sentado no meu sofá. Parece um Adónis loiro com o peito dourado e os músculos esculpidos e o rosto perfeitamente cinzelado. Se não tiver sucesso no hóquei, pode pensar em tornar-se modelo. O Dean Di Laurentis transborda sensualidade. Ele podia ter a cara estampada no rótulo de um laxante e mesmo assim qualquer mulher do mundo rezaria para ter prisão de ventre só para ter uma desculpa para o comprar.

— A sério, Allie-Gata, senta-te. Começas a fazer-me sentir indesejado.

— Bem-vindo é que não és — abespinho-me. — Estava a ter uma ótima noite até tu teres aparecido.

Parece que ficou magoado, mas não sei se é genuíno ou se está a fingir. Aposto que está a fingir.

— Não gostas mesmo de mim, pois não?

Sinto-me culpada. Bolas. Talvez seja *mesmo* genuíno.

— Não é nada disso. Eu gosto de ti. Mas não estava a gozar quando disse que não gosto de sexo sem compromisso, está bem? Sempre que penso no que fizemos neste fim de semana, sinto-me…

— Excitada? — É o palpite dele.

Sim.

— Uma galdéria.

Não contava com o brilho de irritação que vislumbro nos olhos dele.

— Queres um conselho, linda? Apaga essa palavra do teu vocabulário.

De repente, sinto-me novamente culpada, mas não sei bem porquê. De forma relutante, sento-me ao lado dele no sofá, mantendo alguma distância entre nós.

— Estou a falar a sério — prossegue ele. — Para de pensar em ti como uma galdéria. E esquece a palavra «galdéria». As pessoas devem poder fazer sexo sempre que quiserem, quantas vezes quiserem, com quantos parceiros quiserem, sem levar com um rótulo terrível.

Ele tem razão, mas…

— O rótulo existe, quer queiramos, quer não — comento.

— Sim, e foi criado por pudicos e por cretinos que gostam de julgar os outros e por sacanas invejosos que gostavam de dar uma queca regularmente, mas não dão. — O Dean abana a cabeça. — Tens de parar de pensar que aquilo que fizemos foi errado. Divertimo-nos. Fizemos sexo seguro. Não magoámos ninguém. Ninguém tem nada que ver com o que tu ou outra pessoa qualquer faz na privacidade do seu quarto, está bem?

Por mais estranho que pareça, as palavras dele conseguem aliviar parte da vergonha que estava presa dentro de mim desde a noite de sexta-feira. Mas nem toda.

— Contei ao Sean — confesso.

O Dean franze o sobrolho.

— Não lhe falei de ti — acrescento rapidamente. — Só lhe disse que fiz sexo com outra pessoa.

— Porque é que foste fazer isso?

— Não sei — gemo. — Senti que ele merecia saber a verdade, mas isso é uma loucura, certo? Quer dizer, nós acabámos. — Deixo escapar outro gemido, desta vez mais angustiado do que o primeiro. — Mas namorámos durante tanto tempo que me habituei a contar-lhe tudo.

O Dean esfrega abstraidamente a almofada atrás da minha cabeça. O movimento direciona o meu olhar para os bíceps dele, os deliciosos músculos fletidos após anos de atividade física.

— Sê sincera — diz ele, por fim. — Queres voltar para ele?

Abano lentamente a cabeça.

— Tens a certeza?

— Tenho. — Penso nas discussões intermináveis que tive com o Sean desde o verão e sinto-me ainda mais confiante da minha decisão de terminar. Todos os comentários mesquinhos que ele me dirigiu… a fazer troça dos meus sonhos… a fazer-me ultimatos sobre o futuro…

O Sean talvez me tenha perdoado por aquilo que fiz depois do nosso rompimento, mas agora sou eu que não sei se o perdoei *a ele* por aquilo que ele

fez antes disso.

— Deixámos de ser a pessoa certa um para o outro. — Engulo a dor que sinto na garganta. — Se fosse possível continuarmos na faculdade para sempre, então, sim, provavelmente eu e o Sean ainda estaríamos juntos. Mas está na altura de crescermos, e queremos coisas completamente diferentes para o futuro. Ou pelo menos eu acho que queremos. Esta separação está a mexer-me com a cabeça. Já nem sei o que pensar.

— Esse é o teu problema. Pensas demasiado.

Não consigo deixar de soltar uma gargalhada.

— É esse o teu conselho? Parar de pensar?

— Parar de ficar obcecada com isso. — O Dean encolhe os ombros. — Terminaste com ele por um motivo. Um bom motivo, se queres saber a minha opinião. E agora tens de manter a tua decisão. Para de falar com ele e para de te questionar a ti própria.

— Tens razão — digo com relutância.

— É claro que tenho. Tenho sempre razão. — Com um sorriso arrogante, ele aproxima-se mais de mim e pousa uma mão grande sobre o meu joelho. — Pronto, eis o plano para esta noite. Primeiro, damos uma queca para descontrairmos, e depois mandamos vir uma pizza para repormos a energia, e, depois disso, passamos para a segunda ronda. Parece-te bem?

Sinto a irritação aumentar dentro de mim. Sempre que penso que o Dean é mais do que um engatatão obcecado por sexo, ele prova-me o contrário. Isto é, ele prova que eu tenho *razão*.

— Alguma vez pensaste em consultar um psiquiatra por causa das tuas alucinações? — pergunto educadamente. — Porque, meu querido, nunca na vida vamos dar uma queca esta noite.

— Está bem. Então e se fizermos sexo oral?

— E se te fosses embora?

— Contraproposta. Eu fico e roçamo-nos um no outro.

Meu Deus, este tipo não tem emenda.

— Contraproposta. Podes ficar, mas não podes falar.

Ele contrapõe com:

— Eu fico, posso falar, mas não me atiro a ti.

Penso na proposta dele.

— Podes ficar, não te podes atirar a mim e tens de ver o programa que eu quero sem te queixar.

O rosto dele abre-se num sorriso largo.

— Aceito os teus termos, madame.

9

Allie

— Então o que vamos ver? — O senhor Não-Gosto-De-Camisolas olha para o ecrã da televisão. Está em pausa nos créditos de abertura do episódio que eu estava prestes a ver antes de o Dean ter aparecido.

— *Solange* — respondo.

Ele franze o nariz.

— O que é *Solange*?

— É uma novela francesa que ando a ver para aprender a língua.

O Dean ri-se.

— Sabes que há um departamento de língua francesa na faculdade, certo? E que há aulas que podes frequentar?

— Sim, onde tudo o que tu fazes é conjugar verbos e aprender a pedir indicações e a perguntar onde fica a casa de banho. Eu gosto de mergulhar na língua. Se ouvir pessoas a falar francês durante bastante tempo, vou aprender muito mais rápido.

Ele arqueia as sobrancelhas.

— Como está a correr?

— Mais ou menos. — Ele ri-se outra vez. — Mas ainda vou na primeira temporada — protesto. — De certeza que daqui a algumas temporadas já serei

fluente.

O Dean olha para o ecrã e depois novamente para mim. Consigo perceber que ele está a tentar decidir se cometeu um erro crasso ao ter vindo cá esta noite. Mas ele surpreende-me ao dizer:

— Está certo. Põe-me a par do que se passa. De que trata esta série?

— Estás a falar a sério?

— Tão sério como um ataque cardíaco.

— Mesmo? — Lanço-lhe um sorriso, porque é a primeira vez que alguém se oferece para assistir a esta série comigo. As minhas amigas recusam-se, se bem que, em defesa da Hannah, ela conseguiu ver o episódio-piloto até ao fim. Depois desse episódio, informou-me que preferia que os corvos lhe arrancassem os olhos do que ver o episódio seguinte. Para ser sincera, não a censuro. Não é uma boa série. Eu sei disso. Mas o que começou por ser um exercício de língua acabou por tornar-se um vício. E agora tem o efeito do *crack* em mim.

— Pronto, aquela é a Solange. — Carrego em reproduzir e uma ruiva lindíssima com mamas enormes e uma cintura minúscula aparece no ecrã.

— Ah — diz ele. — É *uma má da* fita?

— Só usaste essa palavra para fazer o trocadilho com «mamada».

— Claro. Adoro uma boa mamada.

Suspiro.

— Enfim, a Solange namora com o Sebastian…

— Sebastian? É o meu nome do meio. — Ele faz uma pausa. — Bem, um deles — corrige ele.

Arqueio a sobrancelha.

— Quantos nomes do meio tens?

— Dois. O meu nome completo é Dean Sebastian Kendrick Heyward-Di Laurentis.

Abano a cabeça, consternada.

— Qual foi a ideia dos teus pais? Porque é que te deram tantos nomes? *Queriam* que gozassem contigo na escola?

Ele ri-se com o meu comentário.

— Confia em mim, não é nada, comparado com alguns dos miúdos da minha escola básica. Havia um rapaz na minha equipa de lacrosse que tinha seis nomes do meio.

— Então, estás a dizer que isso é coisa de rico? Encher a certidão de nascimento do filho com muitos nomes desnecessários?

— Não. Os pais costumam fazê-lo para honrar os nomes dos avôs ou de outros familiares ricos. — Encolhe os ombros. — Sebastian é o meu avô paterno. Kendrick é o meu avô materno.

Admito que faz algum sentido. Mas, caramba, o nome completo dele nunca mais acaba.

Quando há uma coisa que me chama a atenção, eu aponto rapidamente para o ecrã.

— Estás a ver aquele tipo ali ao canto? Aquele com bigode? É o Antoine. Ele persegue a Solange.

O Dean solta um suspiro trocista.

— A trama adensa-se!

Faço-lhe um pirete.

— *Mas*, no último episódio, descobrimos o motivo pelo qual ele anda a persegui-la, e não é porque quer pinocar.

— Pinocar?

— Tu sabes. Comê-la.

— Ah, certo. — Os lábios dele estremecem, como se estivesse a fazer um esforço para não se rir. — Então, porque é que ele a anda a perseguir?

— Porque a mãe dela *lhe pagou* para o fazer. — Baixo a voz e depois sinto-me uma idiota, porque a Solange não me consegue ouvir. — Oh, e ouve isto. No último episódio houve uma outra reviravolta enorme. A colega da Solange da agência de modelos… oh, ali está ela. — Uma loira deslumbrante aparece no ecrã e entra no restaurante, dirigindo-se depois à mesa da Solange. — Aquela é a mãe dela — informo o Dean. — A mãe da Solange está a fazer-se passar pela colega dela!

Ele franze o sobrolho.

— Como é que isso é possível? São da mesma idade.

— Não — digo eu, de modo emproado. — É aqui que entra a empresa de cosmética.

O Dean parece verdadeiramente perdido.

— Que empresa de cosmética?

— A *Beauté éternelle*. Procurei o significado e quer dizer «beleza eterna». Pertence à família da Solange. Oh, e o pai e o tio dela são cirurgiões plásticos famosos. A Solange julga que a mãe fugiu quando ela era criança. Quer dizer, a mãe dela fugiu *efetivamente*. Mas depois de o pai dela morrer, a Marie-Thérèse regressou à Riviera Francesa e chantageou o tio dela para ele lhe fazer uma cirurgia plástica, por isso ela agora parece uma pessoa completamente diferente. A Solange não faz ideia de que passou os últimos seis meses a trabalhar com a mãe.

— Allie. — O Dean inclina-se para a frente e olha-me de modo sombrio. — Esta série é uma parvoíce pegada.

— Eu sei — digo, num tom acanhado. — Mas é viciante. Confia em mim, basta veres um episódio desta série para ficares viciado.

— Desculpa, boneca, mas tenho quase a certeza de que isso não vai acontecer.

Dean

Aconteceu.

Deus me ajude, estou a gostar desta telenovela.

Vim cá esta noite com o único propósito de lançar o meu charme e convencer a Allie a fazer sexo comigo outra vez. Em vez disso, estou a beber uma *margarita*, acabei de ver duas horas de uma novela francesa e agora estou a enviar uma mensagem ao Logan a avisá-lo de que não vou ao Malone's. Porque… Deus me ajude… quero saber o que acontece a seguir.

A Marie-Thérèse e o Antoine enrolaram-se no último episódio, que terminou com uma Marie-Thérèse endoidecida a encostar um abre-cartas à garganta dele, quando não havia indícios anteriores de que ela tinha alguma quezília com o Antoine. Ou talvez houvesse e simplesmente não tivéssemos percebido porque

não falamos a porra do francês.

— Continuo sem perceber porque é que ela alimenta um ressentimento contra a Solange — admito, quando a Allie se debruça sobre a mesa de centro para encher as *margaritas*. O decote largo da camisola desvia-se para o lado, deixando-me ver um dos ombros e um pedaço do seu seio esquerdo.

Estou prestes a comentar que estou a gostar da vista sexy, mas depois repenso o meu comentário. Prometi que não me atirava a ela esta noite e, se quebrar essa promessa, ela é capaz de me expulsar antes de eu descobrir por que razão a Marie-Thérèse tentou matar o Antoine.

A Allie senta-se ao meu lado e eu regozijo-me mentalmente por não ter deixado uns metros de distância entre nós desta vez. Agora estamos a escassos centímetros um do outro, o que me indica que ela está a começar a habituar-se à minha presença.

— Não sei bem. Ainda não percebi a história que está por trás. Acho que tem alguma coisa que ver com o facto de o pai da Solange gostar mais da filha do que da mulher — diz a Allie. — Eles mostraram momentos do passado nos episódios anteriores que davam a entender que ele queria enrolar-se com a filha.

— Tarado.

Ela ri-se.

Ficamos em silêncio quando o episódio seguinte recomeça onde parou. O Antoine consegue subjugar a Marie-Thérèse e os dois envolvem-se numa discussão durante dez minutos. Não me perguntem qual o motivo da discussão, porque é toda em francês, mas eu reparo que está sempre a surgir a mesma palavra — *héritier* — ao longo da discussão.

— OK. Temos de procurar essa palavra — digo, irritado. — Acho que é importante.

A Allie pega no telemóvel e passa o dedo sobre o ecrã. Espreito por cima do ombro dela quando ela está a abrir uma aplicação de tradução.

— Como achas que se escreve? — pergunta ela.

Enganámo-nos três vezes a escrever até conseguirmos finalmente acertar numa tradução que faça sentido: *herdeiro*.

— Ah! — exclama ela. — Estão a falar sobre o testamento do pai.

— Merda. É isso mesmo. Ela está chateada porque a Solange herdou as ações todas da *Beauté éternelle*.

Trocamos um «dá cá mais cinco» depois de termos descoberto o significado e, quando as palmas das nossas mãos se tocam, eu tenho um momento de consciência pura e consigo perceber no que a minha vida se tornou.

Com um ronco, pego no comando e carrego no stop.

— Ei, ainda não acabou — contrapõe ela.

— Allie. — Deixo escapar um suspiro firme. — Temos de parar agora, antes que os meus tomates desapareçam e me revoguem o cartão de homem.

Ela arqueia uma sobrancelha loira.

— Quem tem o poder de o revogar?

— Sei lá. O Conselho dos Homens. Os maçons. O Jason Statham. Escolhe quem quiseres.

— Então és demasiado macho para veres uma novela francesa?

— Sim. — Bebo o resto da *margarita*, mas o sabor salgado faz-me lembrar do ponto baixo em que me encontro. — Credo. E estou a beber *margaritas*. Estragas-me a reputação, boneca. — Lanço-lhe um olhar preocupado. — Nunca ninguém pode saber disto.

— Ah. Vou publicar na Internet. Adivinhem. O Dean Sebastian Kendrick Heyward-Di Laurentis está em minha casa neste momento a ver novelas com uma bebida feminina na mão. — Ela deita-me a língua de fora. — Nunca mais vais dar uma queca.

Ela tem razão quanto a isso.

— Podes acrescentar pelo menos que a noite acabou com um broche? — resmungo. — Porque assim todos vão pensar que fiquei a penar a ver a novela só para poder receber um bico.

— Um bico? Que descrição *tão* grosseira. — Mas os olhos dela brilham e ela está a rir-se ao dizê-lo.

Meu Deus, ela é tão bonita. E sexy… tão sexy. Porque será que nunca tinha reparado nisso? Talvez porque, sempre que a vi, antes da noite de sexta-feira, ela

estava colada ao namorado.

Quando me ponho a pensar no ex-namorado da Allie, o telemóvel dela toca. Por falar no diabo.

— O que é que ele quer agora? — Tenho dificuldade em esconder a irritação, mas ela está demasiado distraída com a mensagem para reparar.

Inclina o ecrã na minha direção e a minha irritação aumenta. «Podemos encontrar-nos para tomar café?», é o que diz a mensagem. «Preciso mesmo de falar contigo.»

— Diz que não — aconselho-a.

Ela crava o dente no lábio inferior.

— É… difícil.

— Não tens problemas em *dizer-me a mim* que não.

— Não namorei contigo durante três anos — comenta.

Retiro cuidadosamente o telemóvel da mão dela e pouso-o em cima da mesa.

— Pronto. Estás preparada para uma conversa a sério? — Ela acena com a cabeça, trémula. — O Sean vai continuar a enviar-te mensagens. Vai continuar a enviar-te e-mails e a ligar-te e a fazer tudo o que estiver ao seu alcance para te reconquistar. Queres saber porquê? Porque és inteligente, divertida e podre de boa, e ele sabe que foi um parvo por te ter perdido. — Há surpresa nos olhos dela. — Ele vai continuar a insistir. O que significa que tens de aprender a ignorar. — Sondo-lhe o rosto. — Isto é, se quiseres mesmo seguir em frente.

Ela volta a acenar com a cabeça, desta vez resoluta.

— Quero.

— Então, segue em frente, linda. Não podes ir a correr para a casa do namorado da tua amiga ou esconder-te na residência todas as noites. Diz ao tipo que não queres falar com ele e depois vai sair e arranja umas distrações. Posso ajudar-te, se quiseres.

— Deixa-me adivinhar — diz ela, secamente. — Voluntarias-te como tributo sexual?

— Não. Para variar não estou a falar de sexo.

— Então, o que sugeres?

Sorrio.

— Acho que precisas de viver a Vida do Dean.

— Hum. OK. Então devo vestir o equipamento de hóquei, deixar que um bando de matulões me atire ao chão todas as noites e recompensar-me com um número infindável de encontros sexuais casuais. Já percebi.

Inclino-me para a frente e puxo uma madeixa do cabelo dela.

— Não sejas parva.

— Peço desculpa — diz ela com um sorriso. — Por favor, conta-me mais sobre a Vida do Dean.

Passo a mão pela sua face suave para lhe agarrar no queixo.

— Olha para mim, Allie-Gata. Parece-te que eu tenho muitos problemas? Vais dar comigo a deprimir no quarto ou a preocupar-me por causa de problemas sem importância?

— Não — diz ela, lentamente.

— De um modo geral, sou uma pessoa feliz, certo?

O olhar desconfiado dela cruza-se com o meu.

— Sim. Mas como é que isso é possível? Ninguém é feliz o tempo *todo*.

— É possível, sim. — Esfrego o polegar sobre o seu lábio inferior. Os lábios dela são bastante suaves. Estou ansioso por beijá-los outra vez. — Queres saber qual é o meu segredo?

— Hum? — Ela parece distraída. Volto a afagar-lhe os lábios e fico satisfeito quando a respiração dela se torna mais ofegante.

— Eu faço o que quero, quando quero. E estou-me a borrifar para o que as pessoas pensam de mim.

O meu comentário prende a atenção dela.

— Deve ser bom podermos fazer o que queremos o tempo todo. Infelizmente, não é assim que a vida funciona.

— A vida funciona como *tu* quiseres, miúda. — Os meus dedos descem pela sua garganta fina, parando sobre o ponto de pulsação dela. — O que queres, Allie? Diz-me uma coisa que estás mortinha por fazer, mas que ainda não fizeste.

Ela franze a testa enquanto pensa numa resposta.

— Bem, há algum tempo que quero começar um novo *detox*, mas estou

sempre a adiar.

— Não faço ideia do que isso queira dizer.

— Bebo uns sumos *detox* algumas vezes por ano — explica ela. — São uma porcaria, porque somos obrigados a seguir uma dieta líquida durante duas semanas, mas sentimo-nos *muito* melhor depois.

— És uma ave rara. Escolhe outra coisa. Alguma coisa *normal*.

Ela faz uma pausa, fica de novo embrenhada em pensamentos, e depois o rosto dela ilumina-se.

— Sempre quis aprender a dançar salsa.

Merda. É mesmo coisa de miúda.

— Então, aprende — digo-lhe.

Ela volta a morder o lábio.

— Não sei… disse uma vez ao Sean, mas ele não queria ter aulas de salsa comigo e eu tinha vergonha de ir sozinha. Andei à procura e descobri que, se formos a uma aula sozinhas, eles juntam-nos a outro par à sorte.

— E daí? É uma oportunidade para fazeres novos amigos. — Encolho os ombros. — Acho que devias inscrever-te.

— Estás a oferecer-te para fazeres aulas de salsa comigo? — A expressão dela revela-se esperançosa.

Solto um ronco trocista.

— Nunca na vida. Eu só faço o que *eu* quero, lembras-te? E não quero ter aulas de salsa. Mas acho que *tu* devias.

— Talvez me inscreva — diz ela, pensativa.

— É esse o espírito. — Aperto-lhe o queixo em jeito de brincadeira. — Faz o que te digo, miúda, e a tua vida vai mudar para melhor. Garantia do Di Laurentis.

A Allie deixa escapar um suspiro.

— O que foi? — pergunto.

— Não consigo perceber se estás a ser sincero ou se estás a tentar comer-me outra vez.

Agito as sobrancelhas.

— Quem diz que não podem ser as duas? — Quando ela volta a soltar um suspiro, a minha voz torna-se rabugenta. — Estou a ser sincero.

— Uau. Acho que estás mesmo a falar a sério.

Por algum motivo, a desconfiança dela deixa-me desconfortável. E, de repente, apercebo-me de que estou em tronco nu. Ela também se apercebe disso, pois os seus grandes olhos azuis descem cada vez mais, incidindo nos meus abdominais antes de desviar o olhar. O ar entre nós parece crepitar. As pupilas da Allie estão dilatadas e é percetível a pulsação acelerada no centro da sua garganta.

Eu reconheço a excitação quando a vejo. O Pequeno Dean também a reconhece e rapidamente engrossa debaixo do meu fecho-éclair.

— Allie… — A minha voz fica rouca.

Ela levanta-se do sofá antes que eu tenha tempo de pestanejar.

— E está na hora de te ires embora.

Ela parece demasiado alegre e eu consigo perceber que ela está com dificuldade em controlar as mesmas ondas de desejo que praticamente me engolem inteiro.

Quando eu permaneço sentado, ela franze o sobrolho.

— Veste a camisola e vai para casa, Dean.

— Allie. — Levanto-me lentamente. Sinto a boca cheia de gravilha quando digo: — Quero…

Ela levanta a mão.

— Não te atrevas a terminar essa frase. Estou a falar a sério, está na hora de ires embora.

Quero perguntar-lhe durante quanto tempo ela vai lutar contra isto, mas como sei que isso ainda a vai irritar mais, mantenho-me calado e faço o que a senhora pediu: vou-me embora.

No caminho para casa, resigno-me a mais uma noite sozinho com a minha mão direita.

10

Dean

No dia seguinte, tenho o azar de sair do auditório de Relações Internacionais ao mesmo tempo que a Sabrina. Reteso-me, pois já estou a contar com a boca inevitável.

— Parecias um pouco perdido ali, Riquinho. O professor Burke estava a falar depressa demais?

Pois, ali está ela.

Reviro os olhos.

— Exato, porque sou burro. Essa é boa. — Não me dou ao trabalho de lhe pedir que não me chame *Riquinho*. Não posso impedi-la de usar essa alcunha, tal como não posso impedir a Summer de usar a minha alcunha de infância. A Sabrina decidiu que eu era um menino riquinho burro e mimado assim que nos conhecemos.

Claro que isso não a impediu de ir para a cama comigo, pois não?

— Então, qual dos pobres caloiros vai fazer o trabalho por ti? — pergunta ela, docemente. — Tens uma carrada deles na tua marcação rápida, não tens? Deduzo que um deles também tenha feito o exame de admissão por ti.

Paro no degrau de cima da entrada principal. Eu tolero as provocações dela porque não vale a pena defender-me, mas de vez em quando tenho de estabelecer um limite.

— Não aguentas que eu tenha tido mais dois valores do que tu, pois não? — As narinas dela dilatam, um sinal de que consegui afetá-la.

Ela recupera rapidamente.

— Provavelmente porque pagaste a alguém para fazer o exame por ti.

— Continua a convencer-te disso, querida. O que quer que seja que te ajude a dormir à noite, certo?

A Sabrina atira o cabelo escuro comprido por cima do ombro.

— Eu durmo bem, obrigada. Saber que *mereci* as minhas notas dá-me uma existência bastante pacífica. Devias experimentar um dia destes.

Desta vez foi *ela* que me conseguiu afetar. Franzo a boca, mas não mordo o isco, porque é precisamente isso que ela quer que eu faça. Ela atira-me isto à cara desde o segundo ano, e eu já estou cansado.

— Tem um resto de bom dia, Sabrina. — Encolho os ombros em sinal de indiferença e desço as escadas a pensar se ela quererá manter esta embirração quando estivermos na Faculdade de Direito no próximo ano. Porra, espero que não. A hostilidade dela já cansa, para não dizer que é irritante.

Por falar em irritante, fiquei de estar na Escola Básica de Hastings dentro de vinte minutos para o meu primeiro treino com a equipa de miúdos. Força, Hurricanes.

Durante a viagem de dez minutos até à cidade, amaldiçoo o O'Shea por me obrigar a aceitar este trabalho de voluntariado e questiono-me sobre a autenticidade dos bonecos de vudu. Acabo por decidir que não me importa se são verdadeiros ou não. Seria divertido na mesma espetar agulhas num boneco minúsculo a representar o Frank O'Shea. Depois de o boneco começar a desfazer-se, posso usar a cabeça como bola *anti-stress*.

Quando paro num semáforo vermelho, envio uma mensagem rápida ao meu colega de equipa Fitzy: Olá, sabes fazer um boneco de vudu?

Só recebo a resposta dele quando chego a um pequeno pavilhão na rua em frente à escola.

Ele: Seria de pensar que estavas a gozar com a minha cara, mas a pergunta é parva o suficiente para parecer verdadeira. Não faço a menor ideia. Podes usar um boneco antigo? O mais difícil será encontrar alguém que lance o feitiço para que o teu alvo sofra as consequências.

Eu: Isso faz sentido.
Ele: Faz?
Eu: Envolve magia, maldições, etc. Acho que não funciona com qualquer boneco. Caso contrário, todos os bonecos são bonecos de vudu, certo?
Ele: Certo.
Eu: Enfim. Obrigado. Achei que talvez soubesses.
Ele: Por que raio haveria de saber?
Eu: Tu gostas de jogos de *role-play*. Sabes magia.
Ele: Eu não sou o Harry Potter.
Eu: O HP é um *nerd*. Tu és um *nerd*. Logo, és um miúdo feiticeiro.

Ele envia-me um emoji com o dedo do meio e depois diz: Aniversário com cervejas no Malone's esta noite. Continua de pé?

Eu: Sim.
Ele: Falamos depois.

Enfio o telemóvel no bolso do casaco e saio do carro. Pelo menos tenho um compromisso interessante depois disto. Cervejas para festejar o 21.º aniversário do Fitzy serão a minha recompensa por passar a tarde a treinar crianças contra a minha vontade.

O rinque está vazio quando eu passo pelas portas duplas. O ar frio recebe-me como um velho amigo e eu inspiro-o, prendendo o saco do equipamento no outro ombro e encaminhando-me para a bancada da equipa, onde um homem alto com uma camisola vermelha e patins de hóquei pretos está a olhar para um bloco de notas. O fio com um apito ao pescoço indica-me que é o treinador dos Hurricanes.

— Di Laurentis? — Quando aceno com a cabeça, ele estende-me uma mão. — Doug Ellis. Prazer em conhecer-te, miúdo. Vi o teu jogo do Frozen Four na televisão em abril. Jogaste bem.

— Obrigado. — Aponto para o rinque vazio. Cheguei dez minutos antes da hora, como o O'Shea mandou. — Onde estão os miúdos?

— No balneário. Devem estar quase a sair. — Ele pousa o bloco de notas no banco. — O Chad disse-te o que tinhas de fazer?

— Não. — Apesar do que o O'Shea me disse, acho que o treinador Jensen não faz a menor ideia de que fui recrutado para trabalhar com os Hurricanes.

— Bem, não é muito complicado. Começamos todos os treinos com trinta minutos de simulação, seguidos de trinta minutos de jogo, divididos em três períodos de dez minutos. Os miúdos esfalfam-se a treinar. Muitos deles são bons miúdos. Talentosos, inteligentes, ansiosos por aperfeiçoar as técnicas e jogarem melhor.

— É bom saber.

— Eles adoravam a Kayla. — Ao notar a minha expressão confusa, ele diz: — A tua antecessora. — Certo. A rapariga que apanhou mononucleose. — Ela trabalhava sobretudo com a linha ofensiva. Fez um trabalho incrível, mas, para ser sincero, fico contente por ter um defesa na equipa. Alguns dos rapazes têm dificuldade na zona defensiva. Gostava que os acompanhasses mais de perto.

Conversamos durante uns minutos sobre as minhas funções e depois ele pede-me que não diga asneiras ao pé dos miúdos e que não seja bruto com eles.

— Já percebi. Ter tento na língua e não tocar neles. Mais alguma coisa? — pergunto.

— Não. O resto tu aprendes à medida que os treinos avançarem.

O Ellis parece um bom homem e, quando as crianças saem do balneário e o cumprimentam como se ele fosse Jesus Cristo ressuscitado, a minha consideração por ele aumenta ainda mais. Ele disse-me que é o professor de ginástica da escola, mas que, mesmo que perdesse o emprego, nunca deixaria esta equipa. Ou a equipa de voleibol feminino do oitavo ano, que pelos vistos também treina.

Sento-me no banco e descalço rapidamente as minhas botas *Timberland*, substituindo-as pelos patins *Bauer* que trago no saco. Depois entro para o rinque de gelo e patino até ao Ellis e aos miúdos. Metade deles está a usar camisolas vermelhas e a outra metade enverga camisolas pretas. O Ellis apresenta-me à equipa, que se mostra surpreendida quando ouve falar das minhas várias vitórias no Frozen Four. Quando nos preparamos para o primeiro treino no gelo, todos os miúdos da equipa estão a competir pela minha atenção.

Não vou mentir. Divirto-me do princípio ao fim. A paixão dos miúdos pelo jogo faz-me lembrar de quando eu era criança, do entusiasmo que sentia ao calçar um par de patins e deslizar pelo gelo. O entusiasmo deles é contagiante.

Quando o Ellis sopra o apito para assinalar que chegou a hora do jogo,

apercebo-me de que fiquei genuinamente desapontado por as simulações terem terminado. Estive a dar dicas a um aluno do sétimo ano chamado Robbie durante a última simulação, e o truque de pulso que lhe permitiu fazer um passe que o guarda-redes não conseguiu intercetar foi uma maravilha. Queria vê-lo a fazer isso novamente, mas agora está na hora de os miúdos pegarem nas técnicas que aprenderam e aplicarem-nas no jogo.

Eu e o Ellis somos ao mesmo tempo árbitros e treinadores, indicando as faltas e aconselhando-os quando necessário. O jogo de trinta minutos termina demasiado rápido para o meu gosto. Podia ficar aqui para sempre, mas o Ellis assinala o fim do jogo e pede a todos que se aproximem.

Sinto um peso estranho no peito enquanto ele fala com cada um dos rapazes à vez, para os elogiar por alguma coisa que tenham feito bem durante o treino. Todos os rostos se iluminam com os elogios e, quando o Ellis termina de falar, acho que estou apaixonado por ele.

Caramba, ele é um bom treinador.

Depois seguimos os miúdos até ao balneário e ajudamo-los a guardar o equipamento nos cacifos. São um grupo barulhento e não param de se rir e de fazer piadas uns com os outros enquanto trocam para as roupas normais que trouxeram. O corredor em frente à porta está cheio de máquinas de venda automática e de pais à espera dos filhos. Contudo, o Robbie fica para trás. Já despiu o equipamento, mas fico confuso ao vê-lo ao atar outra vez os cordões dos patins e a entalar a parte de baixo das calças dentro dos patins.

— O que estás a fazer, miúdo?

Ele parece surpreendido ao encontrar-me ali.

— Oh. — Ele cora. — Tenho mais trinta minutos de treino. — Noto-lhe um tom defensivo. — O treinador sabe.

Uma vez que sei que nem sempre podemos confiar na palavra de um miúdo de 13 anos, vou ter com o Ellis, que está no balneário a prender os *sticks* no armário.

— Porque é que o Robbie vai ficar a treinar mais tempo?

O Ellis olha para a porta.

— Não há problema. Daqui a uns segundos vou lá supervisioná-lo. Diz-lhe para não entrar para o gelo até eu chegar lá.

Não consigo disfarçar o sobrolho franzido.

— Porque é que ele pode treinar mais tempo?

— A mãe dele só sai do trabalho às quatro e meia às terças e às quintas-feiras e a família dele vive em Munsen, por isso o autocarro escolar não é uma opção. — O Ellis produz um som irritado. — Uma treta qualquer sobre limites da cidade e sobre os autocarros de Hastings não poderem ir até outras cidades. A mãe do Robbie conseguiu inscrevê-lo nesta escola porque ele é uma mais-valia para o programa de hóquei, mas, pelos vistos, o agrupamento escolar não acha importante fornecer transporte seguro até casa para os miúdos que vivem fora da sua área geográfica.

— Então o Robbie fica no rinque até a mãe dele chegar?

O Ellis acena com a cabeça.

— Fiz um acordo com a Julia no início da temporada. Eu fico cá depois do treino a tomar conta dele e da irmã até ela chegar.

Já disse o quanto adoro este homem?

— Eu também fico — ofereço-me. — Eu estava a ensinar ao Robbie os truques de pulso antes de a simulação ter acabado. Não me importo de terminar a lição.

A expressão dele é uma mistura de surpresa e respeito.

— Aposto que ele adoraria. Obrigado, miúdo.

Quando entro novamente no rinque, o Robbie está a fazer círculos com os patins. O seu cabelo loiro-escuro ondula, solto, e eu decido que é mais uma coisa que lhe vou ensinar — ele precisa de cortar o cabelo antes que lhe chegue aos ombros, ou bem pode dizer adeus às hipóteses de comer uma miúda.

Estou a descer a coxia em betão quando uma voz aguda me detém.

— Quem és tu?

Viro-me e vejo uma criatura élfica minúscula sentada no meio das bancadas. É uma rapariga, mas, cum caraças, bem podia ser uma personagem de um filme da Pixar. Olhos azuis enormes, cabelo tão claro que é quase branco, e uma boca que é um pequeno botão de flor cor-de-rosa.

— Quem és *tu*? — pergunto, com uma sobrancelha arqueada.

— Eu perguntei primeiro.

Reprimo um sorriso e subo as escadas até chegar à fila dela. Olho para o rinque e apercebo-me de que o Robbie está a divertir-se a patinar no gelo de um lado para o outro. O Ellis está junto ao rinque a deitar o olho ao Robbie, por isso eu sento-me ao lado do elfo dos desenhos animados e respondo:

— Sou o Dean. O novo assistente do treinador dos Hurricanes.

Aqueles grandes olhos azuis sondam-me o rosto, como se ela tentasse decidir se estou a mentir.

— Sou a Dakota — responde ela, por fim. Aponta um dedo minúsculo para o gelo. — Aquele é o meu irmão.

— Ah. És a irmã mais nova do Robbie.

— Quem diz que eu sou mais nova? — desafia-me ela. — Posso ser a irmã mais velha dele.

— Miúda, não me admirava se ainda usasses fralda.

— Eu não uso fraldas! — As bochechas dela ficam vermelhas. — Tenho 10 anos — diz ela, num tom altivo.

Suspiro.

— Raios me fod… partam. Já és quase uma velha, então.

Ela ri-se.

— Não sou, não. Que idade *tens tu*?

— Tenho 22.

Ela fica boquiaberta.

— És velho.

— Pois sou. Se calhar é melhor começar a planear o meu funeral. A quem achas que devia deixar a minha fortuna no testamento? À miúda dos *Jogos da Fome* ou à miúda do *Divergente*?

— Não são pessoas verdadeiras — diz ela de forma sincera.

Finjo-me de inocente.

— Tens a certeza? Juro que vi a Katniss a descer a rua no outro dia.

— Estás a mentir.

— Sim. Apanhaste-me. — Aponto para o bloco de notas em espiral cor-de-rosa que ela tem ao colo. — Que estás a fazer?

O lábio inferior dela estremece.

— Os trabalhos de casa. A Sra. Klein disse para escrevermos uma página sobre aquilo por que estamos gratos no Dia de Ação de Graças.

— A Sra. Klein parece ser um monstro.

A Dakota ri-se.

— Não, ela é boazinha. Uma vez, pediu pizza para a *turma inteira*. Depois de termos tirado as notas mais altas no teste literário.

— No ditado — corrijo-a.

Ela abana a mão.

— Como queiras.

Um sorriso espalha-se pelo meu rosto.

— Está certo. Já chega de perder tempo. — Abro o pequeno bloco de notas dela numa folha limpa. — Está na altura de saber aquilo por que estás grata.

O rosto dela ilumina-se de prazer.

— Vais ajudar-me com o trabalho de casa?

— Claro, porque não? Temos de esperar vinte minutos pela tua mãe. O que mais temos para fazer?

Allie

Estou no lugar do passageiro no carro da Megan quando o Dean me envia uma mensagem. Não fico surpreendida ao ver o nome dele no meu telemóvel. Passei o dia todo à espera de receber outra mensagem dele a dizer que quer pinar comigo, por isso era apenas uma questão de tempo até isso acontecer. Mas esta noite ele apanha-me de surpresa.

Ele: Vamos todos ao Malone's esta noite festejar o aniversário do Fitzy. Aparece, se te apetecer.

A Megan espreita do lugar do condutor.

— Quem é que está a enviar-te mensagens? E por favor não me digas que é o Sean.

— Não, não é o Sean. É um dos amigos do Garrett — respondo vagamente.

— Muitos dos jogadores de hóquei estão no Malone's a festejar o aniversário de alguém. Ele diz para, se quisermos, nos juntarmos a eles.

— A Hannah está lá?

Abano a cabeça.

— Esta noite está no ensaio. — Tal como eu, a Hannah também anda atarefada a preparar-se para um dos seus projetos finais. Ela estuda Música, por isso é obrigada a cantar uma canção original no espetáculo de inverno do departamento.

Pelos vistos, a Megan não considera estranho eu ser convidada para um encontro dos jogadores de hóquei sem a Hannah, porque não tece qualquer comentário. Em vez disso, diz:

— Vamos a isso.

— Estás a falar a sério? — Depois de mais de trinta minutos a debater uma dúzia de opções de saídas para a nossa noite, finalmente decidimos ir jantar a Hastings. O Malone's é o único bar da cidade, por isso rapidamente essa sugestão foi colocada em cima da mesa, mas foi a Megan quem decidiu contra.

— Pensava que não querias ir para um bar esta noite.

Ela afasta a franja ruiva dos olhos.

— Mudei de ideias. Acho que me apetece estar rodeada de rapazes giros.

— A sério? — pergunto eu, surpreendida. — E o teu novo namorado? Já há problemas no paraíso? — A Megan tem sido muito reservada acerca deste novo namorado, mas eu achei que eles estavam bem. Normalmente ela não se coíbe de discutir a sua vida amorosa, mas desta vez, não. Tudo o que eu sei sobre ele é que vive em Boston e que ela só o vê aos fins de semana.

— Não, estamos bem. — Ela faz uma pausa. — Quer dizer, nem por isso. — Outra pausa. — É complicado.

— Se me contasses alguma coisa sobre ele em vez de seres a Sra. Segredos, talvez eu pudesse dar-te um conselho.

Os olhos verdes dela mantêm-se focados na estrada. Mesmo que ela não estivesse a conduzir, eu sabia que evitaria o meu olhar.

— Pronto. Desembucha. Qual é o problema dele?

— Ele não tem problema nenhum.

— Tretas. Tem de ter, caso contrário não o esconderias de nós. O que se passa? Ele gosta de incendiar celeiros nos tempos livres? Mata esquilos e faz chapéus com o pelo deles? Tem uma verruga esquisita que lhe ocupa a cara toda? Ele…

— Tem 37 — interrompe-me ela. — Ele tem 37 anos.

Arqueio as sobrancelhas.

— Oh. Uau. Ele é…

Velho, quero eu dizer, mas sempre fui defensora da filosofia de que *a idade é apenas um número*. Ou pelo menos eu *quero* ter um espírito aberto. Quer dizer, eu acho um pouco nojento se souber que um homem de 60 anos namora com uma miúda de 18 anos. Mas 37 não é propriamente grave. É apenas quinze anos mais velho do que eu e a Meg.

— Estás a ver? Por isso é que não vos contei. — A crítica tinge o seu tom de voz. — Eu sabia que vocês me iam criticar.

Levanto as duas mãos em sinal de rendição.

— Não estou a criticar. Surpreendeste-me, só isso.

Ela relaxa as bonitas feições.

— Conta-me mais sobre o Sr. Trinta e Sete — peço-lhe. — Prometo que não vou criticar.

Ela conta-me mais pormenores.

— Chama-se Trevor. É cirurgião pediátrico no Boston General.

Pronto, estou impressionada.

— É divorciado e tem uma filha de 5 anos.

Hum. Já não estou tão impressionada.

— E tu não te importas? — pergunto, cuidadosamente. — Só tens 22 anos, querida. Estás preparada para ser madrasta?

— O problema é mesmo esse — geme ela. — Nem sequer pensei tão à frente. Eu e o Trevor conhecemo-nos pela Internet. Passámos o mês de setembro todo a conversar, mas só nos conhecemos pessoalmente há um mês. Ele é um querido. Inteligente, bonito, bom conversador. Mas ainda estamos no início da relação, entendes? É mais descontraído do que sério. — Ela tamborila as unhas pintadas

no volante. — Quando estive com ele no fim de semana passado, ele disse que queria que eu conhecesse a filha dele.

Auch.

— Auch — digo em voz alta.

— Pois. Por isso agora estou a repensar todo o relacionamento. Conhecer a filha dele é um passo de gigante. E se ela me detestar? Ou, pior ainda, e se ela me *adorar* e depois eu e o pai terminarmos e a pobre miúda ficar traumatizada?

— Ela não te vai adorar depois de um encontro — asseguro-lhe. — Mas concordo que é um passo *enorme*.

A Meg para o seu pequeno *Toyota* vermelho no cruzamento que fica a um quarteirão da rua principal de Hastings.

— Não sei… eu disse-lhe que lhe dava uma resposta na sexta-feira quando nos encontrarmos, mas estou tão confusa. Não sei o que fazer. — Cala-se durante um segundo e depois deixa escapar um suspiro pesado. — Se formos ao Malone's, podes conduzir tu o carro no caminho para cá? Acho que preciso de algo mais forte do que um refrigerante.

— Tudo bem. — De qualquer forma, não estava a contar beber esta noite. Tenho um ensaio às sete horas e sei que, se estiver de ressaca, vai ser difícil chorar na minha deixa. Só na cena de abertura, a minha personagem chora como um bebé três vezes.

— Será que devíamos ir a outro bar? — pergunto, esperançosa. — Talvez àquele bar em Munsen?

— Porque é que haveríamos de fazer isso?

Encolho os ombros.

— Porque o grupo de hóquei às vezes é um pouco barulhento.

— Eu não me importo com o barulho — admite ela. — O Trevor é maravilhoso, mas não gosta muito de festas. Deita-se às dez todas as noites. Mesmo aos fins de semana. — O lábio inferior estremece. — Talvez esse seja mais um motivo para eu terminar com ele, hã?

— Olha, eu não te vou dizer o que deves fazer — explico, delicadamente. — E não estou a dizer que deves terminar com alguém só porque já não gosta de

borga. Mas estás no último ano da faculdade, querida. Não devias ir para a cama às dez, se não te apetecer. Devias aproveitar o teu último ano de liberdade, nesta fase estranha em que és uma adulta, mas ao mesmo tempo não és, percebes? Guarda as idas cedo para a cama para o próximo ano, quando te tornares um membro do mundo real.

Uma expressão pensativa atravessa-lhe o rosto. Consigo perceber que está a interiorizar o conselho e espero que tome uma decisão que a deixe feliz. Sabe Deus que eu também tenho tido de lidar com decisões difíceis nos últimos tempos. Terminar com o Sean. Descobrir o que quero fazer como atriz.

Entrar num bar deliberadamente para passar tempo com o rapaz com quem tive uma noite de sexo sem compromisso…

Merda, porque é que *vim* ao bar? Ver o Dean esta noite não trará nada de bom. Na pior das hipóteses, ele descai-se sem querer e todos ficarão a saber que fizemos sexo. Na melhor das hipóteses, ele atira-se descaradamente a mim e isso vai deixar-me irritada.

Uma vez que o Malone's é o único bar da cidade, tanto os habitantes locais como os alunos da Briar vão lá todos os dias da semana. Se chegarmos depois das nove, não encontraremos uma mesa livre. Eu e a Meg entramos no bar às dez e meia e parece que transpusemos a porta de uma sauna cheia de corpos suados. O salão principal está à pinha. Mal consigo ver o balcão, porque há demasiados corpos à frente e todas as mesas de cada um dos lados estão ocupadas.

— Quero pedir uma bebida! — diz a Megan, sobrepondo-se à música. Ouço uma canção *rock* qualquer que não reconheço a sair das colunas a um volume ensurdecedor. Se o Garrett Graham estivesse aqui, provavelmente conseguiria dizer-me o nome da canção, quem está a cantar e em que ano foi lançada. O namorado da Hannah é fã de *rock* clássico. Não me admirava se me dissessem que ele obriga a Hannah a fazer *role-plays* de Lynyrd Skynyrd na cama.

Estamos prestes a dirigir-nos ao bar quando uma voz familiar se sobrepõe à música.

— Allie-Gata! Aqui!

Viro a cabeça e vejo o Dean a acenar-me de uma mesa grande à minha direita.

Não sei como ele me detetou, no meio de tanta gente. Nem sequer o avisei por mensagem que vinha, por isso ou ele tem um sentido de Homem-Aranha excecional, ou tem estado a controlar a porta como se fosse um tarado.

Eu e a Megan damos o braço para evitarmos ser separadas e atravessamos o mar de gente. Inspiro o odor a perfume de uma loira platinada que está a usar uma saia curta. Consigo sobreviver ao assalto de perfume apenas para inalar uma nuvem de algo mais potente do rapaz que está ao lado dela. Os meus olhos começam a lacrimejar e quase dou meia-volta para lhe dizer que tenha calma com o spray corporal *Axe* antes que mate alguém.

— Olha, Fitzy, *raparigas*! — anuncia o Dean quando eu e a Megan chegamos à mesa. Ele dirige-se rapidamente aos outros rapazes. — Depressa, arranjem espaço para elas antes que desapareçam.

Começam todos a rir-se e eu reparo que a maioria dos jogadores está a sorrir para um rapaz em particular, que eu já vi em algumas das festas de hóquei para as quais a Hannah me arrastou. Acho que se chama Colin, mas parece-me que costumam tratá-lo por Fitz ou Fitzy. É um rapaz encorpado com cabelo castanho despenteado, barba escura no rosto e aquilo que parece ser uma tatuagem a espreitar da gola da camisola. Suspeito que tem uma tatuagem no peito, porque já o vi de t-shirt e lembro-me de ele ter tatuagens nos dois braços.

Os rapazes remexem-se para nos dar espaço. A Megan senta-se ao lado de um rapaz careca. Ele apresenta-se como Hollis. Eu sento-me entre o Tucker, que está colado ao telemóvel, e o Pierre, um dos franco-canadianos da equipa. Ele cumprimenta-me com um sorriso e revela um par de covinhas adoráveis. No grupo estão também dois jogadores que nunca vi. Com um sotaque cerrado, o Pierre apresenta-os como Wilkes e Ekberg.

O Dean, que está à minha frente do outro lado do Hollis, pisca-me o olho quando os nossos olhares se cruzam.

— Sempre vieste. Pensei que não vinhas.

— Estávamos aqui perto — digo eu, descontraidamente.

— Ainda bem, porque isto estava prestes a tornar-se uma festa da mangueira. A sério, o rapaz aniversariante não convidou uma única rapariga esta noite.

— O Fitzy é alérgico a mulheres — diz o Hollis, de modo útil.

O rapaz aniversariante — ou, diria antes, o homem, porque ele não tem nada de rapaz — revira os olhos.

— Não sabia que era um crime querer festejar o aniversário com os rapazes.

— Alguma vez paraste para pensar nas implicações? — O Dean acrescenta: — No broche de aniversário? Pensaste nisso? Ou estás a contar que um de *nós* o faça?

— De certeza que o Pierre alinha — diz o Hollis. Quando o rapaz lhe faz um pirete, ele esboça um sorriso. — Que foi? Pensava que era isso que vocês faziam no Quebeque. Fazer um broche aos amigos e sussurrar-lhe palavras carinhosas em francês ao ouvido…

O Pierre solta um ronco trocista.

— Mas tu és de São Francisco. Tenho quase a certeza de que é a capital mundial dos broches aos amigos.

Começam todos a mandar bocas uns aos outros e só param quando a empregada vem recolher o pedido. A Meg pede uma vodca de arandos. Eu peço uma garrafa de água.

— Água? — graceja o Dean depois de a empregada se ir embora. — Tens a certeza de que não queres mais nada, boneca? Talvez… hum… tequila? Sempre me pareceste uma rapariga que gosta de tequila.

Semicerro os olhos na direção dele. Felizmente, ninguém prestou atenção ao comentário. Porque haveriam de prestar? Nenhum deles sabe que a tequila é a culpada por eu ter acabado na cama com o Dean. A única pessoa que sabe é o Dean, que prometeu ficar de bico calado.

Mas… o sorriso presunçoso no seu rosto está a deixar-me inquieta.

Porque é que eu estou com a sensação de que ele vai dar com a língua nos dentes?

11

Allie

Ainda estou a olhar para o Dean quando o meu telemóvel vibra dentro da mala. Pego nele sem pensar muito nisso e arquejo assim que vejo a mensagem.

Ele: Lembras-te de quando bebi o shot de tequila das tuas mamas?

Olho para cima e vejo o Dean a pestanejar de modo inocente na minha direção. Mas consigo ver que o braço dele está a mexer-se por baixo da mesa. Como seria de esperar, recebo a mensagem seguinte.

Ele: Quando a deitei para cima dos teus mamilos e lambi todas as gotas? Hum. Estou a ficar duro só de pensar nisso.

Bolas. Não acredito que ele me está a enviar mensagens de teor sexual no bar. Durante a festa de aniversário do amigo.

Cerro os dentes e respondo-lhe.

Eu: É bom que aprecies a memória, querido. Porque nunca mais vai acontecer.
Ele: Estás a dizer que não gostaste quando eu chupei esses mamilos sexy?

Os mamilos em questão transformam-se em dois bicos duros. Eu sei que o acolchoamento do meu soutien esconde a resposta traiçoeira, mas a forma como o olhar presunçoso do Dean desce para os meus seios confirma-me que ele sabe.

Respiro fundo e respondo: «Meh. Foi assim-assim.»

O sorriso dele aumenta.

— Não — diz ele em resposta a algo que o Wilkes acabou de perguntar. — Não estou preocupado. O guarda-redes de Yale não tem hipóteses com o G. — Acho que estão a falar sobre o jogo contra Yale no sábado, mas estou demasiado ocupada a observar o movimento subtil do braço do Dean. Ele está a escrever mais qualquer coisa.

Ele: Hum. Estou a ver. E quando eu te lambi no meio das pernas? Também foi assim-assim?

Ignoro a contração forte entre as minhas coxas e faço-lhe uma careta.

— Allie — diz a Megan, irritada.

— Desculpa. O que foi?

— Estava a perguntar-te sobre a peça. Os ensaios começaram esta semana, não foi? Como estão a correr?

— Bem — respondo num tom distraído. Não consigo perceber se o Dean está a escrever alguma coisa. Espero que não. — O tipo que interpreta o meu falecido marido é divertido. Como estão a correr os teus?

— Uma merda.

— Oh, lamento, querida. — Sei que a Meg não anda satisfeita com o dramaturgo com quem vai trabalhar, e não a censuro, porque ele é o idiota mais pomposo do Departamento de Artes Dramáticas. Tudo o que escreve é pretensioso e angustiante. Considera-se a reencarnação do Arthur Miller.

— O «Slade» gosta de reescrever cenas inteiras durante o ensaio. — Ela coloca aspas quando pronuncia o nome dele e o Fitzy ri-se.

— Acho que não sabes usar aspas — informa-a ele.

— Sei, sim. «Slade» não é o nome verdadeiro dele. O nome dele é Joshua Sandeski. — Ela solta um ronco depreciativo. — Este idiota é tão prepotente que me admira ele não cagar pequenas réplicas castanhas do seu rosto presunçoso. — Os rapazes apupam perante a imagem nojenta que ela criou. — No primeiro dia de aulas, tivemos todos de nos sentar em círculo e apresentar-nos aos outros atores. — Ela olha para mim. — Lembras-te disso?

— Oh, sim, lembro-me — digo, secamente.

— Enfim — diz ela ao Fitzy —, aquele idiota levanta-se e diz: «Eu sou o

Joshua Sandeski, mas todos me tratam por Slade. Se me chamarem outra coisa, eu não respondo.» E não estava a brincar. Sempre que a professora se enganava e o tratava por Sandeski, ele ignorava-a pura e simplesmente.

— Essa é a maior parvoíce que já ouvi — comenta o Dean.

Merda, o braço dele está a mexer-se outra vez.

— Eu acho que é corajoso — discorda o Hollis. — Sabem que mais? Que se lixe. Vou fazer como o Slade e arranjar um nome para mim. A partir de agora, só me podem chamar Thunder.

Espreito discretamente a última mensagem e sinto a minha respiração a ficar ofegante.

Ele: A minha pila está tão dura agora. Estou mortinho por entrar dentro de ti.

Desta vez, não lhe dou corda. Se não lhe responder, ele vai acabar por parar, certo?

Errado.

As mensagens continuam a chegar, cada uma mais provocadora do que a anterior.

Ele: Desta vez, não vou ter pressa. Vou saborear cada segundo.
Ele: Tão devagar, linda. Vou entrar e sair de dentro dessa vagina apertada...
Ele: Até implorares por mais.

Pego no copo e bebo um pouco de água. Apercebo-me da gargalhada suave do Dean, que consigo ouvir mesmo com a música alta do bar.

Ele: Mas não te vou dar o que queres. Vou enfiar a minha pila, centímetro a centímetro.
Ele: E depois vou tirá-la outra vez.
Ele: E sempre que me implorares que te penetre à bruta, eu vou fazê-lo ainda mais devagar.
Ele: Vou atormentar essa tua vagina a noite toda, linda.
Ele: A. Noite. Toda.

Ponho-me de pé como se tivessem acendido um fogo debaixo do meu rabo.

— Preciso de ir à casa de banho — digo, rapidamente.

Ignorando o sorriso largo na boca irritantemente sexy do Dean, afasto-me da mesa o mais depressa que as minhas botas de salto alto me permitem.

Raios me partam. Estou tão excitada que as minhas coxas se colam uma na

outra e receio ter uma mancha húmida na parte de trás das calças. Para piorar a situação, a Megan ainda nem bebeu uma gota da sua bebida, o que significa que tão cedo não vamos embora. O que significa que preciso de manter a compostura e extinguir qualquer faísca de desejo que esteja a incendiar o meu sangue como um combustível líquido.

Espero que o Dean pare de me enviar mensagens picantes quando eu voltar.

Se não parar, sou capaz de atingir o orgasmo ali mesmo na mesa.

Ele não para de enviar mensagens picantes.

Eu continuo a ignorá-lo.

A nossa batalha dos desejos prolonga-se por mais uma hora e eu não posso dizer que não estou impressionada com a persistência dele. Já para não falar na quantidade absurda de palavras porcas que ele tem no vocabulário.

Quando reparo que o Dean está a remexer-se nitidamente no lado da mesa dele, esboço um sorriso atrevido e respondo-lhe finalmente.

Eu: Estás apenas a torturar-te a ti próprio, lindinho. É melhor parares antes que fiques com os tomates azuis.

Envio-lhe dois emojis que me parecem adequados à situação — um par de círculos azuis.

O Dean suspira e levanta-se, mas não sem antes reorganizar a sua região sul. Acho que sou a única a reparar nisso e o meu sorriso aumenta ainda mais.

— Vou mudar estas músicas — diz ele ao grupo. — A pessoa que não para de escolher baladas *rock* dos Aerosmith está a tirar-me do sério.

Quando ele se afasta, os meus olhos traem-me quando eu me ponho a admirar o traseiro dele. As calças pretas colam-se às nádegas como uma luva e eu pergunto-me se as calças costumam ser assim tão apertadas. Eu achava que não. Talvez o Dean tenha um alfaiate que lhe faz umas calças especiais que lhe exibem o rabo. Parece-me algo que aquele sacana peneirento seria capaz de fazer.

Seja como for, o rabo dele é espetacular. Caramba, *tudo* nele é espetacular. Não consigo deixar de admirar os ombros largos que preenchem a camisola *Under Armour* de manga comprida ou o comprimento perfeito dos cabelos loiros.

Depois deixo de o ver no meio da multidão e sinto uma onda de alívio, porque agora que não o consigo ver tenho tempo para acalmar as minhas hormonas descontroladas. No entanto, o alívio é de curta duração. Quando ele regressa à mesa, continua lindo como sempre e eu continuo enervantemente excitada.

Ele volta a sentar-se no banco quando a música que está a dar termina e começa a tocar nas colunas a seleção que ele escolheu, num volume ensurdecedor.

É a canção *I Want You to Want Me*, dos Cheap Trick.

Não consigo impedir uma gargalhada, e o Fitzy lança-me um olhar desconfiado.

— A piada passou-me ao lado? — pergunta ele.

— Não. Às vezes rio-me sem motivo — limito-me a dizer. — Sou estranha.

A Megan intervém.

— É verdade. Ela é estranha.

Contenho outra gargalhada e evito o olhar do Dean enquanto a canção que ele escolheu continua a tocar. Não fico admirada quando o meu telemóvel vibra.

Ele: Eu podia ter escolhido algo um pouco mais subtil. Mas porquê fazer joguinhos? Estou a arder de desejo por ti, Allie.

Merda, ele chamou-me Allie. Ele não está para brincadeiras.

Levanto a cabeça e a intensidade do olhar dele faz o meu coração palpitar, começando depois a bater acelerado. O Dean já é insuportavelmente atraente, mas quando está excitado? Fica espetacular.

Com os olhos verdes hipnotizantes semicerrados, lábios ligeiramente abertos, com um nó na garganta, quase acredito que ele *está* a arder. Que sente dor física por me desejar tanto. Mas estamos a falar do Dean, por amor de Deus. Ele provavelmente fica com uma ereção só de sentir uma ligeira brisa na breguilha. A sério, basta darmos-lhe um encontrão para ele ficar duro. O tipo é obcecado por sexo e metade das raparigas da faculdade podem comprovar isso, porque metade delas já dormiu com ele.

Claro que me sinto lisonjeada por ser o alvo de toda esta energia sexual. Que mulher não gosta de se sentir desejada? Mas seria parva se acreditasse por um segundo que sou a *única* mulher que o Dean Di Laurentis está a tentar engatar.

Não, não passo de mais uma conquista na lista interminável do Dean.

Ponho-me de pé quando penso nisso.

— Não me apetece mesmo ouvir os Cheap Trick esta noite — digo, docemente. — Acho que vou trocar de canção.

Avanço determinada na direção da *jukebox* que está na outra ponta da sala. Não se trata de uma daquelas *jukeboxes* antigas, mas sim uma moderna, com ecrã tátil e ranhuras para dinheiro e cartão de crédito. Coloco uma nota de um dólar na máquina e analiso as opções. Credo. Esta maquineta tem quase todas as canções que alguma vez foram escritas.

Sorrio quando uma das artistas me chama a atenção. Percorro a discografia dela e seleciono o título de que ando à procura, adicionando-o à fila de espera. A barra lateral do ecrã revela que há outra canção à frente, uma canção da Kesha que faz com que um bando de rapazes universitários ocupe a pista de dança. Quer isto dizer que eles começam a dançar onde quer que estejam, porque a zona em frente ao palco do *karaoke* que costuma funcionar como pista de dança está ocupada por um grupo de *hipsters* que estão todos colados aos telemóveis.

— Boa escolha — diz-me o Tucker. Ele também passou a noite toda colado ao telemóvel e admira-me que, de repente, tenha decidido ser sociável.

— Não foi esta a música que escolhi — respondo-lhe.

— Então, qual é que escolheste? — pergunta o Dean, desconfiado.

— Daqui a pouco já vais saber, meu lindo.

Três minutos depois, começa a tocar a parte introdutória e ouve-se pelo bar um coro de vozes femininas.

O Dean olha para mim.

A canção que eu escolhi? *U and UR Hand*, da Pink.

— Boa! — A Megan pousa o copo e levanta-se, esticando a mão na minha direção. — Vamos dançar.

Não tenho tempo para protestar, porque ela já está a arrastar-me para o meio da multidão. Pronto. Parece que vamos dançar.

Quando o baixo começa a retumbar debaixo dos nossos sapatos de salto alto, levantamos as mãos no ar, pomo-nos a abanar as ancas e começamos a dançar. O

cabelo ruivo da Meg bate-me na cara quando ela começa a rodar a cabeça. Eu também rodo a cabeça, porque assim tenho a oportunidade de espreitar o Dean. Ele está com um ar resignado, mas também noto um brilho de divertimento no seu rosto.

Quando chegamos à parte da canção em que a Pink — que, já agora, é uma deusa, uma *deusa*! — diz «buh-bye» ao tarado a quem ela dirigiu a canção, eu lanço um sorriso piegas ao Dean e mexo os dedos como se estivesse a dizer-lhe adeus.

Ele toca com a ponta da língua no lábio inferior enquanto curva os lábios num sorriso lento. Faz-me um pequeno aceno em resposta. *Bem jogado*, quase consigo ouvi-lo dizer.

Eu e a Meg continuamos a dançar e a nossa dupla chama cada vez mais a atenção, o que faz com que mais pessoas se juntem à dança. De repente, estamos rodeadas de outras raparigas que estão a gostar tanto da canção como nós. Aquele tema é praticamente um hino para qualquer mulher que já tenha tido de lidar com um idiota que se atira a ela num bar, ou que a enche de bebidas na esperança de dar uma queca com ela, ou que não para de a chatear quando ela está a tentar divertir-se com as amigas.

Uma asiática pequena com vários *piercings* na cara e cabelo cor-de-rosa espetado bate com a anca na minha e depois começamos a dançar com as costas encostadas uma à outra e a bater com os rabos um no outro enquanto partilhamos um momento de camaradagem feminina. Estou a rir-me, ofegante por estar a divertir-me tanto, mas, desta vez, quando procuro o Dean, ele já não parece divertido.

Que caraças.

Ele está novamente excitado.

O seu olhar penetrante acompanha todos os meus movimentos. Quando a canção termina, eu estou a ferver. Não do calor ou do cansaço, mas sim do olhar do Dean que percorre o meu corpo como labaredas numa seara ao vento.

Quando regressamos à mesa, eu bebo o resto da minha água e depois levanto o cabelo para abanar com uma mão o meu pescoço quente. Tenho o telemóvel

pousado em cima da mesa e, de modo instintivo, fico tensa quando a luz do ecrã se acende. Basta-me olhar rapidamente para o Dean para perceber que ele tem a mão debaixo da mesa outra vez.

Mordo o lábio e olho para o telemóvel.

Não leias, ordeno-me.

Eu leio.

Ele: Da próxima vez que decidires dar um espetáculo assim para mim, é melhor estares nua.

12

Allie

Regresso com a Megan ao *campus* pouco depois da meia-noite. O meu dormitório de dois quartos está coberto de sombras quando eu entro. Não há luz acesa no quarto da Hannah, o que significa que ela já está a dormir.

Faço um esforço por fazer pouco barulho, pego nos produtos de higiene e dirijo-me à casa de banho que partilhamos com outras seis raparigas deste andar. Dez minutos depois, entro no quarto em bicos de pés, visto o pijama, desligo a luz e meto-me debaixo dos lençóis.

Nunca tive dificuldades em adormecer. Normalmente fecho os olhos assim que pouso a cabeça na almofada.

Só que esta noite não consigo adormecer. As mensagens do Dean deixaram-me a ferver, por isso passo a hora seguinte às voltas na cama, numa tentativa de me pôr confortável. Mas não estou confortável. Sinto uma tensão nos seios e uma palpitação na vulva. Sempre que rebolo na cama, os meus mamilos roçam no colchão e a fricção inocente aumenta ainda mais a tensão.

A culpa é do Dean. Porque é que ele tinha de me enviar aquelas mensagens picantes?

Deixo escapar um gemido. Volto a rebolar na cama, desta vez colocando-me de lado. Normalmente gosto de dormir com uma parte do cobertor enfiado no meio das minhas coxas. Mas, neste momento, ter qualquer coisa a roçar lá em

baixo provoca-me uma dor excruciante, e as minhas ancas começam involuntariamente a roçar no cobertor.

— Raios me partam. — A minha voz atormentada ecoa na escuridão. Deito-me de costas e levanto um joelho, porque, como é óbvio, não vou conseguir pregar olho até resolver este assunto.

U and UR Hand está a revelar-se uma canção profética.

Cerro os dentes e enfio a mão dentro das calças do pijama axadrezado. Infelizmente, não sou daquelas mulheres que consegue esfregar o clítoris algumas vezes e pumba! Orgasmo! Não, eu preciso de uma história, de uma fantasia deliciosa para conseguir chegar lá. Nos últimos dias, a minha fantasia incluía o meu *crush* famoso: o Ryan Gosling, um ser perfeito. Por isso, é ao Ryan que recorro agora, na minha hora de maior necessidade.

A fantasia começa sempre de forma diferente. Estou num bar e estamos a namoriscar um com o outro. Estou num quarto de hotel e há uma confusão e somos obrigados a partilhar a cama. Estou a correr na praia em Malibu e esbarro nele!

Mas termina sempre da mesma forma: com uma queca à bruta com o Gos.

Escolho o quarto de hotel, uma vez que isso dá azo a uma série de cenários propícios a aventuras sexuais à minha escolha. Esta noite vou dormir nua, porque o ar condicionado está avariado. Acho que podia dormir nua sem precisar de uma desculpa para isso, mas gosto que as minhas fantasias sejam consistentes com a vida real e, uma vez que não costumo dormir nua na vida real, opto por ter o ar condicionado avariado.

Onde ia eu? Esfrego o clítoris com o indicador enquanto me imagino deitada numa cama gigante. Estou quase a adormecer quando ouço um *bip*. Alguém enfiou um cartão na ranhura da porta. Estou indignada! Será que o *concierge* decidiu mandar as empregadas a meio da noite? Quem poderia estar a entrar no meu… bem, vejam só! É o Ryan Gosling. Ele entra no meu quarto e, por algum motivo, está em tronco nu. Tem as calças de ganga tão descaídas que dá para ver o V nas suas ancas nuas.

Ele fica surpreendido ao ver-me ali e rapidamente percebemos que se tratou de

um erro na reserva do quarto. Depois conversamos durante cinco minutos sobre a nossa vida e ele revela que se separou da Eva Mendes.

Sim, as minhas fantasias sexuais têm diálogo *e* conversa de circunstância.

Acabo por me levantar da cama e… oh, não! O lençol que tapava o meu corpo nu cai para o tapete. O Ryan arregala os olhos azuis em sinal de apreço. O pénis dele endurece visivelmente debaixo do fecho das calças.

Ele lambe os lábios e aproxima-se mais.

Em jeito de provocação, deslizo os dedos sobre a zona dos seios. Os olhos dele ardem como safiras líquidas.

Não, como esmeraldas. Porque os olhos dele agora estão verdes. Porque é que estão verdes?

Na escuridão do meu quarto, deixo escapar um impropério baixo e irritado. Que *merda* é esta?

Porque é que o Dean está a invadir a minha fantasia?

Os meus dedos detêm-se sobre o clítoris. Pronto, isto já é indelicado. Eu e o Ryan estávamos prestes a pinar. O Dean não me pode estragar esta fantasia.

Fecho os olhos e transporto-me de volta para a fantasia. Mas já não me encontro no hotel e o Ryan já não está comigo. Estou no rinque de hóquei com o Dean e estamos a curtir no gelo.

Contenho outro gemido e abano-me para sair daquela cena e, uma vez mais, ordeno à minha mão que pare. Mas qual é o rumo da porra desta fantasia? O gelo é *frio*. Quem quer ficar gelado quando está numa sessão de marmelada? E porque é que o Dean está a percorrer o meu corpo nu com beijos? O treino dele está prestes a começar. A equipa vai entrar e apanhar-nos…

«Eu gosto da ideia de ser apanhado.»

O gemido foge-me dos lábios antes que eu consiga travá-lo. A confissão picante do Dean não faz parte da fantasia. É vida real, sem sombra de dúvidas.

Na noite em que lhe perguntei porque é que não faz sexo no quarto, o olhar dele tornou-se sugestivo e a voz dele encheu-se de puro prazer sexual quando respondeu: «Gosto da ideia de ser apanhado.»

Sim, o Dean Di Laurentis fica excitado com a ideia de ser apanhado no ato.

E ele terminou a confissão ali? Claro que não, porque isso significaria que ele *não* tinha cumprido a sua missão de vida, que é atormentar-me sexualmente. Não, àquela primeira parte seguira-se uma outra confissão: «E quando sou apanhado, gosto de ser observado.»

Estou a sentir desejo por um exibicionista. Quer dizer, talvez eu também seja exibicionista, porque, em vez de travar a fantasia, deixo-a continuar.

— É bom que te venhas depressa, linda. — O hálito do Dean faz-me cócegas no interior da coxa. — Caso contrário, os meus colegas de equipa vão sair daquele balneário e ver a minha cara enfiada no meio das tuas pernas.

A minha respiração acelera. Aperto um seio, brincando levemente com o meu mamilo. Acaricio o clítoris com a outra mão, descrevendo círculos pequenos. Oh, meu Deus. Estou tão molhada. E o meu clítoris está inchado de desejo. Quase consigo sentir a língua do Dean a descrever círculos à volta dele.

— Oh, com que então gostas dessa ideia? — Ele roça a ponta do dedo na minha entrada. — Olha como estás molhada.

Enfia o dedo dentro de mim.

Não, sou eu que estou a enfiar o dedo dentro de mim. Deixei os meus seios em paz e agora tenho as mãos no meio das coxas. Esfrego o meu clítoris com uma mão e enfio o dedo da outra mão dentro de mim, sentindo-me a derreter no colchão e imaginando o Dean a fazer-me sexo oral.

— Vou comer-te aqui mesmo no gelo, Allie.

Enrolo os dedos dos pés. A pressão que sinto é insuportável.

Na fantasia, o Dean põe-se de joelhos. O peito dele brilha debaixo das luzes claras do rinque. O pénis dele está ereto. Enrola o punho em volta da base e inclina-se para a frente, aproximando-se cada vez mais do local onde eu mais quero que ele chegue.

E depois ouvimos. Passos. Vozes. Gargalhadas. Os jogadores estão a sair do balneário. O Dean esboça um sorriso maquiavélico. E depois enfia o pénis duro dentro de mim…

O meu orgasmo é tão forte que eu me esqueço de respirar. Fico deitada na cama, ofegante e a tremer. Vejo estrelas com os olhos fechados quando o orgasmo percorre o meu corpo com ondas quentes e pulsantes.

Oh, meu *Deus*.

Isto foi… isto foi… nem tenho palavras para o descrever.

E a parte mais triste é que o orgasmo que me desfez em pedaços não foi, nem de perto nem de longe, tão poderoso como os orgasmos que o Dean me fez sentir pessoalmente.

Continuo a tremer das réplicas de prazer e começo à procura no escuro até as minhas mãos encontrarem uma caixa de lenços de papel em cima da mesinha de cabeceira. Puxo uns lenços de papel e utilizo-os para me limpar no meio das coxas. Não me lembro da última vez que fiquei tão húmida durante uma masturbação.

Pensa em como ficarias ainda mais húmida se eu te fodesse outra vez…

Bolas. Quase consigo ouvir o Dean a provocar-me. A aliciar-me…

Respiro fundo. Pronto. Eu sou uma pessoa pragmática. E tirei boas notas naquela cadeira de Lógica Argumentativa que fiz no primeiro ano. Por isso, talvez precise de racionalizar isto.

Premissa I: O Dean Di Laurentis é ótimo na cama.
Premissa II: Ele quer fazer sexo comigo outra vez.
Premissa III: A ideia de fazer sexo com ele excita-me.
Conclusão: Eu devia fazer sexo com o Dean.

Pronto, esta foi fácil. Agora vem a parte complicada.

Premissa I: O sexo causal deixa-me desconfortável.
Premissa II: Acabei de sair de uma relação longa e não estou pronta para outra.
Premissa III: Mesmo que estivesse, não quereria uma relação com um mulherengo como o Dean.
Conclusão: Hum…?

Experimento outra:

Premissa I: Não quero uma relação com o Dean.
Premissa II: Ele não quer uma relação comigo.
Conclusão: Devíamos fazer sexo sem compromisso.

Mais uma vez, esta decisão é fácil, mas, mesmo assim, não resolve o problema do sexo casual. Se parar para pensar nisso, a única pessoa que me critica por isso sou eu. Sexo sem compromisso com o Dean faz de mim uma galdéria? Ele certamente acha que não. As minhas amigas também não achariam, embora não planeie contar-lhes se decidir ter sexo sem compromisso com o Dean. Mas porque é que eu quero manter segredo?

Mordo o interior da bochecha enquanto penso nisso. Continuo sem arranjar uma resposta, mas a ideia de todos saberem que ando enrolada com o Dean continua a deixar-me desconfortável. Pronto. Terei de manter o segredo. Talvez amanhã consiga perceber porque me sinto assim.

Merda. Terei mesmo tomado uma decisão?

Já estou a agarrar o telemóvel, por isso… sim. Acho que tomei.

Procuro o nome do Dean e escrevo uma mensagem na caixa de mensagens: Está bem.

Tenho de tirar o chapéu ao rapaz. Ele sabe exatamente ao que me refiro, porque a resposta dele é: Quando?

Eu: Amanhã à noite? A Hannah vai dormir em tua casa. Podes vir cá. 20h?
Ele: O jogo dos miúdos começa às 18h. Só fico livre às 21h.
Eu: O jogo dos miúdos?
Ele: Não te preocupes. Amanhã conto-te.
Ele: O que te fez mudar de ideias?

O que me fez mudar de ideias… a loucura? Uma obsessão pouco saudável com sexo? O pénis fantástico dele?

Eu: Decidi que estava na altura de viver a Vida do Dean.
Ele: Ainda demoraste. Então pode ser às 21h?

Hesito.

Eu: Sim.

Meu Deus, o que estou a fazer? Talvez tenha *mesmo* endoidecido.

Segue-se uma pausa demorada antes de receber outra mensagem dele. Um riso histérico voa da minha boca quando a leio.

Ele: Eu levo a corda.

13

Allie

Consegui o contacto do meu agente, Ira Goldstein, através de um amigo do meu pai. Ele representa-me desde que eu tinha 12 anos e o primeiro trabalho que me arranjou foi um anúncio de cereais. Eu só tinha uma deixa, de que me lembro até hoje:

«Como pode uma coisa TÃO SABOROSA ser TÃO SAUDÁVEL? NHAM!»

Tenho quase a certeza de que o meu pai ainda tem uma cópia do DVD do anúncio algures na nossa casa. Espero que esteja guardada no cofre da arma dele, porque, valha-me Deus, não quero que mais ninguém veja aquela cassete vergonhosa.

O Ira divide o tempo entre os escritórios da agência de Manhattan e de Los Angeles, por isso, a maior parte das nossas conversas acontece por telefone. Hoje ele está a ligar-me de Los Angeles.

— Como está a minha menina esta manhã? — pergunta ele com a voz jovial que eu aprendi a adorar.

— Esta tarde — corrijo-o. O ensaio já acabou e eu prendo o telemóvel no ombro e abotoo o casaco quando vou a sair do auditório. — São duas da tarde na Costa Este.

— Ah, pois. A porcaria dos fusos horários. Põem-me doido. Nunca sei onde estou ou que horas são. — Rio-me. — Conseguiste ler o guião do episódio-piloto da Fox que te enviei? — O Ira é um profissional que vai direto ao assunto, e eu gosto disso. Ele também é um tubarão, mas é suposto os agentes serem tubarões e eu continuo a adorá-lo, mesmo quando ele tenta impingir-me projetos que sei que só escolheu por dinheiro.

— Dei-lhe uma vista de olhos. Parecia ter potencial.

— Bem, dá-lhe mais uma leitura e, desta vez, não leias só por alto. Falei com um dos produtores ontem à noite. Eles querem mesmo que faças uma audição para o papel.

— Recorda-me qual é personagem. Era a Bonnie? Ou a Sarah?

— Espera, deixa-me ver. — Ouço o roçagar de papéis do outro lado da linha. Uns segundos depois, ele volta à chamada. — A Bonnie.

Disfarço o desapontamento. Raios. Estava na esperança de que fosse a Sarah. O episódio-piloto é para uma comédia com episódios de trinta minutos sobre três raparigas que se detestavam na escola secundária, mas que são obrigadas a viver juntas na faculdade. A série segue a vida delas durante o primeiro ano de faculdade e acompanha-as enquanto descobrem o amor, a vida e a amizade. Foi descrita a mim e ao Ira como uma série com vários protagonistas, mas uma conhecida atriz de televisão já se comprometeu em representar o papel de Zoey, por isso é claro que o plano deles é que ela seja a estrela da série.

Os outros dois papéis ainda vão ser atribuídos, mas eu preferia fazer a audição para o papel de Sarah, a pudica que precisa de aprender a descontrair. Eu ter-me-ia divertido com isso.

Já a Bonnie é a cabeça de alho chocho do trio. Tem algumas falas engraçadas, mas é burra que nem uma porta. A sua personalidade descontraída e o QI de um dígito são suficientes para reverter a evolução das mulheres uns bons milhares de anos.

Mas talvez esteja a preocupar-me sem motivo. Talvez os guionistas tenham grandes planos para a Bonnie. Não faz sentido ter três protagonistas, se apenas vão desenvolver duas delas, certo?

— É o papel perfeito para ti, querida — diz o Ira. — Consegues desempenhar

a desmiolada com um palminho de cara com uma perna às costas, certo?

Sim. Consigo. Mas não sei se quero. Todos os papéis que desempenhei foram de desmiolada com um palminho de cara. Seria bom expandir os horizontes, esticar um pouco os meus músculos de atriz.

Só que… trata-se de uma *estação televisiva*, por amor de Deus. Tenho a hipótese de ser coprotagonista num episódio-piloto que, tendo em conta o falatório à volta da série, será prolongado para uma temporada completa.

— Eu dou mais uma leitura esta noite — prometo. Depois tento mostrar algum entusiasmo com a possibilidade de representar a Bonnie, mas não consigo proferir sequer um *wheeee*!

Pensando bem, já há algum tempo que não leio um guião que me tenha feito proferir um *wheeee*! O último projeto que me deixou entusiasmada foi a peça que fiz para o Brett Carson este verão.

— O *casting* começa em fevereiro — diz-me o Ira.

Arqueio a sobrancelha.

— Faltam quase três meses. Porque é que atribuíram tão cedo o papel da Zoey?

— Queriam assinar com a Kate Ashby antes que outra estação ficasse com ela. Os produtores estão a terminar a temporada final da outra série dele e depois vão começar com as audições deste projeto. Querem que faças o *casting* no dia 6 de fevereiro.

Sinto um peso no estômago.

— Não posso. A *Viúva* começa no dia 8. Temos ensaios com os figurinos nessa semana.

— A *Viúva*?

— A peça que estou a fazer na faculdade.

O Ira suspira.

— Há hipótese de conseguires escapar a esses ensaios?

— Nenhuma.

— Merda.

Segue-se um momento de silêncio. O Ira faz muitas vezes isso, deixando-se

embrenhar em pensamentos por vários minutos. Acho que ele se esquece de que estamos ao telefone e não na mesma sala.

— Ira? — pergunto.

— Desculpa, querida. Estou a pensar… — Depois de outra pausa demorada, volto a ouvir a sua voz vigorosa. — Deixa-me ligar para o assistente do Virgil. Vou ver o que podemos fazer.

Ele desliga a chamada sem se despedir, que é outro mau hábito dele. Ele insiste que não tem tempo para «essa porcaria».

Dez minutos depois, percorro o caminho até à Bristol House e passo o cartão de identificação no leitor de entrada. Provavelmente não terei notícias do Ira hoje e uma parte de mim deseja que os produtores digam: «Temos pena. Se ela não pode fazer a audição no dia em que queremos, vamos dar o papel a outra pessoa.»

É de loucos pensar assim, porque, uma vez mais, trata-se de uma estação televisiva.

O que é que se passa comigo?

Pelos vistos, várias coisas, porque não só estou a ponderar faltar a uma audição que pode lançar a minha carreira, como estou a planear fazer sexo com o Dean Di Laurentis esta noite.

Sim, o nosso encontro sexual mantém-se de pé. Não mudei de ideias. Aliás, estou… Deus tenha piedade de mim… ansiosa. Até vou faltar ao treino hoje para me preparar.

Depois de comer uma tosta de queijo ao almoço, chamo um táxi para me levar ao cabeleireiro de Hastings.

A Tanya, a minha manicure/pedicure/guru, já está à minha espera quando transponho a porta. Há muito tempo que decidi que ela era uma sádica, porque é alarmante a forma como se mostra entusiasmada por torturar a minha região sul. Começamos pela depilação à brasileira, porque eu não gosto de ficar a pensar na tortura com cera quente durante a manicure.

Depois de ficar sem pelos como se fosse um bebé, a Tanya esfrega óleo calmante sobre a área sensível e sai da sala enquanto eu visto as cuecas e as *leggings*. Normalmente, a vermelhidão lá em baixo demora algumas horas a desaparecer, mas o Dean só chega às nove, por isso tenho muito tempo para

recuperar e ficar bem.

Saio da sala de depilação e vou ter com a Tanya à sala de manicure. Uma hora depois, saio do cabeleireiro com as unhas das mãos e dos pés pintadas de vermelho, porque acho que o Dean vai divertir-se a ver as minhas unhas escarlates a arranhar os seus abdominais de aço. Pedi à Tanya que as deixasse mais curtas e mais redondas desta vez, para não o deixar todo marcado.

Na viagem de táxi até à residência, tento perceber se estou entusiasmada ou desapontada comigo mesma. Ainda não acredito que cedi à potente masculinidade do Dean, mas não posso negar que estou ansiosa por sentir novamente o seu pénis mágico.

A não ser que… e se ele tiver perdido o *sex appeal*? Quer dizer, quantas vezes podemos esfregar a lâmpada do génio antes de ficarmos sem poderes mágicos? Ou a lâmpada do génio tem um número infinito de desejos?

Pensamentos profundos com a Allison Jane Hayes, pessoal.

Hum. Talvez *esse* devesse ser o meu programa televisivo.

Quando o relógio chega às 21 horas, estou pronta para, como diz o Will Smith, «partir a loiça toda».

Arranjei-me dos pés à cabeça. Estou depilada, tenho as unhas pintadas, tomei banho e pus creme de corpo e até estiquei o cabelo com a prancha depois de seco, ao invés de o deixar ondulado como de costume.

Parece-me um desperdício dar-me a este trabalho todo e depois não vestir um vestido preto curto ou uma lingerie sexy, mas calculei que o engatatão do Dean iria arrancar-me as roupas assim que chegasse, por isso vesti umas calças de yoga e uma camisola de alças. Estou sem soutien (porque, uma vez mais, para quê dar-me ao trabalho?), mas estou a usar cuecas porque só costumo ficar sem cuecas quando me sinto escandalosa. Por vezes, não vestia cuecas quando ia com o Sean a um restaurante chique. Deixava-o louco saber que não estava a usar nada debaixo do meu…

Não podes pensar no Sean quando estás a minutos de dormir com outro homem!

Tarde demais. Já estou a pensar no Sean. Ainda não aceitei encontrar-me com ele pessoalmente, mas sei que devia dar-lhe uma resposta um dia destes, antes de

ele começar a ser insistente. Ele faz muito isso.

Por exemplo, quando decidiu aparecer na minha residência sem ser convidado.

O que me fez sair a correr para a segurança da casa do Garrett.

O que me levou para a cama do Dean.

Parece que há uma moral da história algures por aqui, uma pérola do conhecimento que dava jeito ao Sean. *Insistir demasiado com a tua ex-namorada empurra-a para a cama de um mulherengo.*

Ou talvez seja melhor passar à frente essa lição em particular. Além disso, é uma acusação injusta da minha parte, porque a culpa de eu ter dormido com o Dean não foi do Sean. A decisão foi minha.

E agora estou a tomar a decisão de fazê-lo novamente.

O Dean está cinco minutos atrasado. Remexo-me impacientemente no sofá enquanto espero por ele, incapaz de me concentrar no episódio de *Solange* que está a dar na televisão. Não vejo a novela desde a noite em que o Dean esteve cá e fico admirada ao aperceber-me de que não é tão divertida sem ele. Eu até gostei dos comentários dele e de como, a cada cinco minutos, ele parava a série para anunciar: «Allie-Gata, não faço puto de ideia do que se está a passar!»

Foi… querido.

Oh, caraças. Eu usei mesmo a palavra *querido* e Dean ao mesmo tempo? Faço uma nota mental para nunca dizer isso em voz alta. O mais certo era ele acusar-me de ter um fraquinho por ele.

Ouço passos no corredor e sinto a expetativa a aumentar no meu peito. O meu coração dá uma cambalhota parva e inesperada quando ouço duas batidas na porta. Trata-se de uma batida vigorosa e, quando abro a porta, o Dean está à minha frente. Está a usar umas calças gastas com um rasgão num joelho e uma camisola de malha verde por baixo do blusão da Briar e um gorro preto.

— Olá. — De repente, sinto-me envergonhada por toda esta situação.

— Olá. — Ele tira o gorro e entra. Reparo que tem o cabelo molhado, como se tivesse acabado de sair do duche. Olha para a televisão. — O que é que eu perdi? A Marie-Thérèse conseguiu encontrar uma cópia do testamento do Claude?

— Não sei. Comecei a ver o episódio três minutos antes de teres chegado.

— Se continuares a ver sem mim, envia-me uma mensagem a contar o que aconteceu. — Ele atira o gorro e o casaco para o sofá.

Pego rapidamente neles.

— Não, eles vêm comigo. As botas também — acrescento, apontando para as *Timberland* pretas que ele está a descalçar.

— Para onde vais levá-los?

— Para o meu quarto. Não quero que haja provas da tua presença nesta sala no caso de te esqueceres de alguma coisa. É uma operação secreta.

— Como queiras, Sra. Bond.

Pouso a roupa dele em cima da cadeira do meu quarto. E depois sinto-me novamente envergonhada, porque o Dean está ali de pé. A uns metros de distância. A sorrir para mim.

— O que foi? — murmuro, na defensiva.

Ele encolhe os ombros.

— Nada. — Mas, mesmo assim, não avança na minha direção.

— Vais ficar aí especado? Anda cá e faz qualquer coisa, caraças.

Os cantos da boca dele curvam-se para cima.

— Fazer o quê?

Fico ainda mais envergonhada.

— Não sei. Beija-me. Despe-me a camisola. Qualquer coisa.

O Dean cruza os braços sobre o peito largo.

— Na-hã. Se me queres, vem tu até aqui.

A irritação sobe-me pela espinha.

— Então agora estamos com joguinhos?

— Nada de jogos. — Ele arqueia uma sobrancelha loira. — Mas ainda não estou convencido de que isto não seja um truque qualquer teu.

— Achas que te convidei para vires até aqui para gozar com a tua cara? — Ofereço-lhe um sorriso trocista. — Lindo, eu convidei-te para vires cá a casa para pinar contigo. Ponto final.

Ele ri-se e o som grave e profundo da sua gargalhada desce até ao meu sexo. Oh, que se dane. Se ele precisa que eu dê o primeiro passo, eu dou o primeiro

passo. Nós os dois queremos a mesma coisa.

Sem dizer uma palavra, transponho a distância entre nós e passo a palma da mão pela face dele.

O Dean respira sofregamente. Tem o rosto bem barbeado e eu dou por mim a ansiar por alguma barba. Gostei de sentir a barba dele na minha pele da última vez.

Mas, ao contrário da última vez, estou completamente sóbria esta noite. Não posso usar o álcool como desculpa para aquilo que estou a fazer neste momento.

Passo-lhe a mão pela cabeça e enfio os dedos no cabelo molhado. Quando os nossos olhares se cruzam, eu baixo a cabeça e os nossos lábios tocam-se num beijo ao de leve. Sem língua. Sem urgência. As nossas bocas tocam-se de modo exploratório e depois eu afasto-me para olhar para ele.

Meu Deus. O olhar dele encerra um calor tão cru e palpável que me arranca um arquejo. Quando dou por mim, a boca do Dean está a embater na minha e não há nada de exploratório *neste* beijo.

É fome pura.

A língua dele insere-se na minha boca em movimentos castigadores. Ouço-me gemer, mas o Dean engole o som desesperado com outro beijo ávido e leva as mãos quentes às minhas ancas e beija-me até eu mal conseguir respirar.

O meu coração bate acelerado. Cum caraças, estou estupidamente excitada. Ele também. Eu sinto a prova disso quando ele me agarra no rabo e me encosta a si, roçando os nossos corpos um no outro.

— Porra, deixas-me tão duro — geme ele.

Roda as ancas, dobrando-se ligeiramente, de modo que o seu pénis fique à altura das minhas coxas. E depois inclina-se para a frente e a ereção dele roça no meu clítoris, originando uma onda de prazer que me percorre a espinha.

— Nu — consigo dizer. — Já.

Ele solta outra gargalhada, ignora o pedido desesperado e beija-me novamente. Os lábios dele estão tão ávidos como antes, dominantes, e quando penso que estes beijos frenéticos e apaixonados não poderiam ficar mais escaldantes, o Dean abranda de repente. A língua dele provoca-me com cócegas no lábio inferior. Ele morde levemente o meu lábio com os seus dentes perfeitos.

E depois enfia a cara no meu pescoço e brinda-o com beijos suaves com a boca aberta, que me causam arrepios na pele.

Uma vez que ele não parece ter pressa em despir-se, eu encarrego-me disso. Agarro na bainha da camisola dele e puxo o tecido pesado para cima. Levanto-a até ao colarinho e ele levanta a cabeça para ajudar a despir o resto. Assim que ele despe a camisola, eu passo as palmas da mão ansiosamente pela sua pele quente e nua.

Ele produz um som rouco e passa os dedos pelo meu cabelo, observando-me com um olhar carregado de desejo enquanto eu lhe acaricio o peito.

Este rapaz é *trabalhado*. Quase ronrono de felicidade enquanto exploro o tronco duro. Passo o indicador por cada peitoral esculpido e depois carrego num mamilo liso. Ele dá um pulo e a respiração fica mais ofegante. Passo o mesmo dedo pela tira do seu pelo loiro até chegar à cintura e depois pouso a palma da mão e acaricio-lhe os abdominais definidos.

O Dean volta a encostar os lábios ao meu pescoço. Com dedos ágeis, puxa o tecido da camisola por cima da minha cabeça.

Respira fundo.

— Estás sem soutien?

— Parecia desnecessário.

Sinto o prazer a acender-se dentro de mim quando ele me apalpa os seios, passando os polegares sobre os meus mamilos e gemendo suavemente.

— Não imaginas o quanto eu queria brincar outra vez com estas mamas.

Inclino a cabeça para o lado e ele aproveita-se disso para me lamber desde o pescoço à orelha. Suga delicadamente o lóbulo e eu encosto-me ao seu peito quente, deixando-me levar por aquela sensação. O Dean continua a estimular-me os mamilos, utilizando apenas as pontas dos dedos. Quase não estabelece contacto e os meus mamilos endurecem dolorosamente sempre que as pontas dos dedos lhe tocam.

— Uma mão cheia perfeita. — Ele aperta os dois seios e desliza os polegares pelo lado de cada um deles. — E estes mamilos. Meu Deus, linda.

Ele baixa a cabeça e eu gemo quando ele passa a língua sobre o meu mamilo direito. Depois de toda esta atenção torturante, aquela lambidela firme provoca-

me um choque elétrico que me percorre o corpo.

— Sim — geme ele. — Podia chupar estes mamilos lindos a noite toda.

E depois ele continua. Pelo menos a chupar. Fecha os lábios em redor do mamilo duro e envolve-o com a boca quente e húmida.

— Oh, foda-se — suspiro.

— É bom? — O hálito dele provoca-me cócegas nos seios e ele desvia os beijos para o meu outro mamilo.

— Hum-hum.

— Está a deixar-te húmida?

Eu pronuncio qualquer coisa que não dá para entender, porque ele está a descrever círculos em redor do meu mamilo e eu já não me lembro de como se formam palavras.

— O quê? — provoca-me ele.

Deixo escapar mais palavras incompreensíveis.

— Mmrrmblergh.

O Dean ri-se.

— Pronto. Acho que vou ter de descobrir. — Ele agarra o meu elástico com as duas mãos e puxa as *leggings* e as cuecas para baixo. Depois de eu as empurrar com os pés, ele não perde tempo a enfiar a mão no meio das minhas coxas.

Não estou à espera quando ele enfia dois dedos dentro de mim.

— Oh, meu Deus — gemo. A onda de prazer quase me deixa sem força nas pernas.

— Credo. *Estás* molhada. A pingar, linda. — Um gemido escapa da boca dele. O olhar dele é selvagem, brilhante. — Se não te lamber aí em baixo neste preciso momento, vou enlouquecer.

Estou a contar que ele me empurre para cima da cama. Mas ele surpreende-me ao empurrar-me contra a porta. Põe-se de joelhos e afasta-me as pernas, e eu tremo quando o vejo a levantar a cabeça e olhar para mim, com o olhar carregado de desejo. Ele lambe os lábios e eu quase me venho naquele momento.

O Dean esboça um sorriso atrevido quando vê a minha expressão.

— Queres a minha boca em ti? A minha língua?

Consigo acenar tremulamente com a cabeça.

Quando a boca dele se aproxima do meu sexo, produzo um som abafado.

Quando a língua dele encontra o meu clítoris, outra pessoa produz um som.

Não sou eu e não é o Dean, e quando a voz animada da Hannah ecoa pelo corredor, nós ficamos imóveis. Eu continuo de pé, o Dean continua de joelhos, como se estivéssemos a fazer um espetáculo obsceno para um público real.

— Olá — diz a Hannah. — Só vim cá buscar a minha partitura. Esqueci-me de a levar para casa do Garrett.

O Dean levanta a cabeça, mas os lábios dele continuam a escassos centímetros da minha vulva. Sou percorrida por uma onda de pânico quando os passos da Hannah se aproximam da porta do meu quarto.

— Allie?

Comprimo os lábios. Se não disser nada, talvez ela pense que saí.

Mas não. É impossível ela não ver a luz por baixo da minha porta. E é impossível ela não ter visto o meu casaco, os meus sapatos e a minha mala na sala comum.

— Allie? — Ela bate-me à porta.

Olho desesperada para o Dean. O brilho diabólico dos olhos dele faz-me semicerrar os meus. Não sei o que ele está a planear, mas eu… oh, meu Deus. Ele arrasta a ponta da língua sobre o meu clítoris e agora eu tenho os olhos arregalados de terror, porque tenho quase a certeza de que acabei de gemer.

— Consigo ouvir-te aí dentro — acusa a Hannah.

Sim, eu gemi.

Pigarreio para limpar a gravilha que sinto na garganta.

— Sim, estou aqui. Desculpa, estava…

O Dean começa a pespegar-me beijos para cima e para baixo da minha abertura. Esqueci-me novamente de como se fala.

— Eu… oh, meu Deus — consigo dizer. — Não te ouvi antes.

Segue-se uma pausa. Uma pausa demorada e preocupante.

— Allie… — A Hannah cala-se, tosse e depois prossegue. — Estou a interromper-te enquanto estás… hum… no comboio solitário para a Vila do Orgasmo?

Os ombros do Dean começam a tremer incontrolavelmente. A gargalhada

abafada dele vibra contra o meu clítoris, causando-me vibrações agradáveis que têm o mesmo efeito que todos os brinquedos sexuais que tenho na mesinha de cabeceira.

Consigo gemer um «sim» que se escapa da minha garganta. Destina-se ao Dean, mas a Hannah, como é óbvio, não sabe disso.

— Merda — diz ela. — Desculpa! Já me vou embora. Juro!

Ouço os passos apressados dela a desaparecerem no corredor. Ouço-a às voltas na sala comum. E depois a porta da frente fecha-se.

O meu coração continua a bater acelerado quando eu baixo o olhar para o Dean.

— Estava a ver que ela nunca mais se ia embora — diz ele.

14

Dean

A Allie vem-se mais depressa do que eu contava. A minha língua mal toca no clítoris dela quando ela começa a tremer, a gemer e a embalar o corpo contra a minha boca. Acho que a ideia de quase ser apanhada a deixa tão excitada quanto a mim.

Caramba, queria que ela tivesse atingido o orgasmo quando a Hannah ainda estava atrás da porta. Isso teria sido sexy como o raio. Um segredinho só nosso. Mas isto também é bom, ter a Allie a montar-me a cara como se fosse um cavaleiro e eu fosse o cavalo de corrida dela.

Esqueçam o que disse, é mais do que bom. A minha pila é uma ponta de ferro a tentar escapulir-se das minhas calças de ganga e, sempre que os músculos interiores dela se contraem em volta dos dois dedos que tenho dentro dela, sinto uma onda de excitação nos testículos. Quando o corpo dela finalmente relaxa, lambo-lhe o clítoris uma última vez para a provocar e depois ponho-me de pé.

— Estás bem? — Sorrio ao notar a expressão de êxtase dela.

— Estou ótima. — Ela parece sonolenta e exausta, mas mostra-se desperta quando eu levo a mão ao fecho das calças.

Deixo cair as calças no chão. Não trago boxers porque — como é que ela disse antes? — não valia a pena. Quando solto o pénis, agarro-o com a mão direita e começo a acariciá-lo. Meu Deus, estou dolorosamente duro.

Miro o seu corpo nu de cima a baixo. Ela é mais baixa do que as raparigas com quem me costumo enrolar, mas não me importo. E, de certo modo, é mais magra e curvilínea ao mesmo tempo. Absorvo cada pormenor delicioso, desde as mamas arrebitadas à pele suave e pálida e ao paraíso cor-de-rosa no meio das suas coxas.

Quase esperava sentir-me desiludido de alguma forma, sentir que a semana que passei a desejar esta rapariga tinha sido exagerada. Mas não foi. Ainda bem que ela mudou de ideias, porque eu desejo-a tanto agora como desejava antes.

O meu olhar sobe para o rosto dela, repousando por instantes na sua boca sexy, e depois desce para a vulva completamente depilada.

Gemo de frustração.

— O que se passa? — pergunta ela.

— Estou a tentar decidir o que desejo mais… ter esses lábios sexy à volta do meu pénis ou essa vagina estreita a apertá-lo. — Acaricio lentamente a ereção enquanto pondero as duas opções igualmente tentadoras. — Dá-me a tua boca.

Ela semicerra os olhos azuis.

— E se eu não quiser?

Aperto a ponta do pénis inchada e depois baixo o punho para a base, abanando-o na direção dela.

— Não finjas que não gostaste de chupar isto na outra noite.

Quando ela não responde, eu dou um passo em frente e encosto o corpo nu ao dela. Ela estremece. Eu pego-lhe na mão, coloco-a à volta do meu pénis e ela estremece ainda mais.

Baixo a cabeça para lhe sussurrar ao ouvido:

— Por favor, linda, tenho sido um menino tão bom… esperei uma semana inteira por isto. Não mereço uma recompensa pela paciência? — Esfrego a parte lateral do pescoço dela com os lábios. — Tenho sido… — beijo-lhe o maxilar — um — dou-lhe beijos até chegar à boca — menino bom.

A Allie produz um ruído ofegante e passa a mão pelo meu pénis. Depois, põe-se de joelhos sem dizer uma palavra. O meu pénis estremece de entusiasmo. Ela aparta os lábios. Lambe-os. Lambe-os novamente. Não consigo desviar os olhos da boca dela. Quero senti-la em mim, mas a tensão que sinto nos testículos avisa-me que, assim que ela me chupar o pénis, não vou demorar muito tempo a

explodir.

Uma lambidela. É tudo o que a Allie consegue fazer antes de eu a pôr de pé.

— Não, não vai acontecer — digo. — Senão venho-me logo.

Os olhos dela brilham de indignação.

— Oh, meu Deus. És um provocador!

— Não me interessa. Quero a tua vagina. Deita-te na cama.

Estou a contar que ela se oponha, porque parece divertir-se com isso, mas ela é surpreendentemente obediente. Ela deita-se rapidamente no colchão e abre as pernas de modo provocador.

Raios me partam. Os lábios dela estão brilhantes. Ainda consigo sentir o sabor na minha língua e agora estou a tentar decidir se lhe faço sexo oral pela segunda vez, porque, macacos me mordam, quero prová-la outra vez. O Pequeno Dean adora e detesta essa ideia, pois receia que, assim que a minha boca tocar nela outra vez, eu me venha de imediato em cima da porcaria dos lençóis. E qual é a piada disso?

Respiro fundo, ponho-me de joelhos à frente dela e aproximo-me mais, para ser recebido pelas suas coxas suaves. A Allie estica uma mão e agarra-me o pénis, e eu quase me venho nessa altura. Ainda não tinha reparado nas unhas vermelhas dela. Sinto que estamos a cometer um pecado quando ela começa a arranhar-me o pénis com elas, esfregando-o na abertura húmida, e eu estremeço, empurrando a cabeça do pénis para a abertura dela.

— Preservativo — recorda-me ela.

Merda. Não acredito que quase me esqueci de o colocar. É algo que habitualmente faço sem pensar, como vestir o equipamento antes de entrar no rinque.

Estico o braço para a parte lateral da cama e tateio o chão até os meus dedos encontrarem as minhas calças. Retiro o preservativo que enfiei dentro do bolso.

Passados alguns minutos, estou novamente no meio das coxas dela. Observo-lhe o rosto enquanto acaricio o pénis e o aproximo dela. A ponta toca a vagina dela, exigindo entrar. Ela estremece visivelmente. Com as faces afogueadas e o cabelo loiro empurrado para trás, transmite a imagem mais sexy que alguma vez vi.

Suspiramos os dois de felicidade quando eu a penetro. Meu Deus, eu adoro sexo. Não me importa se os homens e as mulheres foram criados por Deus ou pela evolução ou por pequenos marcianos verdes. Estou eternamente grato por alguém nos ter dado pénis e vaginas e uma maneira divertida de os usar.

Dobro-me para passar os lábios sobre os lábios da Allie, o que muda ligeiramente o ângulo, fazendo com que eu chegue mais fundo dentro dela. Uma onda de prazer percorre-me o corpo, centrando-me. Afasto as ancas e depois penetro-a, de forma lenta e deliberada.

A respiração da Allie torna-se mais ofegante.

— Para de me provocar.

— Achas que estou a provocar-te? — Passo a palma da mão sobre o ventre liso dela e acaricio-lhe ao de leve o clítoris com o polegar.

Quando ela arqueia as ancas, eu afasto a mão e ela lamuria-se em sinal de desapontamento.

Eu rio-me.

— *Isto* é que é uma provocação.

— Oh, meu Deus. Odeio-te. Toca-me — ordena ela. — Toca-me e fode-me e faz-me vir outra vez.

Semicerro os olhos.

— Da última vez não foste tão mandona. Ou eu estaria demasiado bêbedo para me lembrar?

A Allie endireita as costas numa mostra impressionante de flexibilidade e prende os braços à volta do meu pescoço. Ela está sentada no meu colo, a roçar-se no meu pénis.

— Eu fui mais mandona. Mas isso foi só porque precisavas de um pouco mais de instrução.

— Tretas. Tiveste um orgasmo assim que te toquei.

— Como é que sabes que não estava a fingir? — provoca-me ela, e depois abana as ancas e gememos os dois.

Agarro-lhe a cintura para a travar.

— Estavas? — De repente, recordo-me da confissão do Logan de que a Grace fingiu um orgasmo na primeira vez em que se enrolaram. Eu fartei-me de gozar

com ele. Agora estou horrorizado com a possibilidade de a Allie ter feito a mesma coisa. Afinal de contas, ela é licenciada em Artes Dramáticas…

Ela diz:

— Não, não estava a fingir. — Uma onda de alívio percorre-me o corpo. Ela acrescenta: — És muito bom na cama.

— Sou *ótimo* na cama — corrijo-a, e depois faço uma investida com o pénis e ela solta um gemido de prazer.

— Faz isso outra vez — implora-me ela.

— Fá-lo por mim. — Deito-me de costas para que ela fique em cima de mim e aperto-lhe um mamilo. — Monta-me até eu me vir.

A boca dela curva-se num sorriso malicioso. Oh, sim, ela gosta da ideia. Apoia as mãos nos meus abdominais e levanta o corpo e depois cai sobre mim antes que eu tenha tempo de pestanejar. Tenho uma loira jeitosa em cima do pénis e estou no céu. As mamas arrebitadas dela abanam quando ela se move em cima de mim e, quando o cabelo lhe cai sobre a testa, ela afasta as madeixas douradas e cola o olhar no meu. A ondular o corpo. A roçar-se em mim. A enlouquecer-me.

— Toca-me. — A sua expressão indica que não está para brincadeiras e ela conduz a minha mão à zona onde os nossos corpos estão unidos e esfrega o clítoris com o meu polegar.

O prazer inunda-lhe os olhos, mas as ordens não param por aqui.

— Mais devagar. — A respiração dela acelera. — Faz isso em círculos pequenos. Não, com tanta pressão, não. Mais suave… oh, meu Deus, sim, assim.

Não vou mentir… gosto da franqueza dela quando me diz exatamente do que precisa. Afinal de contas, ela conhece o seu corpo muito melhor do que eu. Mas eu aprendo depressa. Rapidamente as palavras dela se transformam em gemidos e ela começa a cavalgar-me.

Está em cima de mim neste momento e tem os lábios tão próximos do meu ouvido que todos os sons sensuais que ela produz contribuem para me excitar ainda mais. Subo as ancas várias vezes seguidas e os nossos corpos colam-se um ao outro e as nossas bocas encontram-se num beijo molhado.

Continuo a beijá-la quando ela se começa a vir. Ela morde o meu lábio inferior e deixa escapar um gemido baixo, e a sensação incrível de ter a vagina

dela contraída à volta do meu pénis provoca-me um orgasmo. Expludo como um foguetão e o prazer tolda-me a visão e confunde-me o cérebro. Fico admirado por o preservativo não rebentar com a quantidade enorme de sémen que acabei de libertar.

— Mas que raio…? — Quando desço das nuvens, apercebo-me de que tenho um sabor a cobre na boca. Toco no lábio. Fico com as pontas dos dedos manchadas de sangue. Credo. A Allie mordeu-me com tanta força que até fez sangue. Contenho uma gargalhada.

Ela levanta a cabeça quando ouve o som abafado. Tem o cabelo despenteado e as pálpebras semicerradas, de tão pesadas.

— O que foi? — O rosto dela assume uma expressão de alarme. — Oh, não! Estás a sangrar!

Rio-me com mais vontade. Estou mesmo contente por não ter desistido de andar atrás dela. Desta miúda que crava unhas, morde e fode como se não pensasse duas vezes nisso. Nunca me diverti tanto na vida.

— Não é nada — asseguro-lhe.

Ela claramente discorda, pois sai de cima de mim e dirige-se à mesinha de cabeceira, voltando depois com um lenço de papel que encosta ao meu lábio.

— Desculpa. Dói-te?

— Nem um pouco — respondo-lhe com um sorriso. Tiro o lenço de papel da mão dela e atiro-o para cima da cama. Depois pouso a cabeça na almofada e puxo-a para mim.

A Allie encosta o corpo delicioso ao meu e pousa a cabeça no meu ombro.

— Uma fonte interminável de desejos — murmura ela.

— Hã?

— O teu pénis — responde ela com um suspiro. — É a prenda que não para de satisfazer.

— Tens razão. Eu disse-te que tenho um ótimo pénis.

Sorrio e olho para o teto, afagando-lhe em seguida a parte lateral da mama. Ficamos ali deitados em silêncio durante uns minutos, ainda ofegantes. A dado momento, ela murmura:

— Então que jogo dos miúdos era esse que mencionaste?

Demoro um segundo a perceber o que ela está a dizer.

— Oh. Os Hurricanes. O meu novo coordenador dos defesas está a obrigar-me a aceitar um trabalho de voluntariado numa escola básica, por isso sou o adjunto do treinador da equipa de hóquei.

— Parece divertido.

— Não acredito que estou a dizer isto, mas… é. Divertido, quero eu dizer.

E o jogo de hoje à noite foi muito mais divertido do que eu estava à espera. Os Hurricanes defrontaram a equipa líder da divisão deles e todos os miúdos jogaram a um nível que me deixou impressionado. Ah, e o golo que lhes deu a vitória foi marcado pelo Robbie Olsen, graças a um truque de pulso. O meu peito encheu-se de orgulho.

— Ofereci-me para participar num campo de férias de artes dramáticas todos os verões quando andava na escola secundária — diz-me a Allie. — Divertia-me muito e ficava aborrecida quando terminava. Era organizado num teatro antigo em Brooklyn, mas a área pertencia ao governo, por isso a cidade desmantelou-o e agora é uma loja de informática. — Ela senta-se de repente. — Oh, que caraças. Esqueci-me de fazer uma coisa.

O corpo dela sobrepõe-se ao meu peito quando ela se inclina sobre a mesinha de cabeceira. Não consigo resistir ao impulso de prender um mamilo dela com a boca e de o sugar. A sensação do mamilo tenso na minha língua é maravilhosa. Chupo-o com mais força e a Allie estremece antes de me afastar a cabeça.

— Não te esqueças do que estavas a fazer, mas não posso esquecer-me disto outra vez.

Ela pega no telemóvel e eu vejo-a abrir uma aplicação de lembretes. Escreve qualquer coisa. Pelo que consigo ver, parece que escreveu «bilhete para o comboio».

— Bilhete para o comboio?

— Sim, Sr. Intrometido. — Pousa o telemóvel. — Estou a escrever este apontamento para me lembrar de comprar o bilhete para Nova Iorque. Preciso de o comprar com antecedência desta vez porque na altura do Dia de Ação de Graças há muita confusão. No ano passado, acabei por ter de apanhar um comboio ao final de noite que só chegou às quatro da manhã.

— Passas o Dia de Ação de Graças com os teus pais?

Ela estica o corpo por cima do meu outra vez.

— Só com o meu pai. — Faz uma pausa. — A minha mãe morreu.

— Ah, lamento saber. — Passo a palma da mão pelo braço nu dela. E depois constato que é bastante estranho estar deitado na cama com ela, simplesmente a conversar. Mas continuo sem forças depois da nossa sessão de sexo. Nem toda a força deste mundo me conseguia arrancar da cama neste momento. — És próxima do teu pai? — pergunto.

Ela toca ao de leve com a cabeça no meu ombro.

— Somos muito próximos. Ele é o melhor homem que alguma vez conheci.

— O que é que ele faz? — Não sei porque estou a fazer estas perguntas todas. Não costumo tentar conhecer as raparigas com quem durmo. Mas a Allie é diferente. É a melhor amiga da Wellsy, para início de conversa. E não me sinto bem em usá-la e descartá-la.

— Era o olheiro dos Bruins — revela ela.

— A sério? — Estou bastante impressionado. — Ele deve ser um especialista em hóquei. Ele jogava?

— Na faculdade. Foi escolhido pelo Kings, mas sofreu uma rutura de ligamentos durante o treino, por isso a carreira dele terminou antes mesmo de começar. Mas até acho que ficou aliviado. Ele sempre disse que tinha mais jeito para encontrar talentos do que para ser um deles.

— Mesmo assim, é um trabalho difícil — comento. — Ele devia passar o tempo todo a viajar.

— Passava, sim. Essa parte era uma porcaria, a quantidade de tempo que ele passava longe. Mas eu e a minha mãe aprendemos a viver com isso. Depois de ela morrer, o meu pai começou a levar-me com ele sempre que podia, mas eu passava a maior parte do tempo com a minha tia em Queens.

— Ele já está reformado?

O corpo dela retesa-se ligeiramente.

— Sim, está. — Segue-se outra pausa. — E tu, que vais fazer no Dia de Ação de Graças? Lembra-me lá de onde és? Do Connecticut?

— Sim. Greenwich. E Manhattan. A minha família dividia o tempo entre as

duas cidades, mas eu andei no secundário no Connecticut.

— No colégio privado — corrige-me ela.

Puxo-lhe o cabelo.

— Ainda se pode dizer que é a escola secundária.

— Sim, mas aposto que tiveste muito mais privilégios lá do que eu tive na Washington Public, em Brooklyn. Seu mimado. — Consigo perceber pela voz dela que ela me está a picar. — E não me disseste o que vais fazer no Dia de Ação de Graças.

— Ainda não sei — admito. — Calhou numa péssima altura. Jogamos contra Harvard dois dias depois do Dia de Ação de Graças.

— E daí? Greenwich não fica longe daqui. Nem Manhattan. Podes apanhar um comboio ou um avião para qualquer uma dessas cidades e regressar a tempo do jogo.

— A minha família não vai estar nem em Greenwich nem em Manhattan. Vão estar na casa de São Bartolomeu.

A Allie endireita o corpo e abre a boca. E depois começa a rir-se.

— La-di-da. — A seguir, ela imita um sotaque inglês perfeito. — Sim, minha linda, a minha família tem uma casa em São Bartolomeu. O meu *paaai* adora velejar e a minha *maãae* simplesmente *adora* beber mimosas na nossa praia privada.

Dou-lhe uma cotovelada.

— Estás é com inveja.

— Claro que estou. Tens uma casa em São Bartolomeu. Isso é demais. — A expressão dela é pensativa. — Os teus pais são advogados, certo?

Aceno com a cabeça.

— Não sabia que os advogados ganhavam dinheiro suficiente para comprar uma casa de praia numa ilha tropical.

— Depende do advogado. O meu pai é um dos melhores advogados de defesa criminal do país, por isso, sim, ele tem-se saído bem — afirmo, secamente. — E a minha mãe é especializada em direito de bens imobiliários, o que também é bastante lucrativo. Mas ambos vêm de famílias ricas.

— Deixa-me adivinhar. Os avôs Sebastian e Kendrick eram barões do

petróleo?

Por algum motivo, sinto-me estupidamente agradado por ela se ter lembrado dos meus nomes do meio.

— Não, não há petróleo na nossa família. O avô Seb era dono de uma empresa de transportes. Quer dizer, ele continua a ser o dono, mas agora a empresa é gerida por um conselho diretivo. E o avô Kendrick era um empresário do ramo imobiliário.

— Como o Donald Trump, antes de se meter na política?

— Basicamente. Alguma vez foste a Manhattan quando vivias em Brooklyn? — Franzo o sobrolho quando me ocorre um pensamento. — Porque é que não tens sotaque de Brooklyn?

— Nenhum dos meus pais era de Nova Iorque, talvez por isso. O meu pai é do Ohio. A minha mãe cresceu na Califórnia. Falo como eles. De qualquer forma, claro que já estive em Manhattan. Achas que passava os dias escondida debaixo da ponte de Brooklyn como se fosse uma tarada?

Rio-me.

— Já andaste pelo Upper East Side?

— Claro que sim. Tinha um amigo que vivia… — Ela arregala os olhos. — Cum caraças. Heyward Plaza. *Acabei* de somar dois mais dois. — A admiração no rosto dela faz-me sorrir. — És o dono do Heyward Plaza Hotel? — exclama a Allie.

— Eu? Não. Mas há a possibilidade de vir a herdá-lo um dia. A minha família materna, os Heywards, têm imóveis por todo o mundo. A maior parte dos imóveis são hotéis, mas temos um condomínio interessante em Abu Dhabi que é feito quase todo em vidro. É…

— Pronto, é melhor parares de falar agora, porque estás a dar-me vontade de te dar um murro. Não sabia que eras *tão* rico. Não sei se isso me excita ou se acaba com a minha tusa.

— Excita-te — digo, de imediato. — Tudo o que me diz respeito excita-te, lembras-te?

Ela solta um ronco trocista.

— Hã-hã. Se tu o dizes.

Esboço um sorriso presunçoso e começo a apontar para as várias partes do meu corpo.

— O meu rosto? Excita-te. O meu peito? Excita-te. Eu até me virava para te mostrar o rabo, mas ambos sabemos que a resposta é que te excita, por isso vou passar essa parte. O meu pénis? *Excita-te*, porra. E depois ainda temos a parte não física do Dean, que é espetacular.

— A falar na terceira pessoa? Não me excita.

Ignoro a boca.

— Para início de conversa, sou adorável. O meu sentido de humor é incrível… obviamente.

— Obviamente — repete ela, secamente.

— Sou dotado na arte da conversa, claro está.

Ela acena com a cabeça.

— Quando é sobre ti, claro.

— Claro. — Finjo que estou a pensar. — Ah, e leio mentes. A sério. Sei sempre o que a outra pessoa está a pensar.

— Ah, sim? O que estou eu a pensar neste momento? — desafia-me a Allie.

— Que queres que me cale e que te coma outra vez.

Ela abana a cabeça, consternada.

— Raios me partam. Era mesmo isso que estava a pensar.

Dirijo-lhe um sorriso e bato com a mão na testa.

— Eu disse-te. Leio mentes.

— Parabéns. — Ela suspira. — Quantos preservativos trouxeste?

— Um.

— Pensas pequeno. Enfia a mão nessa gaveta. Deves ter alguns aí.

Abro a gaveta da mesinha de cabeceira, onde — ora vejamos — há mais do que apenas preservativos. Agarro num vibrador de silicone de 17 centímetros num divertido cor-de-rosa.

— Quem é este pequeno? — Aceno com o vibrador para cima e para baixo e é suficientemente flexível para ficar flácido como se fosse um pénis verdadeiro.

A Allie puxa-o da minha mão.

— *Pequeno*? Retira o que disseste, senão o Winston ainda fica com complexos.

— *Winston*? Estás a gozar com a minha cara?

— Oh, vais-me dizer que não tem cara de Winston?

Ponho-me a estudar o brinquedo sexual cor-de-rosa. Para um objeto que tem forma de pénis, é ridiculamente efeminado. E Winston é um nome efeminado, se é que alguma vez o ouvi.

— Hum. Acho que tem.

Ela acena com a cabeça com uma expressão séria.

— Tenho um talento para escolher bons nomes de pénis.

Lanço-lhe um olhar carrancudo.

— Que não te passe pela cabeça arranjar um nome para o meu, ouviste?

— Porquê? Tens medo de que eu arranje um nome melhor do que aquele que já tens? — O tom de voz dela é melódico.

— Quem disse que eu dei um nome ao meu pénis?

A Allie inclina a cabeça em sinal de desafio.

— Estás a dizer que não deste? — Encolho os ombros em resposta. — Ah-ah! Eu sabia! Qual é o nome? — Faço-lhe uma careta mais acentuada. — Vá lá, diz-me — implora-me ela. — Prometo que não gozo contigo.

Depois de um debate interno que dura apenas uns cinco segundos, respondo:

— É o Pequeno Dean.

Ela faz uma careta de riso.

— Oh, meu Deus. Claro que é. És *tão* totó.

Dou-lhe um apertão na coxa em resposta, mas ela ri-se ainda mais, por isso, para a calar, puxo-a na minha direção e encosto a boca à dela. Ela afasta imediatamente os lábios para dar acesso à minha língua e, no espaço de minutos, estamos aos beijos e a esfregar os corpos um no outro como se fôssemos gatos com o cio.

Afasto a boca e digo:

— Queres atar-me outra vez?

— Não, tenho outra coisa em mente.

— Caramba. Eu estava entusiasmado com isso.

— Para de te queixar, lindo. Confia em mim, vais gostar disto.

É a vez de ela me puxar e eu gemo quando começa a beijar-me pelo corpo abaixo. Minutos depois, a boca quente dela envolve-me o pénis e… sim… o Pequeno Dean não se queixa.

15

Dean

O jogo de sábado à noite contra Yale começou de forma promissora.

Depois de o Garrett conseguir marcar um golo logo no princípio, conseguimos manter com sucesso Yale longe da nossa zona durante o primeiro período. À exceção do momento em que o Brodowski sai da posição e deixa o central e o ala direito de Yale com folga para marcar um golo.

Graças a essa jogada irrefletida, fico com um homem a menos e por sorte Yale não marca um golo, pois o disco bate na trave. Avanço na direção do disco e passo-o rapidamente ao Hunter. Os nossos avançados conseguem passar a linha do centro e entrar no território de Yale e eu dou o meu máximo para não esganar o Brodowski quando nos sentamos no banco para uma substituição.

Borrifo água para a proteção de rosto e cuspo-a na direção dos pés. Sinto o suor a escorrer-me pela cara devido ao esforço que tive de fazer para defender sozinho a nossa zona.

Ao meu lado, o Brodowski está claramente envergonhado.

— Dei cabo da defesa — murmura-me ele.

Cerro os dentes e digo:

— Acontece aos melhores. — Porque é o que se deve dizer quando estamos numa equipa. Na Briar não atiramos as culpas uns aos outros.

Mas se há um culpado por aquele ataque da outra equipa, é o Brodowski, de

certeza.

— O que aconteceu ao teu lábio? — pergunta ele, sondando o corte vermelho fino que tenho no meio do lábio inferior.

— Sexo — grunho.

Do meu outro lado, o Tucker ri-se. Ele fez-me a mesma pergunta esta manhã e eu dei-lhe a mesma resposta vaga.

Do outro lado do Tucker, um dos caloiros parece bastante impressionado.

— És o meu ídolo, meu — diz-me ele.

A substituição da primeira linha dura o resto do período e nós voltamos aos balneários com uma vantagem de 1-0. Pela primeira vez em semanas, a moral está alta.

O segundo tempo começa exatamente como o primeiro. Mais um golo logo nos primeiros minutos, desta vez marcado pelo Fitzy. Estamos agora à frente, com 2-0, e Yale começa a sentir a pressão. Como tal, começam a jogar mais agressivamente e a desferir vários remates para marcar um golo. O nosso guarda-redes, o Patrick Corsen, não é tão talentoso como o nosso antigo guarda-redes, o Simms, que concluiu o curso no ano passado. Ele tem o péssimo hábito de se afastar demasiado da baliza, por isso, quando o ala da outra equipa recebe o disco do defesa, o Corsen não está em posição para travar o disco.

Mas está tudo bem. Continuamos à frente. Por… oh, mais trinta segundos. Estou prestes a sair do rinque quando o mesmo ala que acabou de marcar um golo faz um movimento impressionante e desfere um remate certeiro que o Corsen não consegue travar. O sacana marca outra vez. Dois golos em menos de um minuto e, num abrir e fechar de olhos, a nossa vantagem desaparece e ficamos empatados.

No resto do segundo período não são marcados golos.

No terceiro tempo, a situação complica-se para nós. Nem consigo contabilizar todas as coisas que correm mal, é um erro crasso atrás de outro.

O Logan apanha uma suspensão de dois minutos por golpear um jogador adversário. Yale consegue um *power play*.

2-3.

O Wilkes apanha uma suspensão por bloquear a passagem de um jogador adversário. Yale consegue um *power play*.

2-4.

O Corsen é enganado por um ala, que se move como se fosse atirar o disco baixo, mas depois atira-o alto. O disco vai direto à rede e acerta no canto superior esquerdo. Yale marca e desta vez nem sequer fomos apanhados de surpresa.

2-5.

O Hunter marca um golo.

3-5.

Eu próprio apanho uma suspensão por derrubar um jogador adversário. Yale consegue um *power play*.

3-6.

O apito final toca e perdemos o terceiro jogo da temporada. Que divertido.

O O'Shea chama-me à parte antes de eu conseguir entrar no autocarro. Uma vez que já gritou comigo e com o Logan nos balneários por as nossas suspensões terem resultado em dois golos para a equipa adversária, para ser sincero, espero que não esteja a planear fazê-lo novamente. Estou maldisposto e os filtros que controlam a minha boca e o meu cérebro não estão a funcionar em pleno neste momento. Se o O'Shea me irritar, não sei se consigo controlar a minha disposição.

— O que se passa, treinador? — pergunto, o mais educadamente que consigo.

Ele incide os olhos escuros em mim e depois enfia a mão no bolso e puxa um *BlackBerry* e eu, por momentos, distraio-me, porque não me lembro da última vez que vi um *BlackBerry*. As pessoas hoje em dia não têm todas um *smartphone*?

— Há alguma coisa que me queiras contar? — pergunta o O'Shea, descontraidamente.

Estou literalmente à nora.

— Hum… acerca do quê?

O maxilar dele estremece. Sem dizer uma palavra, entrega-me o telemóvel.

Sinto um ligeiro desconforto no estômago quando olho para o ecrã. Está aberto numa conta de *Instagram* que não reconheço, mas a fotografia em questão revela alguns rostos familiares, incluindo o meu. Não sei quem a tirou, mas deve ter sido certamente alguma rapariga que estava no Malone's na quinta-feira à noite, porque por baixo da fotografia podem ler-se os *hashtags* #HockeyHotties e #SexyBriarBoys.

Para ser sincero, não estou a ver qual é o problema. Na fotografia estou eu e os rapazes a brindar com copos de *shot*. Tínhamos pedido primeiro uma rodada de *shots* e depois copos de cerveja. E, sim, estamos a beber, mas nenhum de nós é menor, e não fomos propriamente apanhados com a boca na botija. Estamos só sentados a uma mesa, por amor de Deus.

— Continuas sem ter nada para dizer?

Ergo o olhar para o O'Shea.

— Esta fotografia foi tirada na quinta-feira à noite. Estávamos a festejar o aniversário do Fitzy.

— Isso eu consigo ver. E quanto é que tu festejaste?

— Se está a perguntar se apanhei uma bebedeira monumental, a resposta é não.

A resposta não o apazigua.

— Lembras-te do que te disse no gabinete do Jensen no outro dia? Eu disse que estavam proibidas bebidas, drogas e farras.

— Não nos estávamos a embebedar. Só bebemos uns copos.

— Conheces a política da Briar em relação às proibições de álcool e drogas para os atletas estudantes? Se não conheces, eu não me importo de te dar uma cópia.

— Oh, vá lá, treinador, não acredito que ache que não vamos beber. Estamos na faculdade, porr… por amor de Deus. E temos todos mais de 21 anos.

— Cuidadinho com a língua, Di Laurentis — responde ele, bruscamente. — E, sim, eu e os outros treinadores *esperamos* isso de vocês. Enquanto jogarem hóquei nesta universidade, têm de seguir as regras definidas pelos vossos treinadores e pela NCAA e comportar-se de acordo com as regras.

— Senhor… — Respiro fundo para me acalmar. Mas não me sinto calmo. Estou irritado por termos perdido e não me apetece apanhar um sermão por ter bebido uns copos. — Eu e os meus colegas de equipa portámo-nos *lindamente* na noite em questão. Por isso, não se preocupe, não há motivo de preocupação.

— Não te armes em espertinho comigo, filho. Temos aqui um grave problema…

— Não, não temos — interrompo-o. — Acho que está a exagerar. Fomos a um bar e bebemos umas cervejas. É isso que fazemos, está bem? Mas pronto, se está mesmo preocupado com isso, talvez seja melhor falar com o treinador Jensen e ver o que ele *tem* a dizer. — A minha boca revira-se num trejeito. — Ele é o treinador principal da equipa, certo? Não devia ser ele a tratar deste «grave problema»?

Arrependo-me das palavras assim que me saem da boca, mas, caramba, estou pelos cabelos com este homem.

Como seria de esperar, o O'Shea não gosta de ser desafiado na sua autoridade.

— O Chad deu-me luz verde para lidar com os defesas e tu devias lembrar-te disso — cospe ele. — No que diz respeito aos defesas, *eu* é que trato dos problemas que surgirem. E isto, Sr. Di Laurentis, é um problema. Estás proibido de beber álcool e consumir drogas seja de que género for enquanto pertenceres a esta equipa, ouviste-me?

Por amor de Deus. Estou farto desta merda.

— Percebi, treinador. Já posso ir para o autocarro?

O rosto dele fica vermelho de raiva.

— Queres juntar-te aos teus colegas de equipa no autocarro? Então é melhor assumires um pouco de responsabilidade pelas tuas ações. Reconhecer que tiveste um comportamento errado.

Estou a segundos de perder a cabeça. Tenho as mãos cerradas em punhos, mas, por um milagre qualquer, consigo controlar-me para não lhe bater.

— Só por curiosidade, está a pensar dar este sermão a todas as outras pessoas que estão nessa fotografia? Ou eu sou especial?

— Planeio falar com todos eles, não te preocupes. Decidi falar contigo

primeiro porque já conheço o teu historial de abuso de álcool. — Ele arqueia uma sobrancelha e, cum caraças, quase empurro o pulso para a frente.

O meu historial de abuso de álcool?

Merda para isto. Merda *para ele*.

Ele sabe bem que não tenho problemas com o álcool. Só está a ser rancoroso e a tentar arranjar novas formas de me castigar por aquilo que aconteceu com a Miranda. Mas isto? Usar a única vez em que bebi demasiado — nos meus tempos de *adolescente* — para dar a entender que sou um bêbedo?

Estou. Farto. Desta. Merda.

— Obrigado pela sua preocupação — digo eu, amavelmente. — Agradeço muito. A sério. — E depois deixo-o ali especado e dirijo-me ao autocarro.

Felizmente, ele não decide impedir-me.

Continuo a fazer um esforço para manter a compostura quando me sento, como de costume, ao lado do Tucker, que me lança um olhar inquisitivo.

— O que foi aquilo?

— Nada. — Puxo os auriculares do bolso e enfio-os nos ouvidos. Mesmo que o Tuck ache que estou a ser indelicado, não diz nada. Limita-se a baixar o olhar para o telemóvel e, uns minutos depois, o autocarro arranca.

A canção *rock* que toca no meu *iPhone* só me deixa ainda mais agitado, por isso abro a *playlist* que a Wellsy me preparou para este verão e tento acalmar-me com os sons de *jazz* suave. Não. Também não está a funcionar. Desligo o *iPhone* e ponho-me a ouvir as conversas dos meus colegas de equipa.

O Logan e o Fitzy estão a conversar sobre o jogo de vídeo que o Fitzy está a experimentar para o blogue da faculdade. O Hollis está a tentar convencer alguém a encontrar-se com ele na residência. «Vais ver que não te arrependes, linda», o que significa que ou ele está ao telemóvel ou ele e o rapaz que está sentado ao lado acabaram de expor a sua relação perante todos os que estão no autocarro. O Corsen e o *rapaz* que está ao lado dele estão a debater quem é a atriz mais jeitosa da *Guerra dos Tronos*: a atriz que faz de Daenerys ou a que faz de Cersei.

— Nenhum de vocês tem razão — intervém o Garrett. — A mais jeitosa é a

Melisandre. Sem sombra de dúvidas.

— A bruxa ruiva? Nem pensar. Ela deu à luz uma criatura das sombras nojenta. Tem a vagina estragada, meu.

— Alerta de *spoiler*! — diz o Wilkes, irritado. — Eu ia começar a ver a primeira temporada este fim de semana!

— Não te dês ao trabalho — aconselha o Fitzy. — A série é uma porcaria. Lê antes os livros.

— Juro por Deus que se voltares a dizer para lermos os livros, vou esganar-te — anuncia o Corsen. — Estou a falar a sério. Esgano-te mesmo, Colin.

O nosso marrão residente encolhe os ombros.

— Não tenho culpa de os livros serem melhores.

Não me meto na conversa, mas, secretamente, concordo com o Fitz. Os livros são melhores. Se bem que duvido que alguém acredite em mim se eu disser que os li. À exceção dos meus colegas de casa, a maior parte dos meus colegas de equipa não me leva a sério. Tenho quase a certeza de que eles pensam que eu só vou para a Faculdade de Direito de Harvard porque os meus pais ricos conseguiram meter-me lá. Isso não me incomoda, para ser sincero. Divirto-me quando as pessoas subestimam a minha inteligência. A maior parte das vezes, faço-me de loiro burro propositadamente, só para me divertir.

Desligo-me da conversa que ainda prossegue e pego no telemóvel. Não sei o que me leva a abrir a aplicação do *Facebook* e a pesquisar o nome dela. Estou em modo de piloto automático e só reparo no que estou a fazer quando aparecem os resultados da pesquisa.

Existem dezenas de Mirandas O'Shea no *Facebook*, mas nenhuma delas é aquela que procuro.

Faço outra pesquisa, só que desta vez associo *Duke University* ao nome dela. Não faço a mínima ideia se ela anda lá, mas parece-me ser uma boa forma de começar. Quando namorávamos, a Miranda só falava sobre querer entrar na Duke.

Desta vez, o perfil dela aparece no ecrã.

Ponho-me a estudar a fotografia em miniatura. Ela não mudou muito em

quatro anos. Ainda tem o mesmo rosto redondo, os mesmos caracóis escuros, os mesmos olhos castanhos.

Para minha desilusão, a conta de *Facebook* dela é privada. Só consigo ver a sua fotografia de perfil e a de capa, que foi tirada numa praia qualquer. Fico a olhar para o pequeno botão verde na parte superior da página.

Adicionar amigo.

Não sei o que me possui para clicar no botão. Mas faço-o.

Com o pedido de amizade enviado, desligo a aplicação e guardo o telemóvel. O Tucker já não está a olhar para o dele. Repousou a cabeça no encosto de cabeça e tem os olhos fechados, e eu decido fazer o mesmo. Faltam duas horas para chegarmos a Boston e depois mais uma hora até Hastings. Mais vale dormir um pouco e tentar esquecer o jogo desastroso desta noite.

A sesta ajuda. Acordo a sentir-me relaxado e, quando olho pela janela e espero ver a próxima tabuleta de estrada, descubro que falta apenas meia hora para chegarmos ao *campus*.

No banco ao meu lado, o Tucker também já acordou e está outra vez a escrever qualquer coisa no telemóvel.

— Andas a sair com alguém, meu? — Não consigo resistir a perguntar-lhe. Mal ponho os olhos em cima do Tucker ultimamente, e vivemos na mesma casa.

— Não — responde ele, como se quisesse encerrar o assunto.

— Tens a certeza?

— Acho que saberia, se andasse com alguém. — A voz dele soa estranha, mas eu não consigo perceber porquê.

— Então por onde andas? Nunca estás em casa.

O Tucker encolhe os ombros.

— Vou às aulas. Estudo na biblioteca. Passo tempo no quarto. — Ele faz uma pausa. — Fiquei a dormir em casa de um amigo em Boston algumas vezes.

— Qual amigo?

Antes que ele consiga responder, o meu telemóvel toca e eu juro que ele parece aliviado. Mais tarde, vou voltar a interrogá-lo. Vai ser uma boa forma de praticar para a Faculdade de Direito.

Atendo quando vejo o nome do Beau e saúdo-o como de costume.

— Maxwell. O que se passa?

— Olá. Como correu o jogo? — Ouço a música em altos berros ao fundo, mas consigo percebê-lo nitidamente.

— Uma merda.

— Pois. Eu li o resumo no blogue desportivo da universidade. Levaram uma abada.

— Porque é que perguntaste como correu, se já sabias a resposta?

— Estava a ser bem-educado. — Rio-me. — Enfim. Logo à noite há festa em minha casa. Sei que é em cima da hora, mas, mesmo assim, faço o convite. Achei que talvez precisasses de alguma coisa para te ajudar a abstrair da derrota com Yale.

Pondero a oferta, mas apenas durante uns minutos.

— Não. Obrigado. Não estou com disposição. — Deixo escapar um suspiro cansado. — Foi uma noite péssima.

— Mais um motivo para vires. Isto parece um bufete de gajas boas. E já sabes como são as mulheres… não resistem a um homem triste. Diz-lhes que estás muito triste por teres perdido o jogo e elas vão implorar-te para que as deixes fazer-te sentir melhor. — Ele faz uma pausa. — Espera. A não ser que ainda continues com… hum, avarias no equipamento?

— Não. Já estou bem.

— Ainda bem! Isso significa que a Bella finalmente te deu mais uma abébia?

— A Bella? — pergunto, sem perceber.

— Sim, a miúda que ficou gravada no teu cérebro.

Rio-me.

— Pois. Sim, pois deu. — Mantenho uma resposta vaga, porque o Tucker está mesmo ao meu lado e ele não pode saber de mim e da Allie. E… merda. Acho que isso significa que não tenho o direito de o picar por andar com segredos, uma vez que estou a fazer precisamente o mesmo.

— Ainda bem que resolveste esse assunto. Agora anda daí e vem usar esse penduricalho que já está operacional.

— Não — repito. — Não estou mesmo com cabeça. — O que me vai na

cabeça é outra coisa, porque, como de costume, basta-me pensar na Allie para ficar duro. — Vemo-nos esta semana. Vamos beber umas cervejas ou algo do género.

— Parece-me bem. Adeus, mano.

Assim que desligamos, abro uma nova mensagem. Quando chegar a casa, já vai ser quase uma hora. Não é uma boa hora para um engate, mas é sábado à noite e a Allie não tem aulas amanhã, por isso não vejo problema.

Eu: Tu + eu = sexo animal esta noite?

Ela responde num ápice. Ainda bem que ainda está acordada.

Ela: Tu = tentador – eu = já estou na cama ÷ dormir.
Eu: Porquê o sinal de divisão?
Ela: Não sei. Estava a tentar responder com símbolos matemáticos. Resumindo: estou na cama.
Eu: Perfeito. É mesmo onde quero que estejas. Estou aí daqui a 45 minutos.
Ela: Não podes. A Hannah está em casa.
Eu: Fazemos pouquíssimo barulho. Ela nem vai dar conta que estou aí.

Segue-se uma breve demora e, antes mesmo de a resposta dela aparecer, eu sei que vai ser um não.

Ela: Não quero arriscar. Vamos esperar por uma noite em que possamos estar sozinhos.
Eu: Não tens sentido de aventura.
Ela: E tu não tens paciência.
Eu: Não quando tu estás envolvida.
Ela: Fizemos sexo três vezes ontem à noite! Acho que aguentas até nos voltarmos a ver.
Eu: E quando é que isso vai ser?
Ela: Amanhã à noite talvez? Eu digo-te alguma coisa.
Eu: Está bem.
Eu: Já agora. Vou pensar em ti quando estiver a bater uma esta noite.
Ela: Não faz mal. Acabei de enfiar os dedos e fingi que eras tu.

Gemo alto.

O Tucker inclina a cabeça na minha direção. Olha-me para o rosto e depois para o telemóvel, revirando depois os olhos.

— A sério, meu? Estás a enviar mensagens porcas ao meu lado? Arranja um quarto.

Quem me *dera* poder arranjar um quarto. O quarto da Allie, para ser mais

preciso. Mas claramente esta noite isso não vai acontecer. E agora, graças a esta pequena provocação, vou passar o resto da viagem de autocarro com o pénis duro.

16

Dean

— Tens uma namorada? — A Dakota anda a saltitar pela sala dos equipamentos como um duende minúsculo enquanto eu guardo os capacetes na prateleira à minha frente.

Uma vez que o balneário dos rapazes não é exclusivo da equipa de hóquei — sendo também usado pelos restantes alunos da Escola Básica de Hastings —, todo o equipamento de hóquei tem de ser guardado nesta sala. Enquanto adjunto do treinador, é minha função guardar todo o equipamento.

— Tens? — pergunta ela, quando eu demoro mais de dois segundos a responder.

Olho para ela por cima do ombro.

— Não, não tenho. E não devias estar a fazer o trabalho de casa neste momento? — Não que eu me importe com a companhia dela. A Dakota diverte-me bastante.

Ela salta para a tampa fechada de um grande recipiente e senta-se com as pernas cruzadas.

— Não tenho trabalho de casa hoje. — Enquanto roda a ponta do rabo de cavalo loiro, põe-se a mascar a pastilha elástica com a boca aberta, até soprar um grande balão cor-de-rosa. — Porque não?

— Porque não o quê? — Enfio o último capacete na prateleira e viro-me para

ela.

— Porque não tens uma namorada?

— Porque não tenho.

— *Alguma vez* tiveste uma namorada?

— Sim, já tive muitas. — Não tenho uma namorada desde que comecei a faculdade, mas não digo isso à Dakota. É capaz de não ser boa ideia revelar a uma criança de 10 anos que estou solteiro há uns anos porque ando ocupado a pinar com metade das raparigas da Briar.

Por falar em pinar, se não fizer sexo em breve, juro por Deus que os meus tomates vão explodir. Acabei por não estar com a Allie no domingo e ela também não pôde encontrar-se comigo ontem. Anda ocupada com os ensaios e disse que precisava de fazer uma cassete de audição, mas começo a pensar se ela não andará a evitar-me. Espero que não, porque não estou preparado para que esta… relação casual? Sim, relação casual. Não estou preparado para que esta relação casual acabe.

— Conheces o meu irmão Robbie? — pergunta a Dakota, em surdina.

Rio-me alto.

— Não, miúda, não sei quem é o Robbie. Eu só treino a equipa dele.

Um rubor leve sobe-lhe às faces.

— Ups. Certo. Foi uma pergunta parva.

— Achas?

Ela ri-se e diz:

— Não podes contar a *ninguém*, mas o Robbie tem uma namorada!

Arqueio as sobrancelhas.

— Ah, sim? E como é que sabes? Andas a espiar o teu irmão mais velho?

— Não, ele é que me contou, totó. O Robbie conta-me tudo. Chama-se Lacey e anda no *oitavo ano*. — A Dakota abana a cabeça de assombro. — É um ano mais velha do que ele.

Contenho a gargalhada que está a ameaçar sair.

— Conseguiu arranjar uma mulher mais velha, hã? Que bom para o Robbie.

A Dakota baixa a voz para um sussurro e conta-me todos os pormenores sobre

a namorada do irmão, que anda no oitavo ano. Ouço-a atentamente, enquanto tento perceber ao certo quando é que passar tempo com miúdos do ensino básico se tornou o ponto alto dos meus dias.

Não me interpretem mal, o tempo que passei na Briar tem sido incrível. A minha equipa de hóquei venceu três campeonatos nacionais e, academicamente, sempre fui bom aluno. Só tive dificuldade numa cadeira de Política no primeiro ano, que ainda assim concluí com 16 valores. Mas não gosto de pensar nessa nota, porque me faz lembrar muitos outros maus momentos que prefiro esquecer. Apesar disso, não posso negar que tive uma carreira académica de sucesso. Saí-me bem nos exames de admissão e entrei em Harvard por mérito próprio, e não por causa do nome da minha família.

Mas não me lembro de alguma vez ficar entusiasmado com as cadeiras. Não dei pulos de alegria quando recebi os resultados dos exames. E certamente não estou em pulgas por ir para Harvard.

Todos assumiram que eu seguiria advocacia. Não é algo que os meus pais me tenham impingido, mas não posso fingir que é uma área que me apaixona. Não como acontece com o meu irmão, que vive e respira advocacia. Ele adora o emprego na empresa e diz que, sempre que entra no tribunal, sente-se vivo. É o mesmo que sentem o Garrett e o Logan quando jogam hóquei.

Já eu nunca me senti assim. Nunca adorei nada a ponto de sentir o sangue a ferver e o corpo a ganhar vida.

Ou pelo menos nunca tinha sentido isso até sexta-feira à noite, quando vi os Hurricanes a dominarem o líder da divisão deles. E novamente hoje, quando uma das técnicas que ensinei aos miúdos fez com que toda a equipa arrasasse no rinque.

— Dean, não estás a *ouvir*!

A voz irritada da Dakota arranca-me aos meus pensamentos.

— Desculpa, miúda. Estava distraído. O que estavas a dizer?

— Nada — murmura ela.

Ela mostra-se claramente chateada por ter sido ignorada, portanto, é provável que tenha dito alguma coisa importante. Arrasto a cadeira de metal na direção dela, viro-a e pouso os braços sobre o apoio de costas.

— Diz lá.

Ela faz beicinho, empurrando o lábio inferior.

— Estava a fazer-te uma pergunta.

— Então pergunta outra vez. Prometo que agora ouço.

— Vais — a restante parte ela diz num ápice: — *ensinasmapatinar*?

— Podes dizer mais devagar? — pergunto com um sorriso.

— Ensina-me a patinar — repete ela.

Arqueio uma sobrancelha.

— Não sabes patinar? — A Dakota abana lentamente a cabeça. — Por que rai… porque não? — Estou perplexo. Quem é que vive na Nova Inglaterra e não sabe patinar? Que blasfémia.

— A minha mãe só tinha dinheiro para um de nós ter aulas de patinagem, e o Robbie é mais velho, por isso, foi ele que foi. E ele um dia vai ser um jogador de hóquei famoso, por isso tem de saber patinar.

Embora o tom de voz da Dakota seja defensivo, não deixo de notar a mágoa que encerra. O meu coração dá uma pequena cambalhota dolorosa. Eu e os meus irmãos nunca tivemos este tipo de problema quando éramos mais novos. A nossa família tinha bastante dinheiro, por isso não tivemos de fazer sacrifício nenhum. A Summer teve aulas de ballet e de natação. Eu e o Nick tivemos aulas de patinagem e fomos para campos de férias de hóquei e tivemos todo o equipamento de que precisávamos.

Não menti à Allie no outro dia — a Vida do Dean é muito boa. Sempre tive tudo o que quis.

Agora que vejo o rosto triste da Dakota, sinto-me um mimado ingrato.

— Então isso quer dizer que não tens patins? — pergunto lentamente.

Ela volta a abanar a cabeça.

— Qual é o tamanho que calças?

— Não sei. Pequeno?

Rio-me.

— Deixa-me ver um dos teus sapatos.

Ela descalça rapidamente uma sapatilha cor-de-rosa e estende-ma.

Depois de ver a etiqueta, devolvo-lhe a sapatilha e dirijo-me ao armário

grande de metal onde estão os patins dos miúdos. A maior parte dos patins são demasiado grandes para ela, mas depois de procurar algum tempo, encontro um par de *Bauers* na prateleira de baixo que talvez lhe sirvam.

Levanto os patins pretos.

— Experimenta estes.

Ela fita-me com os grandes olhos azuis, horrorizada.

— Mas são patins de rapaz! Quero patins de *rapariga*.

Sinto uma gargalhada a arranhar-me a garganta. Quando ela fica triste, eu suspiro.

— Pronto. Não te preocupes, miúda. Vou ver o que posso fazer, está bem? — Volto a enfiar os *Bauers* de rapaz no armário e fecho a porta antes que ela desate a chorar ou algo do género.

O treinador escolhe esse momento para enfiar a cabeça dentro da sala.

— A tua mãe chegou — diz ele à Dakota.

Receio que ele note a expressão triste dela e me mande prender por perturbar uma menor ou algo do género, mas quando olho novamente para a Dakota, ela já está a sorrir.

— Adeus, Dean! — Sai de cima da caixa e dirige-se à porta.

O Ellis sorri-me.

— Uma miúda querida, não é?

Sigo-o para fora da sala de equipamentos e passamos uns minutos a discutir o próximo treino dos miúdos. Quando terminamos a conversa, eu saio do rinque e aproveito para espreitar o telemóvel quando vou a caminho do carro. Tenho uma mensagem do Garrett a avisar que vai dormir na Bristol House com a Hannah esta noite, mas que deixou o jipe em casa, por isso precisa de boleia para voltar depois do treino de amanhã.

Quando chego à cozinha dez minutos depois, encontro um recado do Tucker na porta do frigorífico a avisar que vai passar a noite em casa de um amigo. A sua misteriosa não-namorada, suponho eu.

E depois o Logan entra na cozinha para ir buscar uma garrafa de água e avisa-me de que vai chegar tarde a casa.

— Onde vais? — pergunto, enquanto vasculho o frigorífico.

— A Boston. O pai da Grace arranjou-nos bilhetes para um concerto sinfónico qualquer. Nenhum de nós quer ir, mas ela diz que ele vai ficar magoado se não formos.

Sorrio por cima do ombro.

— Então vais passar a noite a ouvir música clássica?

— Sim — diz ele, tristemente. — Mas tem intervalo, por isso a Grace prometeu que podíamos dar uns amassos no vestiário nessa altura.

— Parece uma boa troca.

— Não parece?

O Logan sai da cozinha uns minutos depois e a minha libido ganha vida quando eu penso que terei a casa só para mim esta noite. Não perco tempo a contactar a Allie, que deve estar com tanto tesão quanto eu, porque ela responde de imediato.

Ela: SIM! 3 dias stressantes = vou aí depois do ginásio. Dá-me umas horas.
Eu: Tenho um favor a pedir-te.
Ela: ?
Eu: Traz o Winston.

O pedido vale-me um *emoji* de riso e uma carinha a piscar o olho, o que pode querer dizer «Tens muita graça, mas *não*» ou «Tens muita graça e, sim, eu levo». Espero que seja a segunda.

Folheio uma *Sports Illustrated* que está em cima da bancada da cozinha enquanto como o jantar, composto por restos de frango com brócolos. A nutricionista da equipa envia-nos por e-mail todas as semanas uma lista de sugestões de planos de refeições, mas o Tucker, o nosso chef residente, parece pensar que a palavra «sugestões» significa «obrigações», porque se recusa a ter em casa comida de plástico. Uma vez que ele é o único que se lembra de ir às compras e o único que gosta efetivamente de cozinhar, esta é a casa mais saudável de todo o planeta.

Depois do jantar, tomo banho, faço a barba e alguma depilação, porque eu gosto de me cuidar. Depois sento-me à secretária para começar a escrever o

trabalho de Relações Internacionais e, quando a Allie toca à campainha, ainda estou a fazê-lo. Guardo o ficheiro, baixo a tampa do computador portátil e desço ao piso de baixo para abrir a porta.

Ela está ao telemóvel quando abro a porta. Diz «desculpa» e levanta um dedo para indicar que vai demorar um minuto.

— Queres jantar? — murmuro quando ela entra no corredor. — Temos restos.

A Allie cobre o bocal por um segundo.

— Obrigada, mas já comi. — Ela levanta a mão. — Não, ainda estou aqui, Ira. E, sim, enviei-te a cassete. Não sei porque precisavas dela com tanta urgência, se só vão decidir os *castings* em fevereiro.

Subimos e eu deixo que ela vá à frente para poder admirar-lhe o rabo. Quando chegamos ao piso de cima, não consigo deixar de me encostar a ela e esfregar o meu sexo doloroso contra o seu rabo, inclinando a cabeça para lhe beijar o pescoço.

Ela estremece e afasta-me.

— Não sei — diz ela para o telemóvel. — Ainda estou indecisa em relação a este papel. — Faz uma pausa. — Sim, eu li o que eles me pediram para ler. A minha amiga Megan lê a parte da Zoey fora da câmara.

Reparo que não para de esfregar o fundo das costas. Sempre que a palma da mão dela toca num determinado sítio, a expressão revela cada vez mais sofrimento. Ou talvez esteja apenas chateada com o que quer que seja que este tipo Ira está a dizer-lhe.

— Enviei-ta pelo centro de envios do *campus* esta noite, por isso deves recebê-la amanhã à tarde. — Ela encosta a mão ao cóccix e massaja-o distraidamente. — Se achares que preciso de refazê-la, eu refaço-a. Mas fiz o meu melhor com aquilo que eles me deram… sim… *sim*, Ira… falamos amanhã.

Ela desliga e vira-se para mim.

— O meu agente está a deixar-me louca — anuncia ela.

Nem sabia que ela tinha um agente, por isso estou impressionado.

— Porquê?

— Ele quer que eu faça uma audição para um episódio-piloto da Fox, mas não posso viajar para Los Angeles para a sessão de *castings*, por isso tive de enviar uma cassete. Agora ele receia que a câmara não mostre o meu «encanto natural». O que é uma parvoíce, porque é nisso que *consiste* a representação — transmitir emoção *pela câmara*.

Franzo o sobrolho quando reparo que ela ainda tem a mão nas costas.

— O que se passa?

— Não sei — geme ela. — Acho que dei um mau jeito no ginásio. Tenho andado uma pilha de nervos por causa de uma peça que ando a fazer e esforcei-me demasiado esta noite. As costas estão a dar cabo de mim.

— Queres que te faça uma massagem?

— Sim, por favor.

Estou prestes a pedir-lhe que se deite na cama, mas tenho uma ideia melhor.

— Despe-te — ordeno. — Já volto.

Depois de anos a fazer desporto, já estou acostumado a sentir dores musculares. Músculos tensos, costelas doridas, joelhos rebentados… já tive de tudo e descobri há muito tempo que nada ajuda tanto como um bom banho. Uma vez que não posso ir à piscina da equipa e um banho turco não é opção, a melhor alternativa seguinte é um banho quente.

Ligo a água e dirijo-me ao armário debaixo do lavatório para ver se tenho sais de banho ou óleos que possa deitar na água. Encontro uma garrafa de espuma de banho, que presumo que pertença à Grace, porque a Hannah pode dar-se ao luxo de utilizar a casa de banho privada do Garrett. O G, aquele sacana ganancioso, puxou a cartada de capitão da equipa para reclamar o quarto principal quando nos mudámos para esta casa.

Eu, o Logan e o Tuck somos obrigados a partilhar a casa de banho de serviço, e isso percebe-se. As prateleiras estão repletas de produtos de homem, as toalhas estão sempre espalhadas pelo chão e o caixote do lixo contém uma quantidade alarmante de invólucros de preservativos.

Suspiro e começo a recolher as toalhas que estão no chão. O Logan deixou um par de calças no toalheiro, mas eu coloco as toalhas molhadas por cima das calças

e tiro duas toalhas limpas do armário, colocando-as em cima da tampa fechada da sanita.

Quando chego ao quarto, encontro a Allie nua, sentada na ponta da cama. O meu corpo responde, endurecendo ao ver aquela pele suave e nua. Os mamilos dela estão arrebitados em sinal de saudação. Merda, apetece-me mesmo chupá-los.

Sorrio quando reparo no que ela tem na mão.

— Trouxeste-o mesmo?

— Enviaste-me uma mensagem quando ainda estava na residência, por isso decidi conceder-te o favor. — Ela aponta-me o vibrador de forma ameaçadora. — Mas se quiseres que te enfie o Winston no rabo, não vai acontecer.

Contenho uma gargalhada.

— Não te preocupes. Preferia que o Winston não se aproximasse do meu rabo.

— Ainda bem. — Ela afaga o falo cor-de-rosa. — Não me interpretes mal… eu não me importo de enfiar o que quiseres aí. Só não o Winston. Ele é especial para mim.

O quê?

— Espera lá. É *esse* o teu problema? Não te importas de me enfiar um vibrador no rabo se eu te pedir, desde que não usemos o teu precioso Winston?

— Claro que te enfiava um vibrador no rabo se me pedisses. — Ela diz aquilo como se fosse a coisa mais normal do mundo. — Porque é que te haveria de negar esse prazer na próstata? É como dizeres a uma mulher que não lhe tocavas no clítoris.

— Enquanto homem que nunca fez experiências com a próstata, não posso comentar a veracidade dessa comparação.

Ela fica de boca aberta.

— Nunca? A sério? Pronto, vamos mesmo ter de mudar isso.

— Dispenso. — Levanto-a e depois ponho-me a apreciar as mamas dela a abanar. — Anda. Tenho uma coisa que vai ajudar as tuas costas doridas.

Conduzo-a à casa de banho e o rosto dela ilumina-se quando vê o banho de espuma que eu preparei.

— Oh, meu Deus. Isto é incrível.

Tiro o vibrador da mão dela e puxo-a para a banheira.

— Entra. Mas deixa espaço para mim.

— Oh. Vamos tomar banho juntos? Que ousado. — Ela enfia um pé delicadamente na água e depois geme alto o suficiente para despertar o meu pénis. Não que ele estivesse a dormir. Ele está sempre em alerta quando esta rapariga está por perto. — Quente e bom — ronrona ela.

Concordo.

Pouso o Winston na beira da banheira e dispo a t-shirt e as calças. A água remexe quando a Allie se move para me dar espaço para me sentar atrás dela.

O vapor de água tem o cheiro da espuma de banho de morango. Produzo um ruído de satisfação e encosto o corpo nu e escorregadio dela ao meu peito. As minhas pernas são demasiado compridas para a porcaria desta banheira, por isso sou obrigado a dobrar os joelhos, mas isso pouco me importa, porque o rabo redondo da Allie está encostado ao meu pénis e eu não me importo de lidar com umas cãibras nas pernas se isso significar que ela se mantém nesta posição.

— Pronto, voltando à conversa do rabo. Não estás nem um pouco curioso para saber qual é a sensação?

Baixo as mãos para o cóccix dela e começo a massajar a sua pele suave e molhada.

— Nem um pouco.

— Oh, isso sabe bem… continua a fazer isso. — Ela volta a gemer e o corpo dela relaxa com o meu toque. — E só um dedo? Deixa-me enfiar um dedo lá para ver o que acontece.

Rio-me.

— Agradeço a oferta, mas não.

— Sentir-te-ias melhor se fosse um homem a fazê-lo? Porque, meu querido, tenho uns amigos gays que matavam para pôr as mãos no teu rabo.

Desta vez digo-lhe um não *redondo*.

— Nunca pensei que fosses homofóbico — provoca-me ela.

— E não sou.

— Mentiroso.

— Não sou. A sério, quero lá saber se és homossexual ou heterossexual ou

bissexual, ou seja qual for a categoria em que te enquadras. Só não estou interessado em ter um homem qualquer a enfiar-me o dedo. Não gosto de pilas.

— Como é que sabes? — desafia-me ela. — E se te enrolares com um rapaz e acabares por adorar?

— Confia em mim, não vou adorar.

— Como podes ter tanta certeza sem experimentar? — Encolho os ombros e ela guincha. — Oh, meu Deus! Tu *já* experimentaste! — Salpica água para fora da banheira quando se vira para ficar de frente para mim. — Quem era ele? Como é que ele era? O que é que vocês fizeram? Conta-me tudo!

— Não há nada para contar.

— Tretas. — Ela passa uma mão sobre as bolinhas de espuma brancas que estão coladas ao meu peito. — Fazemos assim. Se me contares a tua experiência homossexual — ela faz uma pausa provocadora —, eu conto-te a minha.

Sem mais nem menos, fico mais duro do que o aço.

— Combinado — respondo, de imediato.

A gargalhada dela ecoa pelos azulejos da casa de banho.

— Homens. São mesmo fáceis de manipular.

— Claro que somos. É o nosso erro fatal, somos guiados pelos nossos pénis. — Deslizo as mãos pela barriga ensaboada dela para lhe afagar os seios. Continuo a ter vislumbres tentadores dos seus mamilos a espreitar pelas bolas brancas e não consigo evitar agarrá-los com os dedos. Quando lhe aperto os mamilos duros, a Allie produz um som na garganta e fecha os olhos.

— Nã-ah — digo, baixando as mãos. — Não me podes aliciar com um encontro lésbico e depois fechar-te em copas.

— Oh, pois. Esqueci-me. — Ela encolhe os ombros como se não tivesse importância, enquanto gotas de água lhe caem das pontas do cabelo. — Curti com uma amiga, no décimo primeiro ano. Apanhámos uma bebedeira numa festa e decidimos experimentar. — Ela volta a encolher os ombros. — Foi aceitável.

— Só beijos?

— Sim.

— E foi apenas «aceitável»? — Resmungo. — Caramba. Que desilusão.

— Peço muita desculpa se a minha experiência não correspondeu às tuas expectativas depravadas. Mas foi isso que aconteceu. Agora é a tua vez. Quando é que *passaste* para o lado gay?

— Também aconteceu na escola secundária — confesso. — Eu e um amigo estávamos num encontro duplo e as raparigas que nos acompanhavam desafiaram-nos a beijarmo-nos. Dissemos que o faríamos se elas também se *beijassem*. Pensávamos que elas não iriam alinhar, mas elas começaram mesmo a curtir como se fossem estrelas porno. Por isso, eu e o Jason não pudemos voltar atrás.

— E gostaste?

— Não foi horrível, mas não fiquei excitado.

— Houve língua?

— Sim.

— Muita língua?

— Não sei. O normal.

Ela parece tão desagradada com a minha história como eu fiquei com a dela.

— E não foi mais longe do que isso? Não tocaram nas pontas dos pénis e fingiram que faziam lutas de espadas?

Rio-me tanto que a água da banheira se agita como um rápido.

— Não, mas agora até gostava que o tivéssemos feito. Parece divertido — consigo dizer entre gargalhadas. — *Pénis a fazer de* e*spadas*.

A Allie começa a rir-se histericamente também e o corpo dela treme com as gargalhadas, fazendo com que as suas coxas ensaboadas subam e desçam sobre a minha virilha, o que acaba por transformar a minha animação em pura excitação.

Ela continua a rir-se quando eu prendo a sua boca num beijo faminto. Mas por pouco tempo. Ela começa rapidamente a gemer contra os meus lábios e a colocar as mãos na base do meu pescoço enquanto a língua dela se entrelaça na minha.

Agarro-lhe nas ancas e puxo-a para a frente até o meu pénis estar alinhado com a vagina dela. Ela geme quando eu passo o pénis pela sua abertura molhada, esfregando a cabeça do pénis sobre o clítoris.

— Dean…

Mal ouço o sussurro dela. Estou demasiado distraído pela vagina quente e escorregadia e pelas mamas macias que estou a apertar com as palmas das mãos.

— Dean.

— Hum?

— Ouviste aquilo?

De repente, reparo que o corpo dela ficou rígido e a cabeça está inclinada na direção da porta fechada. Travo o movimento lento das minhas ancas e ouço com atenção, mas a casa está silenciosa.

— Não ouço nad…

Oh, merda. Aguardo. Ouço, sim. Os sons inconfundíveis de alguém a subir as escadas.

E depois:

— Meu, *não* vais acreditar no que aconteceu!

Antes que eu tenha tempo de pestanejar, a Allie já saiu da banheira para se esconder atrás da porta, nua e a pingar água, meio segundo antes de o Logan abrir a porta.

17

Dean

— Fomos de carro até Boston e depois eu apercebi-me de que me tinha esquecido da porcaria da carteira em casa. Por isso, tivemos de entrar na carrinha e fazer o caminho de volta, e agora…

O Logan para como se fosse uma personagem de desenhos animados. Fico admirado por a cabeça dele não começar a rodar e por os olhos não lhe saírem das órbitas.

— Hum. — O olhar dele salta pela casa de banho como se fosse uma bola de borracha.

Ele olha para o toalheiro, onde eu pendurei as calças dele.

Ele olha para a banheira, onde eu estou a relaxar em posição de Cleópatra.

Ele olha para as bolas de sabão que rodeiam o meu corpo como uma nuvem branca fofa.

E depois olha para o Winston.

— Meu! — exclamo. — *Não* é o que parece!

— Não, não, não, eu não quero saber! — O Logan põe as mãos no ar e começa a recuar na direção da porta como se tivesse entrado sem querer no covil de um leão. Detém-se. Puxa as calças do toalheiro. Continua a recuar. Os olhos dele incidem novamente no *dildo* cor-de-rosa que está a centímetros da minha

mão.

Tento novamente.

— Garanto-te que não…

— *Não quero saber*.

Sai porta fora e fecha-a. Ouço passos a encaminharem-se para as escadas. E depois ele recua para a casa de banho.

— Ouve, vou ficar em casa da Gracie esta noite. Assim podes… hum… acabar o que quer que estejas… hum… a fazer.

Que raios.

Espero até ouvir a porta da frente fechar-se antes de falar com a Allie.

— *Escondeste-te* atrás da porta? *A sério*?

Ela dá um passo em frente, envergonhada.

— Desculpa.

— Podes enfiar as desculpas num sítio que eu cá sei, boneca. Tens noção do que fizeste, certo? — Olho para ela. — Deixaste oficialmente que o meu melhor amigo acreditasse que eu enfio *dildos* no rabo.

— Oh, isso não é verdade. Quando muito, agora o Logan conheceu um novo mundo. Abrimos-lhe a mente para as maravilhosas possibilidades do prazer anal.

— Anda cá — ordeno.

A Allie baixa-se rapidamente para a água e ajoelha-se à minha frente.

— *Desculpa*. Devia ter-lhe dito que estava aqui. — Ela prende uma madeixa de cabelo molhado atrás da orelha. — Mas eu… gosto da ideia de manter isto em segredo. Sabes o que vai acontecer se todos souberem que andamos enrolados. Vão meter-se na nossa vida e dar importância a mais a esta amizade colorida.

Ela tem razão. Essa é a natureza dos seres humanos, e eu estava a tentar evitar a mesma coisa. Mas, caramba, o Logan nunca mais vai esquecer isto. Tomar um banho de espuma com um *dildo* cor-de-rosa? Graças à Allie, estou condenado a ser alvo de chacota eterna.

— Deixa-me compensar-te — implora-me ela. — Tenho a certeza de que vamos arranjar uma forma *qualquer* de te tirar o Logan da cabeça… — Ela coloca

os dedos ensaboados à volta do meu pénis, que rapidamente endurece na mão dela. — Estás a ver? Já estás a esquecer.

Gemo quando ela dá uma investida firme.

— Não, continuo chateado contigo.

— O que é preciso para deixares de ficar chateado?

— Para início de conversa, a tua boca.

Ela fica a pensar nas minhas palavras e o seu olhar acompanha o movimento da mão por baixo da água.

— Noutra altura, diria que sim, mas acho que não consigo aguentar tanto tempo sem respirar. E tenho quase a certeza de que me afogo, se tentar chupar-te com a cabeça debaixo de água.

Rio-me e levanto-me, encostando depois uma mão ao azulejo da parede. As bolhas deslizam pelo meu peito abaixo e colam-se à minha pele molhada.

— E agora?

— *Assim* já dá. — Ela aproxima-se mais e o rosto dela fica a centímetros da minha ereção. Depois ela lambe os lábios e esse é o movimento mais sexy que alguma vez vi.

Não. Correção. Vê-la a envolver-me o pénis com os lábios é que é a coisa mais sexy que alguma vez vi.

Ela chupa-me delicadamente e a sua língua enrola-se à volta da minha ponta como se estivesse a experimentar uma guloseima deliciosa. O gemido suave percorre-me o corpo, originando uma onda de prazer.

Passo o dedo pelo O perfeito que os lábios dela formam quando se esticam à volta do meu pénis.

— Não fazes ideia de como estás linda neste momento.

Os olhos azuis dela prendem-se nos meus. Eu estremeço quando a sua boca quente, húmida e ansiosa recebe o meu pénis. A cada chupadela lenta, o meu pénis vai chegando mais fundo, até quase lhe tocar no fundo da garganta. Credo. Apetece-me enfiá-lo na boca dela à bruta, mas sei que, se aumentar a velocidade, o orgasmo chegará demasiado rápido.

— Tu — a respiração dela provoca-me cócegas na ponta do pénis — és — lambe a parte de baixo e eu estremeço — bom de chupar.

Solto uma gargalhada.

— E o que faz de mim «bom de chupar»?

— Isto. — Ela aperta-me a haste. — Esta pila linda. Grande, mas não demasiado grande. — Os dedos dela apertam mais. — Grosso, mas não demasiado grosso. É perfeito.

— Quando estamos a falar de pilas, há *demasiado* de alguma coisa?

Ela solta uma gargalhada e volta a envolver-me o pénis todo com a boca, e eu deixo de me lembrar do que estávamos a falar, porque a Allie Hayes é demasiado boa a fazer broches.

Ela afaga-me os testículos enquanto está a dar-me prazer com a boca, a lamber e a girar a língua, de modo a, basicamente, deixar-me louco. Cada centímetro de pele começa a fervilhar. O prazer crescente deixa-me os joelhos trémulos.

Com uma mão encostada à parede, eu passo a outra mão pelo cabelo molhado da Allie até a palma da minha mão lhe afagar o couro cabeludo.

— Vais deixar-me vir na tua boca, linda?

Ela ainda não deixou. No último broche que me fez, eu acabei por atingir o clímax enquanto ela me masturbava. Mas estou ansioso por me vir na boca dela e sentir a garganta dela a engolir todas as gotas.

A Allie lança-me um olhar sedutor. Sinto os testículos tensos e pesados. Quando ela acena com a cabeça, já me sinto a dar as últimas. Sinto a libertação a percorrer-me o corpo e a sair do meu pénis. Deixo escapar um gemido quando ela me chupa até à última gota.

Demoro quase um minuto a recuperar. Quando a minha respiração acalma e a minha visão se torna nítida outra vez, eu desço para a banheira. A Allie guincha quando pego nela para a sentar no rebordo de porcelana da banheira. É suficientemente larga para ela se poder sentar.

— É a minha vez — murmuro.

Os olhos dela brilham quando eu lhe aparto as pernas e afago o interior das coxas. A pele dessa zona é suave como a de um bebé e parece seda nos meus dedos. Estou prestes a baixar a cabeça quando me ocorre um pensamento.

Esboço um sorriso malicioso e volto a deslizar para a banheira para pegar no Winston.

A respiração da Allie torna-se ofegante.

— Vamos ver se o Winston te provoca tanto prazer como o Pequeno Dean, está bem? — Arrasto a ponta do brinquedo sexual para o clítoris dela e começo a rir-me quando ela afasta ainda mais as pernas. Adoro o descaramento dela, como ela se mostra disposta a experimentar tudo e não pede desculpa por isso. Tal como eu.

Provoco-a durante algum tempo, deslizando o brinquedo para cima e para baixo sobre a abertura dela até ela começar a empurrar as ancas, visivelmente agitada. Excitada. Depois afasto-lhe os lábios com os meus dedos e insiro a cabeça do brinquedo cor-de-rosa dentro dela.

Ficamos os dois a observar-me a fazê-lo. Eu estava a tentar ir devagar, mas ela está tão molhada que o brinquedo entra sem qualquer resistência. Puxo-o para fora, deixando lá dentro apenas a ponta, e depois volto a inseri-lo.

A Allie geme.

Eu também gemo, porque, uma vez mais, eu estava enganado. Ver o *dildo* a entrar e a sair dela? *Isso*, sim, é a coisa mais sexy que alguma vez vi.

— Como te sentes? — murmuro.

— Cheia — responde ela também num murmúrio.

Com o brinquedo ainda dentro dela, dobro-me e encosto-lhe a língua ao clítoris. Lambo-o suavemente e começo a mexer a mão, arrastando vagamente a língua com o mesmo ritmo do brinquedo. A Allie agarra-me o cabelo e remexe-se à beira da banheira. O movimento das pernas dela salpica água para o meu rosto. Não me importo. Prendo-lhe o clítoris entre os meus lábios e chupo-o, enquanto o Winston continua a fazer o seu trabalho mais a sul.

O som que lhe escapa da garganta torna-se mais ofegante e mais rápido. Eu chupo com mais força e movo o brinquedo para que ele acerte num determinado ângulo e recebo um deliciado «Oh, meu Deus».

Sorrio junto à pele quente dela enquanto ela estremece. Adoro fazer esta rapariga vir-se. Ela reage sempre como se tivesse recebido uma oferta inesperada, como se não estivesse mesmo a contar com este grande presente, mostrando-se muito satisfeita por poder rasgar o papel de embrulho.

O corpo relaxa e ela abre os olhos.

— Adoro o Winston.

Retiro delicadamente o brinquedo, mas dirijo-lhe um sobrolho franzido.

— Sabes que ele não é real, certo?

— Acho que estou a ponderar partilhá-lo. Deixa-me pô-lo dentro de ti uma vez e aposto que vais mudar de ideias.

Pingamos água para o tapete da casa de banho e para os azulejos à saída da banheira. Quando me dobro para secar o chão, ela dá-me uma palmada no rabo e diz: «Para de provocar o Winston.»

Rio-me e depois viro-me para lhe dar uma toalha.

No meu quarto, a Allie pousa o brinquedo em cima da minha cómoda e começa a secar-se.

— Já agora, peço mesmo desculpa — diz ela, com um suspiro. — O Logan vai torturar-te com o que viu, não?

— E muito. — Quando a expressão dela denota a culpa que sente, eu também suspiro. — Não te preocupes. Eu digo-lhe que havia uma mulher escondida atrás da porta porque ficou com vergonha.

A Allie parece alarmada.

— Não vou dizer que eras tu.

A minha tranquilização tem o efeito oposto. Os olhos dela ficam mais escuros e revelam uma certa irritação.

— Então vais dizer-lhe que tinhas em casa uma rapariga qualquer?

— *Preferias* que dissesse que eras tu?

— Não, mas… — Ela morde o lábio e mantém-se calada.

Já estive com muitas mulheres. Eu *conheço* as mulheres. E quando se fecham desta forma é porque não têm apenas um pensamento na cabeça. Não, estão a construir uma teia complicada de cenários e suposições, cada fio entrançado noutro, que se enreda e torce até, de repente, elas estarem chateadas por alguma coisa que nunca nos passou pela cabeça.

Contenho outro suspiro.

— Desembucha, Allie-Gata.

— Andas a dormir com outra pessoa?

A pergunta apanha-me de surpresa.

— Não. Claro que não. — Uma vez mais, a tranquilização cai em saco roto. Ela está ainda mais preocupada agora. — Não ando — digo firmemente.

Ela sonda-me o rosto como se estivesse a jogar ao «Onde está o Wally?», só que anda à procura de uma mentira, ao invés de um tipo esquisito com gorro. E depois deixa escapar um suspiro.

— Provavelmente devíamos ter tido esta conversa antes de voltarmos a fazer sexo. A conversa sobre se somos ou não exclusivos.

Diria que ela tem razão, embora não seja uma conversa que costume ter. Todas as mulheres com quem me enrolo já sabem que não é uma relação exclusiva. De ambas as partes, porque elas também não me são fiéis. Fui para a cama com uma aluna do primeiro ano toda jeitosa há uns meses que confessou que tinha acabado de sair de um encontro com outro rapaz.

Com a Allie simplesmente assumi que era uma relação exclusiva. Não me atreveria a entrar em joguinhos com a melhor amiga da Wellsy.

— Somos exclusivos — digo-lhe.

— A sério que não estiveste com mais ninguém? — Ela nem sequer tenta esconder a surpresa, e eu não sei se me devia sentir insultado.

— Não desde a primeira vez em que tu e eu estivemos juntos.

Ela acena com a cabeça.

— Não te importas?

— Tu importas-te?

Mais um aceno de cabeça.

— Eu quero que sejamos exclusivos. Quer dizer, eu compreendo que isto é uma amizade colorida, mas não me sinto confortável com a ideia de andares a dormir com outra pessoa. O mesmo se aplica a mim… eu também não o vou fazer.

— Está bem — digo eu, simplesmente.

A Allie não parece convencida.

— Estás a levar isto demasiado na boa.

— Preferias que fizesse birra e exigisse que me deixasses dormir com outra pessoa?

— Não, mas… — E lá está ela novamente a morder o lábio inferior. — Estás

a dizer que não te importas de ficar só comigo durante o tempo que isto durar? E se eu andar novamente ocupada como andei nos últimos dias? Não vais querer pinar com outra pessoa?

Eu estava a levar a conversa na boa até este momento. Agora estou chateado.

— Achas que não me consigo controlar por uns meros dias?

— Não nos vimos durante três dias, Dean, e não paravas de te queixar que andavas excitado.

— Só porque gosto de fazer sexo com regularidade, isso não quer dizer que passo o dia em bares à procura de mulheres para me aliviar.

— Pronto, desculpa — diz ela, pesarosa. — Mas tinha de perguntar. — Ela prende a toalha. — Olha… faz-me um favor, está bem? Se alguém se atirar a ti quando saíres ou se estiveres mortinho por dormir com outra pessoa, ou se apenas sentires que, hum, te apetece arranjar outra amante… envias-me uma mensagem a dizer «esta amizade colorida acabou» ou algo do género?

— Envio — prometo-lhe.

Mas, para ser sincero, não vejo isso a acontecer. Não penso em mais ninguém desde que a Allie entrou na minha cama naquela primeira noite. O que é preocupante. Pensava que, se nos enrolássemos algumas vezes, eu acabaria por a tirar da cabeça, mas esta rapariga desperta em mim sensações intensas. Mesmo agora, no meio de uma conversa constrangedora sobre «arranjar novos amantes», o meu corpo está preparado para uma segunda ronda.

Começo a questionar-me se alguma vez a conseguirei tirar da cabeça.

Allie

Fui ao meu primeiro *casting* quando tinha 12 anos. Estava empolgadíssima e, embora não tenha ficado com o papel, diverti-me muito a ler para a diretora de *castings*, que era a mulher mais querida que alguma vez conheci. Ela deu-me um feedback importante que nunca mais esqueci e aconselhou-me a insistir, porque via «algo» em mim.

Pouco tempo depois desse dia, percebi que o processo de audições não é um

mar de rosas. Pouco importa se estamos a fazer um *casting* para um anúncio, para um papel mais pequeno ou para um papel mais aliciante — vamos deparar-nos com este obstáculo pelo menos uma vez: o parceiro de representação difícil.

Sim, há um desses em todas as audições. A pessoa que nos tenta sabotar mesmo estando a competir por papéis diferentes. Ou que quer sobressair porque quer dar nas vistas. Ou que se comporta como uma besta pouco profissional e se esquece das deixas, obrigando-nos a fazer má figura. Ou, às vezes, são apenas imbecis que fazem com que uma pessoa prefira queimar todos os centímetros de pele a estar no mesmo espaço que eles, quanto mais fazerem uma cena juntos.

Encontrei todos os tipos de parceiros de cena ao longo dos anos e o melhor conselho que recebi sobre como lidar com eles foi do Jack Emery, o treinador de representação do campo de férias de artes dramáticas onde fui voluntária.

Ele disse-me para usar a energia negativa.

Não podemos controlar o comportamento do outro ator. Não podemos obrigá-lo a lembrar-se das deixas ou obrigar-nos a fazer boa figura com alguém que não merece a energia que precisamos de ter para forçar um sorriso. O Jack aconselhou-me a pegar nessa energia negativa e canalizá-la para a minha representação. Claro que o conselho não se aplica forçosamente quando estamos a fazer uma audição para um anúncio de cereais e temos de mostrar boa-disposição e sorrir quando estamos a enfiar açúcar dentro da boca.

Mas ajuda quando as personagens têm uma relação combativa. Nesse caso, é fácil usar a irritação ou mesmo o ódio e canalizá-lo para o nosso desempenho.

E é isso mesmo que estou a tentar desesperadamente fazer no ensaio de quinta-feira à noite com a rapariga que faz de minha irmã.

Já tive aulas com a Mallory Richardson, mas é a primeira vez que representamos em palco. Na semana passada pudemos ter os guiões nas mãos porque os ensaios estavam no início.

Esta semana, o encenador quis que representássemos sem lermos o guião. Não a peça toda, mas algumas cenas, para iniciarmos o processo de memorização. Eu não me importo, porque já decorei metade da peça.

Já a Mallory? Ela mal consegue lembrar-se de uma frase completa.

— «Encara a verdade, Jeannette, és fraca» — diz a Mallory. — «Porque é que

achas que o Bobby se foi embora? Porque não conseguia…» — Ela para. — *Deixa*! — diz ela para a fila da frente, onde o nosso encenador e dois produtores estudantes estão sentados.

O Steven está visivelmente frustrado. E eu não o censuro. Já ouvi a Mallory dizer «*deixa!*» tantas vezes na última hora que a palavra perdeu todo o seu significado.

— «Ele não aguentava a tua lamúria» — diz o Steven, com a voz de barítono a ecoar pela sala cavernosa. — «És patética. És…»

A Mallory interrompe.

— Obrigada, já sei o resto. Esqueci-me da parte da lamúria.

O Steven faz sinal para recomeçarmos.

— «Encara a verdade, Jeannette, és fraca. Porque é que achas que o Bobby se foi embora? Porque não aguentava a tua lamúria. És patética. Desfazes-te…» *Deixa*!

Resisto à vontade de me lançar pelo palco e atirá-la ao chão. Ou de lhe gritar as palavras ao ouvido, para lhe entrarem no cérebro preguiçoso.

O Steven diz a deixa seguinte.

Recomeçamos.

— «Estou cansada de ser a pessoa que te dá a mão e te limpa as lágrimas e…»

— «O Bobby *morreu*!» — grito, avançando na direção dela. — «Se quiser chorar por causa disso, tenho o direito a fazê-lo! E ninguém te pediu para me dares a mão. Não te pedi para vires aqui, Caroline.»

— «Estou aqui porque…»

Fico a aguardar.

— *Deixa*!

E assim continua.

Deixa!

Deixa!

Deixa!

Temos o auditório até às 22h30, o que nos dá mais uma hora para ensaiarmos. Normalmente, o Steven aproveita todos os segundos. Mas, esta noite, já está

farto. Levanta-se e anuncia que o ensaio terminou.

Fico admirada que ele tenha aguentado tanto tempo.

— Amanhã reunimo-nos novamente — diz ele. — Temos o espaço livre entre o meio-dia e as três, por isso podemos adiantar mais trabalho nessa altura. Lê as cenas mais algumas vezes, Mal. Precisas mesmo de decorar as deixas.

— Desculpa, Steve — geme a Mallory. Pelo menos ela tem a decência de parecer envergonhada. — Não tive oportunidade de estudar a cena ontem à noite. Estava a preparar um monólogo para a aula do Nigel. — Suspira ruidosamente. — Estou cheia de trabalho neste momento.

Bem-vinda à faculdade, sinto vontade de dizer, porque, sinceramente, será que ela acha que é a única que está com muito trabalho?

Estou a fazer um curso de Guionismo que me obriga a escrever duas cenas por semana. A minha professora de Teoria do Cinema atribui tantos trabalhos de leitura que começo a ficar com os olhos trocados. Para o workshop de audição, temos de preparar monólogos todas as semanas. Este seminário foi criado para ajudar os alunos de Artes Dramáticas a sentirem-se confortáveis e a aumentarem a confiança para o processo de audições, mas, pelos vistos, «simplificar-nos-ia» demasiado a vida usar materiais que já existem para criarmos audições fictícias.

Escusado será dizer que também estou atolada em trabalho, mas não *me* veem a arranjar desculpas. Não, mesmo assim arranjo tempo para decorar umas meras páginas de diálogo.

Mas fico contente que o ensaio tenha acabado. Estou perto de apertar o pescoço à Mallory, que nem se despede quando sai do palco.

— Amanhã correrá melhor — asseguro ao Steven. Sinto-me mal por hoje o termos desiludido, porque sei que ele leva a função de encenador a sério.

Quando nos conhecemos, eu meti-me com ele e disse que ele devia estar em frente à câmara e não atrás. A sério, o homem é lindo. Pele escura, feições perfeitas, olhos hipnotizantes. Faz-me lembrar o Idris Elba, sem o sotaque inglês sexy. Mas o Steven não está interessado em ser ator. Disse-me que o objetivo dele é vencer um óscar de melhor realizador quando chegar aos 40 anos.

— Não és tu que precisas de te sair melhor — responde o Steven. — Estás a

fazer um ótimo trabalho.

Aceito o elogio e saio do palco pela lateral, enfiando depois a mão dentro da mala. Encontro o telemóvel e o meu coração dá um salto quando vejo que tenho uma chamada perdida do Ira. Liguei-lhe ontem à noite para saber se havia novidades sobre a peça do Carson para a qual estou ansiosa para fazer audições. Nem sei se vai acontecer ou se foi apenas um rumor da Broadway, por isso pedi ao Ira para investigar.

Olho para as horas. São 21h30, por isso ainda são 6h30 na Costa Oeste. Eu sei que ele ainda está em Los Angeles, porque me enviou uma mensagem a avisar que «ia almoçar» com o produtor do episódio-piloto da Fox. Não sei se estou contente ou desiludida por os produtores terem permitido que eu enviasse um teste de imagem. Se tudo correr bem, não devo ter notícias deles em breve, uma vez que só abrem oficialmente os *castings* em fevereiro.

— Olá, Ira — digo, quando ele atende a chamada. — É a Allie. Queria saber se tinhas notícias sobre a peça do Brett Carson.

— Por acaso, tenho.

Então porque é que não me ligaste ontem?

— O processo de produção já começou. Conheço uma das produtoras, por isso liguei-lhe. — Ele faz uma pausa. — E as notícias não são boas.

O meu coração cai-me ao estômago.

— Oh. O que é que ela disse?

— É um elenco só de homens. É uma jogada arriscada, não achas?

Muito arriscada. Já para não dizer devastadora. De repente, dou por mim a desejar desesperadamente ter um pénis.

— Infelizmente, isso significa que não há um papel para ti… — Jura? Eu não tenho pénis! — Mas eu disse à Nancy que estás interessada em trabalhar novamente com o Brett. Ela prometeu passar a mensagem, por isso, quem sabe? Talvez ele te ligue, quando tiver mais alguma coisa em vista.

Isso anima-me. Um pouco. Ainda estou bastante chateada com as notícias.

Envio uma mensagem ao Dean quando estou a sair do edifício.

Eu: Que dia de caca! Talvez desabafe contigo mais tarde. Como correu o jogo?

Ele não responde à mensagem. Eu sei que só passaram três segundos, mas ele normalmente não demora a responder.

Já estou a caminhar há cinco minutos em direção à Bristol House e continuo sem resposta. O jogo dele já deve ter acabado. A Hannah disse que começava às seis. Já são quase dez da noite.

Passam mais cinco minutos. Já estou quase a chegar à residência. Porque é que ele não está a responder?

Só passaram dez minutos, doida. Relaxa.

Em vez de relaxar, fico ainda mais preocupada quando me ocorre um pensamento perturbador.

Eu não mandei mensagem ao Dean porque queria sexo.

Eu queria desabafar sobre o meu dia.

Oh, merda. A Hannah tem toda a razão. A palavra «casual» não existe no meu vocabulário. Tive um ensaio péssimo e o meu primeiro instinto foi contactar o rapaz com quem ando a dormir e contar-lhe sobre isso. Pedir-lhe que me ouça e que me conforte e que me diga que vai ficar tudo bem.

Repete, Allison Jane. Ele. Não. É. Teu. Namorado.

— Ele não é meu namorado — digo eu, firmemente.

— O quê? — Um rapaz alto com uma parca abranda o passo e olha para mim.

Dou um pulo de surpresa.

— Oh. Não estava a falar contigo.

Ele pousa o olhar no meu ouvido e eu apercebo-me de que está à procura de um *Bluetooth*. Quando não encontra um, lança-me um olhar estranho e continua a andar.

— Falar sozinha não faz de uma pessoa maluca — digo-lhe. A não ser que sejamos um sem-abrigo que eu costumava ver em Brooklyn, que gritava sobre conspirações do governo e sobre extraterrestres que roubavam as nossas células cerebrais através dos telemóveis.

Mas também quem diz que o Lou não é perfeitamente lúcido? Talvez os extraterrestres andem *mesmo* a fazer isso. Eu não tenho como provar o contrário.

Acelero o passo durante o resto do caminho até casa e entro na divisão escura. A Hannah ainda não chegou. Eu sei que ela foi ver o jogo de hóquei esta noite,

por isso ligo-lhe para saber o que anda a fazer agora.

— Olá! — Esteja onde estiver, há muito barulho. Ouço uma cacofonia de vozes no fundo e um baixo que ecoa no ouvido. — Estou no bar. Queres vir ter connosco?

Faço um esforço por manter um tom de voz descontraído.

— Quem está aí? O Garrett e os rapazes? — *E o Dean?*

Impeço-me mesmo antes de a pergunta me escapar da boca. Caramba, estou a agir como uma namorada outra vez. Uma namorada incrivelmente enjoativa, daquelas que anda atrás do namorado quando ele não está com ela.

— Sim. A maioria da equipa está aqui. Vencemos esta noite, por isso estão todos a festejar. — Mais uma onda de música sobrepõe-se à linha. — O Garrett não para de me desafiar para participar num concurso de *shots*.

— O que é que os outros andam a fazer? — pergunto, fingindo descontração. — O Logan… o Tuck… o Dean?

Odeio-me neste momento. Odeio mesmo.

— O Tuck não está aqui. O Logan está a jogar bilhar. E uma rapariga qualquer está a tentar comer a cara do Dean.

Todo o meu corpo fica frio.

Hum… perdão?

— Mal te ouço — diz a Hannah. — Manda-me uma mensagem, se vieres.

A minha mão está a tremer quando pouso o telemóvel. O Dean está no bar a curtir com alguém?

Dois dias depois de termos falado sobre sermos exclusivos?

Oh, não, *nem pensar*.

18

Allie

A minha mãe era uma mulher linda. Não estou a dizer isto porque sou filha dela e, como tal, sou suspeita. Estou a dizer isto porque é verdade. A Eva Hayes era uma mulher deslumbrante e sofisticada. Foi modelo quando tinha 20 anos e, embora não tivesse altura para os desfiles de moda, era uma modelo fotográfica bastante requisitada. Ainda tenho todos os catálogos e revistas que ela fez numa pasta que guardo na estante.

Herdei o cabelo loiro e os olhos azuis dela, mas as minhas feições não são perfeitas como as dela. A minha mãe tinha uma daquelas belezas clássicas que homens, mulheres e crianças paravam para admirar sempre que ela passava.

Já eu sou mais engraçada do que bonita.

Mas aprendi que a maquilhagem certa e as roupas certas podem fazer com que qualquer rapariga passe de *engraçada* a *bomba sexual*.

Não sei qual é o meu plano. Para início de conversa, eu e o Dean não namoramos. E uma vez que não quero que ninguém saiba que andamos enrolados, não posso entrar no Malone's e despejar-lhe um copo de cerveja pela cabeça abaixo.

O que *posso* fazer é mostrar-lhe exatamente o que ele fica a perder.

Não vou mentir. Magoa-me que ele não me tenha avisado como prometeu que

faria. E magoa-me que ele esteja com outra rapariga esta noite, quando eu não me importava de continuar a manter esta amizade colorida. Mas quando me meti nisto eu sabia com quem me estava a meter. O Dean Heyward-Di Laurentis dorme com todas. Ponto final.

Contudo, o meu ego recusa-se a aceitar isto, e é por isso que, trinta minutos depois, estou a deixar o banco de trás de um táxi e a pisar o passeio em frente ao Malone's.

O meu sobretudo mantém-me quente e eu deixo-me ficar ao pé da porta a decidir qual será o meu plano de ação. Dois universitários saem do bar e eu fico satisfeita quando eles param para me comer com os olhos. Ah. E os seus olhares apreciativos devem-se apenas à minha maquilhagem e ao penteado «mesmo a pedi-las». O mais provável era começarem a salivar, se vissem o que tenho por baixo do meu sobretudo.

Pego no telemóvel. Cheguei, digo eu à Hannah. Onde estás?

Ela: Na mesa de bilhar.

Respiro fundo e decido entrar, passando pelo meio da multidão. A música vibra no chão por baixo dos meus saltos altos quando passo pelas mesas à esquerda e me encaminho para o arco que interliga a sala principal e o salão de jogos.

Há mais uma meia dúzia de mesas nesta zona do bar. Encontro de imediato a minha melhor amiga. Está a conversar com o Logan e o Hollis, enquanto o Garrett anda às voltas de um dos bilhares, de taco na mão. Com uma garrafa de cerveja na mão, o Fitzy está a ver o Garrett dar uma tacada, enquanto tem o taco encostado à parede.

Finalmente, vejo o Dean. Está quase escondido a um canto, a falar com uma morena curvilínea de calças justinhas e camisola decotada.

Linda camisola, querida, mas não me bates.

Abro o casaco, dispo-o e penduro-o no braço. Depois endireito os ombros e dirijo-me à mesa de bilhar.

Ouve-se o assobio do Logan por entre a música.

— Je-sus — diz ele, enquanto olha maravilhado para mim. — Estás um

arraso. — Os olhos azuis dele cintilam. — Qual é a ocasião?

Esboço um sorriso modesto.

— Apetecia-me pôr-me bonita.

A Hannah solta um ronco trocista.

— Amiga, estás mais do que bonita. Acho que todos os rapazes do bar acabaram de ficar com uma ereção.

Encolho os ombros. Só me importa uma ereção em particular. Será que o Pequeno Dean já reparou em mim?

— Com que então, venceram o jogo? — pergunto ao Logan.

— Podes crer que vencemos.

— Que bom. Já estão no bom caminho outra vez, então. — Sei que o Grande Dean estava chateado por terem perdido três jogos seguidos.

— Bem, não te precipites. Defrontámos uma equipa da segunda divisão. Mas também vencemos por pouco.

— Logan! — grita-lhe o Garrett. — Achas que consigo enfiar esta bola?

— Com licença, minhas senhoras. Os meus dotes de bilhar e serviços de melhor amigo estão a ser requisitados. — E lá vai ele.

A Hannah aproxima-se.

— Isto quer dizer que estás preparada para voltar a mergulhar o dedo na piscina dos solteiros? — Ela sorri e aponta para a minha roupa, que, para ser sincera, não diz propriamente «quero namorar».

Diz «quero foder».

O meu vestido azul vai até meio da coxa. Vesti um soutien *push-up*, por isso o meu decote é pronunciado. A sombra esfumada faz com que os meus olhos pareçam enormes. Os meus saltos altos de doze centímetros tornam as minhas pernas mais compridas. Claro que as minhas pernas quase congelaram durante o caminho do táxi até ao bar, mas a procura da beleza por vezes exige sacrifícios. É a regra número um da beleza.

— Não, só estou a testar as águas.

O sorriso dela alarga-se.

— Podes considerar isto um teste onde tiveste uma ótima nota. Eu cá comia-te.

De repente, fico tensa, ao sentir o Dean a aproximar-se antes mesmo de estar ao meu lado.

— Estás bonita, boneca — diz ele, como se nada fosse.

Mas sinto a tensão na voz dele e o desagrado é inconfundível. O que me deixa irritada, pois que direito tem ele para estar chateado? Não era eu que estava a curtir com outra pessoa.

— Obrigada. Quem é a tua amiga? — pergunto no tom de voz mais delicado que me é possível.

A expressão dele mantém-se indiferente.

— Hã?

Aponto com a cabeça para a morena, que está a inspecionar-nos com uma desconfiança visível. Não acredito que o Dean tem a lata de fingir que não a conhece. *Acabei* de os apanhar na conversa.

— Oh — responde ele. — A Polly? Paula? Não apanhei o nome dela.

Claro que não apanhou.

— Penelope — diz a Hannah. — Fiquei sentada ao lado dela durante o jogo. É uma *grande* fã do Dean. Fartou-se de falar sobre ti o tempo todo. — A minha melhor amiga sorri. — Acabei por ter de a interromper e dizer-lhe que não és isso tudo.

Sorrio também.

— Mentira. Sou melhor do que dizem. — Mesmo quando protesta, ele parece distraído. Consigo senti-lo a olhar para mim.

— Vou buscar uma bebida. — Afasto-me da mesa.

— Ótima ideia — diz o Dean num tom de voz animado. — Também preciso de uma.

Cerro os dentes quando ele me segue. É muito difícil correr com estes saltos, por isso estugo o passo e espero que ele me perca no meio da multidão.

Foi uma parvoíce ter vindo esta noite. Nem sei do que estava à espera, mas não era disto. Quando muito, estou ainda mais tensa e irritada do que estava antes.

Deixo escapar um guincho quando, de repente, sinto que me estão a puxar.

Os lábios do Dean roçam o meu ouvido quando ele diz:

— Se vieste aqui provocar-me, está a funcionar.

O meu queixo contrai-se. Viro-me e olho-o nos olhos.

— Ao contrário do que pensas, o mundo não gira à tua volta. — Só que ele tem razão. Foi por *isso* que vim e agora sinto-me uma autêntica parva, porque eu não sou o tipo de rapariga que alinha em jogos.

Devia ter ficado em casa. Os ensaios puseram-me de mau humor e depois deixei que a ideia de o Dean estar com outra rapariga me transformasse numa personagem de uma comédia romântica fatela. Vestir-me como uma meretriz para chamar a atenção de um rapaz que não me merece? Quem *sou* eu?

A autoaversão que sinto faz-me continuar a andar. Aproximo-me do bar e o grupo de homens que está ao balcão afasta-se para o lado como o Mar Vermelho. Diria que é uma das vantagens de ficar sexy com saltos agulha.

Peço um *Cosmo*. Porque não? Mais vale manter a imagem que criei. Trouxe comigo uma *clutch* preta, mas quando a abro para tirar dinheiro, três mãos diferentes levantam notas de vinte dólares no ar.

— Eu pago…

— Fica por minha conta…

— Deixe-me pagar-lhe uma bebida…

O Dean produz um som irritado. Quando dou por mim, ele está a tirar uma nota de vinte dólares e a entregá-la ao barman.

— Fica por *minha* conta — diz ele, severamente. Ele olha para os outros interessados, que desviam o olhar.

— Vais mijar-me para cima agora para marcares o teu território? — pergunto-lhe, num tom provocatório.

Os olhos dele brilham.

— Não sei. Devia? Mas que raio se passa aqui, Allie?

— Nada. — Pego na bebida que o barman me entrega e afasto-me rapidamente do balcão.

O Dean vem atrás de mim, por isso estugo o passo e, quando chegamos ao pé dos nossos amigos, respiro de alívio. Que bom. Agora ele já não pode continuar a procurar respostas.

A Penelope aproxima-se logo e eu sinto um desconforto na espinha quando ela espeta as garras no antebraço do Dean. A t-shirt preta está esticada sobre o seu peito perfeito e revela os seus braços perfeitos. Os mesmos braços que me prenderam há umas noites, quando ele estava a mover-se dentro de mim.

Dou um gole na bebida e tento prestar atenção à Hannah. Ela está a falar sobre os ensaios da audição e comenta que está contente por a faculdade a deixar cantar uma composição original em vez de a juntar a um aluno de Composição Musical.

— Estou a pensar em enviar algumas demos a editoras — admite ela.

— A sério? — Lembro-me de ela mencionar, há uns meses, que gostaria de se dedicar a compor, mais do que a interpretar canções, mas não achei que estivesse mesmo a pensar nisso.

— Sim. — Ela brinca com uma madeixa escura, o que chama a minha atenção para o gancho verde que está a prender o cabelo. É o único ponto colorido na sua roupa toda preta. — Adoro compor canções. Quer dizer, também adoro estar em palco, mas eu e o Dexter estávamos a ensaiar no piano ontem à noite e, quando ele cantou uma das canções que eu andava a escrever, foi…

Deixo de a ouvir. Sou uma péssima amiga, eu sei, mas não consigo evitar. Estou demasiado distraída com o abutre maléfico que ronda o Dean como se de uma carcaça apetitosa se tratasse. A passar as unhas pintadas para cima e para baixo do braço dele. A afagar os bíceps dele. A inclinar-se para ele para lhe sussurrar alguma coisa ao ouvido.

Em sua defesa, ele não parece reparar que a Penelope está colada a ele. Tem o olhar colado em mim, um olhar cada vez mais sombrio.

Dou um gole na bebida e passo a hora seguinte a fazer um esforço para ser sociável. Mas estou cada vez mais irritada… *comigo própria.*

Sem querer, coloquei o Dean num papel que ele não devia estar a desempenhar. Ele *não* é meu namorado. Não lhe devia enviar uma mensagem quando tenho um mau dia. Não devia estar chateada por ele não responder ou por estar a falar com outra rapariga.

Novamente, em defesa dele, ele não parece minimamente interessado na Penelope. Sempre que olho para eles, ele está a olhar para o telemóvel, sem lhe

prestar a mínima atenção.

Continuo a ouvir os toques do meu telemóvel dentro da mala, o que significa que provavelmente tem estado a enviar-me mensagens. Mas pretendo deixar o telemóvel dentro da mala, porque estou demasiado ocupada a tentar aceitar a ideia de que, pelos vistos, sem namorado fico perdida.

Sou… codependente? Será essa a palavra certa? E será por isso que estou sempre a voltar para o Sean? Porque não consigo estar sozinha? Também tive um namorado durante os meus anos todos na escola secundária…

Pronto. Talvez esteja a fazer uma tempestade num copo de água neste momento. Só porque sempre tive namorado, isso não quer dizer que tenha problemas, certo? Eu gosto de ter namorado. Eu gosto de dar as mãos, de dar beijos, de me enroscar e de falar sobre o meu dia. Isso não significa que *precise* sempre de um.

Se calhar não estou talhada para relações casuais. Tenho quase a certeza de que muitas outras mulheres têm dificuldade em separar as emoções do sexo.

Mesmo assim, tudo isto é bastante desolador. Decido que está na hora de sair do bar. Não estou a prestar atenção a uma palavra do que estão a dizer e agora quero ir para casa e pesquisar «codependência» no *Google* para ver se consigo fazer o meu autodiagnóstico.

Mas quero fazer chichi primeiro, por isso peço licença e dirijo-me às casas de banho. Não me dou ao trabalho de me virar para ver se o Dean vem atrás de mim, porque eu sei que vem. Consigo vê-lo pelo canto do olho a afastar-se da Penelope assim que eu me afasto da mesa.

Para minha frustração, a fila para a casa de banho das senhoras é inaceitavelmente longa. Não, não vou esperar trinta minutos para ir à casa de banho. Não estou assim *tão* aflita. Mas sei que, se virar costas, vou dar de caras com o Dean.

Sigo em frente até à saída de emergência. Já a usei antes, por isso não estou a contar que dispare um alarme, e não dispara. Sinto o ar frio a embater-me nos braços e nas pernas descobertos quando saio para o beco que fica atrás do Malone's. Estou a vestir o casaco à pressa quando a porta se abre e surge o Dean.

— Vai-te embora — digo-lhe.

As narinas dele dilatam-se.

— Não.

— Pronto. Então fica aqui. Eu vou para casa. — Remexo na bolsa. Preciso de chamar um táxi e avisar a Hannah de que me vou embora. O Dean tira-me a bolsa da mão e eu fico irritada. — Importas-te de me devolver a mala? — exijo.

— Não. Só quando me disseres porque estás chateada comigo. — Não respondo. — Para de te armar em fedelha e fala comigo, porra — ordena ele.

— Porque não vais procurar a Penelope? — sugiro. — Tenho a certeza de que ela não se importava de falar contigo. Se tiveres sorte, ela é capaz de te enfiar a língua na goela outra vez.

Ele fica perplexo por instantes. E depois começa a rir-se.

— Estás com ciúmes da Penelope?

— Não estou com ciúmes — respondo, descontraidamente. — Só não gosto que me mintam.

O Dean fica de boca aberta.

— Quando é que eu te menti?

Sinto as faces a aquecerem. Caramba. Raios *o* partam. E raios me partam a *mim*, por lhe conceder o poder para me fazer sentir tão… tão… meu Deus, nem sei o que estou a sentir neste momento.

— Prometeste que me dizias se te envolvesses com outra pessoa — acuso-o.

— Eu não me envolvi com ela.

— A Hannah disse que a beijaste.

— Não, *ela* é que *me* estava a beijar. Ou a tentar, pelo menos. Eu disse-lhe que não estava interessado.

— Disseste? — Parte da minha indignação esmorece, mas eu obrigo-me a não amolecer. Não importa o que o Dean fez ou não fez. Eu deixei na mesma que esta amizade colorida seguisse numa direção que não me deixa confortável e agora está na hora de retomar o rumo certo.

— Sim, disse — responde ele. — Porque, ao contrário do que *pensas*, sou um homem de palavra. Eu disse-te que não me enrolaria com mais ninguém.

— Está bem. Eu acredito em ti. — Engulo em seco. — Já posso ir? — Tento pegar na mala, mas ele continua a mantê-la longe do meu alcance.

— Ainda estás irritada — diz ele, simplesmente.

— Não estou.

— Não enganes um mentiroso, boneca — diz ele, bruscamente.

— Estás a dizer que a história que contaste sobre ela te ter beijado é mentira? — respondo.

— Não, o que estou a dizer é… — Ele cospe uma asneira. E depois respira devagar. — Estou a dizer que não te vais embora até me dizeres o que se passa. E para que saibas, se há alguém que devia estar chateado neste momento era eu.

Fico de boca aberta.

— Porquê?

— Há dois dias que andam a gozar com a minha cara por causa do teu número à Houdini na banheira — diz o Dean, bruscamente. — Encontrei um boião de lubrificante debaixo da minha almofada ontem à noite com um recado do Garrett a dizer: «Para o teu rabo.» O Logan comprou uma embalagem de limonada rosa e sempre que bebe um copo levanta o polegar. A Grace não consegue olhar-me nos olhos sem desatar a rir. E agora ainda me móis o juízo e nem sequer me dizes porquê?

— Eu… eu… bolas, estou *farta* disto. — As palavras saem-me da boca antes que consiga travá-las. — Acabou esta amizade colorida, está bem? Acabou.

Os ombros do Dean ficam rígidos.

— Porquê?

— Porque eu disse.

— E *eu* não tenho voto na matéria?

— Não.

— Vai gozar com outro — volta ele a dizer. — Não podes pôr um ponto final nisto sem me dares um bom motivo.

Uma sensação de impotência cresce dentro da minha garganta, porque não tenho um bom motivo.

Tive um mau dia e foste a primeira pessoa a quem liguei.

Parece uma loucura dizê-lo em voz alta. Mas eu conheço-me. Consigo sentir-me a cair na armadilha do namorado e preciso de retirar o meu pé antes que esta porcaria se feche e destrua o meu pobre coração indefeso.

— Estás a dizer-me que já não te sentes atraída por mim? É isso?

— Não, não é isso. Sabes que sinto. Mas…

— Mas nada. — Ele aproxima-se mais e a minha respiração fica presa nos pulmões. Os olhos dele soltam faíscas e as suas feições cinzeladas estão tensas. Nunca tinha visto o Dean irritado. Fica sexy como o raio. — E que tal recapitularmos o que aconteceu esta noite? Que te parece?

Antes que tenha a oportunidade de pestanejar, estou encostada à parede de tijolo e a boca dele está a centímetros da minha. Ficamos semiescondidos entre uma pilha de caixotes de embalagens de leite e um contentor do lixo que, felizmente, está vazio. Não que isso importe, porque, mesmo que estivesse a transbordar de lixo, não conseguiria cheirar nada a não ser o másculo odor a especiarias do Dean. Sempre que inalo o cheiro dele, a fragrância viciante deixa o meu cérebro cada vez mais confuso.

— Ouviste dizer que eu estava no bar com outra rapariga e ficaste com ciúmes. Como me estou a sair até agora? — Cerro o maxilar. — E depois entraste em pânico porque estavas com ciúmes, certo? Continuo a acertar em cheio? — Quando eu não respondo, ele prende-me o queixo com a mão. — O que vai nessa cabecinha linda? Achas que isso significa que te vais apaixonar por mim? Só porque me queres todo para ti, achas que isso quer dizer que nos vamos casar e ter filhos?

O tom trocista dele irrita-me.

— Não sejas parvo.

Ele ignora-me.

— Não quer dizer nada, boneca. Ficaste com ciúmes. Grande coisa. Sabes os ciúmes com que *eu* estou neste momento? Achas que gosto de ver todos os homens do bar a babar-se com as tuas mamas e a enfiar as mãos nos bolsos para esconder as ereções com que ficaram por teres vindo com essa roupa? Apetece-me arrancar-lhes os olhos só por estarem a olhar para ti. — Fito-o, surpreendida. — Estou a falar a sério — diz-me ele. — Mas *vês-me* a entrar em pânico? Não,

porque isso não significa porra nenhuma. Só significa que continuamos a sentir-nos atraídos um pelo outro.

Ele põe a coxa grossa entre as minhas e encosta-se a mim, de modo que eu consiga sentir a ereção dele.

— Ainda te deixo excitada, não deixo?

O membro duro pressionado contra a minha barriga distrai-me e eu não consigo responder. Consigo sentir as cuecas a ficarem húmidas. Meu Deus, estou ridiculamente húmida. E, de repente, sinto os mamilos incrivelmente sensíveis e doloridos enquanto fazem pressão sobre a renda do soutien.

— Está tudo bem. Não precisas de responder. Eu sei que deixo. — Ele roça os lábios sobre o meu ouvido, provocando uma onda de arrepios. — Se enfiar a mão debaixo do teu vestido neste momento, ambos sabemos que te vou encontrar mais molhada do que nunca.

Não consigo respirar. Porque não tenho ar. O Dean está a roubar-me o ar com as suas bocas ordinárias. E as mãos dele estão a empurrar o meu casaco dos ombros. Permaneço imóvel, demasiado fascinada pelo brilho intenso dos seus olhos. Ele deixa cair o casaco no pavimento de terra e depois sobe a bainha do meu vestido e apalpa-me. A onda de prazer que daí advém tira-me do meu transe.

Estamos em público, mas o Dean não parece importar-se. E embora esteja frio cá fora, os dedos dele estão surpreendentemente quentes quando se enfiam debaixo do elástico das minhas cuecas.

Ele ri-se e esfrega o meu sexo húmido.

— Pois, bem me parecia.

Está novamente a fazer troça de mim e a minha indignação regressa com força.

— Não sejas convencido — murmuro. — Estaria húmida fosse qual fosse o rapaz que estivesse a roçar-se em mim.

— Que. Porra. De. Treta — Ele roça o polegar no meu clítoris. Quase caio. — Sou eu. Tu *desejas-me*. — Ele insere um dedo dentro de mim e os músculos internos contraem-se em torno dele, traindo-me. — E enquanto esta vagina faminta continuar a pingar por *mim*, não estamos acabados.

Oh, meu Deus. Ele está a fazer-me vir com a mão. O prazer é insuportável e centra-se entre as minhas pernas, pulsando nas minhas veias. É a única coisa na qual me consigo concentrar.

— Dean… — Sem saber como, lembro-me de como se fala. — Alguém pode vir cá fora.

— Ainda bem. Deixa-os vir. Deixa-os ver que és uma menina safada.

Gemo tão alto que até sinto vergonha. O Dean junta outro dedo e insere-o dentro de mim, enroscando-os até encontrar um sítio que me deixa com a visão turva. Embalo-me contra a mão dele e acabo com os protestos, aceitando de bom grado o que ele me está a dar.

— Que achas de lhes darmos um espetáculo a sério? Que achas de eu te comer aqui contra a parede?

A minha visão torna-se nítida outra vez. Os olhos dele brilham de desejo. A mão livre dele paira sobre o fecho das calças. Tira a ponta para fora e fica à espera que eu responda.

Não sei que feitiço ele me lançou. Eu devia afastar a mão dele. Dizer-lhe para fechar o fecho e deixar de ser idiota. Estamos em *público*. Alguém pode ver-nos.

Então porque é que o meu coração está a bater com mais força?

E porque é que eu estou a acenar com a cabeça?

Os olhos dele brilham de satisfação e de puro desejo. Ele retira os dedos das minhas cuecas e depois vira-me, para que eu fique de frente para a parede.

Fico tensa quando ouço vozes abafadas a virem na nossa direção do outro lado do beco. E se formos apanhados? E se formos apanhados pela *polícia*? As pessoas são presas por coisas destas, certo?

O hálito quente do Dean sopra no meu pescoço quando ele levanta o meu vestido até à cintura. O ar fresco provoca-me arrepios na parte de trás das coxas.

Devia parar isto. Provavelmente. Talvez. Mas não paro.

Ouço o barulho de plástico a rasgar, o roçagar das roupas, e depois a ereção dele desliza entre as minhas nádegas, baixando-se cada vez mais até estar junto à minha entrada.

— É bom que sejas rápida — sussurra-me o Dean ao ouvido. — Estou tão excitado que não vou aguentar mais do que umas investidas.

Não sei se vou aguentar mais do que uns *segundos*. O meu clítoris está tão inchado que até me causa agonia. E os meus seios também. Nunca dei uma rapidinha à frente de um bar, e tudo neste momento é entusiasmante e assustador ao mesmo tempo. O elemento acrescido do perigo, o risco de alguém nos apanhar, transformou o meu corpo num fio elétrico à espera de uma faísca para pegar fogo.

E essa faísca vem sob a forma de uma investida brusca do Dean.

O meu gemido de clímax é abreviado quando ele me tapa a boca com uma mão. Para alguém que acabou de me provocar sobre dar um espetáculo, ele está demasiado preocupado com o mundo à nossa volta.

Já eu nem me consigo lembrar em que continente estamos. O orgasmo percorre-me o corpo e deixa-me ofegante. Começo a sentir tremores incontroláveis ao sentir o pénis do Dean e ele solta um gemido que mal se ouve e enfia a cabeça entre o meu pescoço e o meu ombro enquanto continua a penetrar-me por trás.

Ele não estava a gozar. Ele atinge tão rapidamente o orgasmo que eu não sei se estou impressionada ou se devo picá-lo por isso. Ele investe dentro de mim uma última vez e estremece descontroladamente, prendendo-me as ancas com força.

Também estou a tremer, mas não sei se é do orgasmo que acabei de ter ou da brisa fria que sinto no rabo nu.

Quando vozes altas quebram o silêncio, eu afasto-me do Dean e desço o vestido pelas coxas. Espreito por trás do contentor e vejo umas sombras a percorrerem o passeio. Nem uma cabeça se vira para o beco.

Pego no casaco e visto-o rapidamente enquanto o Dean enfia o pénis ereto dentro das calças. Ele deita o preservativo no contentor e fita-me com um ar cauteloso.

— O que foi? — A minha voz não parece a minha voz. Está mais baixa e vem da garganta.

Ele olha-me da cabeça aos pés e depois olha-me nos olhos.

— Ainda não acabámos — diz ele, bruscamente.

Mordo o interior da bochecha e digo:

— Eu sei.

19

Allie

Segundo o sem-abrigo de Brooklyn, o Lou, sempre que temos um *déjà-vu*, isso é simplesmente um vislumbre daquilo que acontece quando os extraterrestres tentam aceder às nossas memórias. Parece que é isso que os homenzinhos verdes andam a tramar agora, porque acabei de ter um *déjà-vu*.

A noite de sexta-feira começa da mesma forma que começou há duas semanas. Saio do ginásio com o saco de desporto numa mão e o telemóvel na outra. Tenho três mensagens por ler do Sean à minha espera.

Leio-as e solto um grunhido. Ele precisa *mesmo* de falar comigo. Merda.

Sem saber como, consegui evitar encontrar-me com ele durante duas semanas. O sexo com o Dean foi uma ótima distração, mas esta noite não me posso dar a esse luxo. O Dean ainda está no rinque para o jogo dos Hurricanes e tem planos com o amigo Beau depois do jogo.

Preciso de decidir o que vou fazer com o Sean. Quero falar com ele? Servirá de alguma coisa? Começo a achar que não conseguimos romper mesmo das outras vezes porque decidimos continuar amigos depois. Essa é uma péssima ideia. Não podemos ser amigos de um ex-namorado, pelo menos não logo. A Megan insiste que um período de seis meses sem contacto é obrigatório antes de ponderarmos uma amizade.

Não é que a Megan seja uma especialista em relações. Da última vez que falei com ela, ainda namorava com o médico de 37 anos, mas continuava a inventar desculpas para não conhecer a filha dele. Se ela não consegue comunicar-lhe os medos e preocupações, como é que podem ter uma relação saudável?

Mas eu agora devia era concentrar-me na minha vida amorosa. Quer dizer, *ex*-vida amorosa, porque já não amo o Sean McCall. É assustador como os meus sentimentos desapareceram tão rápido.

A minha mãe costumava dizer que o tempo cura todas as feridas. Isso é mesmo verdade. No ano a seguir à sua morte, bastava-me pensar no rosto dela para sentir uma dor dilacerante. Agora, sempre que penso nela, ainda me dói, mas de forma mais leve. Tenho saudades dela, mas já não sinto vontade de me enroscar numa bola e passar o dia todo a chorar.

Mas o luto é mesmo assim. Achava que o amor demoraria mais tempo a desaparecer, mas agora questiono-me se o processo já teria começado antes de eu e o Sean terminarmos. Talvez tenha perdido o amor que sentia por ele mais cedo e nem me tenha apercebido.

E talvez beber café não seja assim tão má ideia. Acho que posso aproveitar a oportunidade para ver como o meu coração reage na presença dele.

Ainda ando às voltas com esta questão quando subo as escadas para a residência. A Bristol House só tem quatro pisos, por isso não há elevador, só quatro lanços de escadas que sou obrigada a subir com o saco do ginásio.

Saio das escadas em direção ao corredor e fico paralisada quando vejo o Sean sentado em frente à minha porta.

Uma vez mais, ele tirou a decisão das minhas mãos.

Tem a cabeça inclinada sobre o telemóvel, mas desperta ao ouvir o som dos meus passos. Depois levanta-se e encaminha-se na minha direção.

O meu coração *reage*, mas não da forma que esperava. O Sean está exatamente igual — cabelo escuro espetado dos lados de um boné dos Red Sox que tem a pala para trás, olhos castanhos, rosto sem barba. O meu coração não deveria doer ao ver o rapaz com quem namorei durante três anos?

Mas a única coisa que sinto é irritação.

— Não fiques chateada — diz ele, em vez de me cumprimentar. Ele percebeu claramente o meu desagrado. — Eu sei que não devia ter aparecido sem avisar.

— Então, porque é que apareceste?

— Porque não respondes às minhas mensagens. — Ele abana a cabeça, irritado. — Estivemos juntos quase quatro anos, Allie. Não podes perder cinco minutos para falar comigo?

— Não tinha nada a dizer. — Destranco a porta e pouso o saco no corredor. Quando o Sean tenta seguir-me para dentro, eu franzo o sobrolho e agarro na maçaneta da porta para o impedir de entrar.

Ele faz uma careta.

— Agora não posso entrar?

— Não há motivo para entrares. Diz o que tens a dizer, Sean.

— Não vou falar no corredor, onde todos me conseguem ouvir.

Respiro fundo. Não sei porque estou a ser tão ríspida neste momento. Talvez porque vê-lo me faz lembrar da discussão que levou à nossa separação. Todas as palavras cruéis, injustas e insensíveis que ele me atirou à cara.

Obrigo-me a respirar fundo. Provavelmente ainda estou mais irritada porque o ensaio desta noite foi uma porcaria outra vez. O meu passo acelerado na passadeira também não ajudou.

— Olha, preciso desesperadamente de tomar um duche, por isso, que tal encontrarmo-nos no Coffee Hut daqui a trinta minutos? Podemos falar lá.

Percebo que ele continua chateado por não o deixar entrar, mas acena com a cabeça.

— Está bem. Também estou a precisar de um café.

Aceno com a cabeça.

— Daqui a pouco estou lá. — Depois fecho a porta e encosto-me à porta por uns segundos. Merda. Acho que não vou querer ter esta conversa, seja ela qual for.

Quem me dera que a Hannah estivesse aqui, para eu poder pedir-lhe um conselho sobre como lidar com isto, mas ela está no ensaio. Como tem a audição para breve, duvido que vá vê-la com frequência até terminar a audição.

Já no chuveiro, relembro a mim própria que terminei com o Sean por um

motivo. Bem, por vários motivos. Queríamos coisas diferentes para o futuro. Eu não estava feliz. Ele estava sempre chateado.

Resumidamente, havia demasiado sofrimento e pouca recompensa. Gosto de pensar que a minha mãe concordaria comigo em relação à separação. Sim, ela aconselhou-me a dar o meu melhor nos relacionamentos e, sim, os relacionamentos exigem esforço, mas não devem ser hostis, pois não?

Não imagino o que o Sean possa dizer para me fazer mudar de ideias.

O Sean conseguiu uma mesa na parte de trás do café repleto de gente, meio escondida atrás de um vaso de cerâmica enorme com um feto artificial em forma de leque. Não percebo bem a decoração deste café. Tem demasiadas plantas. Eles querem uma decoração com a temática da selva? Oh, quero lá saber. Adoro o cheiro a café acabado de moer e agradeço a privacidade.

O Sean empurra um copo alto com espuma na minha direção.

— Pedi café para ti. — Ele esboça um sorriso seco. — *Latte* de baunilha com *espresso*.

Desta vez, o meu coração reage e contrai. Claro que ele sabe qual é o café que costumo beber. Ele sabe tudo sobre mim e eu sobre ele. Não preciso de espreitar o copo dele para saber que está a beber um café com natas, sem açúcar. E que o saco de papel em cima da mesa tem dentro um *muffin* de mirtilos, que é o único tipo de *muffin* que ele come. Quando namorávamos, eu obrigava-o a experimentar todos os *muffins* e bolos do balcão, mas ele insistia que o *muffin* de mirtilos era o único sabor que «encantava» as pupilas gustativas dele.

Merda. Agora sinto-me triste.

— Como tens andado? — pergunta ele, baixinho.

Oh, não. Vamos começar com conversa fiada? Envolvo as mãos à volta do copo para me impedir de tremer.

— Tudo bem. E contigo?

— Não ando muito bem, mas… — Ele encolhe os ombros.

Reparo que ele parece cansado. Andará a dormir o suficiente? Impeço-me de fazer a pergunta antes que me saia da boca. Já não namoramos. Já não preciso de me preocupar com os hábitos de sono dele.

— Sinto a tua falta — murmura ele.

Apresso-me a beber um gole de café. Não respondo o mesmo, porque a verdade é que… *não* sinto a falta dele. Pouco tempo depois de terminarmos, claro que sentia. Mas desde essa altura que tenho tido outras coisas na cabeça. A peça. O Dean…

Quando não respondo, ele prossegue com uma expressão depressiva.

— Tenho pensado muito desde que terminaste a relação. Fiz muita introspeção.

Finalmente encontro a minha voz.

— Ainda bem. Fico contente.

— Tenho pensado nos últimos seis meses e percebo que meti a pata na poça. Fui um idiota contigo, Allie. — A expressão dele é sincera. — Mas agora percebo *porquê*.

Sinto um aperto na garganta.

— Porquê?

— Porque estava com medo.

Oh, bolas. Há um brilho de vulnerabilidade nos olhos dele. Luto contra a vontade avassaladora de esticar o braço e apertar-lhe a mão.

Já não é minha função tomar conta dele.

— Tens o teu futuro todo planeado desde os 12 anos. Sabias ao certo o que querias fazer, e isso é raro para caraças. Há poucas pessoas que possam dizer isso. — O tom de voz dele torna-se mais sincero. — Eu não posso dizer o mesmo. Não cresci a sonhar com trabalhar para a empresa de seguros do meu pai. Mas é um trabalho certo e há poucas pessoas que tenham *essa* sorte, sobretudo depois de concluir a faculdade, mas não estou propriamente em pulgas para voltar para o Vermont.

— Deste mesmo a entender que estavas — comento.

— Porque é a única opção que tenho. — Ele parece frustrado. — Estava a tentar ficar entusiasmado com isso. E… para ser sincero, imaginar-te lá comigo tornou a ideia de voltar para casa mais suportável. O comprimido tornou-se mais fácil de engolir, digamos assim. Mas não foi justo para ti. Não tinha o direito de

insistir para que sacrificasses o futuro que queres só para eu me sentir melhor com o futuro que me calhou.

Estou perplexa. O Sean não me tinha dado nenhum sinal de que não queria ir para o Vermont, mas diria que esse é outro indício de que a comunicação entre nós estava péssima.

— Disseste, no nosso primeiro encontro, que estavas a planear mudar-te para Los Angeles depois de terminares o curso. Disseste-me isso *várias* vezes, até ao momento em que terminámos. — Ele abana a cabeça, envergonhado. — Mas este verão eu decidi deixar de te dar ouvidos. Convenci-me de que era a coisa mais importante da tua vida e de que irias para onde precisasses de ir para estar comigo.

— Não é uma expetativa justa para ter de uma pessoa — digo eu, baixinho. — Não podes *obrigar* uma pessoa a pôr a tua felicidade à frente da dela.

— Eu sei, e foi errado da minha parte fazer-te um ultimato. Eu disse-te que tenho andado a pensar bastante. — Ele respira fundo. — E cheguei a algumas conclusões.

Sinto um peso no estômago quando ele enfia uma mão dentro do bolso do casaco. Oh, meu Deus. *Por favor*, que ele não tire uma caixa de joias de veludo.

É uma loucura eu quase ter desejado que ele tirasse uma arma? Que ele decidisse fazer de todos reféns até eu concordar em voltar para ele? Por um motivo doentio qualquer, acho que estou mais bem preparada para lidar com isso do que com um pedido de casamento.

Mas ele retira um envelope fino e pousa-o em cima da mesa.

— O que é isso? — Fico a olhar para o envelope como se contivesse veneno.

— Abre-o — pede ele. *Cum caraças*. — Por favor.

A sinceridade no tom de voz dele faz-me ceder. Pego no envelope. Não está selado, mas a aba está enfiada para dentro, por isso uso o dedo para o abrir. Espreito para o interior e vejo uma folha de papel. Decido retirá-la e desdobrá-la, enquanto contenho a minha preocupação crescente.

Primeiro, sou assolada pelo choque. Em seguida, pela desconfiança. E depois por uma grande preocupação, porque… que raio é que ele quer que eu diga

perante *isto*?

Estou a olhar para um recibo de confirmação de dois bilhetes de avião para Los Angeles, Califórnia. O voo parte no dia a seguir à formatura.

Mordo o lábio e fito o Sean.

— Tu e eu, querida — diz ele, fervorosamente. — Era isto que devia ter feito logo. Foi parvo da minha parte obrigar-te a ir para o Vermont. O que eu precisava de fazer era engolir o orgulho e mudar-me para Los Angeles. Contigo.

Oh, meu Deus. Porque é que eu insisti em encontrarmo-nos em público? Público é má ideia. Em público significa que todos vão testemunhar a agonia e a humilhação do Sean quando eu disser…

— Não.

A incerteza atravessa-lhe o rosto.

— O quê?

— Não vens para Los Angeles comigo.

O Sean abre a boca. E depois fecha-a. E depois abre-a novamente. Dou-lhe um momento para digerir o que acabei de dizer. Infelizmente, o meu telemóvel apita nesse momento. Revolvo a mala e… que maravilha, uma mensagem do Dean.

Ele: O jogo acabou. Os Hurricanes arrasaram como um furacão. O Beau não pode encontrar-se comigo mais tarde. Damos uma rapidinha?

Quem me dera.

Eu: Não posso. Estou a meio de uma cena brutal.

— Porque não? — pergunta o Sean, por fim.

— Porque… — Estou distraída.

Ele: Está tudo bem?
Eu: Sim. Estou a tomar café com o Sean.

Segue-se uma demora interminavelmente longa.

O Sean continua à espera da minha resposta. Eu estou à espera da resposta do Dean. Apercebo-me de que provavelmente não devia ter dito nada ao Dean, mas estava a escrever em modo de piloto automático.

Ele responde com a mensagem: Mas que raio?

Eu: Eu sei *suspiro*. Explico-te mais tarde, está bem?

Depois disso não há resposta e o Sean parece cada vez mais irritado.

— A quem é que estás a enviar mensagens? — exige saber.

— À Hannah — minto.

A pior parte de namorar com uma pessoa há tanto tempo como eu namorei com o Sean é que ela sabe *sempre* quando estamos a mentir.

— Mentira. — Há um brilho de irritação, escuro e feroz, nos olhos dele. — É o tal rapaz? O rapaz com quem dormiste?

— Não, não é. — Desta vez pouco me importa se ele percebe a mentira. — E mesmo que fosse, não te diz respeito. Nós acabámos. — Respiro fundo. — E é por isso que não podes vir para Los Angeles comigo.

A boca do Sean contorce-se. O rosto e o pescoço ficam vermelhos. Até as pontas das orelhas ficam vermelhas.

— Não estás a falar a sério.

— Estou, sim. Desculpa. Eu acho que… está na hora de seguirmos em frente.

— Seguirmos em frente ou avançarmos para outras pessoas? — O tom irritado dele irrita-me também. — Como o rapaz cujo nome te recusas a dizer?

Eu podia ser parva e dizer-lhe novamente que «não lhe diz respeito». Também podia filosofar e dizer-lhe que «se ele ama alguém, tem de deixá-la ir».

Mas não faço nem uma coisa nem outra. Limito-me a entregar-lhe os bilhetes e dizer:

— Desculpa. Espero que consigas o reembolso. E espero mesmo que descubras qual é a tua paixão, seja trabalhar para o teu pai, seja fazer outra coisa qualquer. — Caramba, estou a ficar emocionada. — Eu desejo mesmo o melhor para ti, Sean. E quero que sejas feliz.

Ele não responde. Limita-se a ficar sentado. Inexpressivo.

Puxo a cadeira para trás. Tenho as mãos a tremer quando visto o casaco. Não me dou ao trabalho de lhe dizer que podemos ser amigos, porque sei que ele não quer ouvir isso neste momento. Além disso, não quero fazer promessas que posso não conseguir cumprir.

— Adeus, Sean — digo, baixinho.

Vinte e quatro horas depois do meu encontro devastador com o meu ex-namorado, torna-se óbvio que o Dean não quer falar comigo.

Enviei-lhe uma mensagem depois de sair do café, a perguntar-lhe se ele ainda queria encontrar-se comigo.

Sem resposta.

Enviei nova mensagem umas horas depois, a perguntar se ele tinha ido sair com o Beau.

Sem resposta.

Enviei-lhe uma mensagem a desejar boa-noite

Sem resposta.

Enviei-lhe uma mensagem a desejar bom-dia.

Sem resposta.

Agora, sentada na minha cama e sozinha em casa num sábado à noite, estou com dificuldade em dar um desconto ao Dean. Ontem à noite estava disposta a assumir responsabilidade. Claro que o Dean assumiu o pior quando descobriu que eu estava com o Sean, e não o censuro por ter ficado chateado. Umas horas de amuo é uma reação perfeitamente aceitável por pensar que eu tinha voltado para o meu ex-namorado.

Mas vinte e quatro horas? Já é demais. Se o Dean está zangado comigo, deixa-o estar. Se não quiser ter mais nada comigo, que não tenha. Mas pelo menos que tenha a coragem de me *dizer*. Ignorar alguém para que a pessoa perceba a «dica» é um insulto, e eu não tenho paciência para isso.

Pego no portátil que está em cima da mesa porque preciso desesperadamente de uma distração neste momento e nada me distrai mais do que ver vídeos adoráveis no *YouTube*. Espero que haja um vídeo de uma girafa bebé que decidiu tossir ou de um hipopótamo bebé a chapinhar num lago.

Sem saber como, acabo no *Twitter*. E vejam só. O Dean está vivo. Agora não pode usar a desculpa que morreu para me ignorar, porque um aluno da Briar está a enviar *tweets* em tempo real sobre o jogo desta noite e acabou de mencionar o golo do «Di Laurentis».

Fecho o navegador e salto da cama. Talvez seja masoquista, mas ver o nome do Dean dá-me vontade de *ver o Dean*. Quero respostas, caramba. Quero que ele me olhe nos olhos e me diga que a amizade colorida acabou.

Demoro quase trinta minutos a chegar ao rinque, que fica na outra ponta do enorme *campus* da Briar. Junto à cabina, mostro o meu cartão de estudante para receber o desconto. O funcionário informa-me que tenho de ficar de pé e entrega-me um bilhete por baixo do vidro.

Um minuto depois, estou na zona reservada aos espectadores que ficam de pé. O segundo tempo acabou de começar.

Olho para o gelo e tento lembrar-me do número da camisola do Dean. Tenho uma branca, por isso ponho-me a ler os nomes das camisolas pretas e prateadas. O apelido do Dean tem tantas letras que deve ser fácil de encontrar, mas não consigo encontrá-lo no gelo. Talvez a formação dele não esteja a jogar neste momento? Mas ele também não parece estar sentado no banco.

Que estranho.

Decido abrir o *Twitter* no telemóvel e pesquisar o perfil que estava a seguir antes. Talvez o @BriarBryan38 tenha enviado alguma atualização no *Twitter* quando eu vinha para cá. Passo à frente as publicações mais recentes até encontrar uma que me chama a atenção.

O meu coração sobe-me à garganta.

O Dean foi expulso do jogo.

20

Dean

Fico sentado no balneário vazio, com a cabeça para baixo e os ombros descaídos. A tentar não apanhar o objeto mais próximo — que, por acaso, é o meu capacete — e atirá-lo contra a parede. Os nós dos dedos da minha mão direita estão feridos e a sangrar graças ao soco violento que desferi no avançado de St. Anthony's, mas encosto as palmas das mãos às coxas e deixo o sangue encharcar as minhas calças de hóquei.

Detesto os sacanas de St. Anthony's. As nossas equipas são rivais há muitos anos, por isso, sempre que nos enfrentamos, podemos contar com tensão e bocas. Mas a hostilidade ficou pior nos últimos dois anos. E, há umas semanas, um grupo de rapazes da equipa deles meteu-se com uma das amigas da Grace, roubou-lhe o telemóvel e recusou-se a deixá-la sair do quarto de motel deles.

Esta noite eu é que cometi um erro. Como de costume, houve bocas durante os confrontos, jogadas agressivas, toques físicos excessivos de ambos os lados. Mas eu já estava irritado antes do jogo, e quando aquele idiota me incitou a dar-lhe um murro, eu passei-me.

Fui expulso por conduta pouco profissional. Pois sim. Se o árbitro tivesse ouvido sequer metade do que o desgraçado do Connelly estava a dizer sobre as nossas mães, também expulsava aquele sacana.

Mas acabei por ser eu o único jogador expulso. Um soco num jogo já por si

aceso provavelmente não me vai valer uma expulsão da equipa, mas agora estou preso no balneário e proibiram-me de sair daqui até receber o sermão obrigatório do treinador Jensen.

Ou talvez ele delegue outra vez e encarregue o O'Shea de me dar o sermão. Isso significa *dois* sermões daquele sacana no espaço de vinte e quatro horas. Ele chamou-me ao gabinete dele ontem à noite quando eu ia para casa depois do jogo dos Hurricanes. Se juntarmos a isso a confissão da Allie de que estava com o ex-namorado, não é surpresa nenhuma que eu tenha acabado por apanhar uma bebedeira com o Beau.

Juro por Deus que, se a Allie voltar para esse idiota que não a merece, eu vou… fazer o quê? Passar-me outra vez? «Acabar» com ela? A única coisa que fiz até agora foi evitá-la. Para ser sincero, tenho medo do que ela possa dizer.

Ouço passos a ecoarem do outro lado da porta. Fico imediatamente tenso. Espero, apercebo-me de que é outra porta. Não a porta que dá acesso ao gelo, mas sim a porta que dá acesso ao corredor principal.

— Dean? — A voz da Allie faz-me despertar.

Mas como é que ela chegou aqui? Temos seguranças a vigiar o pavilhão durante os jogos para impedir que as pessoas entrem furtivamente nos balneários e mexam nos equipamentos. Isso aconteceu há uns anos — um fã da equipa adversária, chateado, entrou à socapa e pintou com latas de spray a palavra FALHADOS nos nossos cacifos. Não sabia que algumas faculdades admitiam putos de 5 anos.

Ouve-se uma pancada suave.

— Dean, estás aí?

Respondo num tom de voz ofegante.

— Sim.

A Allie enfia a cabeça loira pela porta do balneário. Vê-me sentado no banco e vem direta a mim. Veste calças de ganga e uma camisola vermelha, traz o cabelo preso e ou estou a imaginar coisas ou tem os olhos vermelhos. Terá estado a chorar?

— Como é que conseguiste passar pela segurança? — pergunto de modo brusco.

— Disse ao segurança que sou tua namorada e que estava desesperada para saber como estava o meu namorado. Houve umas lágrimas de crocodilo pelo meio. — Esboça um sorriso. — A capacidade de chorar a pedido às vezes dá jeito.

— E ele caiu na cantiga?

— Sim. Sou muito convincente. Mas tive de lhe mostrar o meu cartão de aluna da Briar, para provar que não era uma sabotadora. — Ela senta-se ao meu lado. — Porque é que foste expulso do jogo?

Olho em frente.

— Dei um soco num jogador. Foi uma parvoíce da minha parte. Eu mereço estar aqui.

— Talvez. Mas, mesmo assim, não deixa de ser uma porcaria. — Ela fica calada por instantes. Consigo sentir os seus olhos azuis na lateral do meu rosto. — Estás a evitar-me.

Olho para ela.

— Só um pouco.

— Um pouco? Não há graus de evitação, Dean. Ou andas a evitar alguém ou não andas.

— Não é verdade. Às vezes há circunstâncias atenuantes. Variáveis inesperadas.

— Tipo o quê?

Encolho os ombros.

— Não importa.

— Importa, sim — corrige ela —, mas podemos pôr esse assunto em pausa por instantes. — Ela encosta uma mão à minha face e depois desliza-a para o meu queixo para rodar a minha cabeça na direção dela e obrigar-me a estabelecer contacto visual. — Eu sei que estás chateado comigo por me ter encontrado com o Sean.

— Não estou chateado. Podes estar com quem quiseres. — Uso um tom de indiferença, mas por dentro estou a ferver. — Mas deixa-me apontar a hipocrisia dessa decisão. Não devíamos avisar um ao outro antes de nos enrolarmos com outra pessoa?

— Eu não me enrolei com ele.

— Não?

— Não — diz ela num tom de voz firme. — E se não falaste comigo porque achavas que eu e o Sean reatámos, posso assegurar-te que não o fizemos. Ele queria que reatássemos, mas eu disse que não.

Não consigo explicar a onda de alívio que sinto no peito.

— É bom saber — digo eu, descontraidamente, mas o brilho cúmplice no olhar dela revela que ela sabe que eu fiquei feliz.

Ela pega-me na mão e entrelaça os nossos dedos.

— Eu e o Sean acabámos. Não quero estar com ele e foi precisamente isso que lhe disse ontem.

— Mas ele não ficou contente por saber.

— Não, mas isso é algo que ele terá de aceitar. — Ela esfrega o polegar sobre os nós dos meus dedos. Já não estão a sangrar, mas pela forma como ela está a suspirar, seria de supor que a minha mão tinha sido amputada. — Não devias andar à bulha — diz ela, com firmeza.

— Os jogadores de hóquei são temperamentais, linda. Às vezes lutamos. Não é o fim do mundo.

— O que é que aquele idiota te disse para lhe dares um murro?

— Já nem me lembro — admito. — As memórias estão confusas e eu já estava irritado antes disso.

A expressão dela denota culpa.

— Por minha causa?

— Não. — Aperto os dedos dela com os meus. — O O'Shea anda em cima de mim outra vez por causa de mais uma fotografia que apareceu no *Instagram*. — Solto uma gargalhada dura. — Preciso mesmo de começar a ter mais cuidado quando estou no Malone's.

— O O'Shea é o assistente do treinador? Aquele que te obrigou a fazeres voluntariado numa escola básica?

— Coordenador dos defesas. E, sim, foi.

— E de que fotografia estamos a falar? Espera, uma fotografia do Malone's? De nós? — O rosto dela fica pálido.

— Não — asseguro-lhe. — De mim e da Penelope, a coelhinha do hóquei que estava a morder-me o pescoço. O O'Shea está fulo.

— Porquê? Os beijos são proibidos? — Ela acrescenta rapidamente: — Não é que eu esteja a dizer que andavas aos beijos com ela. Eu sei que ela é que se atirou a ti. Mas mesmo que fosse recíproco, como é que isso é um delito digno de castigo?

— Ele não estava chateado por causa dos beijos. Na fotografia, eu estou com uma cerveja na mão, e o O'Shea não nos quer a beber.

— Hum. Ele sabe que é treinador de alunos da faculdade, certo? É impossível aplicar uma regra que proíbe bebidas.

— Eu sei.

— E a única coisa que estás a fazer na fotografia é ter uma cerveja na mão? Mas que raio? Não foste propriamente apanhado a snifar cocaína das mamas dela.

Um sorriso assoma-me aos lábios.

— Claro que não. Se snifasse cocaína das mamas de alguém, seria das tuas.

— Oh, obrigada. Que romântico. — Ainda a afagar a palma da minha mão com as pontas dos dedos, ela aproxima-se mais e beija-me a face. — O O'Shea é um idiota, lindo. Não deixes que ele te afete, está bem? Sobretudo, não chegues ao ponto em que ficas tão irritado que andas aos murros às pessoas e és expulso dos jogos.

Ela tem razão. Preciso de controlar melhor o meu temperamento. Mas o Frank O'Shea… caramba. Basta-me ouvir o som da voz aguda e condescendente dele para ficar exaltado.

A Allie roça os lábios sobre o meu maxilar num beijo suave. Depois solta-me a mão, visivelmente relutante.

— É melhor ir andando antes que alguém me veja aqui. O terceiro tempo está quase a acabar.

— Viste o resultado antes de vires para aqui?

— Acho que estava empatado.

Merda. Espero que os rapazes consigam dar a volta ao jogo, porque estou farto de perder.

E estou farto de andar às escondidas, para ser sincero.

Inicialmente era excitante, dormir com a Allie sem os nossos amigos saberem, mas já não estou para aí virado. Quando ela apareceu no Malone's vestida daquela forma, eu senti vontade de enfiar a língua na garganta dela em frente a todos. Foi difícil ter de fingir que não me deixei afetar por ela e estou cansado de ter de lhe enviar mensagens às escondidas para dar umas rapidinhas e de mentir aos meus amigos sobre onde vou.

Amigos que, já agora, pensam que incluo *dildos* na minha rotina de masturbação. Quando me entregou um prato com bacon e ovos esta manhã, o Tucker perguntou inocentemente se o meu «amiguinho cor-de-rosa» viria tomar o pequeno-almoço connosco. O Garrett quase partiu uma costela de tanto se rir. A coitada da Grace ainda não consegue olhar para mim sem corar.

Eu sei que a Allie não quer que os nossos amigos saibam que andamos enrolados, mas eu gostava que houvesse uma forma de podermos ter um pouco mais de liberdade. Talvez pudéssemos reservar um quarto de hotel para passar o fim de semana, só para passarmos dois dias na cama sem nos preocuparmos com…

Sinto-me inspirado.

— Espera. — Pego na mão dela antes que ela se possa levantar. — Chegaste a reservar o bilhete de comboio para o Dia de Ação de Graças?

A Allie pragueja.

— Não, não reservei. Bolas! Porque é que sou tão má a lembrar-me das coisas? Eu pus um lembrete!

— Não reserves.

— Porque não?

— Porque tenho uma ideia melhor. — Hesito. — Que te parece se eu for a Nova Iorque contigo? Podemos ir no meu carro.

Ela parece perplexa.

— Oh. Tu… hum… queres passar o Dia de Ação de Graças comigo? Hum. Bem. Eu vou estar com o meu pai…

— Não me estou a fazer de convidado para o jantar nem nada do género — interrompo. — Lembrei-me de que podia ficar na minha casa de Manhattan

enquanto estás com o teu pai, e, se estiveres livre na quinta ou na sexta-feira à noite, podes vir ter comigo. — Retorço as sobrancelhas. — Teríamos a casa toda só para nós.

— Que intrigante — diz ela, lentamente. — Quando é que precisas de voltar para Briar para o jogo?

— Teria de partir no sábado de manhã. Quando estavas a planear voltar?

— No sábado de manhã. — Um sorriso ténue assoma-lhe aos lábios. — Coincide…

— Isso quer dizer que alinhas? — pergunto, esperançoso.

— Uma viagem de borla para Nova Iorque e um fim de semana de sexo escaldante? Claro que sim.

— Ainda bem. Mas tenho um favor a pedir-te.

Ela inclina a cabeça, à espera de que eu prossiga.

O meu humor, que antes estava em baixo, está agora radiante como o sorriso que lhe dirijo.

— Traz o Winston.

E foi assim que acabei por levar o carro para Nova Iorque com a Allie no banco do pendura.

O sol já se tinha posto quando nos fizemos à estrada, porque a Allie tinha ensaio até às seis e depois demorou uma hora a fazer a mala. Eu trago uma mochila. Ela traz uma mala a abarrotar, que quase não cabe na bagageira.

Deixei o meu saco de hóquei na bagageira porque não pensei que ela fosse levar tanta tralha só para três dias. Felizmente, o parque de estacionamento atrás da Bristol está completamente vazio, o que significa que ninguém nos vê a tentar enfiar a mala na bagageira. O *campus* está silencioso, quase como se o feriado tivesse sugado toda a gente para o céu. Claramente não fomos os únicos que decidiram partir na véspera do Dia de Ação de Graças.

A Hannah e o Garrett partiram para Filadélfia esta manhã, e a Grace e o Logan saíram umas horas mais tarde. Vão visitar o pai do Logan, que está numa clínica de reabilitação, e depois vão passar a noite em casa da mãe dele em Boston antes de regressarem a Hastings para passar o dia com o pai da Grace. O

Tucker ainda estava em casa quando eu saí, mas vai para casa do Hollis, em New Hampshire, amanhã de manhã. Fico contente, porque, se ele não tivesse para onde ir, eu sentir-me-ia obrigado a convidá-lo para vir a Manhattan.

Depois de eu e a Allie finalmente nos sentarmos, eu descubro que temos gostos musicais completamente diferentes. Demoramos cerca de cinco minutos a debater antes de chegarmos a um compromisso. Cada um tem direito a blocos musicais de trinta minutos, durante os quais a outra pessoa não se pode queixar. A pirralha chega mesmo a ligar um cronómetro para se certificar de que cumprimos as regras. E, como é óbvio, ela anuncia que é a primeira.

— Porque é que não posso ser o primeiro? — oponho-me.

— Porque vou jogar a cartada da vagina.

Sorrio-lhe.

— Está bem. Então eu jogo a cartada do pénis.

— Não é assim que as coisas funcionam. — Ela parece desesperada.

— Então como é que as coisas funcionam? Porque, se bem me lembro, os genitais não decidem quem ouve a música primeiro.

— Ah, decidem, sim. — A Allie fala comigo como se eu fosse um aluno do jardim de infância. — Se me tirares os privilégios do pénis, eu fico bem durante meses. Anos, até. Mas se eu te tirar os privilégios da vagina? Ficas perdido de todo. Como um homem a afogar-se no mar, desesperadamente a tentar agarrar a boia salva-vidas em forma de vagina. — Ela esboça um sorriso radiante. — Como tal, a vagina supera o pénis.

O meu sorriso esmorece, porque ela tem razão.

Como tal, passo os primeiros trinta minutos da viagem a ouvir as baladas fatelas dos anos 80, todas com a palavra «amor» nos títulos.

I Want to Know What Love Is.

I Just Called to Say I Love You.

It Must Have Been Love.

Seria de pensar que, de uma forma pouco subtil, a Allie me estava a tentar dizer alguma coisa, só que tenho quase a certeza de que todas as canções dos anos 80 são sobre amor.

Quando chega a minha vez, escolho as canções mais nojentas que consigo

encontrar. Ol'Dirty Bastard. Algumas canções do Jay-Z que não podem passar na rádio. Cypress Hill. Até ponho uma canção do Insane Clown Posse.

A Allie retalia colocando as canções mais populares da Madonna.

Em vez de a castigar, decido recompensar-me e mudar de *hip-hop* para *country*. Sim, meninos ricos como Tim McGraw. Processem-me.

Ainda temos duas horas de caminho pela frente quando a Allie pega no telemóvel e começa a escrever.

Mantenho os olhos na estrada e pergunto:

— A quem estás a enviar mensagem?

— À Dillon… uma amiga da escola secundária. Ela estuda na Faculdade da Florida, mas espero que venha a casa para o feriado. Oh, e tenho de ver se o Fletch também vem cá.

— Fletch?

— Kyle Fletcher, mas eu chamo-lhe Fletch — diz ela, descontraidamente. — Ex-namorado.

A minha cabeça gira na direção dela.

— Vais fazer planos com o teu ex-namorado?

— Recolhe essas garras, menina. O Fletch continua a ser meu amigo.

Não consigo conter a curiosidade.

— Quanto tempo estiveram juntos?

— Três anos.

Assobio baixinho.

— E depois mais três anos e meio com o Sean… tu és de relações longas, não és?

— Não, não sou — protesta ela.

— Querida, são quase sete anos da tua vida passados em relações sérias. E só tens 22 anos.

— Tenho 21. E sou uma bebé do Natal.

— A sério? Fazes anos no dia 25?

— Dia 24. Acho que isso faz de mim uma bebé da véspera de Natal. Desculpa.

— É bom que peças desculpa. Como te atreves a enganar-me dessa forma?

Ela revira os olhos.

— Tudo bem. Tens razão. É muito tempo. — Ela faz uma pausa. — Qual foi a tua relação mais longa?

— Pouco mais de um ano. — Respondo sem desviar o olhar da estrada escura.

— A sério? — diz ela, surpreendida. — Foi mais tempo do que eu imaginava. Na escola secundária?

Aceno com a cabeça.

— Porque é que terminaste?

É a minha vez de revirar os olhos.

— Porque estávamos na escola secundária.

— E daí? E se ela fosse a tua alma gémea? — desafia-me a Allie. — Não acreditas que as relações do secundário podem vingar?

— Não. Acho que não consegues saber o que queres ou precisas de uma relação nessa idade. Quando estás na escola secundária, não tens noção da vida real. Não percebes que ainda tens muito para crescer. Não sou a mesma pessoa que era na adolescência. Raios, nem sequer sou a mesma pessoa que era no semestre passado.

— Claro que és. — Ela esboça um sorriso doce. — Eras um mulherengo no semestre passado e és um mulherengo neste semestre.

— É verdade — digo com um sorriso.

A Allie pousa o telemóvel no suporte de copos e remexe-se no assento para conseguir olhar melhor para mim.

— Ainda falas com a tua namorada da escola secundária?

A tensão infiltra-se nos meus ossos.

— Não.

— Perderam o contacto?

— Acho que se pode dizer isso. — Respiro lentamente, na esperança de atenuar a tensão que sinto no peito. — É por causa dela que o treinador O'Shea me odeia, por acaso. A Miranda é filha dele.

— Oh. Namoravas com a filha do teu treinador? — A Allie adota um tom desaprovador. — Oh, querido, essa é a regra número um do manual de namoros.

Nunca namorar com a filha da tua figura de autoridade.

— Eu pareço-te alguém que segue as regras? — O meu sorriso esmorece rapidamente. — Foi mais forte do que eu — admito. — Na altura, a Miranda era incrível. Impossível de resistir. Ela frequentava a Greenwich Prep de graça porque o Frank era treinador lá, por isso não era uma miúda rica. Era completamente diferente das raparigas com quem eu estudava. Ela estava a borrifar-se para a imagem ou para ser a mais popular e não humilhava as outras pessoas para se sentir melhor. Era muito simples. Divertida. Jeitosa.

— Dah. O Dean Heyward-Di Laurentis só come gajas boas.

— Eu não a comi. Pelo menos, não logo. Demorei muito tempo a chegar a esse ponto, mas não estava com pressa. — Pisco-lhe o olho. — Divertíamo-nos a fazer outras coisas.

— Então quando é que aconteceu o truca-truca?

— Uns dois meses antes de terminarmos. — Fico novamente com os ombros tensos. Odeio pensar nessa noite.

A Allie pressente, porque o tom dela torna-se cauteloso.

— O que aconteceu?

Merda. Porque é que fui abrir esta porta?

— Ao fim de nove meses de relação, as coisas tornaram-se… intensas. — E porque é que estou a responder à pergunta? — A Miranda começou a falar sobre ficarmos juntos quando fôssemos para a faculdade, o que nunca fez parte do acordo.

— Espera… o O'Shea sabia da vossa relação nesse momento? Que namoravas com a filha dele?

— Sabia. Não ficou contente, mas disse que desde que a Miranda estivesse feliz, ele estava feliz. Mas isso não o impediu de me dar um sermão. Eu ia buscá-la para irmos a um encontro e ele interrogava-me sobre onde íamos, quem estaria lá e quando voltaríamos. E uma vez ameaçou que me dava um tiro, se não a tratasse com respeito.

— O meu pai fez o mesmo discurso com o Fletch quando começámos a namorar. Confia em mim, é coisa de pai. — A gargalhada da Allie morre. — Então a Miranda andava a falar sobre a faculdade…?

— O tempo todo. E isso preocupou-me mesmo, porque quando começámos a relação estávamos em sintonia. Não queria um namoro à distância na faculdade. Vi o meu irmão e a ex-namorada a viverem uma relação assim e uns amigos que concluíram o secundário um ano antes de mim. Passaram o primeiro ano presos a uma relação que deviam ter terminado. As chamadas tornaram-se menos frequentes, as visitas pararam, o ciúme e a insegurança apareceram. Preocupavam-se com o que a outra pessoa andava a fazer, com quem estaria. Eu não queria isso, nem a Miranda. Ela planeava ir para a Duke. Eu planeava ir para Harvard ou Briar. Ambos concordámos que, se ainda estivéssemos juntos no final do secundário, terminaríamos a relação.

— Mas ela mudou de ideias?

— Sim. No início foi subtil. Ela falava sobre qualquer coisa que faríamos no futuro, eu lembrava-a de que provavelmente não iria acontecer e ela ria-se e dizia que se tinha esquecido. Mas depois tornou-se… peganhenta. Ligava dez vezes por dia e, de repente, ficou paranoica com a possibilidade de eu andar a traí-la. Não andava, já agora. Nunca traí ninguém com quem tenha estabelecido um compromisso.

— Então terminaste a relação? Não, espera, primeiro fizeste sexo com ela.

Ouço a acusação no tom de voz da Allie e não consigo negar que me afeta.

— Sim, fiz. — Fico com a boca seca. Tento engolir. — A Miranda esteve com outro rapaz durante dois anos antes de sair comigo. Quando começámos a namorar, ela disse-me que já tinha feito sexo.

— Oh, não — murmura a Allie. — Não gosto do rumo desta conversa.

— Estávamos numa festa e ela estava outra vez toda peganhenta, não me deixava falar com ninguém, recusava-se a largar-me a mão. Até me seguiu para a porra da casa de banho. Eu sentia-me frustrado e irritado e comecei a beber cervejas atrás de cervejas, porque era a única forma de passar o tempo. Ela não queria ir-se embora, mas também não me largava. Estava mesmo a pensar em terminar com ela naquele momento e acho que ela pressentiu, porque, quando dei por mim, ela estava a arrastar-me para o piso de cima. — O arrependimento palpita dentro de mim. — Eu estava perdido de bêbedo, já para não dizer que tinha 17 anos e estava com tesão, por isso não pus um travão. Fizemos sexo. E

depois ela admitiu que era virgem.

— Merda.

— Se eu soubesse, teria sido mais… não sei, cuidadoso? Meigo? Eu estava podre de bêbedo e ela recebeu uma queca descuidada. Na primeira vez dela, Allie. Senti-me um idiota chapado no dia seguinte, mas a Miranda não estava chateada. Ela disse que se sentiu mais próxima de mim do que nunca e, depois disso, ainda ficou mais peganhenta. De repente, pôs-se a planear visitas às faculdades e a dizer que devíamos pensar em ficar noivos e que um compromisso mais forte tornaria mais fácil ficarmos comprometidos um com o outro. — O meu estômago dói só de pensar nisso. Ainda nem tinha 18 anos nessa altura.

— Então, como qualquer rapaz faria, entraste em pânico e terminaste a relação.

Aceno com a cabeça.

Ela suspira.

— Não te critico. Tenho quase a certeza de que qualquer pessoa se sentiria assoberbada nessa situação.

— Talvez. Mas… a Miranda não lidou bem com a separação — confesso, combatendo a náusea que se agarra ao meu estômago. — Ela tinha sofrido uma depressão no passado, mas nunca me falou sobre isso. Eu também nunca teria adivinhado, porque ela estava sempre animada e descontraída. Mas eu descobri isso por causa da medicação que ela tomava. Os medicamentos que ela *parou* de tomar quando eu pus fim à relação.

— Merda — volta a dizer a Allie.

— Ela mudou completamente. Estava sempre a chorar, a gritar comigo nos corredores, a ligar-me a meio da noite e a ameaçar que se matava. Não tive outra hipótese a não ser alertar o pai dela, porque estava com medo de que ela cometesse suicídio. Depois disso, o Frank tirou-a da escola e não tenho notícias dela desde essa altura.

A Allie fica de boca aberta.

— Estás a falar a sério?

— O Frank não deixava. — A frustração que senti na altura surge novamente. — Ele disse-me que a Miranda tinha voltado a tomar os medicamentos e estava

a receber ajuda profissional. Ah, e que se eu voltasse a tentar contactá-la, ele me esganava. Mesmo assim, continuei preocupado com ela. Quer dizer, eu continuava a preocupar-me com ela apesar de termos acabado, por isso, um mês depois de ela ter saído da escola, eu encurralei o treinador no parque de estacionamento e exigi que ele me deixasse ver a Miranda. — O meu maxilar estremece. — E ele deu-me um murro na cara.

— Oh, meu Deus. Alguém o viu a fazer isso?

— Não. Já era tarde e ele vinha de uma reunião de professores. Não havia mais ninguém por perto. Mas, sim, ele deu-me um valente soco. Foi aí que descobri que a Miranda lhe tinha contado que fizemos sexo. Ela também lhe disse que eu estava perdido de bêbedo quando isso aconteceu.

— Bem, isso não é fixe — diz a Allie, irritada.

— Nada do que aconteceu foi fixe. Não devia tê-la deixado seduzir-me nessa noite. — Sinto a garganta amarga. — Mas ela deixou que o pai acreditasse que eu era um idiota bêbedo que se aproveitou dela, e isso também não foi justo. — Obrigo-me a relaxar a mão que está a segurar o volante. — Enfim, é por isso que o O'Shea não me suporta. Ele acha que eu me aproveitei da filha dele e que passei um ano a tentar ir para a cama com ela e depois lhe dei com os pés quando tive o que quis.

— E não fazes mesmo ideia de como ela está? Não tentaste contactá-la?

— Enviei-lhe um pedido de amizade no *Facebook* há uns tempos — admito. — Ela não aceitou. Mas acho que ela está bem. O perfil dela dizia que ela anda na Duke.

— Acho que compreendo porque é que o O'Shea era tão protetor — diz a Allie. — Deve ter sido muito complicado para ele ver a filha a combater a depressão. Vê-la ficar melhor e depois voltar a cair num estado depressivo.

Talvez, mas recuso-me a ter pena desse sacana quando ele está a tentar infernizar o meu último ano na Briar.

— Agora compreendo-te melhor — acrescenta ela.

— Como assim? — Não gosto do olhar pensativo e inquisitório dela.

— É por isso que és sempre tão direto quando se trata de sexo, não é? Queres certificar-te de que as raparigas que engatas estão na mesma onda que tu?

— Nunca mais pretendo enganar ninguém, isso é certo. Ou acreditar na pessoa quando ela diz que concorda. Não me importa se pareço um imbecil, mas nunca minto sobre as minhas intenções. E nunca saio com virgens — digo eu, depois de pensar um pouco. — Nem com caloiras, porque normalmente são mais peganhentas.

— A Vida do Dean tem muitas regras.

— Sem essas regras, não há Vida do Dean.

— Diria que sim. — Ela faz uma pausa. — Mas a questão da virgindade é complicada. É fácil para uma rapariga mentir sobre isso. Quer dizer, a equitação já deve ter rompido uns quantos hímenes.

Solto uma gargalhada.

— Acredita em mim. Hoje em dia, o meu radar de virgens é infalível.

— Ah, sim? Como é que sabias que eu não era virgem?

— Porque o Garrett já dormiu na tua residência vários fins de semanas e ele ouviu-te a ti e ao Sean a fazerem sexo montes de vezes. Ele disse-me que tu és das que gritam.

Ela suspira.

— Ele não disse mesmo isso.

— Disse, sim. Encara a verdade, linda. Tu és barulhenta na cama. — Rio-me ao ver a expressão consternada dela. — Isso não é mau. Eu gosto de mulheres que se expressam. — Penso nos gemidos dela que vêm da garganta e nos murmúrios de «oh, meu Deus» e fico com o pénis semiereto no espaço de segundos. — Mulheres expressivas são muito boas.

— Não, é embaraçoso — murmura ela. Tem as faces vermelhas.

— Preferia estar na cama com uma mulher barulhenta do que com uma mulher calada. As mulheres que se vêm em silêncio são do piorio. Dormi com uma rapariga que não deu um pio o tempo todo. A sério, nem sabia se ela estava a gostar. E, quando acabou, ela virou-se para mim e agradeceu-me pelos orgasmos múltiplos.

A Allie solta uma gargalhada.

— Estás a mentir.

— Eu não minto.

— Tu… não mentes? Começo a pensar que és a pessoa mais honesta que alguma vez conheci.

— Outro requisito na Vida do Dean. Diz o que pensas, pensa no que dizes.

— E faz o que queres.

— E faz o que queres — repito.

— Acho que gosto da Vida do Dean.

«Acho que gosto mesmo de ti», estou prestes a dizer.

Felizmente, consigo reprimir-me. Mas que raio? Eu gosto de ir para a cama com ela. A Allie é boa de conversar e divertida como o raio. É só isso. E tendo em conta que ela está bastante determinada em que isto não passe de uma amizade colorida, eu sei que ela concorda comigo neste ponto.

Mas, umas horas depois, quando paro o carro em frente a uma casa de três pisos em Brooklyn Heights, a Allie apanha-me de surpresa.

— Queres vir jantar cá amanhã?

O convite é alarmante e inesperado.

E alarmante.

Já disse alarmante?

Devo ter a preocupação espelhada no rosto, porque a Allie apressa-se a dizer:

— Não vou sentir-me insultada se disseres que não. Para ser sincera, podes dizer que não. Só que estava a imaginar-te sozinho em Manhattan no Dia de Ação de Graças, enquanto a tua família está a comer um peru tropical em São Bartolomeu, e a imagem era tão solitária e depressiva que achei boa ideia convidar-te.

— O que… — Pigarreio. — O que vais dizer ao teu pai?

Ela encolhe os ombros.

— Digo-lhe que és um amigo da faculdade que não tinha com quem passar o dia. Não vai ser nada de mais, prometo. Vocês vão falar sobre hóquei, eu preparo o jantar e vemos um pouco de futebol americano e há quarenta por cento de hipóteses de apanharmos uma intoxicação alimentar. Um Dia de Ação de Graças normal na família Hayes.

Deixo escapar uma gargalhada.

— Parece divertido. — Pondero a oferta dela. — Pronto, eu alinho. A que

horas devo aparecer?

— Às quatro, mas provavelmente só vamos comer às cinco.

Aceno com a cabeça.

— Ótimo. — Ela esboça um sorriso. — Agora ajuda-me a tirar a mala da bagageira, está bem? Tenho quase a certeza de que vou dar cabo das costas se tentar levantar esta coisa sozinha.

21

Dean

O pai da Allie odeia-me mal me vê.

Tenho quase a certeza de que, se comentar isso com a Allie, ela não vai dar importância às minhas preocupações e vai dizer coisas como «ele está só maldisposto» ou «oh, ele é assim com toda a gente». Mas ela está enganada.

O Joe Hayes odeia-me assim que abre a porta e me vê ali junto à soleira. E, caramba, eu senti que *me* excedi na indumentária. A Allie disse para usar uma roupa «bonita», por isso vesti uma camisa branca *Tom Ford* e umas calças cinzentas *Armani*. Não trouxe sobretudo, mas o pai da Allie, que está de calças de fato de treino e uma camisa de flanela, arqueia uma sobrancelha quando vê o meu casaco preto *Ralph Lauren*.

— És o amigo da AJ da faculdade? — pergunta ele.

Arqueio uma sobrancelha.

— A AJ?

— A minha filha. Allison Jane? — O Sr. Hayes parece irritado por ter de se explicar.

— Oh, ah, sim, senhor. Mas eu trato-a por Allie.

— E não sabias qual era a alcunha dela? — Ele faz um som de desprezo. — Não és grande amigo, pois não? — Ele sussurra «entra» e vira-se de modo rígido.

Rígido no verdadeiro sentido da palavra, porque o passo dele é visivelmente forçado e ele faz-se acompanhar de uma bengala.

A Allie avisou-me de que o pai tinha esclerose múltipla. E também me alertou para não trazer esse assunto à baila, porque ele não gosta de falar sobre isso e o mais provável é arrancar-me a cabeça à dentada se o fizer. Mas mesmo sem perceber nada de medicina, é claro para mim que ele sente dores neste momento.

Sigo o Sr. Hayes através uma área surpreendentemente ampla com soalho brilhante e aquilo que parece ser a madeira e as portas originais da altura em que esta casa foi construída. A Allie e o pai têm dois pisos em baixo que, segundo me dizem, têm quatro quartos e três casas de banho. Ou a família comprou esta casa antes de o bairro de Brooklyn Heights se tornar superexclusivo ou os olheiros de hóquei ganham *bem mais* do que eu pensava.

Ele conduz-me a uma sala de estar espaçosa com uma janela saliente com vista para o jardim bem cuidado e o pátio.

— Faz jardinagem? — pergunto, educadamente.

O pai da Allie lança-me uma careta.

— A mulher lá de cima trata do jardim.

Está certo.

— Dean. Olá.

Oh, graças a Deus. A Allie aparece na sala e eu sinto-me aliviado por ver que ela está a usar um vestido azul pela altura do joelho. Não é um vestido sofisticado, mas é bonito a ponto de eu deixar de sentir que apareci demasiadamente bem vestido.

— Queres beber alguma coisa? — pergunta ela depois de me cumprimentar com um abraço rápido.

Olho para o sofá de couro castanho onde o Sr. Hayes está a sentar-se devagar. Ele encosta a bengala à ponta do sofá e pega numa cerveja que está na mesa de centro. A mão dele treme bastante quando leva a garrafa aos lábios. Quando me apanha a olhar, faz nova careta.

— Hum… — Engulo em seco. — Uma cerveja caía bem.

— *Coors* ou *Bud*?

— *Bud*.

Ela acena com a cabeça.

— Já trago.

Uma vez mais fico sozinho com o Sr. Hayes, cujos olhos azuis estão agora colados ao jogo dos Lions que está a ser transmitido na televisão de ecrã plano. Tenho uns centímetros e uns quilos a mais do que ele, e mesmo assim ele assusta-me. Suspeito que foi um daqueles jogadores de hóquei que deixava nódoas negras nos adversários. Tem um peito duro. E uma atitude agressiva.

— De que estás à espera, lindinho? Senta-te lá.

Lindinho?

Caramba. Porque é que eu trouxe roupa da *Ford* e da *Armani*? O pai da Allie deve ter olhado uma vez para a minha indumentária cara e decidiu que eu era um idiota rico.

Muito relutantemente, sento-me na outra ponta do sofá.

O Sr. Hayes olha-me por instantes.

— A AJ disse que jogas hóquei.

— Sim, senhor.

— És avançado?

— Defesa.

— Quais são os teus resultados esta temporada?

Faço uma pausa, sem saber o que dizer. Ele está mesmo à espera de que eu debite os resultados exatos? Os golos, as assistências e os minutos das penalidades? Posso dar um número por alto, mas parece presunçoso da minha parte dar as minhas próprias estatísticas.

— São decentes — digo eu, vagamente. — A equipa teve um começo difícil. Mas vencemos o Frozen Four na última temporada.

Ele acena com a cabeça.

— Venci-o no terceiro ano da faculdade. Boston College.

— Boa. Hum. Parabéns. — O rosto dele mantém-se sem expressão, por isso não sei se isto é alguma competição. Se for, eu devia dizer que também o venci no ano anterior. Mas mantenho-me calado. Felizmente, a Allie regressa com a cerveja e eu pego nela como se fosse uma boia salva-vidas. — Obrigado, linda.

Ficamos imobilizados assim que a palavra de carinho me sai da boca. Merda. Espero que o Sr. Hayes não tenha ouvido.

Ele está sentado mesmo aqui ao lado. Claro que ouviu.

Rodo a carica da garrafa e bebo o tão desejado gole de álcool.

— Então o que é que eu perdi? — pergunta a Allie num tom de voz demasiado animado.

O pai dela faz uma careta.

— Aqui o lindinho estava a dizer que venceu o Frozen Four.

Raios me partam.

Vai ser um Dia de Ação de Graças muito longo.

O jantar é horrível. A comida, não… para alguém que diz que cozinha mal, a Allie saiu-se bem com a refeição. O ato de comer essa comida é que foi insuportável. A conversa é terrível. O Sr. Hayes parece estar a fazer todos os possíveis para me fazer sentir mal. A expressão preferida dele no decurso da noite é «claro que sim». Só que é dita num tom condescendente e inexpressivo que me dá vontade de estar a passar o Dia de Ação de Graças numa casa vazia em Hastings.

Quando a Allie lhe diz que vou para a Faculdade de Direito no próximo outono, ele diz: «Claro que sim.»

Quando ela menciona que a minha família tem uma casa em Manhattan, ele diz: «Claro que sim.»

Quando lhe agradeço por me ter convidado para jantar, ele diz: «Claro que sim.»

Caramba. Horrível.

Não me interpretem mal, estou a fazer um esforço genuíno para ser bem-educado. Pergunto-lhe como era ser olheiro de jogadores profissionais, mas ele limita-se a dar-me uma resposta curta meio murmurada. Elogio-o pela bela casa e ele geme um «obrigado».

Acabo por desistir, mas a Allie não se importa de preencher o silêncio confrangedor. Quando ela conta ao pai sobre a peça que está a fazer, sobre as aulas dela, sobre as audições que estão para breve e sobre tudo o mais que se

passa na vida dela, é a única altura em que o Sr. Hayes parece ganhar vida. É óbvio que ele ama a filha e ouve atentamente cada palavra como se ela estivesse a oferecer-lhe os segredos para a vida eterna. Mas ele chega a olhá-la com reprovação uma vez, depois de ele perguntar se ela continua a falar com o Sean e ela admitir que beberam café.

— Nunca gostei desse rapaz — murmura o Sr. Hayes. Pela primeira vez, eu e ele estamos de acordo.

A Allie mastiga o último pedaço de puré com molho antes de soltar um protesto.

— Oh, isso não é verdade. Vocês davam-se bem quando te vínhamos visitar.

O pai dela ri-se. Olha, afinal ele tem sentido de humor. Nunca me teria passado pela cabeça.

— Era o teu namorado. Não tinha outra hipótese a não ser dar-me bem com ele. Agora já não é, por isso já não sou obrigado a fingir que gosto dele.

Escondo uma gargalhada atrás do guardanapo.

— O rapaz era demasiado carente — prossegue o Sr. Hayes. — Não gostava da forma como ele olhava para ti.

— Como é que ele olhava para mim? — pergunta a Allie, cautelosa.

— Como se fosses o mundo dele.

Ela franze o sobrolho.

— E isso é uma coisa má?

— Podes crer que é. Ninguém devia ser o mundo de ninguém. Isso não é saudável, AJ. Se toda a tua vida estiver centrada à volta de uma coisa, de uma pessoa, o que te vai restar quando essa pessoa se for embora? Nada. — Resmunga: — Não é saudável.

O Joe Hayes tem uma forma prática de ver as coisas. Estou bastante impressionado.

— Agora fizeste-me sentir mal pelo Sean. Vamos mudar de assunto. Dean, conta ao meu pai sobre o teu último jogo.

Suspiro, tristemente.

— A sério? O jogo em que fui expulso?

O pai dela pigarreia.

— Claro que sim.

A conversa torna-se novamente tensa. Sinto-me aliviado quando chega a altura de levantar a mesa e levanto-me apressadamente para ajudar a Allie com os pratos. Ainda sobra meio peru na travessa, na qual o Sr. Hayes pega enquanto se levanta.

— Não, pai — diz a Allie num tom de voz rígido. — Vai ver o resto do jogo. Eu e o Dean lavamos a loiça.

— Não sou um inválido, AJ — resmunga ele. — Sou capaz de levar um prato até à cozinha.

Assim que as palavras lhe saem da boca, a travessa treme na mão dele. Quer dizer, a mão treme e a travessa também treme, caindo abruptamente da sua mão e estatelando-se no chão de madeira.

A cerâmica parte-se em bocados e o peru escorregadio desliza pelo chão. Pouso de imediato os pratos e contorno apressadamente a mesa. A Allie faz o mesmo e as nossas cabeças batem uma contra a outra quando tentamos pegar os dois no mesmo pedaço partido.

— Caramba — diz o Sr. Hayes. — Eu limpo esta porcaria.

— Não. — O tom de voz dela já não é rígido. É uma ordem. Ela tira o pedaço de cerâmica da minha mão e diz: — Dean, importas-te de levar o meu pai para a sala e garantir que ele fica lá?

O pai dela lança-me um olhar de morte que me faz mirrar os tomates, mas não vou enfrentar a fúria da Allie neste momento. Contenho um suspiro e agarro devagar o braço do Joe para o conduzir para fora da pequena sala de jantar.

Ele mantém uma expressão de desagrado mesmo depois de estar sentado no sofá.

— Eu podia ter limpado o que sujei — informa-me ele.

— Eu sei. — Encolho os ombros. — Mas acho que tomámos a decisão certa. Para uma rapariga tão pequena, a sua filha é assustadora quando quer levar a dela avante.

Os lábios dele curvam-se ligeiramente. Caramba, estive quase a fazê-lo sorrir?

Mas qualquer réstia de humor que possa ter provocado desaparece antes que tenha tempo de pestanejar. O Sr. Hayes baixa a voz para um tom assustador e

pergunta:

— O que é que queres com a AJ?

Remexo-me, confuso.

— Não percebo a pergunta.

— Eu vejo a forma como tu olhas para ela. — O maxilar dele começa a tremer, mas não sei se é de raiva ou da doença de que sofre. — Gostas dela.

— Claro que gosto — digo eu, constrangido. — Somos amigos.

— Não me venhas com tretas. Estou vivo há mais anos do que tu, lindinho. Achas que não sei ver quando um homem sente desejo?

E eu que pensava que a conversa do jantar tinha sido desconfortável.

— Eu percebo. A AJ é um bom partido. É inteligente, bonita como a mãe. É atenciosa; demasiado até, às vezes — admite ele. — Se ela te amar, vai sempre pôr as tuas necessidades à frente das dela. — E eu sei que ele está a falar sobre a relação dele com a Allie neste momento. É óbvio que, por causa da esclerose múltipla, ela põe as necessidades dele em primeiro lugar, já para nem falar que o apaparica mais do que ele gostaria. — Ela precisa de um homem que cuide dela. — Ele baixa o tom de voz por instantes, mas depois intensifica-o. — Não és esse homem, miúdo. És incapaz de o fazer.

A minha pele arrepia-se com o insulto. Quem é ele para me julgar dessa forma?

Ele repara na minha expressão de desagrado e ri-se.

— Fui olheiro de hóquei durante mais de vinte anos. Achas que és o primeiro sacana presunçoso que conheci na vida? Talvez sejas mais presunçoso por teres crescido com dinheiro. Já tens essa mania da grandeza que um jogador demonstra depois de assinar o primeiro contrato de sete dígitos.

Obrigo as minhas mãos a não cerrarem em punhos.

— Só porque a minha família tem dinheiro, isso não quer dizer que eu seja má pessoa, senhor.

— Não estou a dizer isso. — Ele encolhe os ombros. — Mas os rapazes como tu não sabem nada sobre os problemas do mundo real. E se as coisas derem para o torto, atiras algum dinheiro para o problema e *puf*… fica tudo resolvido. — Uns olhos azuis, um tom mais escuro do que os olhos da Allie, varrem-me da

cabeça aos pés. — Não és aquilo de que ela precisa, Dean. Não te chegarias à frente para a apoiar, se fosse preciso. — Segue-se uma pausa. — Não confio em ti para tomares conta da minha filha.

Depois daquele comentário final, ele volta a prestar atenção ao jogo de futebol americano.

22

Dean

A Allie liga-me no dia seguinte ao meio-dia para me informar sobre a hora de chegada.

— Estou num táxi. Chego daqui a quinze ou vinte minutos, dependendo do trânsito.

Acabado de sair do duche, tenho apenas uma toalha a tapar-me quando passo pela janela do meu quarto, com o telemóvel apoiado no ombro.

— Porque não apanhaste o comboio? Seria mais rápido.

— Apetecia-me mais andar num banco de trás confortável do que num comboio à pinha.

— Está certo.

— Tens alguma instrução especial para quando chegar aí? Em que piso vives?

Entro no roupeiro sem pensar e pego numas calças de fato de treino que estão na prateleira.

— Diz só ao porteiro quem és e alguém te traz cá. É preciso uma chave para apanhar o elevador até à penthouse.

Ela suspira.

— Vives numa penthouse do Heyward Plaza Hotel?

— Sim. — Deixo cair a toalha sobre o chão de madeira polido. — O que achas… isso vai fazer o teu pai odiar-me mais ou menos?

A gargalhada dela provoca-me cócegas no ouvido.

— Oh, cala-te lá. Ele não te odeia.

Pois sim. A conversa dela seria outra se tivesse ouvido a merda que ele me disse na sala de estar ontem à noite.

«Não confio em ti para tomares conta da minha filha.»

Merda. Mesmo com a esclerose múltipla, o velhote continua a dar golpes que dias depois ainda magoam.

Afasto a conversa da minha mente e digo:

— Vemo-nos daqui a pouco. — Depois ponho-me a andar às voltas no quarto a apanhar peças de roupa.

O pessoal da limpeza arrumou o quarto esta manhã. Aparecem duas vezes por semana sem falha, haja ou não hóspedes na penthouse. Mas eu tenho o hábito de acumular desarrumação mesmo que tenha estado num sítio apenas umas horas. A Vera, a nossa empregada, chama-me o Desarrumado Acidental.

Vinte minutos depois, a campainha da frente toca para me avisar de que a minha convidada chegou, e eu encaminho-me para o elevador que dá acesso direto à sala de estar.

Só os meus amigos da escola preparatória me fizeram uma visita aqui antes, mas, uma vez que as casas deles eram igualmente… luxuosas… nenhum deles ficou de boca aberta quando cá chegou.

A Allie fica de boca aberta.

Assim que sai do elevador, fica de boca muito aberta e de olhos muito arregalados.

— Valha-me nosso Senhor — diz ela, ofegante. Ela olha com espanto em redor da sala de estar e para o terraço virado para norte e depois para mim. — Pronto. Exijo uma visita guiada.

Ofereço-lhe uma gargalhada autodepreciativa.

— Vai ser uma visita guiada demorada — aviso-a.

— Não me importa se demorar cinco horas. Quero ver este palácio de uma ponta à outra, sua majestade.

Quando lhe mostro a penthouse, dou por mim a vê-la pelos olhos dela. Todas as divisões onde entramos deixam-na de boca aberta e fazem-na praguejar de

admiração. A biblioteca com painéis de nogueira, a cozinha moderna de chef, o ginásio, a adega… pronto, admito que esta penthouse é um pouco extravagante.

— Onde ficam os quartos? — Ela parece confusa quando regressamos à sala de estar e paramos junto à armação esculpida à mão da lareira impressionante.

— Oh, isto era só o primeiro piso — digo eu, acanhado.

— Esta penthouse tem dois pisos?

Murmuro:

— Três.

— Três pisos? — Ela olha para mim como se eu tivesse saído de uma nave espacial de extraterrestres. — Acho que te quero dar um murro neste momento.

— Eu acho que quero dar um murro em mim próprio. — Não me agrada este embaraço despropositado. Ou antes, não gosto de me sentir como o idiota mais mimado à face do planeta.

De repente, a voz do pai da Allie surge na minha mente. Agressiva e fria, a gozar comigo e a dizer que não sei nada sobre os «problemas do mundo real».

Raios me partam. Porque estou a deixar que este homem me afete? Que mal tem eu ter crescido com dinheiro? Não deixo de saber o que são dificuldades e… foda-se, quem estou a querer enganar? A Vida do Dean é maravilhosa. Sempre foi. Mas não deixo de sentir empatia pelas pessoas que têm menos sorte do que eu. Consigo «chegar-me à frente e apoiar alguém» quando precisa de mim.

Subimos as escadas de mármore e ela detém-se para admirar uma das pinturas abstratas favoritas da minha mãe. Mesmo com toda a pompa e circunstância desta penthouse, os meus pais não exageraram na decoração. A penthouse tem um design moderno e limpo e, na sua maioria, os quadros nas paredes não são caros. A minha mãe gosta de apoiar os artistas locais.

— O teu quarto fica no segundo andar? — pergunta a Allie.

Abano a cabeça.

— O quarto principal fica deste lado. — Aponto para a esquerda. — Os quartos de hóspedes ficam ali. — Aponto para a direita. — Queres ver aqueles ou podemos passar este piso à frente?

— Podemos passar à frente. — Ela já está a subir novamente as escadas.

Conduzo-a ao meu quarto. Ela admira cada centímetro do quarto enorme,

desde a cama de carvalho feita por medida até à estante encastrada e à parede envidraçada.

— Não tens cortinas? — Ela parece um pouco admirada.

— São estores automáticos — admito. — Com controlo remoto.

— Uau. — Quando ela começa a explorar o quarto, a luz do sol que entra pela janela incide no cabelo dourado que está solto em volta dos ombros. Ela estuda as filas intermináveis de títulos na estante e depois vira-se para mim. — Pronto. Admite lá.

— Admito o quê?

Ela aponta-me um dedo acusador.

— És inteligente.

Solto uma gargalhada sonora.

— Claro que sou inteligente.

— Mas não ages como tal. — A Allie cruza os braços à frente da camisola larga. — Na verdade, sinto que fazes de propósito para que todos acreditem que és burro. Com os teus «bonecas» e linguagem porca e a forma como dás calinadas nas frases de vez em quando.

Esboço um sorriso.

— Não. É assim que eu falo, boneca. Não há nada de errado com isso.

Os olhos dela brilham de divertimento.

— Hã-hã. Então porque é que nunca falas sobre a Faculdade de Direito?

— O que é que há a dizer? Ainda não estou na Faculdade de Direito. — Sento-me à beira da cama que fiz à pressa antes de ela chegar.

— Mas não estás entusiasmado com isso? — insiste ela.

— Eh. Nem por isso. — Rio-me baixinho ao ver a expressão consternada dela. — Tenho quase a certeza de que ficarei entusiasmado quando estiver lá. Sou o tipo de rapaz que gosta de viver no momento, lembras-te? — Dou uma palmada na cama e depois chamo-a com um dedo. — Anda cá, sim?

— Dá-me um bom motivo para o fazer.

Deslizo a mão para a breguilha e aperto-a.

— O Pequeno Dean sente-se ignorado.

A Allie ri-se e sobe para o meu colo, pousando as mãos na parte de trás do

meu pescoço. Aproxima a boca da minha.

— Coitado. Ele precisa de um miminho agora à tarde?

— Mal pode esperar — murmuro. Os nossos lábios tocam-se num beijo, ao mesmo tempo que eu enfio as mãos debaixo da camisola dela. Gemo quando os seus seios me enchem as palmas das mãos. Adoro quando ela não usa soutien. É muito mais fácil levantar-lhe a camisola e levar um mamilo à boca.

— Oh… — geme ela. — Isso é bom.

— Ainda vai ficar melhor, querida. — Coloco a outra mão entre os nossos corpos para poder apalpá-la por cima das *leggings*. — Merda. Precisamos de despir as roupas.

O olhar da Allie incide nas janelas.

— Não é melhor fecharmos os estores? Onde está o comando?

Estou totalmente concentrado na tarefa maravilhosa de lamber o mamilo dela e de girar a língua em redor do mamilo tenso.

— Dean — protesta ela. — Estamos numa caixa de vidro! E se houver alguém com um telescópio a ver-nos num dos prédios em frente?

— Então vão ter um espetáculo e peras. — Aperto os dois mamilos e sou recompensado com um ruído que lhe vem da garganta.

Os protestos dela terminam quando eu a deito no colchão e lhe dispo cada camada de roupa do corpo. Ela puxa as minhas calças de fato de treino pelas ancas abaixo e eu empurro-as com o pé e depois ficamos nus, a beijar-nos e a rebolar na cama gigante até ficarmos os dois ofegantes.

— Importas-te que guardemos os preliminares para mais tarde? — sussurro contra o seu pescoço, antes de arrastar a língua de novo para as mamas.

— Hum-hum. Despacha-te a entrar dentro de mim — responde ela, num sussurro.

Pego num preservativo e encosto o pénis à sua vagina molhada, enquanto agradeço a Deus e a outras divindades que queiram ouvir a minha gratidão por a Allie estar tão excitada quanto eu. A nossa compatibilidade sexual é incrível. Ambos soltamos gemidos de prazer quando eu deslizo para casa. *Casa?* Paro a meio da investida.

— Não pares. — A ordem rouca da Allie provoca uma tensão nos meus

testículos. Estou a desenvolver uma resposta pavloviana ao conjunto de sons que ela faz. Gemidos ofegantes, suspiros roucos, e eu fico semiereto, senão completamente ereto. Ruídos felizes, gargalhadas, e eu fico a sorrir. É… diferente.

Ela toca-me no ombro, impaciente.

— Precisas de instruções? Porque o Pequeno Dean ainda não entrou completamente.

Abafo uma gargalhada contra as mamas maravilhosas dela e insiro completamente o pénis. Pronto. Já disse. *Casa*. Isto é sexo, por amor de Deus. Não preciso de pensar demasiado nisto. Não com a Allie. Ela quer que eu entre completamente e que a foda à bruta e eu também quero o mesmo.

— Oh, já entrou, linda. Já chegou tão fundo e está tão duro que vais senti-lo durante dias. — Inclino-me para a frente com tanta força que parece que ela salta para a outra ponta do colchão. Ela encosta as mãos à cabeceira acolchoada e fita-me com um olhar pesado que parece dizer «vem cá buscar-me».

Sim, ela é incrível. E eu vou devolver o favor.

As paredes da vagina dela contraem-se à minha volta, no mais erótico abraço alguma vez inventado. Combato o orgasmo. Nem pensar que me vou vir já. Quero ver aqueles lindos olhos a revirarem-se na cara dela. Quero ver a boca dela a abrir-se e o rosto a adquirir aquela expressão de quem está completamente embrenhado no momento que ela costuma fazer quando está tão absorvida pelo sexo que eu sei que a única coisa que está na cabeça dela sou eu.

Empurro-lhe o cabelo para trás, entrelaço os dedos nas madeixas grossas e empurro-lhe a cabeça para poder beijá-la como deve ser. Ela ataca-me a língua, sugando-a dentro da boca, e deixa-me fodê-la enquanto eu invisto com o pénis dentro dela.

Estamos os dois a suar. Os nossos corpos escorregadios movem-se um contra o outro num ritmo perfeito que me deixa tonto de excitação.

— O teu sabor é maravilhoso. Como um autêntico sonho — digo-lhe com os dentes cerrados. O esforço que faço para não me vir está a testar todo o meu autocontrolo.

— Sim. Aí. Fode-me aí mesmo — geme ela, pontuando as ordens com as

unhas cravadas nos meus ombros. Encosto o cotovelo à cabeça dela, prendo o joelho no colchão para ganhar tração e dou-lhe tudo o que tenho. Em investidas calculadas e intensas, levo-a a um estado de êxtase que a deixa a tremer e a gritar o prazer que sente para os quartos vazios da penthouse.

Ela continua a tremer quando a viro ao contrário e começo a penetrá-la por trás. Os meus testículos batem contra as coxas dela e a vagina contraída deste ângulo quase humedece os meus olhos de prazer. Ela faz aqueles sons incrivelmente sexy que incluem as palavras «Dean» e «oh, meu Deus» e «sim» até se tornarem uma espécie de canção estranha, os gemidos dela, a melodia, os nossos corpos a dançarem ao som da batida do sexo, os nossos corações a misturarem-se até ser eu quem está perdido. Todos os meus sentidos são preenchidos por ela — pelos sons dela, pelo cheiro dela, pelo toque dela. Por ela.

De traseiro nu a penetrá-la, pouco me importa se houver um telescópio a observar-nos. Deixem-nos ver o quanto adoro estar dentro desta rapariga.

Passamos o dia todo na cama. Quer dizer, não só na cama. Também fodemos no meu chuveiro enorme debaixo de quatro cabeças de chuveiro com vários jatos.

E eu faço-lhe sexo oral na cozinha enquanto ela está de pernas abertas sobre a bancada de mármore.

E ela faz-me sexo oral no salão de jogos.

E fazemos o 69 na sauna privada.

Já disse que este é o melhor dia de sempre?

Quando chega às nove da noite, estou de rastos. Sem forças. Não há uma gota de sémen no meu corpo. A Allie Hayes chupou tudo o que restava.

— És uma viciada em sexo — resmungo, quando sinto a mão dela a afagar-me a coxa. Acabámos de jantar (hambúrgueres com batatas fritas que o serviço de quartos trouxe e nós comemos na cama) e agora estamos deitados sobre os meus lençóis de milhões de fios de algodão, a recuperar da maratona de sexo mais intensa que tive em muito tempo. Ou sempre.

— Não consigo evitar — protesta a Allie. Ela endireita as costas e eu fico admirado com a beleza dela neste momento. Bochechas coradas, cabelo despenteado, olhos enevoados. — A Vida do Dean deixa-me louca.

O meu telemóvel toca e eu gemo de alívio.

— Oh, graças a Deus. Seja quem for, espero que me salve antes de eu partir a pila. — Afinal o meu salvador é o Beau e eu atendo com o habitual: «Tudo em cima, Maxwell?»

— Tudo — responde o Beau, animado. — Esta noite vamos abanar o rabo na pista de dança.

— Hum. Estás a convidar-me para ir dançar contigo? — Faço uma pausa. — Não devias estar no Wisconsin com a tua avó neste momento?

— A minha avó deixou-nos ficar mal. Foi a um cruzeiro de idosos qualquer em vez de passar o feriado com a família. Como é que ela se atreve, não é? Aquela cabra. — O Beau ri-se, e eu interpreto isso como um sinal de que está a brincar. Caso contrário, sinto-me mal pela avó dele. — Eu e a Joanna estamos na cidade com os nossos pais. Vamos encontrar-nos.

— Como é que sabes que eu estou na cidade? — pergunto, desconfiado. Tenho um número de telemóvel de Boston e não lhe disse que vinha a Manhattan, por isso não há razão para ele pensar que eu estou aqui.

— Tenho aquela aplicação que localiza os amigos. Essa aplicação mostra-te sempre onde estão os teus amigos.

Fantástico. Estou a ser perseguido por um dos meus melhores amigos.

— Vamos a uma discoteca no SoHo. Alinhas?

— Espera um segundo. — Tapo o bocal e olho para a Allie. — Apetece-te sair? O Beau e a irmã estão na cidade e vão a uma discoteca.

A relutância enruga-lhe a testa.

— O Beau? O *quarterback* da Briar?

Adivinho logo o que está a pensar e aplaco-lhe os medos.

— Ele não vai dizer nada se nos vir juntos. A sério. O Maxwell sabe manter o bico calado.

Após vários minutos de hesitação, ela acena finalmente com a cabeça e eu vejo um sorriso minúsculo nos lábios dela.

— Há décadas que não vou a uma discoteca.

Levanto a mão do telemóvel.

— Nós alinhamos.

— Nós?

— Vou levar uma amiga.

— Boa. Encontramo-nos lá daqui a uma hora?

— Parece-me bem. — Desligo a chamada e vejo que a Allie está preocupada. — O que se passa?

— Não trouxe roupa adequada para levar à discoteca. — Ela morde o lábio inferior. — Podemos parar em Brooklyn primeiro para eu trocar de roupa ou dá demasiado trabalho?

— Não é preciso — digo eu, empurrando-a para fora da cama. — Podes usar a roupa da minha irmã. Vestes o mesmo tamanho que a Summer.

— Tens a certeza de que ela não se importa? — pergunta a Allie quando a conduzo pelo corredor até ao quarto da minha irmã. — Há raparigas que não gostam que se use a roupa delas.

— Confia em mim, ela não se importa.

O rosto da Allie fica perplexo quando entramos no roupeiro da Summer. E quando digo roupeiro, refiro-me à sala cavernosa que é quase do tamanho do apartamento da Allie.

— Como é que isto é um roupeiro? — exclama a Allie. Vai avançando aos guinchos. — Oh, meu Deus. Ela tem uma parede de sapatos. Agora estou com vontade de dar um murro na tua irmã.

— Se fosse a ti, nem tentava. Ou a Summer responde-te à letra. Ela arranha-te os olhos e arranca-te o cabelo. — Rio-me.

A Allie examina outra fila repleta de cabides.

— Se olhar para alguma destas etiquetas, vou ver palavras como *Prada* e *Kors* e *Lagerfeld*?

— Sim.

— Então mostra-me a secção barata, para que a tua irmã não me mate se derramar alguma coisa em cima da sua preciosa *Versace*.

— Linda, tens mesmo de confiar em mim quando digo que ela não se importa. Nem sequer vai reparar. A Summer deixou esta tralha toda para trás quando foi para a Brown — relembro a Allie. — Já para não falar de toda a

roupa que ela tem no Connecticut. Escolhe o que quiseres.

— Está bem. Uma vez que provavelmente nunca mais terei a oportunidade de usar um vestido *Valentino*... até receber um vestido feito à medida para os Óscares — esse comentário arranca-me uma gargalhada —, escolho este. — Pega num vestido curto de renda preto com um decote em barco e depois analisa a parede de sapatos. — E vou juntar… oh, estes são *Jimmy Choos*?

— E essa é a minha deixa para bazar — anuncio. — Vem ter comigo quando estiveres pronta.

Deixo a Allie no roupeiro da Summer e vou para o meu quarto. Demoro cinco minutos a vestir-me. Enfio uma camisola cinzenta e as mesmas calças que usei ontem à noite e depois deito-me na cama a ver vídeos do *YouTube* no telemóvel enquanto espero pela Allie. Quando passam vinte minutos, ela aparece no quarto num vestido de marca preto, retira um kit de maquilhagem pequeno da mala e desaparece para dentro da casa de banho.

— Ei — chama ela uns minutos depois. A cabeça dela espreita por trás da porta. — A minha amiga Dillon acabou de me enviar uma mensagem. Ela chegou ontem à noite e quer encontrar-se comigo. O namorado dela também está cá. Posso convidá-los para ir à discoteca?

— Claro. Convida.

O telemóvel toca e eu desligo o *YouTube* para poder ler as mensagens.

Logan: Encontrei o presente de Natal perfeito para ti em Boston.

Recebo de imediato uma fotografia e deixo escapar um ruído sonoro da garganta. O idiota enviou-me uma fotografia de um novo *dildo* da *My Little Pony*. Aquela porcaria é cor-de-rosa e tem brilhantes das cores do arco-íris na pega.

Logan: E é recarregável! Não precisas de comprar pilhas.
Dá imenso jeito!
Eu: Hilariante. Tu = comediante.

Depois envio mensagem à Grace: Diz ao teu namorado para parar de ser mau para mim.

Ela responde-me com um *emoji* a sorrir. Traidora.

— Estou pronta.

Levanto a cabeça e, caramba, esqueço-me de respirar por instantes. Ela devia esquecer a ideia de ser atriz e tornar-se antes maquilhadora, porque esta rapariga tem a capacidade de se transformar completamente dependendo do que faz ao rosto. Quando eu pensava nela como uma rapariga banal, com a maquilhagem subtil e os lábios brilhantes, ela apareceu de repente no Malone's como se fosse um sonho húmido que ganhou vida, com grandes olhos esfumados e grossos lábios cor-de-rosa.

Esta noite é uma combinação das duas: natural com um toque de glamour. Lábios *nude*, sombra dourada brilhante nos olhos e rímel que torna as pestanas dela impossivelmente compridas.

— Como estou? — Encosta uma mão à anca e faz uma pose sexy.

— Mesmo a pedi-las. — Salto para fora da cama e puxo o corpo dela para junto do meu, dobrando-me para lhe dar um beijo rápido. O cheiro dela enche-me as narinas. Respiro fundo para tentar identificá-lo. Morangos? Mangas? Rosas? Não consigo perceber, mas é viciante.

— O que foi?

Fico espantado quando a vejo a olhar para mim de sobrolho franzido.

— Como assim?

O sobrolho franzido desaparece.

— Estavas a olhar fixamente para mim.

Estava? Merda, nem me apercebi.

— Desculpa, devia estar distraído. — Esboço um sorriso descontraído e dou o meu melhor para ignorar a sensação estranha que sinto no estômago.

E o arrepio estranho que me sobe pela espinha.

E a forma como o meu peito fica tenso e leve ao mesmo tempo, o que é tão estranho como o cheiro por identificar da Allie.

Engulo em seco e obrigo-me a ignorar o paradoxo no meu peito e a seguir o rabo sexy da Allie pela porta fora.

23

Allie

Estou nervosa com a reação do Beau Maxwell ao ver-me aparecer com o Dean, mas, pelos vistos, não devia ter ficado. O Beau nem pestaneja quando o Dean me apresenta como a «melhor amiga da namorada do G». Talvez ele tenha ficado confundido com a apresentação do Dean. De qualquer forma, ele parece feliz por termos vindo à discoteca.

A Joanna, a irmã do Beau, está igualmente feliz e passa os braços à volta do Dean.

— Di Laurentis! Oh, ainda bem que vieste. Nem imaginas como estive quase a matar o idiota do meu irmão nestes últimos dias.

— Não, tu não me queres matar — diz o Beau com um sorriso de orelha a orelha. — Adoras o teu irmãozinho e sabes disso.

A Joanna faz-lhe um pirete, mas sorri-lhe ao mesmo tempo. É tão bonita como o Beau, alta, tipo estátua, com olhos azuis brilhantes e o cabelo escuro cortado num *bob* curto. O Dean contou-me que ela tem um papel pequeno num espetáculo da Broadway e essa é a primeira coisa que lhe pergunto quando entramos depois de ultrapassarmos a fila. E por ultrapassar a fila refiro-me a passar à frente da fila, porque basta o Dean dizer uma palavra ao ouvido do segurança para a corda de veludo se erguer como por magia para nós passarmos.

Lá dentro, as luzes estão fortes e a música é ensurdecedora. Eu e a Joanna

temos de gritar para continuarmos a conversar. O Dean e o Beau, que iam à nossa frente, são imediatamente engolidos pela multidão.

— Perdemos os rapazes — grito ao ouvido da Joanna.

Ela abana a cabeça e aponta para a escada em espiral à nossa esquerda. Como seria de esperar, os rapazes estão a subir as escadas de metal. O Dean olha por cima do ombro, encontra-nos no meio da multidão e faz um sinal para nós os seguirmos.

Descubro que as escadas conduzem à zona VIP. Chegamos ao topo das escadas a tempo de ouvir o Dean falar com o segurança entroncado que vigia a entrada.

— Dean Heyward — grita ele. — O Tony conhece-me.

O segurança toca num auricular minúsculo preso ao ouvido. Move os lábios, mas não consigo perceber o que ele está a dizer. Um segundo depois, o nosso pequeno grupo passa por mais uma corda de veludo.

Felizmente, a música aqui não está tão alta, por isso não preciso de gritar.

— Dean Heyward? — provoco-o. — Já não usamos o Di Laurentis?

Ele passa o braço à minha volta e o cheiro apimentado do *after-shave* dele confunde-me os sentidos, fazendo-me estremecer.

— O Di Laurentis funciona melhor em *country clubs* e eventos de solidariedade. O apelido Heyward é capaz de abrir muitas portas em Manhattan.

E abre mesmo. Não só temos acesso ao *lounge* VIP, como nos oferecem uma mesa grande junto ao corrimão de ferro com vista para a pista de dança. Saco do telemóvel para ver se a Dillon enviou mensagem… e sim. Ela e o namorado chegam daqui a pouco. Eu digo-lhe para subir as escadas quando chegarem e depois concentro-me na conversa à minha volta.

A Joanna está a meter-se com o irmão por causa de uma rapariga chamada Sabrina, mas ele insiste que a relação acabou, o que parece deixar a irmã chateada.

— És tão parvo. A sério, Beau-Beau, precisavas de alguém como ela para te manter na linha.

Uma vez que o Dean continua com o braço à minha volta, é impossível não

sentir quando ele fica hirto. Estudo o seu perfil compenetrado e aperto-lhe a coxa ao de leve.

— Estás bem?

— Não lhe ligues, querida — diz o Beau, dando uma gargalhada. — Ele fica sempre assim quando falam da Sabrina. Acho que continua aborrecido por ela lhe ter dado com os pés depois de terem dado uma queca.

Não fico surpreendida ao saber que o Dean dormiu com esta rapariga, seja ela quem for. O que me deixa surpreendida é a minha completa ausência de ciúmes.

Aconteceu a mesma coisa durante a nossa viagem até à cidade. Ouvir o Dean falar sobre as «raparigas que se vêm em silêncio» e sobre as raparigas que engatou antes não me chateou, não da mesma forma que me chateou ver a Penelope colada a ele no Malone's. Mas não me senti ameaçada desta vez. Talvez porque para ele eram apenas memórias e não situações presentes que pudessem interferir com o que temos. Não tenho bem a certeza do motivo, mas gosto desta confiança estranha e inesperada que deposito nele.

No banco ao meu lado, o Dean está a revirar os olhos em resposta à provocação do Beau.

— Acredita em mim, não me importo que ela me dê com os pés.

Espero que ele desenvolva a resposta. Quando ele não o faz, isso desperta a minha curiosidade, por isso dou-lhe uma cotovelada e digo:

— Desembucha, meu querido. Quero saber tudo sobre esta tua inimizade. — Como a Hannah pode comprovar, sou demasiado intrometida.

— Eu também — diz o Beau, sinceramente.

O Dean descarta os nossos comentários com um aceno de mão.

— Foi uma parvoíce que aconteceu no segundo ano. Nada de especial.

— Como é óbvio, se ainda te incomoda dois anos depois — digo, em jeito de comentário.

A relutância enruga-lhe a testa.

— Resumindo: eu estava com dificuldades numa cadeira, mas sempre que achava que tinha reprovado num exame ou que tinha apresentado um trabalho péssimo tirava um 18. Como sou um idiota chapado, não pensei que isso se devia a andar a comer a assistente do professor.

O Beau ri-se.

— Adoro.

Suspiro.

— Cum caraças.

— Eu sei, foi uma decisão estúpida — diz o Dean, arrependido. — Enfim, juntaram-me a mim e à Sabrina no projeto final. Cada um fez metade do trabalho e recebemos as notas individualmente. A minha metade do trabalho merecia um 14, no máximo, e ambos sabíamos disso, só que depois recebemos as notas e eu tive um 18. A Sabrina teve um 12. — O maxilar dele contrai-se. — Ela ficou fula e foi queixar-se ao professor, e ele acabou por reler os trabalhos e os exames todos que eu fiz. Todos eles tinham sido classificados pela assistente do professor que eu andava a comer. Afinal de contas, eu devia ter reprovado à cadeira. Mas andava a tirar excelentes notas.

O Dean parece tão chateado que eu fico admirada. Antes de nos enrolarmos, eu assumi que ele era o tipo de rapaz que tinha tudo de mão beijada por causa da beleza e do dinheiro. Esta história prova isso mesmo. Mas a raiva na sua voz revela outra coisa — ele não quer tudo de mão beijada.

— Não suportava isso — admite ele, confirmando as minhas suspeitas. — Disse ao professor para me dar um 9. Não me importava de fazer novamente a cadeira durante o verão. Mas o sacana recusou-se a reprovar-me.

— Porquê? — pergunta a Joanna, indignada e espantada.

— Ele conhecia o meu pai — murmura o Dean. — Andaram juntos na Faculdade de Direito e ele disse-me que faria vista grossa como favor ao meu pai. Eu disse que não queria. Discutimos durante uns minutos, até finalmente concordarmos em baixar a nota para um 10. Era «o melhor que ele podia fazer». — A expressão do Dean é mais sombria do que uma nuvem numa tempestade. — Devia ter reprovado à porcaria da cadeira, mas o apelido Di Laurentis ajudou-me a passar e a Sabrina nunca mais se esqueceu disso. Ela acha que eu sou um idiota rico que consegue tudo o que quer. — O tom dele torna-se novamente despreocupado. — Mas enfim. Ela pode pensar o que quiser. A única coisa que importa é o que eu penso, certo?

Consigo ver por detrás do sorriso despreocupado dele. Incomoda-o que as pessoas pensem que ele é um *playboy* rico que tem tudo de bandeja. E, sim, eu reconheço esse lado dele — a Vida do Dean é fantástica —, mas já vi outras facetas da personalidade dele este último mês.

Ele é persistente. A sério, o rapaz nunca desiste quando quer uma coisa.

Preocupa-se com os amigos e os colegas de equipa. Não o vi na segunda e na terça-feira desta semana porque ele tinha pedido para ficar a treinar mais tempo para poder ajudar um rapaz chamado Hunter a aperfeiçoar as técnicas.

Tem mais livros do que a biblioteca pública de Brooklyn e consigo perceber pelo desgaste que ele leu mesmo os livros todos.

Ele…

— A tua mala.

Levanto a cabeça.

— Que tem?

O Dean aponta para a *clutch* preta que está no banco entre nós.

— Está a vibrar.

Abano-me para afastar a bizarra lista de Motivos Pelos Quais o Dean é Incrível que estava a compor e abro a mala para pegar no telemóvel, que está a vibrar.

Pouso o rum com *Coca-Cola*.

— Os meus amigos chegaram. Vens buscá-los comigo? O segurança é capaz de precisar de outra palavrinha tua.

Ele solta um suspiro exagerado.

— Eu sabia. Só estás a usar-me pelos meus conhecimentos.

— Sim — respondo, divertida.

Descemos as escadas e eu guincho quando vejo um rosto conhecido atrás da corda.

— Eles estão connosco — diz o Dean ao segurança.

Minutos depois, há uma morena minúscula e igualmente entusiasmada a correr para os meus braços.

— Oh, meu Deus! É tão bom ver-te! — grita a minha melhor amiga da escola

secundária. — Ligas-me poucas vezes, porra!

Sorrio e digo:

— Olha quem fala! — E depois abraçamo-nos novamente até eu reparar na sombra que paira sobre nós.

A Dillon afasta-se do meu abraço e apresenta-nos ao namorado dela.

— Este é o Roy.

Da última vez que falámos ao telemóvel, ela disse que namorava com um jogador de futebol. Eu teria adivinhado, mesmo que ela não me tivesse dito. Com pelo menos um metro e noventa, braços musculosos como troncos de árvores e coxas mais largas do que o meu torso. E, ou é impressão minha, ou ele parece igual ao…

— Meu, alguma vez te disseram que pareces o Samuel L. Jackson quando era novo? — pergunta o Dean, tirando-me as palavras da boca.

Os ombros largos do Roy ficam rígidos.

— Ah, eu percebo. Os negros são todos iguais para vocês e a única referência que têm são celebridades, certo? — Olho alarmada para a Dillon, porque o brilho ameaçador que contorce as feições do Roy é assustador. E a voz dele é mais grave do que a linha do baixo que ecoa na discoteca. — O que se segue? — rosna o Roy. — Acham que há um problema por eu namorar com uma mulher branca? É isso que estão a dizer?

O Dean não se deixa afetar.

— Sim, apanhaste-me, meu. Sou um grande racista. — Ele abana a cabeça com incredulidade enquanto continua a olhar para o Roy. — Mas, a sério, é estranho. És mesmo parecido com ele.

Estou a segundos de tapar a boca do Dean com a mão antes que este gigante o parta em dois, mas, para minha surpresa, a expressão assustadora do Roy dissipa-se.

— Estou só a gozar contigo, meu. Estou sempre a ouvir isso. — O Roy esboça um sorriso enorme. — Ganhei dez mil dólares no verão passado num concurso de imitação de celebridades. Fiquei em primeiro lugar pelo meu Sam Jackson. Fiz o discurso do *Perigo no Oceano*, mesmo antes de o tubarão o atacar.

— Boa. É um bom filme.

O Roy dá uma palmada no braço do Dean e diz:

— Tens razão.

E de repente são os melhores amigos e começam a conversar animadamente enquanto caminham.

A Dillon suspira e entrelaça o braço no meu.

— O Roy gosta de assustar as pessoas — diz ela em tom de pedido de desculpa.

Rio-me.

— Não te preocupes, o Dean não se assusta com facilidade.

— O Dean? — O olhar dela brilha. — Porque não me disseste que tinhas um novo namorado?

— Porque não tenho. Estamos apenas a divertir-nos. Nada sério.

— Pois, sim, AJ. Contigo é sempre sério.

Não desta vez, sinto vontade de dizer, mas já chegámos à mesa e as vozes dos rapazes interrompem a nossa conversa. O Beau e o Roy já estão a falar sobre futebol e, porque o Roy é enorme, ele ocupa o espaço de pelo menos três pessoas no banco. A Dillon senta-se ao lado dele e eu fico sem espaço nenhum.

O Dean sorri e senta-me no colo dele, passando um braço forte em volta da minha cintura.

— Podes sentar-te aqui, boneca.

— Oh, obrigada, fofinho.

Nós os seis formamos um grupo tão improvável que, de repente, me faz vir à cabeça imagens do filme *O Clube*. O Beau é o *quarterback* da Costa Este. O Dean é o jogador de hóquei no gelo. O Roy é o *linebacker* do Louisiana. A Joanna é a atriz da Broadway. A Dillon é a licenciada em Finanças. E eu sou a futura estrela de comédias românticas.

Apesar disso, conversa não nos falta. Eu e a Dillon falamos sobre o que andámos a fazer nos últimos meses. Desde que comecei a faculdade, perdi o contacto com a maioria dos meus amigos do secundário, mas estava determinada a manter a amizade com a Dillon.

Enquanto converso com ela, apercebo-me de que o Dean me está a tocar. Constantemente. A afagar-me o ombro. A apertar-me a coxa. A tocar-me no

pescoço. A dado momento ele até roça os lábios sobre a minha face e o Beau solta uma gargalhada sonora.

— Credo, Bella — diz ele, maravilhado. Depois encara-me, divertido. — Que feitiço lançaste ao meu amigo Dean? Nunca o vi assim com uma miúda.

— O meu nome é Allie — corrijo-o.

Isso fá-lo rir-se ainda mais.

O Dean suspira e depois inclina-se e murmura:

— Queres dançar?

— Depende… danças bem?

— Todos os homens dançam bem.

Solto uma gargalhada.

— O meu dedo do pé, partido no secundário, diz o contrário.

— Desculpa, o que eu devia ter dito era: todos os homens têm a capacidade de ser bons dançarinos. — Ele prende a mão à volta da minha cintura e põe-me de pé. — Só há um movimento que um homem deve saber para arrasar na pista de dança.

— Ah, sim? Qual é o movimento? — pergunto, curiosa.

O Dean entrelaça os dedos nos meus enquanto descemos as escadas.

— STAG. — Ele é obrigado a gritar a resposta porque a música cá em baixo está mais alta.

Ponho-me em bicos de pés para aproximar a boca do ouvido dele.

— O que é STAG?

— O único dos acrónimos disparatados do Logan que eu sigo religiosamente: STAG. — Ele abre a boca num sorriso largo. — Stand There and Grind[1].

Uma gargalhada escapa da minha garganta, transformando-se num grito de prazer quando o Dean me envolve nos braços. Eu enrolo as pernas em volta da cintura dele e agarro-me a ele quando ele me transporta para a pista de dança. Ele pousa-me no chão e encosta o corpo ao meu, provando que o STAG é mesmo o único movimento que importa.

Quando a batida ritmada se infiltra no meu sangue, eu afasto o cabelo e abano as ancas, enquanto passo as mãos para cima e para baixo sobre o peito musculado do Dean. As luzes fortes percorrem a discoteca escura, oferecendo vislumbres

provocadores das feições cinzeladas dele, dos seus olhos verdes hipnotizantes e da curva sensual da sua boca.

Dançamos durante horas. Ou aquilo que parecem horas. Os outros juntam-se a nós na pista de dança e eu não me lembro da última vez que me diverti tanto. Danço com o Beau, que me agarra o rabo sempre que pode. Danço com o Roy, que tem uns bons movimentos de dança, para um homem que parece uma montanha. Danço no meio da Dillon e da Joanna. Danço com o Dean e o movimento erótico das ancas dele deixa-me excitada e faz-me sentir abençoada.

Eu e a Dillon bebemos dois *shots* no bar, mas eu não estou bêbeda, apenas deliciosamente tocada. O Dean parece não estar a exagerar também, mas os outros estão prestes a ficar perdidos de bêbedos. Sobretudo o Beau, que tem as faces coradas e os olhos brilhantes enquanto faz sexo na vertical com uma bonita ruiva na pista de dança.

A Joanna vai-se embora por volta das 23h30, dizendo que tem um ensaio de manhã cedo. A Dillon e o Roy saem pouco depois. Assim que a Dillon começa a arrastar a fala, o Roy revela-se não só um adulto responsável mas também um namorado consciente e leva-a rapidamente embora. Por volta da meia-noite, depois de o Beau aparentar estar mais bêbedo do que nunca, o Dean decide que está na hora de irmos embora também.

— Onde está a tua amiga? — pergunto ao Beau, espreitando por cima do ombro dele à procura da ruiva.

— Foi para casa ter com o marido.

Contenho uma gargalhada. O Dean, que é basicamente a única coisa que mantém o Beau de pé neste momento, ri-se alto.

Saímos da discoteca para o ar frio da noite. O Beau está apoiado em mim agora, porque o Dean está no passeio a chamar um táxi. A Joanna já se foi embora e eu estou preocupada que o Beau chegue em segurança a casa, por isso insisto que ele partilhe um táxi connosco.

— Devias subir com ele — digo ao Dean. — Certifica-te de que ele chega à porta.

Milagrosamente, surge um táxi. Entro primeiro, seguida do Beau, que geme, fecha os olhos e adormece com a cabeça no meu ombro.

O Dean entra e indica a morada do Beau ao motorista. Ele olha para o amigo que dorme e depois olha para mim por cima da cabeça do Beau.

— Os pais dele estão em casa, certo? — digo eu, lentamente. — Eles vão passar-se se o virem assim?

— Talvez. — O Dean suspira. — O Beau diz que eles são rígidos. Ele frequentou uma escola católica só para rapazes a vida toda.

Mordo o lábio.

— Se calhar não devíamos levá-lo para casa.

— Provavelmente, não. — O Dean inclina-se para a frente e bate com a mão no assento do condutor. — Esqueça a primeira morada. Leve-nos ao Heyward Plaza, por favor. — Ele olha para mim. — Vou deixá-lo dormir na penthouse.

Quinze minutos depois, estamos no elevador do hotel. É estranho, mas bastam umas meras horas na discoteca para eu me esquecer de que o Dean vive na porra de um palácio. Fico novamente espantada com o luxo que me rodeia, e o Beau também, a julgar pelos olhos azuis arregalados assim que sai do elevador.

Ele fica de boca aberta quando olha para a interminável parede envidraçada com vista para o horizonte brilhante.

— Cum caraças. Sinto-me um príncipe.

— Não é? — pergunto-lhe.

Ainda a abanar a cabeça de espanto, ele dirige-se à poltrona enorme perto do sofá de pele em forma de C e deita-se nela. No espaço de segundos, está a ressonar.

O Dean passa os braços à minha volta por trás e beija-me o pescoço.

— Vamos dormir? — pergunta ele.

Viro-me.

— Não estou cansada — confesso. — Apetece-te ver um filme?

— Por acaso, tenho uma ideia melhor. — Ele retorce as sobrancelhas de modo provocador. — Enfia qualquer coisa confortável enquanto eu preparo tudo.

Preparar o quê? E espero que *confortável* queira mesmo dizer *confortável* e que ele não esteja à espera de que eu volte num *body* de renda e umas ligas.

Deixei o saco com a roupa de dormir no quarto do Dean, por isso subo rapidamente as escadas até ao último piso — ainda não acredito que esta

penthouse tem três pisos — e visto uns boxers de algodão e uma camisola de alças. Quando regresso à sala de estar, encontro o Dean deitado no sofá com o comando na mão. Está sem camisola. Chocante. Mas as calças de cintura baixa revelam o contorno sexy das suas ancas e eu sinto um formigueiro na língua devido à necessidade urgente de lamber aquela pele deliciosa.

Humedeço os lábios, que de repente ficam secos, e aproximo-me dele.

— O que vamos ver?

— Vê por ti própria. — Ele carrega no comando e eu suspiro quando os créditos de abertura de *Solange* surgem no maior ecrã que alguma vez vi fora de um cinema.

— Como é que isto está a dar? — exclamo.

— Liguei para cá antes de sairmos da Briar e pedi ao *concierge* que nos arranjasse a segunda temporada.

Estou perplexa. Depois de ter encontrado ao calhas esta série enquanto procurava vídeos no *YouTube*, paguei a uma rapariga que vive na minha residência para transferir todos os episódios e copiá-los para um disco. *Solange* é uma série popular em França, mas nunca ninguém ouviu falar dela deste lado do oceano, o que significa que é quase impossível encontrá-la na Internet e não vale a pena encomendar os DVD da *Amazon,* porque só trabalham com compradores europeus.

— Fizeste uma chamada e conseguiste arranjar uma novela francesa que ninguém conhece? — Fico a olhar para ele. — Que raio. A Vida do Dean é verdadeiramente gloriosa.

— Eu disse-te. — Ele deita-se de costas e levanta uma mão para me chamar.

Não perco tempo a enroscar-me e a pousar a cabeça no seu ombro. O peito nu é quente e duro e ele cheira maravilhosamente. Não me dou ao trabalho de perguntar o tipo de *aftershave* que usa, porque o mais certo é ser uma marca de que nunca ouvi falar e que custa milhares de dólares por embalagem.

Ficamos deitados ali durante algum tempo a ver a novela, que tem agora várias personagens novas que estão a dar problemas à Solange.

— Sabes — diz o Dean —, se o Marc tivesse metade de um cérebro, dava com

os pés à Christine e enrolava-se com a Monique.

— Eu gosto da Christine — protesto. — Ela é querida.

— Ela anda a enganá-lo, linda. Ninguém é sempre assim tão querido.

— Eu sou.

A gargalhada do Dean vibra pela minha face.

— Pois, sim. És capaz de ser vinte por cento querida. No máximo.

Finjo ficar magoada.

— Achas mesmo isso? — pergunto, baixinho.

Ele passa a mão devagar pela minha coluna.

— Não — diz ele. — Não te preocupes. És cem por cento querida.

— Ah. Eu não estava mesmo nada preocupada. Só queria ouvir-te dizer isso.

Ele ri-se e puxa-me mais para ele. À medida que o episódio continua, ficamos mais absorvidos e mantemo-nos em silêncio para não perder pitada. O Dean está a afagar-me distraidamente, com os dedos compridos a afagar a parte lateral da minha mama. Acho que ele nem se apercebe de que o está a fazer, mas faz-me sentir… bem, deixa-me excitada.

— Estou a dizer-te, ela anda a tramar alguma coisa. — Os olhos verdes do Dean mantêm-se colados à televisão, mas a mão dele continua a afagar-me.

No ecrã, a Christine senta-se a uma mesa num restaurante com esplanada e sussurra para o telemóvel. A conversa parece agradável. Mas está em francês, por isso vá-se lá entender.

— Aposto que ela está a contratar um assassino profissional. — O polegar do Dean acaricia-me o mamilo.

Agora estou completamente distraída.

Ele continua a falar.

— Precisamos de encontrar uma versão desta novela com legendas em inglês.

Ele afasta o polegar do meu mamilo e depois aproxima-o novamente.

— Eu percebo que estejas a tentar aprender a língua, linda, mas eu estou a dar em doido por não perceber o que se está a passar…

— Dean.

— Hum?

— Para de fazer isso.

— Paro de fazer o quê?

— De tocar na minha mama.

— Oh. Eu estava a fazer isso?

Apoio-me sobre um cotovelo para poder ver o rosto dele. A sua expressão travessa indica-me que ele não estava tão distraído como eu pensava.

— Sabias bem o que estavas a fazer — intervenho. — E agora precisas de parar de fazer isso.

Ele lambe os lábios.

— Porquê? Estavas a ficar excitada?

— Sim.

Ele responde com uma gargalhada audível e depois vira-nos de modo a ficarmos deitados de lado e voltados um para o outro. Afaga-me o seio esquerdo e aperta-o delicadamente. Desta vez, quando as pontas dos dedos dele encontram o meu mamilo, é de propósito. Ele esfrega o mamilo que está a endurecer rapidamente. E depois solta-me o seio e enfia a mão dentro dos meus boxers.

Olho alarmada na direção do Beau. Já não está a ressonar, mas continua de olhos fechados.

— O Beau está deitado aqui ao lado — digo ao Dean.

— Está a dormir. — Os dedos dele provocam o elástico dos meus boxers e depois enfiam-se lá dentro. Tem o polegar encostado ao meu clítoris, e sou obrigada a morder o lábio para não gemer.

— Dean — murmuro, nervosa.

— Allie — murmura ele em resposta.

O polegar descreve círculos delicados sobre o meu clítoris, enviando um arrepio quente pela minha espinha acima. Ele esfrega e provoca-me até eu ter o clítoris inchado e as minhas ancas se inclinarem para a frente de forma involuntária, para aumentar o contacto. Ele ri-se novamente.

— Dean… — É um aviso.

— Allie. — É uma provocação.

A mão dele move-se mais lentamente e a palma da mão calejada arranha-me a pele enquanto desce. Ele enfia um dedo talentoso dentro de mim. Uma mistura entre um suspiro e um gemido escapa-me dos lábios, mas é imediatamente

interrompido quando o Dean encosta os lábios aos meus.

Beijo-o avidamente, incapaz de lhe resistir. O Dean Di Laurentis já se infiltrou no meu sangue. Não contava com a química sexual intensa entre nós, mas é real e é viciante, e eu não sei como é que alguma vez conseguirei viver sem ela. Ele passa a mão pelo meu clítoris e a pressão deliciosa faz-me contrair as coxas. O prazer acumula-se no meio das minhas coxas, fazendo estremecer o meu corpo todo.

Estou demasiado consciente dos sons que estamos a fazer. Da nossa respiração pesada. Do seu dedo a mover-se dentro do meu sexo húmido. Rezo a Deus para que o Beau não tenha o sono leve.

— Sei sempre quando estás prestes a vir-te — sussurra o Dean.

— Como? — A investida metódica do dedo dele está a distrair-me. Começo a estremecer e os meus músculos internos contraem-se à volta do dedo dele à medida que o prazer se intensifica e aquece a minha pele.

— As tuas bochechas ficam vermelhas e os teus olhos… ficam brilhantes. — A boca quente dele passeia sobre o meu maxilar antes de descer pelo meu pescoço. — A tua pulsação acelera… aqui. — Ele lambe o centro da minha garganta. — E a tua vagina aperta-me com muita força, como se tentasse prender o meu dedo dentro dela.

A minha respiração torna-se superficial. A minha mente anda à roda. Só consigo concentrar-me na sua voz grave e na mão mágica, mas quando ele enrola o dedo e começa a movê-lo mais rapidamente, o meu cérebro desliga-se completamente.

— É isso mesmo — diz o Dean, rouco. — Vem-te para mim, linda.

Fecho os olhos e deixo-me dominar pelas sensações, gemendo baixinho quando finalmente liberto a pressão e me deixo flutuar numa nuvem de felicidade. Suspiro e pouso a face nos abdominais dele enquanto as ondas de prazer percorrem o meu corpo.

— Vocês sabem que estou acordado, certo?

A voz seca do Beau provoca uma vaga de terror misturada com uma onda de embaraço. Enfio a cara no peito do Dean, demasiado envergonhada para olhar para a poltrona.

— E agora estou teso como tudo — acrescenta o Beau num tom de voz animado. — Por isso vou perguntar: há alguma possibilidade de um *ménage à trois*?

Levanto a cabeça em sinal de indignação, mas não consigo deixar de soltar uma gargalhada quando vejo o brilho intrigado nos olhos do Dean.

— Nem penses nisso — ordeno, espetando o dedo no peito dele. Endireito as costas para lançar o mesmo olhar indignado ao Beau. — Tira essa ideia da tua cabecinha linda, Maxwell. Porque não vai acontecer.

O sorriso dele é provocador.

— Esta noite ou nunca?

— Nunca.

— Dá-me um bom motivo para não o fazermos — desafia-me o Beau.

— Porque, em primeiro lugar, não quero, e, em segundo lugar, imagina daqui a dez anos. Sou uma estrela de Hollywood que venceu três vezes um Óscar da Academia, a atriz mais requisitada do grande ecrã… e depois a edição mais recente da revista *People* chega às bancas. E sabes qual é o título? — Passo a mão pelo ar como se estivesse a escrever o título. — «Escândalo de Celebridade Exposto. Allie Hayes, a Rainha das *Ménages à Trois* da Faculdade.»

O Beau escreve o seu próprio título.

— «O Campeão da Super Bowl Beau Maxwell diz que foi "A Melhor Noite da Minha Vida".»

Suspiro e viro-me para o Dean, que está a fazer um esforço visível para não se rir.

— E *agora* está na hora de irmos para a cama. Despede-te do teu amigo Beau, querido.

— Boa noite, Beau — diz o Dean, obedientemente.

24

Allie

Eu e o Dean chegamos ao *campus* ao meio-dia do dia seguinte. Uma vez que o autocarro parte à uma para o jogo em Burlington, ele tem de sair rapidamente do parque de estacionamento, se quer ir primeiro a casa trocar de roupa. Mas ele mantém-se sentado no lugar do condutor.

— O que se passa? — Não consigo decifrar a expressão dele.

— Posso estar contigo esta noite? — Tem a voz rouca e com uma nota inexplicável de… qualquer coisa.

— Tenho um ensaio, por isso depende da hora a que o Steven nos libertar. Liga-me quando voltares do Vermont e depois vemos onde estou, está bem? — Ele acena com a cabeça. Mesmo assim, não se mexe. — Importas-te de me ajudar com o trólei?

Acena novamente com a cabeça.

Combato um baque de desconforto quando saímos do carro. Não há ninguém no parque de estacionamento que possa ver-nos a tirar o meu trólei da bagageira, mas não é isso que me deixa apreensiva. É a intensidade que o Dean está a irradiar. É como se ele quisesse dizer alguma coisa, mas não soubesse como abordar o assunto.

— Está tudo bem? — pergunto, num tom jovial.

Aqueles olhos verdes percorrem-me o corpo com tanta intensidade que me

sinto constrangida. Sei que estou com o cabelo despenteado e tenho quase a certeza de que tenho uma borbulha minúscula a formar-se no meu queixo. Espero que não seja para isso que ele está a olhar.

— Está tudo bem, boneca — diz ele, por fim, reprimindo os eventuais pensamentos profundos que pudesse estar a ter. — Anda cá e dá-me um beijo de boa sorte. Precisamos desesperadamente de vencer este jogo.

Olho em redor do parque de estacionamento. Um ligeiro trejeito toca nos lábios do Dean e eu sinto uma dose de culpa ao aperceber-me disso. Passámos três dias juntos. Trocámos carícias em frente ao Beau, por amor de Deus, e eu estou com medo de o beijar num parque de estacionamento vazio?

Transponho a distância entre nós e ponho-me em bicos de pés para roçar os lábios nos dele.

— Boa sorte — sussurro. Depois enfio um pouco da língua e sorrio quando a respiração dele fica ofegante.

Ele geme baixinho.

— Estás a provocar-me.

O meu sorriso alarga-se quando recuo um passo.

— Obrigada pela boleia. E pela saída à noite.

— E pelo sexo selvagem, selvagem — relembra-me ele.

— Bastava teres dito selvagem uma vez. — Estou enganada. O que fizemos este fim de semana vale *pelo menos* dois selvagens. Quatro seria provavelmente a quantidade certa.

— Tens a certeza de que podes com isso? — pergunta ele quando eu puxo o trólei pesado para cima do passeio.

— Não há problema. Tem rodas.

— E as escadas?

— Não há problema — insisto. — Vai, Dean, ou ainda perdes o autocarro.

Quando eu lhe dou uma palmada delicada para empurrar o seu traseiro sexy, uma voz familiar ecoa atrás de nós.

— Olá, Allie.

A minha mão fica imóvel junto ao peito do Dean. Rapidamente a deixo cair e depois dou meia-volta para cumprimentar a figura que se aproxima. É o Jim

Paulson, um dos tipos da república do Sean. Sinto um nervosismo na barriga enquanto me pergunto quanto é que ele terá ouvido. E visto…

Merda. Será que ele me viu a beijar o Dean?

— Olá — digo, forçando um sorriso. — Como foi o teu Dia de Ação de Graças?

— Foi bom. — O olhar do Jim incide no Dean. — Olá.

— Olá — diz o Dean, tenso.

— De onde estão a chegar? — O olhar desconfiado dele incide no meu trólei.

— Nova Iorque — respondo, como se nada fosse. — O Dean é de Manhattan e eu sou de Brooklyn, por isso dividimos a boleia. Em prol do ambiente! — Finjo que aceno uma pequena bandeira, mas o Jim nem sequer esboça um sorriso.

— Fixe. — Continua a estudar-me. — Hum… foi bom ver-te.

O sorriso é suficientemente afetuoso, mas, enquanto o vejo a afastar-se, não consigo controlar a bola de medo que se aloja na minha garganta. Merda. Tenho um péssimo pressentimento em relação a este encontro. Não me restam dúvidas de que o Jim vai contar ao Sean. Uma parte de mim não se importa, porque o Sean já não é meu namorado.

Mesmo assim, a ansiedade que sinto no estômago recusa-se a desaparecer, e eu sei que vou passar o dia todo preocupada com isto. Com uma conversa que me parece inevitável.

A conversa acontece à uma da manhã. E é uma conversa dura. Uma conversa *barulhenta*. Sou acordada do meu sono profundo com uma pancada ruidosa na porta.

Endireito as costas e olho em redor, porque o meu cérebro, que não está em estado de alerta, demora alguns segundos a compreender o que se está a passar. Quando me apercebo de que os sons vêm da porta da frente, saio disparada do meu quarto e dirijo-me à área comum. Duas figuras sombrias saem do quarto da Hannah ao mesmo tempo. A minha colega de casa sonolenta e o namorado param abruptamente quando me veem.

Bang.

Bang, bang, bang.

— Mas que raio? — O Garrett parece sonolento quando vira a cabeça na direção do ruído.

A minha pulsação acelera quando ouço a voz do Sean.

— Allie! — grita ele do outro lado da porta. — Sei que estás aí! Deixa-me entrar, caramba!

O Garrett desperta e encaminha-se para a porta. Guincho em sinal de alarme, mas ele não a abre. Limita-se a bater com o punho contra a porta algumas vezes.

— Cala a boca, idiota. Vais acordar toda a gente.

— Estou-me a cagar! — responde o Sean, furioso. — Preciso de falar com a Allie.

— Então pega no telemóvel e liga-lhe, como uma pessoa normal e *lúcida* — diz o Garrett, irritado. — E liga-lhe amanhã de manhã. A Allie está a dormir.

A Hannah põe-se ao meu lado e pousa uma mão no meu braço. A minha pele está gelada e eu sei que ela está a sentir, porque aperta-a de modo suave.

— O Garrett vai livrar-se dele — sussurra ela.

Mas ela subestimou a teimosia do Sean.

— Ela não está a dormir — responde ele. — Eu conheço a minha namorada…

Ex-namorada! Estou prestes a gritar.

— … e ela está atrás da porcaria da porta. Eu sei que está. — Ele volta a bater com força na porta. *Bang. Bang, bang*. — Allie! Abre a porta! Precisamos de falar!

Encolho-me. A Hannah passa um braço à volta dos meus ombros.

— Se voltares a bater na porta, chamo a polícia — atira o Garrett.

Bang, bang, bang.

Sinto a garganta a fechar-se. Caramba. Ele não vai desistir. Eu sei que não vai e, de repente, sou assaltada por visões dos seguranças do *campus* e de uma brigada de polícia a invadir a Bristol House como uma equipa SWAT a maniatar o assaltante de um banco. O que, além de ser vergonhoso, é uma total invasão. A partir daí, todos nesta residência me verão como a rapariga com o ex-namorado louco.

— Deixa-o entrar — digo, débil.

O Garrett dá meia-volta com os olhos cinzentos enfurecidos.

— Nem pensar, Allie. Ele está bêbedo.

— Eu sei, mas ele acalma-se depois de entrar. — Deixo cair os ombros, infeliz. — Ele vai ficar lá fora a noite toda, Garrett. Deixa-o entrar e eu acalmo-o. Eu consigo resolver isto, prometo.

O namorado da Hannah permanece cético. Eu não o censuro. O Sean está a comportar-se como um louco. Mas passei quatro anos com o rapaz e sei que ele é cão que ladra mas não morde. Ele nunca me magoaria fisicamente.

O Garrett aponta-me o dedo.

— Se ele tentar alguma coisa, eu dou-lhe um enxerto de porrada.

Aceno com a cabeça.

Ele pragueja em surdina e abre a porta. De certo modo, estou a contar que o Sean entre à força e dê uma cambalhota antes de se pôr de pé, como um comando do exército numa missão. Mas ele entra com passadas lentas e cuidadosas e com uma respiração ofegante. Os seus olhos castanhos procuram-me de imediato.

— Precisamos de falar — murmura ele.

O Garrett cola-se ao Sean. A Hannah cola-se a mim.

Engulo em seco, nervosa, enquanto me liberto da mão da minha melhor amiga.

— Podem dar-nos um minuto?

— Claro que não. — A expressão do Garrett é de incredulidade.

— Por favor. Está tudo bem. Só vamos conversar. — Lanço um olhar decidido ao Sean. — Certo?

O maxilar dele fica tenso, mas ele acena com a cabeça.

— Certo. Só quero conversar.

Passam-se vários segundos. Depois o Garrett pragueja mais uma vez e lança um olhar carrancudo ao Sean.

— Não faças nenhuma estupidez, meu. Basta olhares de lado para ela e vais acabar a falar com o meu punho.

O Sean volta a acenar com a cabeça. O namorado da Hannah tem mais

centímetros e 25 quilos do que ele, e é óbvio que o Sean leva a ameaça a sério.

A Hannah aperta-me o braço.

— Vamos estar no meu quarto. Grita, se precisares de nós.

Acho que não vou chegar a esse ponto. O Sean parece ter acalmado, a sua respiração está mais estável e o olhar dele já não arde de maldade. Assim que a porta da Hannah se fecha, ele senta-se no sofá e produz um som baixo e agonizante.

— O Dean Di Laurentis? — geme, e a dor e a traição que lhe brilham nos olhos cortam-me como uma lâmina. — Estás a gozar comigo, Allie?

A minha pulsação acelera quando eu me aproximo. Não me sento ao pé dele. Fico de pé à sua frente, com os joelhos encostados e os braços cruzados junto ao peito, porque tenho o corpo a tremer tanto que é a única forma de me impedir de oscilar. Não sei o que dizer, por isso mantenho-me calada.

— Estão juntos? — De repente, a voz dele fica gélida de revolta.

Engulo em seco, incapaz de formar palavras. Porque é que ele continua a ter este poder sobre mim? Ele sabe sempre ao certo quais os botões que deve carregar, sabe ao certo quanta repulsa e desaprovação deve injetar no tom de voz para me fazer sentir culpada, para me deixar constrangida, para me fazer sentir mal.

— Estão? — exige ele saber.

Obrigo as minhas cordas vocais a cooperarem.

— Sim e não. Não somos um casal. Estamos…

— A dormir juntos — termina o Sean, numa voz firme.

Aceno com a cabeça e os olhos dele brilham novamente.

— Então ele é apenas o teu amigo colorido, é isso? — Um sussurro escapa da boca dele. — Tu não tens amigos coloridos! Tu não és assim.

A minha pele fica tensa com aquela ofensa.

— Assim como?

— O tipo de rapariga que dorme com todos. Esperámos *quatro meses* antes de dormirmos juntos pela primeira vez. Desde quando saltas para a cama de alguém ao fim de uns dias? Ou será horas? Com que rapidez saltaste para a pila do Di Laurentis?

Faço uma careta como se ele me tivesse batido. Consigo perceber que ele está bêbedo, porque tem as faces coradas e os olhos enevoados, mas não está a arrastar a fala e dispara cada uma das palavras como se fosse uma bala, atingindo o alvo e reacendendo o desconforto que sempre senti em relação ao sexo casual.

— E de todos os rapazes que podias ter escolhido, foste escolhê-lo a *ele*? Tens noção da quantidade de gajas em que ele já enfiou a pila? Ele vive na porra do hospital do *campus*, com tanto remédio para as DST que tem de tomar!

Fico rígida.

— Para com isso. Estás a agir como um imbecil.

Mas o Sean não está perto de ter terminado.

— Foram para a cama quando estavas comigo? — exige ele saber.

Fico de boca aberta.

— *Não*. Claro que não.

— E é suposto eu acreditar em ti? — Ele levanta-se. Dou um passo atrás de modo instintivo, mas ele não avança na minha direção. Começa a andar de um lado para o outro sobre o soalho de madeira, passando as mãos pelo cabelo como se estivesse a tentar arrancá-los pelas raízes.

— Porra, então agora preciso de ser testado? É isso? Preciso de fazer um *teste* de DST porque a minha namorada me traiu com um engatatão como o Di Laurentis?

A raiva aumenta na minha garganta.

— Eu não te traí — digo eu. — E estás a ser ridículo! Não tens nenhuma DST…

— Mas *tu* podes ter — interrompe ele e depois começa a rir-se, baixinho e de forma dura. — Andas a dormir com um promíscuo. *És* uma promíscua.

Recuo ao ouvir a acusação cruel, mas acabo por conseguir controlar a respiração. Sem saber como, consigo controlar-me para não me lançar sobre ele e dar-lhe uma bofetada.

— Não sou promíscua — digo eu, friamente. — E não te traí. E agora está na altura de te ires embora.

— Sabes que mais? Ainda *bem* que me deste com os pés. Não quero ter nada

que ver contigo. — Ele sobe o tom de voz e eu encolho-me, porque sei que a Hannah e o Garrett devem conseguir ouvi-lo mesmo com a porta dela fechada. — Fui um *parvo* por tentar reconquistar-te! Por que *raio* haveria de querer voltar para uma pega cheia de doenças…

— *Já chega*!

A exclamação do Garrett chega um pouco tarde demais. O último comentário do Sean já fez os estragos pretendidos. Recuo aos tropeções como se ele me tivesse dado uma bofetada. Meu Deus, mais valia ter dado. Tenho as faces a arder. O meu lábio inferior treme sem cessar e eu sou obrigada a cravar os dentes no lábio para o travar. Sou obrigada a combater o soluço abafado que tenta sair desesperadamente da minha garganta.

Apercebo-me vagamente de o Garrett agarrar o meu ex-namorado pelo colarinho. De o conduzir à porta. De o ameaçar. Mas sinto o rosto a arder e a visão desfocada, o que torna difícil ver o que está a acontecer.

Estremeço quando sinto um par de braços suaves a envolver-me o corpo. É a Hannah, que está a abraçar-me com força. Deixo cair a cabeça no ombro dela e pestanejo para afastar as lágrimas que ameaçam surgir.

— Estás bem? — pergunta ela, urgentemente.

— Não. — A minha resposta é abafada pela manga dela.

— O Garrett foi lá abaixo com ele. Ele vai chamar um táxi e esperar com o Sean, para se certificar de que o sacana entra no táxi. — Ela esfrega as minhas omoplatas. — Allie. Fala comigo. Preciso de saber que estás bem, querida.

Por algum motivo, a pena no tom de voz dela acaba com a minha última réstia de controlo. As lágrimas começam a cair pelas minhas faces. Um soluço escapa-se quando eu estremeço no abraço dela. Como é que ele foi capaz de dizer aquelas coisas horríveis e dolorosas? Estivemos juntos durante anos. Ele *amava-me*. Ele *conhece-me*. Ele sabe que eu não sou… engasgo-me com outro soluço… uma *pega cheia de doenças*.

Enquanto a vergonha me invade o corpo, afasto-me da Hannah e dirijo-me apressadamente ao quarto. Ouço os passos dela atrás de mim, enquanto alcanço a porta e me deito na cama. Enrosco o corpo e limpo as lágrimas com a manga da

t-shirt, mas elas continuam a cair mais rapidamente, a fazer-me arder as pestanas e a deslizar para dentro da minha boca.

— Allie — diz a Hannah, baixinho.

Ignoro-a, engolindo em seco entre os soluços enquanto estico uma mão e revolvo a mesinha de cabeceira. Preciso… meu Deus, preciso do *Dean*. Preciso que ele passe os braços fortes à minha volta e me faça novamente aquele discurso, aquele sobre eliminar a palavra *galdéria* do meu vocabulário e não deixar que gente tacanha me convença de que fiz alguma coisa de errado.

Os meus dedos tocam no telemóvel e eu gemo quando descubro que está sem bateria.

— Allie. — A Hannah parece deveras preocupada. — Fala comigo.

Engulo um suspiro trémulo.

— Podes fazer uma coisa por mim?

— Seja o que for — diz ela, de imediato. — Diz-me o que precisas.

— Podes… — Falo mesmo com o nó apertado na minha garganta. — Podes ligar ao Dean e pedir-lhe que venha cá?

Não olho para o rosto dela para ver a reação. Não preciso de o fazer, porque escuto perfeitamente o espanto na sua voz.

— O Dean? — Ela faz uma pausa. — O Dean Di Laurentis?

— Sim. — Volto a enroscar o corpo e a encostar a cabeça à almofada.

— Queres que ligue ao Dean.

— Sim.

— O Dean Di Laurentis?

— *Sim*. — Lambo os lábios secos, que estão salgados das lágrimas. Lágrimas que não param de cair. — Por favor… liga-lhe. Eu… — Sinto o rosto todo a desabar novamente. — Preciso dele.

25

Dean

— Onde está ela? — Passo pelo Garrett antes que ele consiga abrir completamente a porta. O meu olhar incide na sala comum, mas a Allie não está lá. A Wellsy está, e levanta-se assim que me vê.

— Ela está no quarto…

Avanço, mas sou intercetado pela morena baixinha.

— Espera um segundo — ordena a Hannah, encostando a palma da mão ao meu peito. — Só vais vê-la quando me disseres que *raio* se está a passar.

— Diz-me tu — digo eu, impacientemente. — Foste tu que me ligaste à uma da manhã e me pediste para vir cá porque a Allie precisa de mim. O que aconteceu?

— O Sean apareceu aqui — responde o Garrett, sombriamente. — Bêbedo, a bater na porta e a exigir falar com ela. Eu deixei-o entrar…

— Deixaste-o entrar? — pergunto, irritado.

— Ela disse-me para o deixar entrar — murmura ele. — Disse que se resolvia com ele.

A Hannah diz, irritada:

— Devias ter ouvido a forma como ele estava a gritar com ela. A chamá-la galdéria e a dizer que ela tinha DST…

Mas que *raio*?

A fúria sobe-me pela espinha e escapa-me da garganta como um gemido ameaçador.

— Sai-me da frente! — digo à Hannah.

— Dean! — protesta ela quando eu avanço rapidamente para o corredor curto. — O que é que estás a fazer aqui…

Os meus passos pesados terminam o resto dessa frase. Entro de rompante no quarto da Allie e depois detenho-me quando a encontro enroscada na cama. Ela levanta a cabeça quando eu entro e a desolação nos seus grandes olhos azuis quebra o meu coração em pedacinhos.

— Querida — digo eu, baixinho.

Ouço um som de espanto vindo da porta. Cerro os dentes e viro-me para fechar a porta nas caras de espanto da Hannah e do Garrett. Neste momento eles não existem para mim. Só existe a Allie. Deito-me na cama antes que ela tenha tempo de pestanejar, envolvendo-a nos meus braços. Ela encosta o rosto ao meu peito e eu consigo senti-la a tremer.

— O que aconteceu?

— O Sean esteve aqui. — A resposta é abafada pelo meu casaco.

— Eu sei, o G contou-me. Mas *porque* é que ele esteve aqui? — Um impropério sai-me da boca quando me lembro do nosso encontro com o Paulson esta manhã. — O companheiro de república dele… o Paulson contou-lhe que nos viu juntos? — Ela acena com a cabeça e bate com a cabeça no meu colarinho. — Idiota — murmuro. Depois respiro fundo e passo a mão sobre o cabelo sedoso dela. — Deduzo que o Sean estivesse furioso...

— Ele… — A voz dela falha. — Ele chamou-me galdéria cheia de doenças.

A fúria é como uma faca a espetar-se no meu peito. Preciso de recorrer a toda a minha força para a remover, para a banir do meu corpo. Apetece-me matar aquele sacana por lhe ter dito aquilo.

— Tu… não és — respiro fundo novamente — uma galdéria cheia de doenças. Ouviste-me, linda? *Não* és isso. Nunca. Nem sei porque é que esse sacana alguma vez…

— Por tua causa — sussurra ela.

Fecho as mãos em punhos contra os ombros dela.

— O quê?

— Ele acha que estás cheio de DST porque tu… tens uma vida sexual ativa…

— Eu estou limpo — interrompo. A minha voz é baixa e carregada de ansiedade. Merda. Espero que ela acredite no que lhe estou a dizer. — Nunca fiz sexo sem proteção na minha vida, Allie. Fiz análises antes do início da temporada, mas posso repeti-las, se tu… — Calo-me. O que estou para aqui a dizer? Eu faço-o mesmo que ela não me peça, só para acabar com qualquer dúvida que o merdoso do Sean lhe possa ter metido na cabeça.

— Eu confio em ti, Dean. Eu sei que fazes sexo seguro, está bem? Não foi a parte das doenças que me deixou chateada. Foi a outra parte. A forma como ele olhou para mim… — O corpo dela estremece. — Ele estava tão enojado. É como se, nesse momento, ele me tivesse visto realmente como uma galdéria e me odiasse por isso.

A fissura no meu coração abre-se, lançando estilhaços para o meu estômago. O Sean devia estar a agradecer aos santinhos por não estar aqui neste momento. Apetece-me passar os dedos à volta da garganta dele e apertar-lhe o pescoço até o deixar sem vida.

— Querida… — Engulo a raiva. — Miúda, olha para mim.

Ela levanta lentamente os olhos até aos meus.

— Estou-me a borrifar para o que o Sean diz ou pensa. Não fizeste nada para merecer o ataque verbal dele, percebes? Não és uma galdéria. És… — *Perfeita*, estou prestes a dizer, mas não tenho a oportunidade de o fazer, porque ela está a tremer novamente.

— Então porque me sinto como se fosse? — Ela pestaneja rapidamente, como se estivesse a tentar não chorar. — Meu Deus. Odeio isto. Eu disse-te que não era feita para sexo casual.

As palmas das minhas mãos ficam húmidas. Não quero que ela prossiga. Estou com demasiado medo do que ela vai dizer.

— Acho que não consigo continuar a fazer isto.

Foda-se.

— É demasiado confuso. Dormir contigo quando não estamos juntos…

— Estamos juntos — respondo.

Ela fica perplexa.

— O quê?

Parece que alguém enfiou uma mão cheia de gravilha na minha garganta. Respiro fundo.

— Estamos juntos — repito.

Ela parece confusa.

— Nós… porquê?

— Porque estamos. — Uma resposta sem sentido, mas é tudo o que posso dizer. Não quero que isto acabe. Não consigo explicar porquê, mas sei que não quero que isto acabe, porra.

— Tu queres… — A ruga na testa dela aumenta. — Queres estar comigo?

O meu batimento cardíaco torna-se errático. Não tenho uma conversa destas com uma rapariga há anos. Não desde a Miranda. Mas a Allie não é a Miranda. A Allie é… ela é… merda, nem consigo organizar os meus pensamentos confusos. A não ser um. A certeza profunda de que *não* posso deixar que isto acabe.

— Dean?

Aperto-a com mais força e enterro o rosto na dobra do pescoço dela

— Quero estar contigo — murmuro. — Isso quer dizer que estamos juntos, está bem?

Uma gargalhada trémula faz-me cócegas na face.

— Agora estás a assustar-me.

— Estou a assustar-me a mim próprio. — Gemo e levanto a cabeça para afagar o queixo delicado dela com as duas mãos. — Porque é que pediste à Wellsy para me ligar?

A Allie hesita.

— Porque… — Ela morde o lábio. — Porque queria que me dissesses que o Sean está errado. Porque eu precisava… — Ela hesita novamente, como se estivesse tão assustada com isto quanto eu. A incerteza dela deixa-me mais certo.

Esfrego o polegar pelos lábios dela, afagando a pequena marca que ela deixou

com os dentes.

— Também queres. Estar comigo. — Ela fica calada durante tanto tempo que o meu nervosismo regressa. Depois acena com a cabeça. — Diz-me porquê — peço. — Preciso de saber que não é apenas porque o sexo sem compromisso te faz sentir uma galdéria. Que não é só porque estás insegura por causa de tudo o que o Sean disse.

A Allie passa uma mão pela minha face.

— Não é. — As pontas dos dedos dela raspam os pelos da barba incipiente do meu maxilar. — Quero estar contigo porque me parece a decisão certa.

A tensão no meu peito dissipa-se e é substituída por uma estranha vaga de calor que eu não conseguiria explicar mesmo que tentasse. Não falamos depois disso. O que é igualmente estranho, este silêncio demorado e inexplicável que não precisa de ser preenchido. Solto-a apenas para despir a camisola e as calças de ganga. Estico o braço e alcanço a lâmpada da mesinha de cabeceira.

A escuridão cai sobre nós. A Allie mete-se debaixo das cobertas. Sem dizer uma palavra, ela chega-se para o lado, para me dar espaço.

Deito-me atrás dela e passo um braço à volta do seu corpo esguio, puxando-a mais para mim. Ela faz um som de satisfação e encosta o rabo à minha breguilha e as costas ao meu peito. O cabelo provoca-me cócegas no queixo. Adormeço com o som da respiração suave e a batida estável do coração dela na palma da minha mão.

A Hannah e o Garrett estão na pequena *kitchenette* quando saio do quarto da Allie na manhã seguinte. Têm na mão umas canecas cor-de-rosa ridículas: a caneca da Wellsy tem escrito A MELHOR AMIGA DA ALLIE! na parte da frente em letra roxa. A caneca do Garrett diz A MELHOR AMIGA DA HAN-HAN!

Contenho uma gargalhada. Porque é que estou com a sensação de que as canecas personalizadas têm o dedo da Allie?

Uma vez que estou a contar com um interrogatório, não fico admirado quando eles atacam assim que dão pela minha presença.

— Que tipo de jogo estás a jogar com a minha melhor amiga?

— Disse-te *especificamente* para manteres a pila afastada dela, meu.

Sigo o aroma do café acabado de fazer até ao canto estreito. Não são sequer 9 horas. Ainda não estou suficientemente acordado para ter esta conversa.

Infelizmente, o meu esforço consciente para os ignorar não surte efeito. Eles continuam a disparar perguntas na minha direção enquanto me sirvo do café.

— Há quanto tempo isto dura?

— Porque é que não me contaste?

— Porque é que ela não me contou?

— Isto vai estragar a dinâmica do nosso grupo, tu sabes.

— Achas que sim? — A Hannah está agora a prestar atenção ao Garrett. — Se é apenas uma amizade colorida, provavelmente não vai mudar nada.

— A tua amiga não alinha em amizades coloridas. Ela gosta de relações longas.

É a mesma observação que fiz sobre a Allie na viagem até Nova Iorque, mas irrita-me ouvir o Garrett dissecar os hábitos sexuais da rapariga com quem eu namoro.

A rapariga com quem eu namoro. Credo. Nunca pensei dizer *isto*. Mas as coisas são como são e eu decidi deixar-me ir na onda.

— Tenho uma ideia. — Encosto-me à bancada e fico a olhar para eles por cima da borda da caneca. — E se vocês se metessem na vossa vida?

A Wellsy fica de boca aberta.

O Garrett arqueia as sobrancelhas.

Ouve-se uma gargalhada abafada vinda do corredor. Minutos depois, a Allie aparece vinda do quarto principal.

— Bom dia — diz ela, como se nada fosse.

Segue-se uma pausa.

— Bom dia — responde a Hannah.

A Allie aproxima-se da bancada e pega na cafeteira. Quando ela se põe em bicos de pés para retirar uma caneca da prateleira de cima do armário, não resisto a dar-lhe uma palmadinha no rabo.

A Hannah olha para mim.

O Garrett abana a cabeça.

— O que foi? — A minha expressão é inocente.

A Allie bebe o café, depois passa as mãos à volta da caneca e dirige-se a nós.

— Pronto. Vamos falar a sério, malta. — Ela olha para a Hannah. — Eu e o Dean estamos juntos. Pronto. Já disse. Podem começar agora a fazer as perguntas.

A boca da Hannah permanece fechada. Para alguém que tinha tantas perguntas há uns minutos, o silêncio dela é surpreendente. Preocupante. Os olhos verdes perturbados dela dizem-me que ela não está feliz com esta nova relação.

— Não? Não queres que diga nada? — A Allie leva a caneca aos lábios. — Tudo bem.

Escondo um sorriso e viro-me para o Garrett.

— Eu e o Hunter temos uma hora no gelo hoje. O treinador autorizou. Queres vir?

Ele esfrega uma mão sobre o maxilar e coça a barba escura.

— Vais dar dicas ao Davenport? Treinos individuais?

Aceno com a cabeça.

— Ele é ambicioso e esforça-se. Mas acho que lhe vai fazer bem receber umas dicas de outro avançado.

O Garrett acena com a cabeça.

— Sim, eu vou. Não me importo de treinar os remates com ele. Ele cometeu demasiados erros durante o *power play* de Burlington ontem.

— Pelo menos vencemos a porcaria do jogo.

— É verdade. Mas o nosso registo continua péssimo.

— É uma chatice do caraças, meu. Os meus Hurricanes têm um registo melhor e são alunos da escola básica.

— Os *teus* Hurricanes? — Ele esboça um sorriso. — Meu, admite lá. Estás apaixonado por aqueles miúdos.

— Vai-te lixar. Só me divirto a treinar…

— Têm de ir embora! — anuncia a Wellsy, com uma mistura de irritação e desespero no rosto.

O Garrett mostra-se visivelmente magoado.

— Estás a expulsar-me?

— Desculpa, querido. Adoro-te com todo o meu coração, mas está na hora de termos uma conversa de meninas e, da última vez que vi, não tens uma vagina. Como tal, tens de ir embora. — Ela lança-me uma careta. — Tu também, Dean.

Eu sei que não é boa ideia discutir com a Hannah Wells quando ela põe uma coisa na cabeça. Se ela quer que nos vamos embora, temos de ir.

Bebo o resto do café, coloco o copo vazio no lavatório e olho para a Allie.

— Ligo-te mais tarde?

— Sim. — Ela levanta-se e dá-me um beijo leve na face, mas nem pensar que saio daqui sem algo um pouco mais substancial. Prendo o queixo dela na minha mão e inclino a cabeça dela para trás, colando a boca à dela. O beijo que eu lhe dou é profundo e ávido e envolve muita língua, durando o tempo suficiente para deixar a Hannah a guinchar.

— Pronto, já chega! — ordena ela.

Quando eu e a Allie nos afastamos, lanço um sorriso na direção da Wellsy.

— Oh, relaxa, boneca. É só um beijo de língua entre mim e a minha miúda. Ninguém morreu.

A Hannah fica de boca aberta. Depois aponta para a porta e diz:

— *Fora*.

Allie

— A miúda dele? — pergunta a Hannah assim que o Dean e o Garrett fecham a porta. — Explica-te, Allison. Estou a falar a sério. Explica-te.

Engulo um pouco mais de cafeína. Preciso de reiniciar o cérebro, se vamos ter esta conversa agora. Se bem que, para ser sincera, não sei se me *consigo* explicar. Também não consigo explicar o que se passa entre mim e o Dean.

Eu sou a miúda dele?

Ou seja, ele é o meu miúdo?

Porque agora somos um casal?

Resumidamente: não contava que a noite de ontem acabasse como acabou. Depois de o Sean se ter passado completamente e me ter tratado como um

pedaço de merda de cão colado na sola do sapato dele, eu devia estar preparada para rejeitar os homens todos e, sem saber como, acabei com um namorado. Por vezes, a vida é fascinante.

— Quando é que isto aconteceu? — A Hannah suaviza a voz enquanto sonda o meu rosto. — E porque é que não me contaste?

Encolho os ombros, envergonhada.

— Tive vergonha.

— Porque haverias de ter vergonha?

Suspiro e levo o copo de café para o sofá, pousando-o depois. Sento-me sobre as pernas e espero que a Hannah se junte a mim.

— Porque… porque é o *Dean*. O Dean Di Laurentis, o maior engatatão que conhecemos. — Sinto-me mal por dizer isto, mas sempre fui sincera com a Hannah. — Ele é irritante e ridículo e não faz nada o meu género.

Ou pelo menos era nisso que eu acreditava antes de o conhecer melhor. Sim, ele não deixa de ser irritante e ridículo, mas o Dean tem mais camadas do que alguma vez imaginei.

A Hannah contrai os lábios.

— Está bem. Começa pelo princípio. Quando é que isto aconteceu?

— Quando achas? — digo eu, secamente. — Na noite que passei em casa deles.

O rosto dela fica pálido.

— Oh, meu Deus. Então isto é culpa minha? *Eu* é que te fiz isto?

Desato a rir-me.

— Não, eu é que fiz isto a mim própria. Apanhei uma bebedeira e acabei na cama dele. A culpa é toda minha.

— E agora vocês estão juntos? — Ela parece pasmada. — Como é que isso é possível? Tu própria disseste que ele é o maior engatatão que conhecemos. Porque é que concordaste em namorar com ele?

— Porque gosto dele — limito-me a dizer.

— Tens a certeza de que não o estás a usar para superares a separação?

Encolho os ombros.

— No princípio, talvez sim. Não posso negar que a atenção do Dean me fez

sentir bem. Era… diferente da atenção do Sean. O Sean precisava sempre de mim, mas de uma forma que eu não conseguia satisfazer. Nada do que eu fazia era suficientemente bom para ele. Eu deixava-o sempre irritado e desapontado, e uma parte de mim sabia que não fazíamos bem um ao outro, mas… eu gosto de estar num relacionamento. — Aquelas últimas palavras ficam a pairar entre nós como uma bigorna gigante. Nem preciso de olhar para a Hannah para saber qual vai ser a sua pergunta seguinte.

— Tens a certeza de que não estás a meter-te num relacionamento à pressa porque *precisas* de estar num? — O ceticismo dela está a cavar um buraco naquilo que ontem à noite fazia sentido e que esta manhã continuava a fazer sentido.

Abalada, olho para ela.

— Não sei. Tentei dizer que não ao Dean. Depois da primeira noite que fizemos sexo — sexo arrebatador, inesquecível e que não me sai da cabeça —, ele não parava de me mandar mensagens e de me ligar a pedir uma segunda ronda, e eu estava sempre a dar-lhe para trás, até me parecer uma decisão sem sentido. Eu queria-o a ele e ele queria-me a mim, portanto, porque não?

— Mas não conseguiste limitar-te apenas ao sexo?

Gemo.

— Eu tentei, a sério que tentei, mas não faz parte da minha personalidade, Han-Han. E não sei como aconteceu, mas eu comecei a gostar de mais do que apenas a pila mágica dele. — Ela ri-se, mas eu prossigo. — Ele faz-me bem. Ele é um bom ouvinte. É divertido. O sexo é incrível.

Esperem, eu acabei de colocar o sexo em *quarto* lugar na lista? Pelos vistos, sim. Mas isso é porque… bem, porque o sexo já não é a primeira coisa que me vem à cabeça quando penso no Dean. Percorremos um longo caminho desde que éramos apenas dois corpos suados numa demanda pelo orgasmo. Vimos uma novela francesa em que, juntos, só percebemos uma em cada três palavras. Dançámos juntos. Convivemos. Ele conheceu a minha amiga da escola secundária. Ele conheceu o meu *pai*…

— E ele é a primeira pessoa com quem queres falar quando estás transtornada — acrescenta a Hannah, com astúcia.

Junto os lábios. Mesmo que quisesse, não podia negar o que aconteceu ontem à noite. O meu primeiro instinto foi colocar os braços do Dean à minha volta, como se ele fosse a única pessoa que conseguisse tornar tudo melhor. E ele conseguiu. Ele acalmou o meu orgulho ferido, os meus sentimentos feridos, e abraçou-me a noite toda. Não teria dormido um minuto ontem à noite, se ele não tivesse vindo cá.

— Tens medo de que ele me magoe? — pergunto com um suspiro.

A Hannah esfrega a borda do copo de café algumas vezes antes de responder.

— Não. Acho que talvez tenha de me preocupar com o Dean. Ele nunca consolou ninguém. Não estou a dizer que seja egoísta. Ele é um bom amigo. Mas sei que o Garrett ligaria ao Logan antes de ligar ao Dean.

— Não sei porquê — digo eu, irritada. — O Dean daria a camisola que traz no corpo a qualquer pessoa. Sem fazer nenhuma pergunta.

— O Logan é confiável.

— E o Dean não é? Só porque é um pouco obcecado por sexo, isso não quer dizer que seja pouco confiável! — Deixo cair umas gotas mornas de café quando pouso o copo na mesa.

A Hannah desata a rir-se e os sons pouco simpáticos seguem-me até à cozinha, onde eu pego numas folhas de papel para limpar aquilo que sujei.

— Qual é a graça? — pergunto, enquanto atiro as folhas de papel húmidas para o caixote do lixo.

— Tu e a tua defesa inútil do Dean. — Ela levanta-se do sofá e junta-se a mim na cozinha, apertando ao de leve o meu ombro. — Olha, se queres ficar com o Dean, fica com o Dean. Só estou preocupada porque não dormes com rapazes por diversão. Não estou a dizer que dormir com ele pouco tempo depois de teres acabado com o Sean seja errado ou vergonhoso, de forma alguma. Só que *tu* não és assim.

Encosto-me à bancada.

— Eu sei que não sou assim. Estou sempre a dizer isso a mim própria, mas… eu gosto mesmo de estar com ele, bolas.

— Estás apaixonada por ele?

— Não. Não tenho aquele sentimento meloso quando penso nele. Não como

tinha com… — Calo-me. Estava prestes a dizer *não como tinha com o Sean*, mas não me lembro da última vez que me senti apaixonada pelo Sean. Os únicos sentimentos que me lembro de ter eram limitação, irritação, impaciência e, ontem à noite, mágoa.

A Hannah pousa outro copo de café na minha mão.

— Para de pensar demasiado no assunto e vê como correm as coisas.

26

Allie

Na semana seguinte, sigo o conselho da Hannah e tento desligar o cérebro. Eu e o Dean começamos a sair como casal. Não é dito nada de explícito. Não usamos crachás ao peito, mas as nossas interações tornam a relação óbvia.

Quando saímos, ele está sempre a tocar-me, mas não de uma forma que me faça sentir que está a tentar marcar território ou a exibir-se. Ele é uma pessoa bastante física. Se estiver perto dele, ele tem sempre a mão algures no meu corpo. Normalmente tem a palma da mão colada à parte de cima do meu rabo, mas às vezes puxa o meu cabelo para trás e pousa os dedos sobre o meu ombro. Ele beija a minha têmpora, a minha face. Nem por uma vez sinto que me esteja a cortar as asas.

De todos os nossos amigos, o Garrett é o mais preocupado. A Hannah quer que eu seja feliz e, desde que eu esteja a sorrir, ela também sorri. Quanto ao Garrett, ora está preocupado, ora parece aceitar a situação. Está convencido de que o Dean me vai partir o coração, o que acabará por criar uma divisão entre a sua namorada e um dos melhores amigos.

Tentei assegurar-lhe de que sou crescida e que sei lidar com desgostos amorosos, mas depois a conversa acaba por voltar ao Sean, que eu só quero esquecer. O Dean ajuda bastante nisso.

Sempre que não está nas aulas ou no rinque, está comigo. Às vezes, está a ler

um livro enquanto eu ensaio as falas; há alturas em que me ajuda, lendo uma parte comigo. O falsete que adota nessas ocasiões faz-me rir a bandeiras despregadas, por isso normalmente são necessárias algumas tentativas para conseguir terminar uma cena e, quando terminamos, ele está excitado. Com a minha gargalhada, diz ele. Se bem que tenho a impressão de que o Dean estaria sempre pronto para sexo, fizesse eu o que fizesse.

O mais importante é que estamos felizes. Estou feliz como já não estava há muito tempo. O que é de loucos, porra. Se alguém me tivesse dito há seis semanas que eu e o Dean Di Laurentis não só estaríamos a namorar como estaríamos *felizes*, eu ter-me-ia desmanchado a rir.

— O que vais fazer depois do ensaio desta noite? — pergunta o Dean. Ele está na cama, com a cabeça encostada às almofadas, com o cabelo despenteado, como o deus do sexo que é. Volto a olhar para o espelho e desvio o olhar dele, para não enfiar o rímel sem querer dentro do olho.

— Nada. Provavelmente vou buscar o jantar a uma das cantinas. Porquê? O que tens em mente?

— Tenho de tratar de um assunto e depois aluguei algum tempo no rinque para os Hurricanes.

O meu estômago contrai-se um pouco. Não o vou ver esta noite? Obrigo-me a esconder o meu desapontamento. Só porque estamos juntos, não quer dizer que tenhamos de estar colados pela anca.

— Queres encontrar-te para jantar depois? — acrescenta ele.

O meu coração dá um pulo.

— Claro que sim.

— Fixe. Podes vir ter ao rinque? Há um restaurante ali perto de que acho que vais gostar. É um restaurante italiano, mas tem mobília antiga e engraçada alusiva ao cinema. — A mão dele mexe-se por baixo dos cobertores, puxados até à cintura dele.

Acerto com o rímel no olho.

— Importas-te de parar de tocar em ti próprio? — Pouso o tubo de rímel em cima da mesa e pego num papel para limpar o borrão preto que acabei de fazer no canto interior da pálpebra, porque não consigo desviar os olhos do Dean.

— Qual é o problema, querida? Estás com ciúmes? Eu estava a pensar em como estás tão gira. — Ele rebola para o lado. — Fazes um pequeno círculo com a boca quando colocas a maquilhagem nos olhos. Estás basicamente a implorar-me que enfie a pila aí.

Não, não há nada de meloso no meu relacionamento com ele. Lanço-lhe um olhar de incredulidade.

— Acabámos de fazer sexo esta manhã — relembro-lhe. Aplico duas pinceladas rápidas do rímel antes de a mão do Dean conseguir fazer mais estragos debaixo dos lençóis.

— Foi há trinta minutos. Desde então, já tomaste banho, abanaste as mamas e o rabo à minha frente enquanto te vestias e depois fizeste pequenos círculos com a boca que fazem lembrar broches. Por isso, sim, estou excitado outra vez. Processa-me.

Visto o casaco e pouso um joelho sobre o colchão para lhe dar um beijo de despedida.

— Então, vais ter de bater uma, porque eu tenho aulas e não quero chegar atrasada.

Ele beija-me primeiro o pescoço e depois os lábios.

— Vou bater uma agora, para conseguir aguentar mais tempo esta noite.

Caramba. Agora também *eu* estou excitada.

O Dean está no gelo quando eu chego ao pequeno rinque em frente à Escola Básica de Hastings. Sempre pensei que os treinadores ficavam sentados nas partes laterais a dar ordens, mas ele está no meio do rinque, com a atenção centrada numa figura esguia que calça patins cor-de-rosa. *Cor-de-rosa?* Pensava que os Hurricanes eram uma liga masculina.

— Estás a subir demasiado. Mantém-te em baixo para distribuíres melhor o teu peso. — Ele baixa-se tanto que a cabeça dele fica pouco mais alta do que a jogadora miniatura, e o rabo dele toca no gelo.

Olho espantada quando ele patina durante uns metros antes de esticar a perna e dar uma volta. A sua delicadeza no gelo é deveras impressionante.

— Vá lá. Tenta outra vez. — A patinadora avança. — Lembra-te, quando

estás com o corpo direito, fazes pressão sobre a ponta interior e exterior da lâmina. A parte do meio da lâmina fica de fora. — O Dean forma um *U* ao contrário com o dedo. — Tens de usar as pontas para impedir que as tuas pernas se afastem demasiado. Primeiro é estranho, mas garanto que vais apanhar o jeito.

Um patim cor-de-rosa avança a medo, seguido do patim contrário, e o movimento é repetido novamente até a figura passar pelo Dean, que continua agachado.

— Assim está bem? — diz a voz de uma menina. — Estou a fazer bem?

— Estás, sim. — Ele observa-a atentamente a deslizar pelo gelo. — És um talento natural, Koty.

— Quem é a Koty? — pergunta ela.

— Tu és a Koty. Ou talvez, espera… Dakota-y? Toda a gente precisa de uma alcunha.

— Qual é a tua? — A Dakota encosta os punhos pequenos às ancas magras.

— Incrível. Eu sou o Incrível. — Ele pisca-lhe o olho, envolve as mãos dela nas dele e os dois patinam juntos. Ou devo dizer que o Dean patina para trás e a Dakota segue-o agarrada a ele. Os olhos dela mantêm-se colados no rosto dele, dois pontos adoráveis a saborear cada movimento.

Apesar do ar frio do rinque, sinto-me completamente quente. A paciência do Dean para esta menina faz os meus ovários explodirem. Este é um lado dele que nunca vi antes, e que nunca pensei que me abalaria.

Sinto uma doçura dentro de mim, que preenche fendas e buracos que eu nem sabia que existiam, apanhando-me completamente de surpresa.

«*Estás apaixonada por ele?*»

«*Não. Não tenho aquele sentimento meloso…*»

Relembro a conversa com a Hannah e… caramba. O que estou a sentir, então? Como é que tudo o que ele faz me põe a sorrir? Porque é que ele foi a primeira pessoa para quem me virei quando estava desesperadamente perturbada? Porque…

Um assobio forte interrompe os meus pensamentos parvos e eu fico grata pela interrupção. O som daquilo que parecem ser cem *sticks* a bater no gelo enche o rinque. Reparo numa linha de pequenos jogadores de hóquei na outra ponta do

rinque.

O Dean faz-lhes sinal e eles avançam à sua ordem, criando uma parede de gelo quando se detêm na linha central.

— Enquanto a Dakota treina a patinagem, quero que se dividam em dois grupos. O primeiro grupo vai transportar o disco, dirigir-se à linha azul e depois voltar. O segundo grupo vai ficar no meio do gelo. Não podem tentar roubá-lo. Têm de ficar simplesmente ali. Quando o primeiro grupo regressar da linha azul, trocam. A parte mais importante do exercício é manterem a cabeça levantada.

O Dean organiza os rapazes que vão servir de obstáculos em vários pontos do gelo e depois mantém-se no meio da ação enquanto a equipa se divide em dois e começa a subir e a descer o gelo, contornando os colegas de equipa.

— Ele está a fazer um ótimo trabalho com eles — diz-me uma voz masculina grave. Viro-me e vejo um homem mais velho a juntar-se a mim nas bancadas.

— O Dean? — pergunto. O homem acena com a cabeça. — Sim. Ele parece estar a divertir-se.

— E está. Sou o Doug Ellis.

Damos um aperto de mãos.

— Allie Hayes. Amiga do Dean. Ele gaba-se de que os Hurricanes estão a sair-se lindamente este ano. Melhor do que a equipa dele.

O Ellis ri-se.

— A Briar não vai voltar a aparecer no Frozen Four este ano, o que é uma pena. Como é que o Dean está a lidar com isso?

— Bem, presumo eu. Ele quer vencer, mas… acho que a vida dele não se resume ao hóquei. Ele pretende ir para a Faculdade de Direito para o ano. — O Dean não fala sobre tornar-se jogador profissional, como o Garrett. Do que percebo, ele adora o jogo, mas o jogo não o define, o que me agrada. Por vezes, a conversa do Garrett sobre o hóquei torna-se muito cansativa. Não sei como é que a Hannah lida com isso, mas diria que, quando estamos apaixonados, essas coisas passam-nos ao lado.

Ao meu lado, o Ellis suspira.

— Parece-me uma pena a Faculdade de Direito. Ele tem professor escrito na testa.

Ficamos a ver os jogadores a executarem o exercício enquanto o Dean fala com alguns dos patinadores que não são tão rápidos ou perfecionistas como os colegas de equipa. Ele não levanta a voz, mas os miúdos escutam-no atentamente. Dá-lhes uma palmadinha na cabeça ou nas costas antes de os deixar ir.

— Tem um filho a jogar? — Inclino a cabeça na direção do gelo.

— Já não. Tenho um filho que jogou nos Hurricanes, mas agora está na escola secundária. Um dos outros professores de Educação Física ofereceu-se para me substituir depois de o Wyatt sair da escola, mas eu recusei-me a ceder o lugar de treinador. Os miúdos desta idade são especiais. Têm fome de aprender, ainda pensam que uma figura de autoridade está aqui para os ajudar, e não para os prejudicar, e uma ameaça de processo disciplinar é tão eficaz quanto o castigo em si.

— Deduzo que nos anos seguintes tudo piore, não?

— Nem fazes ideia. — Ele abana a cabeça, desanimado. — Quanto mais velhos são, mais acham que sabem. Já o Dean tem o toque. Já tive miúdos mais velhos a virem aqui só para o ouvir falar com os Hurricanes. E não são só os miúdos que gostam dele. — O Ellis aponta para a Dakota. — Aquela menina admira-o como se ele fosse o dono do mundo, e já olhava para ele assim antes mesmo de ele lhe ter dado os patins cor-de-rosa. Ele é paciente e fala com os miúdos como se eles fossem importantes. Isso vê-se pouco nos universitários. Caramba, esse comportamento vê-se pouco nos adultos. — O Ellis encolhe os ombros. — Se o Dean quisesse treinar, ele seria excelente, mas passar os dias com alunos da escola básica não é um trabalho tão glamoroso como ser advogado.

— O Dean não escolheu advocacia por ser glamorosa — protesto, sentindo a necessidade de o defender novamente.

— Então devias falar com ele sobre ser professor, ou treinador, qualquer coisa que envolva um trabalho com os miúdos. Ele foi feito para isso. — O Ellis começa a levantar-se, mas eu impeço-o.

— Porque está a dizer-me isto?

— Porque também olhas para ele como se ele fosse o dono do mundo. E tenho a impressão de que ele pensa o mesmo de ti. — O Ellis inclina a cabeça e

vai-se embora, patinando para se juntar ao Dean e aos rapazes no gelo.

Dean

— Porque é que tu e o Doug estavam com um ar tão sério? — espicaço-a, entrelaçando os dedos nos dedos da Allie enquanto atravessamos o parque de estacionamento em direção ao meu carro. Clico na chave. — Por favor, não me digas que ele estava a atirar-se a ti.

Ela empalidece.

— Oh, meu Deus, não. Em frente às crianças? Isso seria muito inapropriado.

Não consigo deixar de me rir. Para alguém que é tão livre e solta na cama, a obsessão dela com propriedade e rótulos é um pouco ridícula.

— Então, o que é que ele queria?

Entramos no carro. A Allie ainda não respondeu à pergunta e os meus lábios franzem-se. Pronto, agora começo a pensar que ela me mentiu e que o treinador Ellis estava *mesmo* a atirar-se a ela. Mas ela abre a boca e surpreende-me ao dizer:

— Ele acha que devias ser professor.

Arqueio as sobrancelhas.

— Ele disse isso?

Ela acena com a cabeça.

— Professor ou treinador, ou qualquer coisa que te permita trabalhar com crianças. Foram essas as palavras dele. Pessoalmente, acho que devias ponderar ser professor de Educação Física. Assim podes soprar o apito e usar aqueles calções de ginástica curtos. O teu rabo ficaria espantoso neles. — Um ligeiro sorriso assoma-lhe aos cantos da boca. — De qualquer forma, acho que o Ellis viu o teu «algo».

— O meu algo?

— Isso aconteceu-me quando tinha 12 anos — explica ela. — Fui à minha primeira audição e a diretora do *casting* disse que via «algo» em mim. Foi isso que me convenceu a continuar a fazer audições e seguir uma carreira na representação.

Rio-me.

— Sim, mas tu já tinhas talento, querida. Tudo o que eu fiz hoje foi dar uma aula de patinagem a uma miúda e fazer uns exercícios de hóquei com os miúdos.

O que foi muito divertido, não posso negar. Mas a ideia de fazer carreira a correr num ginásio e a soprar um apito a miúdos é… disparatada. É disparatada, não é?

— Não sei… — diz a Allie, provocadora. — Talvez os jogos do mata sejam o teu destino. Ou treinar, pelo menos. Serias um treinador incrível. Adoras trabalhar com aqueles miúdos.

É verdade. Mas… oh, por amor de Deus, porque é que isto é sequer um tema de debate? Vou para a Faculdade de Direito no próximo outono.

Ligo o carro e faço inversão de marcha para sair do parque de estacionamento, mudando de assunto antes que a Allie tenha oportunidade de me espicaçar outra vez.

— Como correu o ensaio?

— Bem, por acaso. A Mallory decorou o ato final, por isso o Steven ficou contente. Mas ainda estou um pouco preocupada.

— Porquê?

— Vamos fazer uma pausa de três semanas durante as férias. E se ela apanhar um coma de *eggnog* e se esquecer das deixas?

Rio-me.

— Tenho a certeza de que vai correr tudo bem. Quando é a noite de estreia?

— Na primeira semana de fevereiro. — Ela faz uma pausa. — Nessa altura provavelmente já saberei se consegui o episódio-piloto da Fox.

Não há entusiasmo na voz dela e eu contemplo-a com a sobrancelha franzida. Ela disse-me que enviou uma cassete de audição aos produtores em Los Angeles, mas, fora isso, não mencionou o papel, e eu acho que nem sequer ligou ao agente para saber notícias.

Mas ela deve querer saber se há notícias, não? Não sei muito sobre o mundo do espetáculo, mas um episódio-piloto da Fox parece-me uma excelente oportunidade.

— *Queres* o papel? — pergunto, lentamente.

A hesitação dela revela mais do que qualquer outra coisa que ela pudesse dizer.

Carrego no travão quando nos aproximamos de um semáforo vermelho.

— Fala comigo, linda. O que te incomoda neste projeto?

A Allie encolhe os ombros.

— Só não estou apaixonada pelo papel. E… bem, ultimamente, tenho pensado em manter-me afastada de comédias e encontrar papéis mais dramáticos. Ou talvez encenação. Talvez em Nova Iorque.

A confissão surpreende-me, mas, quando paro para pensar nisso, torna-se óbvio de onde vem.

— Queres ficar perto do teu pai.

Ela vira-se para mim com os olhos azuis tristes.

— Sim, em parte. Ele está a ficar pior e não me agrada a ideia de viver na ponta oposta do país. E se lhe acontece alguma coisa e ele precisa de mim? Teria de assinar um contrato. Não posso propriamente chegar ao pé dos produtores e dizer: «Desculpem, mas tenho de ir a Nova Iorque durante umas semanas. Filmem sem mim.»

— E porque não contratas uma enfermeira? — sugiro.

— Nem pensar. Ele nunca aceitaria. Dei essa ideia no ano passado. Não era algo que ele precisasse na altura, estávamos apenas a discutir opções para o futuro, mas ele passou-se da cabeça. Disse que conseguia tomar conta de si próprio, muito obrigado.

Contenho um sorriso, porque quase consigo ouvir a voz mal-humorada do Joe Hayes na minha cabeça a proferir essas palavras.

Ela morde o lábio.

— É verdade. Neste momento, ele consegue tomar conta de si próprio. Mas a fraqueza das suas pernas está muito pior do que no ano passado. Tal como a visão. Por enquanto, usa uma bengala, mas e se vier a precisar de uma cadeira de rodas? E se ele tiver uma paralisia? Cegueira? Se isso acontecer, ele *vai* precisar de alguém. Talvez não durante vinte e quatro horas, mas eu não gosto da ideia de ele estar sozinho em Brooklyn.

Estico o braço para lhe apertar a mão. Está fria. A tremer. Ela está assustada, apercebo-me disso. Tem medo de perder o pai, tal como já perdeu a mãe. Não

sei o que dizer para a fazer sentir melhor, porque a verdade é que ela tem motivos para ter medo.

Os meus pais são saudáveis e ativos, por isso não passo muito tempo a preocupar-me com a morte deles. Quando estou com eles, não vejo uma nuvem de desastre a pairar sobre as suas cabeças.

Mas o Sr. Hayes sofre de uma doença que está lentamente a atacar-lhe o sistema nervoso. Há anos que lida com ela, enquanto a única coisa que a filha pode fazer é ver a progressão da doença, incapaz de a travar.

Credo. De repente, fico admirado com a força dela. Só neste momento é que percebi como esta situação deve ser difícil para a Allie.

— Não falemos mais sobre isto. Estou a ficar transtornada. — A voz dela treme antes de se tornar firme. — Diz-me lá como é este restaurante aonde me levas.

Depois do jantar, vamos até minha casa. Ontem dormi na residência da Allie, por isso esta noite é a vez de ela ficar em minha casa. Temos um acordo bom e justo, a não ser nas vezes em que a Allie joga a cartada da vagina, e nesse caso o acordo passa a ser *fazer o que a tua namorada quer*.

A minha namorada. Cum caraças. Ainda me custa a acreditar. Mas não me estou a queixar. Eu e a Allie divertimo-nos à brava. Também fazemos regularmente sexo escaldante e suado. Por isso, estou a tentar concentrar-me nisso e a não pensar demasiado no resto.

É uma pena que os meus amigos não consigam fazer o mesmo. O Garrett está convencido de que vou fazer alguma coisa para estragar a relação e de que esta vai acabar numa bola de fogo enorme que vai rebentar nas nossas caras. Às vezes gostava que ele me desse mais crédito.

Diz o homem que quase levou alguém ao suicídio.

A recordação dolorosa provoca-me um aperto no coração, evocando a memória da Miranda, das lágrimas dela e das chamadas noturnas nas quais ela ameaçava matar-se, acusando-me de lhe ter arruinado a vida.

Cristo. Fico agoniado sempre que me permito pensar nisso, por isso afasto as recordações indesejadas. Apercebo-me de que ela nunca aceitou o meu pedido de

amizade. Diria que não me surpreende muito.

Eu e a Allie entramos no corredor estreito da minha casa, que cheira quase tão bem como o restaurante de onde viemos. O Tucker deve estar em casa.

— Tuck? Onde estás?

— Na cozinha. — É a resposta vaga dele.

Dispo o casaco e penduro-o no bengaleiro de parede. A Allie faz o mesmo, antes de se dobrar para descalçar as botas de pele. Dou-lhe uma palmada no rabo e depois sorrio quando ela me faz uma careta.

— O que estás a preparar? — pergunto ao Tucker.

— Sopa — responde ele. — E estou a fazer pão.

Suspiro.

— Às vezes preocupo-me com ele — digo eu à Allie. — Quanto mais doméstico fica, maior o risco de o pénis lhe cair.

Ela olha-me com desaprovação.

— Sacana sexista.

— Acho que o que querias dizer era sacana sexy — digo eu, de modo útil.

— Não, eu disse bem da primeira vez.

Avançamos para a sala de estar quando a porta da frente se abre atrás de nós. Dou meia-volta e tenho literalmente um segundo para reagir antes de um tornado loiro avançar rapidamente na minha direção e se lançar a mim.

— *Surpresa*! — grita o tornado, abrindo os braços e passando-os à volta do meu pescoço. — Adivinha quem vem passar o fim de semana aqui!

Estou tão atordoado que retribuo o abraço por instinto. Pelo canto do olho, vejo a boca da Allie revirar-se numa careta. Merda. Imagino a conclusão que ela está a tirar neste momento e preciso de esclarecer tudo, rapidamente.

Quando a Allie pigarreia de propósito, a intrusa vira a cabeça e diz:

— Oh. Olá. E quem és tu?

— A namorada do Dean — responde a Allie, tensa. — E quem és *tu*?

Em vez de responder, a Summer vira-se para mim novamente.

— Tens uma *namorada*? Mas que raio, Dicky! Porque é que eu sou sempre a última a saber destas coisas?

A Allie faz um som. Acho que é um guincho.

— Acabaste de chamar *Dicky* ao meu namorado?

— E daí? — desafia-a a Summer.

Intervenho rapidamente antes que comece uma luta. Quer dizer, de um modo geral, as lutas são sexy, mas não quando uma das pessoas é minha parente.

— Summer, esta é a Allie. Allie, esta é a Summer. — Suspiro. — A minha irmã mais nova.

27

Allie

Estou irritada comigo mesma por não ter percebido mais cedo. Claro que esta rapariga linda e vibrante é irmã do Dean. Agora que recolhi as minhas garras, consigo ver claramente a parecença.

O cabelo da Summer é do mesmo tom de loiro e os olhos dela têm a mesma cor verde. É mais baixa do que o Dean, mas mais alta do que eu. Tem pelo menos um metro e setenta e cinco, se tivesse de adivinhar.

— O que estás aqui a fazer? — O Dean dirige a pergunta à irmã, que não fica minimamente incomodada.

— Eu disse-te que vinha visitar-te, lembras-te?

— Não, tu disseste que *querias* visitar-me. — Ele faz um som de desagrado. — Não podes simplesmente aparecer em casa das pessoas sem as avisar, Summer. E se eu não estivesse em casa?

— Mas estavas. — Ela esboça um sorriso. — E agora estou aqui. Estás a ver? O Universo nunca falha.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— E por acaso o Universo disse que eu tenho um jogo amanhã fora da cidade? E que o autocarro parte às oito da manhã? E que eu só devo regressar à meia-noite?

Os olhos da Summer enchem-se de desilusão.

— Merda. E eu parto no domingo de manhã cedo. — Ela fica calada por instantes, mas depois a expressão dela anima-se. — Não há problema. Significa que temos de pôr a conversa toda em dia esta noite. Onde é que guardo a mala?

Levo a mão à boca para abafar uma gargalhada. Estou com a sensação de que não há nada neste planeta que consiga desanimar a Summer Di Laurentis. Ela parece o tipo de miúda que adormece com um sorriso.

O Dean fala numa voz tensa, como se visse a visita surpresa da irmã como um grande inconveniente.

— Tinha planos para esta noite, macaquinha.

Macaquinha?

— Os planos mudam-se — diz ela, em tom de brincadeira. — E agora os teus planos incluem-me. — Os olhos verdes dela viram-se na minha direção. — Não te importas que eu passe tempo contigo e com o Dicky esta noite, pois não, Namorada?

A gargalhada que eu estava a tentar conter escapa-me da boca. Na verdade, é mais um ronco, porque, oh, meu Deus, porque é que ela o trata por *Dicky*?

— Não me importo nada — asseguro-lhe. Olho fixamente para os olhos irritados do Dean e acrescento: — Vais explicar a alcunha ou eu devo criar a minha própria história?

A Summer lança-me um sorriso.

— É uma das minhas histórias menos interessantes, por acaso. Não conseguia pronunciar o nome dele quando era pequena. E eu chamava Nicky ao nosso irmão mais velho, o Nick, por isso substituí a primeira letra e *voilà*… ficou Dicky. — Ela pisca-me o olho em jeito de conspiração. — Ele odeia.

Eu não o censuro. Consigo imaginar uma rapariga espevitada como a Summer a divertir-se a valer a atormentar o irmão mais velho com a alcunha embaraçosa.

— Então, o que vamos fazer esta noite? — pergunta a Summer, ansiosa. Atira o cabelo loiro comprido por cima de um ombro e faz um pequeno rodopio. Valha-me Deus. Esta rapariga tem demasiada energia. — Há alguma discoteca aqui perto? Um bar? Eu trouxe o meu cartão de identificação falso, por isso…

— Então é melhor passares-mo para cá — interrompe o Dean. — Porque nem penses que vou acobertar uma menor.

A irmã dele solta um ronco.

— Nem me venhas com tretas. Apanhavas bebedeiras quando tinhas 13 anos.

— Eu era muito maduro para a minha idade.

— Não és maduro para a tua idade *agora*.

— Pelos menos não fui eu a ser expulso da Brown por incendiar togas.

— Não fui expulsa da Brown e *não* incendiei nada.

— E como é que eu posso saber? Não faço ideia do que fizeste para seres expulsa, porque ninguém na família me conta porra nenhuma.

— Eu não fui expulsa!

A minha cabeça começa a andar à roda, de olhar de um lado para o outro. Os irmãos são todos assim? Se assim é, fico contente por ser filha única. Toda esta troca de argumentos parece cansativa.

— E se parares de gritar comigo — resmunga a Summer —, talvez possamos sentar-nos como adultos e eu digo-te porque é que estou de castigo. — Ela abana uma mão com as unhas pintadas. — Mas falemos disso mais tarde. Apetece-me festa. Achas que alguma das residências vai organizar uma festa esta noite? Espera, o que estou para aqui a dizer? Claro que vai haver uma festa na Greek Row. É a única forma de esses pervertidos darem uma queca, não é?

Contenho outra gargalhada.

O Dean está mais irritado do que alguma vez o vi, com os punhos cerrados ao lado do corpo como se estivesse a tentar não esganar a irmã.

— Não vamos a uma festa esta noite. Já te disse. Tenho de me levantar cedo para apanhar o autocarro. O que significa que vamos ficar em casa. Uma agradável noite caseira — conclui, firmemente.

Claro que quando ele diz isto a porta da frente abre-se novamente e entram quatro jogadores de hóquei. Ou antes, três jogadores de hóquei e um civil, porque embora conheça o Logan, o Fitzy e o Hollis, não reconheço o quarto rapaz. Tem cabelo escuro espetado e parece demasiado pequeno para ser jogador de hóquei.

— Olá. — O Logan cumprimenta-nos com um aceno de cabeça e despe o casaco. O corredor não é suficientemente grande para caber tanta gente, e eu dou

por mim apertada contra a parede quando os rapazes entram.

— Esta é a minha irmã — diz o Dean, num tom resignado que me obriga a esconder um sorriso.

Os rapazes acenam com a cabeça e cumprimentam-nos, mas estão com pressa para chegar à sala de estar. O Logan relanceia-nos por cima do ombro.

— O Morris conseguiu uma versão demo do mais recente *Mob Boss*. Ainda nem chegou ao mercado. Provavelmente vamos deitar-nos tarde.

Ao meu lado, a Summer esboça um sorriso largo.

— Não se deitem muito tarde. O autocarro parte às oito de amanhã — recorda o Dean ao colega de casa.

O Logan encolhe os ombros.

— Eu durmo no autocarro. — E depois desaparece na sala de estar.

A Summer está praticamente a vibrar de entusiasmo. Aproxima-se de mim e pergunta baixinho:

— Quem era *aquele*?

Franzo a testa.

— Referes-te ao Logan? Ele vive aqui. Mas não te ponhas com ideias. Ele tem namorada.

— Não me referia a ele. — Ela abana a mão para descartar a minha resposta. — O grandalhão com as tatuagens. Não apanhei o nome dele.

— Oh. O Fitzy. Colin Fitzgerald — clarifico. — Um dos colegas de equipa do teu irmão.

Os olhos verdes da Summer cintilam. Agita novamente as madeixas loiras e anuncia:

— Eu quero-o.

— Summer! — diz o Dean, irritado, enquanto eu tento desesperadamente não me rir.

— O que foi? Só estou a ser sincera. — A irmã dele pisca os olhos de modo inocente. — Sê sincera ou sê uma idiota, foi o que me ensinaste quando eu tinha 12 anos, lembras-te? Depois de eu ter roubado a tua t-shirt favorita e a ter deixado cair sem querer no esgoto?

— Como é que se deixa cair *sem querer* uma t-shirt no esgoto? — pergunto.

— Não a estava a usar. Caiu-me da mochila. — Ela sorri para o Dean. — E depois eu menti sobre o que aconteceu e tu deste-me um sermão sobre a sinceridade, lembras-te? Bem, parabéns, Dicky. Agora sou sempre sincera. — Ela aponta o dedo para a porta da sala de estar. — Aquele é o pedaço de homem mais jeitoso que *alguma* vez vi. E eu quero-o.

— Um dia destes, vou matar-te durante o sono — diz o Dean à irmã. — Juro por Deus.

O sorriso dela é o epítome da doçura.

— Oh, Dicky, nunca farias uma coisa dessas. Queres saber porquê?

— Porquê? — resmunga ele.

— Porque me amas.

Para ser sincera, acho que também a amo.

Dean

Estou apavorado com o que vou encontrar quando chegar a casa esta noite. Apesar de estar fora umas meras dezasseis horas, sei que a Summer Heyward-Di Laurentis é capaz de fazer danos dignos de um terramoto em dezasseis minutos.

Quando ela tinha 13 anos, eu e o Nick estávamos sozinhos em casa com ela. Virámos costas por vinte minutos, no máximo, e, quando entrámos na sala de estar, o armário das bebidas estava revirado, com vidros partidos por todo o lado, e a Summer sorriu para nós e disse: «Ups.»

Confessou que queria provar álcool, para perceber porque é que todos gostavam tanto, e acabou por destruir garrafas que valiam milhares de dólares.

Claro que agora já tem 20 anos. Mas eu confio nela? Claro que não. Só espero que a Allie consiga encontrar uma forma de a controlar. E, sim, eu recrutei a minha namorada para tomar conta da minha irmã hoje. Nem pensar que ia deixar a Summer à solta no *campus* sem uma acompanhante.

Durante a viagem de cinco horas até Scranton, a Allie vai-me enviando

mensagens a contar como está a correr o dia, juntamente com comentários sobre como a minha irmã é espetacular e mensagens de OMD! sempre que a Summer revela um pormenor embaraçoso da minha infância.

Allie: Estamos a tomar o pequeno-almoço no café.
Allie: OMD! A tua primeira palavra foi «maminha»? Porque é que isso não me surpreende??
Allie: Vou levar a S ao cabeleireiro. Ela quer uma manicure.
Allie: Tens medo de agulhas de tatuagens?? A S acabou de me contar que quase fizeste uma tatuagem quando tinhas 18 anos, mas que acabaste por desistir porque tiveste medo. Bwahahahahaha.

Porra, odeio a minha irmã.

O meu telemóvel fica no balneário da equipa de visitante durante o jogo e nem os olhares gélidos e as críticas veladas do O'Shea me conseguem desmoralizar hoje, porque saímos do rinque no fim do terceiro período com uma vitória do nosso lado.

O meu bom humor segue-me para fora do rinque até ao autocarro, onde me sento para fazer a longa viagem, aliviado pelas últimas mensagens que leio.

Allie: Vamos a Boston almoçar. A S quer ir às compras.
Allie: Almoço incrível. Vamos agora para casa.
Allie: Oh, está a nevar! Eu e a S vamos dar um passeio.
Allie: Em casa. Numa conversa de miúdas. Diz ao Tuck que a sopa de tomate dele é ótima.
Allie: Vi no Twitter que venceram o jogo! BOA!
Allie: Maratona de filmes. Pus o telemóvel em silêncio. Vemo-nos quando chegares a casa.

A última mensagem chegou por volta das oito. Ainda bem. Espero que isso queira dizer que a Allie e a Summer estão enfiadas debaixo de um cobertor na sala de estar a ver um filme e não a arranjar problemas.

A Allie tinha razão. Está a nevar. Quando o autocarro atravessa a fronteira estatal em direção a Massachusetts, de repente começam a cair flocos de neve do outro lado do vidro. Eu adoro o inverno, por isso aprovo totalmente a vista.

É perto da meia-noite quando chegamos ao nosso rinque. Vou para casa de carro com o Tuck, e o Garrett e o Logan vão para as residências para passarem a noite com as namoradas.

Dez minutos depois, paro na entrada. Não há uma única luz em nenhuma das janelas, mas vejo luzes de televisão por detrás das cortinas da sala de estar.

O corredor está às escuras quando entramos. Avanço à frente do Tucker, descalço os sapatos e procuro o interruptor.

Não tenho a oportunidade de ligar a luz, porque o silêncio é quebrado por um guincho capaz de gelar o sangue.

Antes de conseguir reagir, sou banhado da cabeça aos pés por aquilo que parece ser uma onda de líquido morno. Chega-me aos ouvidos um outro grito, e eu estou com dificuldade em perceber que raio se está a passar quando algo duro me bate na têmpora esquerda.

Crack.

Sinto uma forte dor na cabeça e caio no chão como uma saca de batatas.

28

Dean

Facto número 1: a esquadra de polícia de Hastings tem cerca de oito agentes.

Facto número 2: acho que todos eles estão na minha casa neste momento.

— Quer apresentar queixa? — O agente responsável está debruçado sobre a Allie como um urso protetor, com um ar de desdém no rosto, enquanto me lança um olhar acusatório.

Do local onde estou, no primeiro degrau das escadas, olho diretamente para ele. O paramédico que analisa a minha têmpora faz um som de reprimenda quando eu viro a cabeça na direção oposta, mas eu ignoro-o. Porque o que está a acontecer agora é ridículo.

— Se há alguém que devia apresentar queixa, era eu — digo eu, incrédulo.

O polícia levanta uma mão para me calar.

— Estamos a falar com a menina Hayes, senhor.

Oh, sim. A menina Hayes. A maluca que por acaso é minha namorada. A mestre de kung-fu que me deixou inconsciente com um pisa-papéis do Wayne Gretzky.

Mas pelo menos as luzes estão acesas. Assim todos e as respetivas mães podem testemunhar a minha desgraça.

— Está a falar com a pessoa errada — murmuro com os dentes cerrados. —

Fui eu que fui atacado.

Uma das agentes semicerra os olhos na minha direção.

— Pelo que conseguimos perceber, as jovens é que são as vítimas. — Ela aponta para o chão. — Encontrámo-lo deitado numa poça de sangue…

— Era sopa! Sopa de tomate!

— … e a gritar obscenidades para a menina Hayes e a menina Di Laurentis.

— Porque elas me deixaram *inconsciente*.

— Elas claramente sentiram que era uma ameaça, uma vez que tomaram medidas para o incapacitar — diz outro agente, descontraidamente. Ele comprime os lábios, fazendo erguer o bigode de predador sexual.

Oh, meu Deus. Vou esganá-las. Assim que os polícias se forem embora, vou *esganá-las*, porra.

— Caro senhor, estamos a conduzir um inquérito — diz o agente responsável, bruscamente. — Não intervenha a não ser que lhe peçam.

Encostado à parede a uns metros de distância, o Tucker ri-se tanto que parece que vai fazer chichi nas calças. Ri-se em silêncio, fazendo vibrar os ombros largos e manchando as faces de vermelho.

Pelo menos a Allie tem a decência de parecer envergonhada. A Summer só parece entediada.

— Eu exagerei — confessa a Allie.

— Explique-nos o que aconteceu — pede a agente, delicadamente.

Cerro os molares quando a Allie respira fundo. Entretanto, o paramédico que está ao meu lado apalpa-me a nuca como se pretendesse fazer-me vir.

— Tinha acabado de aquecer uma tigela de sopa na cozinha. Não estava muito quente, porque eu prefiro a sopa morna, caso contrário queima-me o céu da boca e eu odeio quando isso acontece. — Ela suspira. — Desculpe, isso é irrelevante. Eu ia para a sala de estar. As luzes estavam todas desligadas porque estávamos a ver um filme. Ouvi passos junto à porta da frente e, de repente, alguém entrou como se vivesse aqui…

— Eu *vivo* aqui — digo.

A Allie evita o meu olhar furioso.

— Pensei que era um intruso.

— Um intruso com uma chave de casa? — pergunto eu, com sarcasmo.

Os polícias olham novamente para mim. Fecho a boca.

— Atirei a tigela para cima da cabeça dele e peguei na primeira arma que encontrei. — Ela aponta para o pisa-papéis do Gretzky que usamos para prender o correio em cima da mesa do corredor para não voar sempre que alguém abre a porta da frente. Agora está no chão de madeira ao lado de uma poça enorme de sopa de tomate. Fico admirado por os polícias não terem colocado bandeiras de provas em volta dela.

— Não foi culpa do Dean — insiste a Allie. — A sério, a culpa foi toda minha. Eu assustei-me sem motivo. — Ela olha finalmente para mim. — Estão a ver? É por isso que não gosto de filmes de terror! Vemos *um* filme de terror quando somos crianças e de repente todos os que nos entram pela porta são assassinos em série.

— Estás a gozar comigo? Viste um filme de terror com a minha *irmã,* mas não comigo? Obrigaste-nos a ver o filme sobre *cancro*!

— Dicky — diz a Summer. — Estás a ser resmungão.

Olho para a minha irmã com força suficiente para a fazer encolher.

— Não quero ouvir uma palavra vinda de ti — digo eu, bruscamente. — E não penses que eu não te senti a dares-me um pontapé antes de eu perder os sentidos. Quem é que faz uma coisa dessas, Summer? Quem é que dá um pontapé a um homem quando ele está no chão?

Pelo canto do olho, vejo o Tucker a sentar-se no chão. Escondeu o rosto nas mãos, a tremer de riso.

O paramédico bloqueia a minha linha de visão agachando-se à minha frente.

— Preciso de ver se tem algum traumatismo.

Oh, por amor de Deus.

Ele pega numa lâmpada de diagnóstico e ofusca-me com ela. A Allie coloca-se atrás dele, com a preocupação estampada na testa.

— Oh, não. Ele tem um traumatismo? — Ela ajoelha-se e toca-me no braço. — Precisamos de ligar ao teu treinador?

A pergunta dela chama a atenção do polícia responsável.

— O teu treinador? Merda. És um dos rapazes do Jensen?

Aceno com a cabeça, irritado. Continua a apetecer-me dar cabo destes idiotas, por me tratarem como suspeito em vez de vítima.

— Diz lá como te chamas outra vez.

— Dean Di Laurentis.

— Oh, sim, já o reconheço. — Ele parece entusiasmado. — Foi uma bela vitória no Frozen Four na época passada, miúdo. Jogaste bem.

O agente do bigode levanta-se.

— A equipa anda pelas ruas da amargura ultimamente. O que se anda a passar?

— Mas aquele miúdo, o Davenport, é *rápido* — diz outro agente. — Há hipótese de o Jensen o colocar na linha do Graham?

Nos dez minutos seguintes, os agentes falam sobre a equipa e as nossas hipóteses de vencermos outro título nacional, enquanto o paramédico me obriga a aguentar o desnecessário protocolo de traumatismos até finalmente determinar que não preciso de ir às urgências. Depois de recolher os materiais, ele e os polícias saem de casa. Assim que saem, eu levanto-me.

As minhas meias húmidas salpicam desconfortavelmente a cada passo. Todo o meu torso está vermelho e a sopa de tomate pinga do meu cabelo enquanto eu me dirijo às raparigas. Quer dizer, à Allie, a pessoa que usou a arma que me deixou inconsciente.

— Vou tomar um duche — anuncio. — E quando sair, tu e eu vamos ter uma conversinha sobre a tua insanidade.

As faces dela ficam vermelhas.

— Desculpa, está bem? Já admiti que exagerei.

— Achas? — Apoio-me num pé e depois no outro para descalçar as meias nojentas. — Estou a falar a sério. Ainda estou chateado contigo, por isso espero que estejas à minha espera no meu quarto quando sair do chuveiro.

— O que vais fazer, bater-me?

Rosno.

— Não me tentes, querida.

— Que nojo — diz a Summer. — Não discutas os teus jogos sexuais de sadomasoquismo em frente à tua irmã.

Aponto-lhe o dedo.

— Nem. Mais. Uma. Palavra. — Olho para o Tucker, o traidor que estava a divertir-se a valer com a minha infelicidade. — Acompanha a Summer ao quarto do Garrett e arranja uma forma de a trancar lá dentro.

O Tuck ri-se. Mas ele estica-lhe a mão.

— Vá lá, maninha, vamos deixar o coitado do homem sozinho. Ele já levou o suficiente hoje.

Allie

Não sou tão orgulhosa que não admita quando meto a pata na poça.

Esta noite, meti a pata na poça a valer. Não só ataquei o meu namorado com um pisa-papéis como liguei para a polícia, porque, por segundos, fiquei genuinamente preocupada com a possibilidade de o ter matado.

Sinto-me pessimamente. Mal o suficiente para estar disposta a deixar o Dean gritar comigo durante o tempo que quiser, e é por isso que estou sentada na ponta da cama como ele mandou.

— Olhem para isto… ela ouve — goza o Dean quando entra no quarto.

Ele deixa cair a toalha e encaminha-se para o roupeiro. Enquanto veste um par de boxers pretos, eu fico a aguardar por um sermão que não vem.

— Pensava que ias gritar comigo — relembro-lhe.

Ele esfrega a parte lateral da cabeça e geme baixinho.

— Mudei de ideias. A minha cabeça está a dar cabo de mim.

Sou percorrida por uma sensação de alarme.

— Isso não é bom. É melhor irmos às urgências?

— Não. Estou bem, Allie-Gata. — A culpa continua a consumir-me o estômago enquanto o vejo a esfregar a têmpora. — Há anos que não me batem com esta força, e eu *jogo hóquei* — resmunga ele. — És estranhamente forte, sabias disso?

— Eu sei. — Faço um ar envergonhado. — Eu disse-te que o meu pai me obrigou a ter aulas de autodefesa.

— Parabéns ao teu pai por se ter certificado de que sabias proteger-te. E que se vá lixar por te ter transformado numa arma mortal. — Ele geme novamente. — Não acredito que me derrubaste daquela forma. Tens sorte por eu te amar, querida. Se fosse outra rapariga a fazer-me isto…

— Amas-me? — pergunto.

O Dean cala-se a meio da frase. Por um segundo, ele parece genuinamente confuso, como se não soubesse do que estou a falar. Como se não soubesse o que ele tinha dito.

Mas eu ouvi-o. Claramente. O meu coração bate descompassado. Ele acabou de me dizer que me ama.

— Acabaste de o dizer — digo-lhe, combatendo o sorriso enorme que ameaça aparecer.

— Eu… — Ele pigarreia. — Caramba. Acho que sim.

— Estavas a falar a sério? — Quando ele acena com a cabeça, o meu lábio começa a tremer incontrolavelmente. Meu Deus, apetece-me tanto sorrir neste momento. — Quero ouvi-lo outra vez — imploro.

Ele esfrega o punho no queixo, parecendo desconfortável, o que acaba por ser adorável.

— Oh, merda, querida. Não me obrigues a dizer outra vez. Já é mau eu ter dito a *primeira* vez. Isso nunca me aconteceu antes.

O meu sorriso abre-se mais. Esboço um sorriso de orelha a orelha. Levanto-me da cama e envolvo-me nos braços dele, demasiado eufórica para lhe dar um beijo como uma mulher crescida. Os meus beijos são descuidados e demasiado ávidos, e o Dean desmancha-se a rir quando eu lhe envolvo os lábios com a boca.

Afasto-me abruptamente.

— Tens a certeza de que a tua cabeça não dói muito?

— Está tudo bem — insiste ele, e um som de prazer sai-lhe da garganta quando eu lhe pespego mais alguns beijos no rosto.

— Ainda bem, porque eu acho que devíamos fazer sexo agora. — Empurro-o para a cama e levo a mão ao elástico dos boxers dele.

Ele mostra-se muito divertido.

— Devíamos? E porquê?

— Porque disseste que me amavas e eu também te amo e *sabes* que fico excitada com estas declarações de amor. — Já estou a despir a camisola. — Não imaginas como estou húmida neste momento, querido.

O divertimento nos olhos dele é substituído por desejo.

— Mostra-me — ordena.

Puxo as calças de yoga para baixo das ancas. E as cuecas também. Afasto-as com o pé e aproximo-me mais. Depois pego na mão do Dean e coloco-a no meio das minhas coxas. Cubro os nós dos dedos dele com a palma da mão, roçando as nossas mãos contra o meu sexo húmido.

O Dean geme e, desta vez, não de dor. Ou talvez seja um tipo de dor diferente. A ereção dele faz pressão sob os boxers e eu estou ansiosa para sentir dentro de mim o seu pénis ereto duro e comprido.

— Allie… — A voz dele é rouca.

— Hum? — Embalo as ancas contra as nossas mãos.

— Amo-te. — Essas três sílabas enviam uma onda de calor para o meu sexo. Gemo. E ele também. Sei que ele sentiu a forma como as minhas coxas se contraíram e a humidade que deve ter molhado a palma da mão dele. — Credo — diz ele. — Esta declaração de amor deixa-te mesmo húmida.

— Eu avisei-te. — Empurro-o novamente e ele bate no colchão, caindo sobre os cotovelos. — Vou vir-me em cima de ti. O tipo de orgasmo com ovários a explodir e múltiplos orgasmos.

O Dean abre a gaveta para ir buscar um preservativo e eu ponho-me em cima dele antes de ele puxar o pénis para fora.

— Amo-te — sussurra ele, e depois cola a boca à minha.

O beijo é doce e gentil, enviando ondas de prazer pelo meu corpo. A mão dele treme quando coloca o preservativo, e as nossas bocas continuam coladas quando ele me vira e enfia apenas a ponta do pénis dentro de mim.

Passo os braços à volta dos ombros dele e embalo as ancas, tentando que ele chegue mais fundo. Funciona. Com um gemido suave, ele entra mais um pouco, até finalmente ter o pénis totalmente inserido, enchendo o meu sexo.

Os nossos olhares excitados cruzam-se quando ele começa a mover-se. Sinto-me tão preenchida. É incrível. O Dean afasta uma madeixa de cabelo da minha testa e afaga-me a face, fazendo amor comigo numa cadência preguiçosa que me faz enrolar os dedos dos pés.

— Amo-te — volta ele a dizer, e, raios, todo o meu corpo canta de alegria.

Puxo-o mais para mim, apreciando cada investida lenta. Ele coloca as mãos debaixo do meu rabo e levanta-me de modo que o osso púbico faça pressão sobre o meu clítoris sempre que ele chega mais fundo. Os meus olhos passam a ver estrelas. Faz-me gemer e contorcer até todo o meu mundo estar centrado no Dean. Quando o orgasmo percorre o meu corpo, tenho as palavras «amo-te» nos lábios.

Os olhos verdes dele ardem de emoção. Ele deixa escapar um gemido rouco e relaxa o corpo em cima do meu, investindo uma última vez dentro de mim. E depois diz «também te amo», enquanto estremece com o orgasmo.

29

Allie

O resto de dezembro passa a correr. Sem dar conta disso, chegam as épocas festivas e eu sou recompensada com três semanas de tempo livre, tempo em família, em que aproveito para encher o bandulho com os doces de Natal.

Vou passar as férias com o meu pai, mas nos primeiros dois dias fico no Connecticut com o Dean. A família dele vai passar umas semanas em São Bartolomeu, por isso esta é a única hipótese que tenho de o ver até ele regressar, e nessa altura ele vai juntar-se a mim em Nova Iorque para passarmos juntos os nossos últimos três dias de liberdade.

O Dean pediu-me para ir à ilha com ele, mas, por mais que odeie recusar uma viagem de borla para o paraíso, prefiro ficar em Brooklyn. Quem sabe onde vou acabar depois de concluir o curso. Preciso de aproveitar cada segundo que tenho com o meu pai.

Mesmo assim, não posso dizer que não me sinto aborrecida por ter de sair do Connecticut. Apesar de o Dean me ter dito que os pais dele são descontraídos, uma parte de mim duvidava disso. Quer dizer, eles são advogados podres de ricos, com *três* casas. Se calhar, mais do que três. O Dean não gosta de se gabar, por isso a família dele até pode ter uma casa em cada país do globo.

Se bem que não dá para perceber isso olhando para eles. A mãe do Dean usou calças de ganga e uma camisa de flanela o tempo todo em que estive em

Greenwich, confessando-me que aquilo de que mais gostava nas férias era poder deixar de usar a roupa de trabalho que a obrigam a usar na empresa. Chama-se Lori e, pelos vistos, manteve o nome de solteira e é conhecida na firma como Lori Heyward.

O pai do Dean, o Peter, é igualmente descontraído. Tratou de umas papeladas no escritório todas as manhãs, mas passou a maior parte do tempo com os filhos, a fazer esqui com a Summer e a jogar hóquei com os filhos no rinque exterior por detrás da mansão deles. Sim, eles têm o seu próprio rinque de patinagem.

O irmão do Dean, o Nick, é um dos homens mais simpáticos que alguma vez conheci. Trouxe a nova namorada, uma advogada de outra firma, e apesar de no início ela se mostrar um pouco rígida, percebi que era uma mulher doce depois de a conhecer.

E a Summer… bem, é a Summer. Sem filtros, com uma personalidade e uma gargalhada contagiantes. Às vezes penso que gosto mais da irmã do Dean do que dele.

Por mais triste que me sinta por me despedir da família Heyward-Di Laurentis, estou entusiasmada por ver o meu pai. Abri os cordões à bolsa e apanhei um táxi de Greenwich para Brooklyn, e já é fim de tarde quando entro com o trólei enorme para o átrio e chamo o meu pai.

Encontro-o na sala de estar, vestido com umas calças de fato de treino e a ler um livro chamado *A Física do Hóquei*. Ele cumprimenta-me com um sorriso indulgente e depois fica chateado quando eu lhe dou um beijo na face e começo a fazer perguntas sobre como se sente. Por fim, interrompe-me para me interrogar acerca da minha visita ao Connecticut. Quando eu revelo que me diverti muito, ele parece um pouco desapontado, o que me deixa triste.

Falamos ao telefone algumas vezes por semana, por isso ele já sabe que eu namoro com o Dean, mas, surpreendentemente, pouco tem falado sobre isso. Depois de eu lhe ter contado, ele limitou-se a grunhir, e desde então ainda não comentou o relacionamento.

Comenta agora.

— Ele não é homem para uma relação longa, AJ — diz o meu pai com um suspiro de cansaço. — Espero que saibas disso.

A franqueza magoa-me. Quer dizer, eu e o Dean não estamos propriamente a planear enviar convites de casamento na próxima semana, mas não nos imagino a terminar em breve. Temos 22 anos. Estamos apaixonados. O futuro pode ser complicado, comigo em Los Angeles ou Nova Iorque, e o Dean em Cambridge nos próximos três anos, mas tenho a certeza de que conseguimos arranjar uma solução, se nos esforçarmos. E quando o Dean concluir o curso de Direito, ele poderá exercer advocacia onde quiser. Onde *eu* estiver. Ainda não falámos sobre isso, mas o Dean não me deu nenhum sinal de querer terminar a relação depois da licenciatura.

— Ele pode ser — digo eu, baixinho. — Um homem para uma relação longa, quero eu dizer.

O meu pai abana firmemente a cabeça.

— Não é. — A voz dele perde alguma da dureza. — Queres saber qual foi a coisa mais importante que aprendi depois de dezoito anos com a tua mãe? — Sento-me no sofá ao lado dele e espero que ele prossiga. — Às vezes, as relações são uma chatice do caraças.

Sou obrigada a rir-me.

— A mãe disse-me a mesma coisa. — Sinto uma dor no coração ao relembrar a última conversa que tive com a minha mãe. — Ela disse-me que, a dada altura do casamento, tiveram problemas — confesso. Nunca abordei o assunto com ele. A minha mãe confessou-me os problemas deles. Não entrou em pormenores, mas quis que eu soubesse que lutaram bastante pelo casamento deles.

— Pois tivemos — confirma ele, num tom de voz combalido. — Por causa das viagens. A Eva deixou de trabalhar como modelo depois de tu nasceres, por isso estava sempre em casa. E eu andava sempre em viagem. — Ele lança-me um olhar feroz. — Nunca toquei noutra mulher, AJ. Os nossos problemas não eram por causa disso.

— Eu sei.

— Foi muito duro. As separações longas. As chamadas telefónicas curtas. Quando eu vinha para casa, parecíamos estranhos e éramos obrigados a conhecer-nos novamente. Foi preciso muito esforço para ultrapassar isso. — Os olhos dele denotam agonia. — Depois ela ficou doente e as coisas tornaram-se

ainda mais difíceis.

Forma-se um nó na minha garganta. Eu tinha 12 anos quando lhe diagnosticaram o cancro do pulmão. Lembro-me de implorar para ir com eles sempre que o meu pai a levava à quimioterapia. Nunca mo permitiram, e, nos dias em que os efeitos secundários eram demasiado debilitantes, quando a pele dela ficava mais cinzenta do que cinza e ela vomitava tão violentamente que partia uma costela, eles mandavam-me para a casa da minha tia em Queens. Não queriam que eu a visse assim. Mas eu vi o suficiente.

— O Dean… — O meu pai pigarreia, mudando novamente de assunto. — Eu conheço homens como ele. Não estão preparados para lidar com coisas difíceis. Com os contratempos da vida. Com as mudanças da vida. Se tu, que Deus não o permita, ficares doente? Ou te magoares? Ou se houver uma recessão neste país e o império do teu namorado for à bancarrota? — O tom de voz dele denota desdém. — Ele colapsava como uma tenda barata.

— Isso não é verdade — protesto. — O Dean é um bom homem. E é bom para mim. Faz-*me* bem.

— Estás a enganar-te a ti própria, AJ. Sim, ele é bom para ti… *agora*. Ele tem uma vida perfeita. Paga aos outros para limparem a porcaria dele. E enquanto tudo lhe correr de feição, ele vai ser a melhor coisa que alguma vez te aconteceu. Mas, e se as coisas derem para o torto? Ele vai à vida. Não vai ficar do teu lado, porque isso implicaria sair da sua bolha perfeita e deixar entrar os problemas. Aquele rapaz não gosta de problemas.

— Estás enganado — sussurro.

Ele pragueja.

— Credo. Dizer-te isto deixa-me doente, querida. Achas que gosto de ver a dor na tua cara? Isso destrói-me, AJ. Mas eu quero que estejas preparada para quando isso acontecer. — O meu pai deixa escapar um suspiro resignado. — Ouve o que te digo. Não vais poder contar com ele. É melhor convenceres-te disso agora, antes que seja tarde demais.

*

Não deixo que o aviso do meu pai — e a sua opinião completamente infundada sobre o Dean — estrague as nossas férias. Eu percebo. Ele está preocupado. Não quer que eu sofra outro desgosto amoroso. E eu nem consigo ficar chateada com as palavras bruscas dele, porque o meu pai é brusco por natureza.

Mas ele está enganado. O Dean apoiar-me-ia se eu precisasse dele. Foi exatamente isso que ele fez quando veio a correr à minha residência na noite em que o ataque verbal do Sean me deixou de rastos. Por isso eu prefiro não duvidar do relacionamento que me está a dar tanta alegria e obrigo-me a desfrutar do resto das férias.

Passo a véspera de Natal, que também calha ser o meu dia de anos, em casa com o meu pai. Vemos *Do Céu Caiu Uma Estrela*, como já é tradição, e eu choro como uma madalena, como já é meu costume. Depois bebemos chocolate quente e ele dá-me o mesmo presente que me dá sempre — 300 dólares, com um bilhete a dizer para comprar uma coisa bonita. O meu pai é péssimo a dar presentes. Eu não me importo, porque já recebi o único presente que queria: o meu pai, o mais saudável que consegue ser no momento, vivo e aqui comigo.

Uns dias depois, o Dean está de regresso de São Bartolomeu, bronzeado e relaxado, quando me apanha em frente à minha casa. Fico admirada por ele ter decidido trazer o carro, uma vez que seria mais fácil eu ter apanhado o comboio e encontrar-me com ele na cidade, mas, quando lhe pergunto, ele limita-se a sorrir e diz: «Não vamos a Manhattan. Tenho uma surpresa de aniversário para ti.»

— Já me deste uma surpresa de aniversário — relembro-o. Uma chamada de São Bartolomeu e o sexo por telefone mais picante que alguma vez tive na vida. Fiz tanto barulho quando me vim que tive de agradecer às estrelas por o meu pai ter o sono pesado.

— Esta é ainda melhor — promete o Dean, e depois deposita um beijo rápido nos meus lábios e afasta-se do passeio. — Senti a tua falta.

Não consigo conter um sorriso tonto.

— E eu a *tua*.

Ele pisca-me o olho e pega na minha mão, colocando-a diretamente na breguilha. Noto que ele está com uma semiereção.

— O Pequeno Dean também sentiu a tua falta.

— Estou a ver que sim.

Esfrego a protuberância que está a aumentar e ele geme.

— Continua a fazer isso e eu venho-me nas calças — avisa ele.

O meu sorriso abre-se.

— Isso é um desafio?

Baixo o fecho-éclair e enfio lá a mão, fechando os dedos em volta do seu pénis duro e pulsante. Credo, ele não estava a brincar. Basta menos de um minuto a afagar-lhe o pénis para ele voltar a gemer, agarrando com força o volante e proferindo duas palavras: «A vir-me.»

Não o deixo sujar as calças, porque devem ser mais caras do que as minhas propinas. Em vez disso, baixo a cabeça e engulo o sémen, gemendo quando o sabor salgado e masculino toca na minha língua.

— Valha-me Deus — murmura ele, esticando o braço para me afagar suavemente a face. — Porra, amo-te, querida.

— Não, só adoras os broches na estrada.

— A ti. — Ele abana teimosamente a cabeça. — Amo-te a *ti*.

O meu coração derrete-se. Encosto-me ao assento, olhando pelo vidro enquanto atravessamos a ponte em direção a Nova Jérsia. Não sei onde raio ele me está a levar, mas deixo-o fazê-lo de bom grado. Seguiria o Dean Di Laurentis até ao fim do mundo. Até às entranhas de um vulcão, se ele me pedisse para ser a Meg Ryan do seu Tom Hanks. Até à porra de Mordor, se ele me pedisse para ser o Sam do seu Frodo. Até…

— Chegámos — anuncia ele.

Sou arrancada do pensamento mais ridículo que alguma vez tive. O Dean estaciona o *BMW* em frente a um edifício pequeno naquilo que parece ser uma zona industrial em Newark. Espreito pelo para-brisas para ler a tabuleta. Depois suspiro.

Viro a cabeça na direção dele. Ele está a sorrir.

— Oh, meu Deus. A sério?!

— Sim. — Ele sai e contorna a parte da frente do carro para me abrir a porta. Eu aceito a mão que ele estende e avanço aos pulinhos até às portas de vidro

duplas. O entusiasmo borbulha dentro de mim. Sinto o peito a arder, e a emoção cola-se à minha garganta, fazendo com que seja difícil proferir uma única palavra.

Olho em volta da receção do estúdio de dança e depois o meu olhar cruza-se com o olhar cintilante do Dean.

— Pensava que tinhas dito que não querias ter aulas de salsa. E o Dean Di Laurentis só faz o que quer, lembras-te?

Ele encolhe os ombros.

— Estou a fazer o que quero. — Uno as sobrancelhas enquanto espero que ele me esclareça. — Estou a fazer-te feliz.

Squish. Esse é o som que o meu coração faz. Porque está tão cheio de amor que já não dá para conter.

Dean

A vida real chama-me. Quero mandá-la embora e dizer-lhe para me incomodar mais tarde, mas não é assim que funciona o mundo. Por mais que tenha adorado ficar deitado na praia com os meus pais, pôr a conversa em dia com os meus irmãos e deixar um sorriso no rosto da minha namorada surpreendendo-a com aulas de dança, está na hora de sair do modo férias e regressar ao modo vida.

A minha primeira semana de regresso ao *campus* foi mais agitada do que nunca, com os treinos de hóquei, as aulas e o treino dos Hurricanes a ocupar-me a maior parte do tempo. Felizmente, a Allie anda outra vez ocupada com os ensaios, por isso ela não se queixa de que a nossa vida sexual se tenha transformado numa série de rapidinhas esta semana.

No sábado, a equipa perde outro jogo em casa. Já ninguém se atreve a pensar nos *play-offs*, porque todos sabemos que não vai acontecer. Apesar disso, continuo a treinar com o Hunter. Aconteça o que acontecer nesta temporada (alerta de *spoiler*: não vai acontecer nada), o Hunter vai ficar a jogar pela Briar no próximo ano e, se tudo correr bem, será o líder da equipa dos outros jogadores.

O treinador O'Shea, que tem sido agradável ultimamente, para meu espanto,

atribui-nos uma hora extra no gelo no domingo à noite, e eu e o Hunter aproveitamos bem essa hora. A sessão a solo corre bem e eu vou para casa bem-disposto. Uma vez que não tenho treino cedo amanhã, a Allie vem passar cá a noite, e eu mal posso esperar para fazer sexo com a minha namorada. Sexo *a sério*. Tipo três horas seguidas com o pénis enfiado dentro dela, em vez das rapidinhas que demos durante a semana toda.

Estou a olhar para baixo quando entro na cozinha. Estou tão distraído a ver se a Allie me enviou alguma mensagem, que demoro um segundo a perceber que os meus colegas de casa estão sentados em volta da mesa. Até o Tucker, que tem estado desaparecido desde que começou o novo semestre. Já nem me dou ao trabalho de o provocar. É óbvio que ele tem uma namorada. Ou talvez um namorado? Merda, ele anda tão calado ultimamente que já nada me surpreenderia.

— O que se passa? — pergunto, distraidamente.

Ninguém diz uma palavra.

Enfio o telemóvel no bolso e olho em redor da mesa. O meu coração bate mais rápido ao ver as suas expressões sérias.

O meu coração quase para quando vejo os olhos húmidos do Logan.

— O que se passa? — exijo saber.

O silêncio sinistro arrasta-se. O Logan esfrega os olhos com o punho.

Cum caraças. Agora estou preocupado. Não, agora estou *assustado*.

— A sério, se ninguém me conta o que se está a passar neste momento…

— O treinador ligou — interrompe o Garrett. O tom de voz dele é baixo. Sombrio. — Espero que ele continue. As minhas mãos parecem dois blocos de gelo. E agora começam a tremer. — Acabou de falar ao telefone com o Patrick Deluca e, hum…

A conversa está a seguir um rumo com que eu não contava. O Pat Deluca é treinador da equipa de futebol americano. Que raio teria a dizer ao treinador Jensen?

O Garrett apercebe-se da minha confusão e continua a falar.

— Parece que o Deluca lhe ligou porque sabe que somos amigos do Beau…

O Beau?

— Isto é sobre o Maxwell? — interrompo. — O que é que tem?

O Logan desvia o olhar.

E o Tucker também.

O único com coragem para me olhar nos olhos é o Garrett, que solta um suspiro lento e trémulo antes de falar.

— Ele… hum… morreu.

30

Dean

Eu e o meu irmão viajámos pela Europa no verão depois de eu concluir a escola secundária. França, Itália, Espanha, terminando na Alemanha e na Áustria. A Áustria tem uma gruta de gelo enorme que o Nick insistiu em visitar. Eu admito que era incrível. Só podemos percorrer a pé os primeiros 1600 metros, que estão cobertos de gelo. Para lá desse ponto, as câmaras e as passagens intermináveis eram formadas por calcário. Eu e o Nick não estávamos interessados num mero quilómetro e pouco, por isso, como somos uns rebeldes, quebrámos as regras e afastámo-nos do grupo de turistas.

Perdemo-nos. Completamente. E, até ao dia de hoje, ainda me lembro da sensação de sufoco que me assolou. O eco das nossas vozes a ressoar pelas paredes incrivelmente altas. A brisa fria a passar pela gruta. Os passos do guia que veio em nosso auxílio. Conseguíamos ouvir os passos, completamente nítidos, mas era impossível perceber de que direção vinham. Os ecos confundiam os nossos ouvidos.

É assim que me sinto agora. Ouço o Garrett a falar, mas não consigo vê-lo nem consigo perceber o que ele está a dizer. A voz dele é um eco. A ressoar pelas paredes, sem entrar nos meus ouvidos, e de certo modo a… rodopiar sem destino.

O meu cérebro continua sem compreender a primeira coisa que ele disse.

O Beau morreu.

Como assim, está morto?

O Beau está morto?

O Beau Maxwell?

O meu amigo Beau Maxwell?

— … com o impacto.

Levanto a cabeça. Parece que as palavras do Garrett são bolas lançadas para a parede e que as últimas duas acertam no alvo.

— O quê? — pergunto, estupidamente.

Os seus olhos cinzentos estão carregados de tristeza.

— Disse que ele morreu com o impacto. Não sofreu.

Pestanejo. Várias vezes.

— Podes repetir? O que aconteceu, quero dizer.

Ele pragueja.

— Raios. Porquê?

Porque não ouvi uma palavra do que disseste! Estou prestes a grunhir. Respiro fundo e digo:

— Porque preciso de ouvir outra vez.

O Garrett acena com a cabeça, de modo relutante.

— Está bem.

Dirijo-me à bancada e abro o armário de cima. Ainda bem que há uma garrafa de *Jack*. Rodo a tampa e dou um gole demorado e depois junto-me aos meus colegas de casa que estão à mesa. Sento-me ao lado do Tuck e a garrafa de *Jack Daniel's* é passada de mão em mão quando o Garrett começa a falar de novo.

Não é uma história muito demorada.

Mas é uma história devastadora.

O Beau apanhou o avião para o Wisconsin este fim de semana para festejar o aniversário da avó. Eu já sabia disto, porque ele me ligou antes de se ir embora. Combinámos ir beber uma cerveja na terça-feira à noite.

Ontem à noite, os Maxwells celebraram o 90.º aniversário da avó num restaurante da cidade dela. As estradas tinham gelo. Eles levaram dois carros —

o Beau seguiu com o pai. O pai ia a conduzir.

A Joanna contou ao treinador Deluca que o jantar foi muito divertido.

Quando se vinham embora, o pai do Beau desviou o carro para evitar bater contra um veado que se atravessou em frente deles.

O carro bateu contra um pedaço de gelo negro, desviando-se da estrada e capotando duas vezes.

Depois bateu contra uma árvore.

O pescoço do Beau partiu-se com o impacto.

O pai dele escapou ileso.

Engulo mais um gole de whisky. Queima-me a garganta e deixa-me as entranhas a arder. Os meus olhos também ficam a arder. Estão quentes e ardem, e, quando o Garrett acaba de falar, eu puxo a cadeira para trás e pego na garrafa.

— Vou para cima — murmuro.

— Dean... — É o Tucker, num tom de voz triste.

O Tuck mal conhecia o Beau. O Garrett também o conhecia mal, a não ser do tempo que conviveu com ele em festas. O Logan era próximo dele, diria eu. Eu sei que ele foi a casa do Beau a uma festa. Mas eu… eu era um dos melhores amigos do Maxwell. E ele era um dos *meus*.

Sem saber como, consigo subir as escadas sem cair. A minha mão treme tanto que quase deixo cair a garrafa de whisky meia dúzia de vezes antes de chegar ao meu quarto. Deixo-me cair na cama e inclino a garrafa, deixando cair um fio de líquido âmbar em cima da boca. Salpica-me para o pescoço e molha o colarinho da minha camisola. Não me importo. Limito-me a beber mais.

Com que então, o Beau morreu.

Ele tinha 23 anos.

Bebo mais. E um pouco mais. E depois um pouco mais, até a minha visão ficar turva.

Agora estou bêbedo. Não, estou para lá de bêbedo. O meu cérebro já não funciona bem. Mãos? Funcionar? *'Squeçamlá*. Tento pousar a garrafa na mesinha de cabeceira, mas em vez disso esta cai ao chão. Por algum motivo, isso faz-me rir.

Suponho que o tempo passa. Ou talvez não passe. Talvez fique parado, porque o pescoço do Beau Maxwell partiu-se como um ramo e agora ele está morto. Morto. Bateu a bota.

— Dean…?

Uma voz sussurra o meu nome ao longe. Credo. Talvez esteja na gruta outra vez. Talvez nunca tenha saído de lá. Quão marado isso seria? Se tivesse morrido numa gruta da Áustria sem me ter apercebido? Se a vida que tivesse vivido até ao momento desde essa viagem à Europa fosse na verdade um produto da minha imaginação e o meu corpo morto estivesse em decomposição numa gruta de gelo neste momento?

— Isso é de loucos — digo, numa fala arrastada.

— Dean. — Umas mãos quentes afagam-me as faces. Ouço um impropério baixo. — Credo. Estás perdido de bêbedo.

Estou a saltar. Não, o colchão é que está. Está a tremer porque alguém está a subir para a cama e o meu estômago começa a revolver-se. A náusea prende-se à minha garganta. Engulo em seco. Respiro fundo. Consigo sentir o cheiro do whisky, mas há outra fragrância no quarto também. O cheiro misterioso da Allie.

— Amor. — Sinto a minha cabeça a mover-se. Ela pousa-a no colo dela, passando os dedos sobre o meu cabelo húmido. Estou a suar em bica. Porque é que está tanto calor aqui? — O Logan contou-me o que aconteceu. Eu… — A mão dela treme no meu cabelo. — Lamento muito, querido.

— Partiu… o pescoço. — A minha voz soa muito distante. Nem sequer parece a minha voz. Credo, estou tão bêbedo. Pateticamente, repugnantemente bêbedo.

— Eu sei — sussurra a Allie. — E eu lamento mesmo muito. Eu sei que estás a sofrer neste momento. Eu… — Ela afaga a minha testa quente. — Estou aqui, está bem? Estou aqui e não vou a lado nenhum.

Arrasto um suspiro.

— Amor — murmuro.

— O que foi?

— Vou… — Levanto a cabeça, mas o simples ato de o fazer provoca aquilo de que a estava a tentar avisar.

A náusea vem à tona e eu vomito em cima do colo da minha namorada.

Allie

O elogio fúnebre do Beau é realizado no estádio de futebol americano. Toda a equipa está presente, bem como os treinadores, os amigos, a família, centenas de alunos e milhares de pessoas que provavelmente nunca o conheceram.

Uma ausência notória?

O Dean.

Antes de eu sair de casa, ele estava no quarto dele, com um fato preto e uma expressão soturna. Disse-me para vir à frente, com a Hannah e o Garrett, e que se juntaria a nós no elogio fúnebre.

Quando regresso a casa, ele continua no quarto, ainda com o fato preto vestido e a expressão taciturna. Só que agora está agarrado a uma garrafa de vodca e tem as faces coradas.

Está bêbedo.

Tem apanhado uma bebedeira todos os dias da semana. Ou está bêbedo ou está mocado. Há duas noites vi-o fumar quatro charros, um atrás do outro, antes de adormecer no sofá da sala de estar. O Logan teve de subir as escadas com ele às costas e depois ficámos os dois à porta do quarto a olhar para o Dean a dormir de pernas abertas em cima da cama.

— As pessoas fazem o luto de forma diferente — murmurou o Logan.

Eu percebo isso. Acreditem em mim, eu percebo. Quando perdi a minha mãe, passei pelas várias fases do luto. Sobretudo as fases de negação e depressão, até aprender a aceitar que ela tinha mesmo morrido. Demorei um pouco a aceitar, mas consegui. O Dean também vai conseguir. Eu sei que vai. Mas tem sido doloroso — ou melhor, *insuportável* — vê-lo recorrer ao álcool e à ganza esta semana, quando podia ter recorrido a mim.

— Não consegui — murmura ele, quando me vê junto à porta. Já despiu o casaco e a gravata e tem o colarinho da camisa branca todo amarrotado. O cabelo loiro está despenteado, como se ele tivesse passado os dedos pelo cabelo vezes

sem conta.

Entro no quarto com passos tímidos, ainda a usar o vestido preto simples de gola alta que escolhi para o elogio fúnebre.

— Não tinha estômago para isso, querida. — Trata-se de um sussurro. Repleto de tristeza. — Não parava de imaginar os pais dele… e a Joanna… e de ver os rostos deles. — O Dean pousa a garrafa de vodca em cima do armário e senta-se lentamente na ponta da cama.

Respiro fundo e sento-me, pousando a cabeça no ombro dele.

— Ela cantou.

— O quê?

— A Joanna — digo eu, baixinho. — Havia um palco com um piano. Ela cantou a canção *Let It Be*. Foi lindo. E triste. — Pestanejo por entre as lágrimas. — Foi triste e lindo.

O Dean faz um som abafado.

Afago-lhe a face com as pontas dos dedos. Embora esteja quente, não me parece tão bêbedo como ontem à noite. Ele inclina-se na direção do meu toque e eu sinto os seus suspiros trémulos na minha mão.

— Não consegui — diz ele novamente.

— Eu sei. Está tudo bem, querido.

Está mesmo? Ele devia ter estado lá, caramba. A *família* do Beau estava lá. Se eles tiveram «estômago para isso», o Dean também devia ter tido.

A recriminação dura desperta uma vaga de culpa. Quem sou eu para decidir o que alguém deve ou não fazer? As pessoas faltam aos funerais e aos elogios fúnebres a toda a hora, por diferentes motivos. Talvez queiram fazer o luto dos entes queridos em privado. Talvez seja demasiado difícil para eles. Talvez simplesmente não acreditem em funerais. Não me compete a mim julgar, e eu obrigo-me a lembrar-me disso enquanto passo delicadamente a palma da mão sobre a face do Dean.

— Não acredito que o Beau morreu — diz o Dean, num tom monocórdico.

Por momentos, fico perplexa, porque é a primeira vez que ele profere o nome do Beau desde que isto aconteceu. Fico ainda mais perplexa quando inclino a cabeça e vejo as lágrimas presas nos olhos do Dean. Ele pestaneja e caem

algumas lágrimas, deslizando para o lugar onde os meus dedos afagam o seu maxilar.

As lágrimas dele despertam as minhas, da mesma forma que dizem que os bocejos são contagiosos. De repente, estamos os dois a chorar e o Dean enterra o rosto nos meus seios, enquanto todo o corpo dele estremece em soluços silenciosos. Não sei quem beija quem primeiro. Ou quem despe quem. Mas a necessidade que sentimos um do outro é inegável. Acabamos com os corpos colados na cama, nus, ofegantes, a enfiar as línguas dentro das gargantas um do outro e a tocar freneticamente nos corpos um do outro. A Megan alertou-me para uma estatística qualquer que diz que oitenta por cento das pessoas que foram entrevistadas para um inquérito sobre o luto admitiram que fizeram sexo antes, durante ou após um funeral.

Agora que penso nisso, acho que faz sentido. Celebrar a vida perante a morte. Precisar do apoio de alguém, de uma ligação tangível a outro ser vivo.

Soltamos suspiros ao mesmo tempo quando ele entra dentro de mim. Sem preservativo, mas não os usamos desde que começou o novo semestre. Fizemos análises antes das férias e eu tomo a pílula.

Acolho o seu pénis grosso e pulsante no meu corpo, arqueando as ancas para receber as suas investidas desesperadas. O orgasmo que me percorre o corpo surpreende-me com a sua força. Não achava que fosse possível sentir este tipo de prazer, bruto, que consome tudo, quando estou assolada pela tristeza.

O Dean faz um som profundo e tortuoso quando se vem, tremendo violentamente enquanto derrama o sémen dentro de mim. A respiração dele é baixa e superficial e ele cai sobre o meu corpo, virando-nos depois, até eu encostar as costas suadas ao seu peito transpirado. Sinto humidade na parte de trás do pescoço. Não é suor, são lágrimas. Todas as lágrimas que ele estaria a tentar conter se tivesse ido ao elogio fúnebre do Beau.

Viro-me para ele, envolvendo-lhe os ombros largos enquanto ele chora o amigo que perdeu. Não sei quanto tempo nos mantemos nessa posição, mas a dado momento o Dean fica quieto e adormece com a face encostada à minha. Pela primeira vez em sete dias, sinto uma minúscula réstia de esperança. Esperança de que a libertação emocional que ele sentiu alivie um pouco o seu

luto, aproximando-o mais da aceitação.

Mas qual é a pior coisa da esperança?

É que, frequentemente, conduz à desilusão.

31

Allie

Nas duas semanas seguintes, sou obrigada a ver o Dean a cair numa espiral depressiva sem poder fazer nada. Adquiriu uma nova rotina. Acorda de manhã. Vai às aulas. Vai ao treino. E depois vem para casa e bebe ou fuma até ficar inebriado.

Por mais surpreendente que seja, ele consegue concluir as leituras do curso e entregar os trabalhos. Quando tenho a oportunidade de espreitar um dos seus trabalhos, descubro que está *bom*. É como se ele tivesse entregado as rédeas ao cérebro inteligente que ele não quer que as pessoas saibam que tem e estivesse a funcionar em piloto automático. Está a proceder da mesma maneira no rinque de gelo. Está a deixar o seu corpo atlético e forte e os anos de treino tomarem as rédeas e fazerem o trabalho por ele. O coração dele — a sua *consciência*, começo eu a achar — não é tido nem achado.

Nem a libido dele. Essa também desapareceu. Quer dizer, não totalmente. A sua libido ressurge sempre que ele atinge um determinado limiar no seu estado de espírito todo fodido, algures entre a embriaguez e a inconsciência. Mas eu rejeito-o sempre, porque aquele rapaz que me lança sorrisos convencidos, que me sussurra palavras porcas ao ouvido e cujas mãos hábeis tentam enfiar-se debaixo da minha camisola ou dentro das minhas calças não é o meu namorado.

O meu namorado não quer fazer sexo comigo só quando está bêbedo, e os sorrisos descontraídos do meu namorado não se devem a álcool ou drogas.

O Dean Di Laurentis faz sexo porque adora fazer sexo e sorri porque adora sorrir.

Este Dean bêbedo e pedrado é um penetra. Nem se importa quando eu lhe digo que não me apetece, porque também não lhe apetece a ele. São as substâncias que lhe correm no sangue que fazem o seu corpo pensar que sim.

Ele está a fazer o luto. Repito estas palavras para mim própria cem vezes por dia. Relembro-me de que o Beau Maxwell morreu e que o Dean sente muito a sua falta. Repreendo-me a mim própria por ficar irritada por ele estar a lidar com a morte do Beau de forma diferente da minha.

Mas… caramba. Não sei como lidar com a forma como ele está a lidar com o luto. O que devo fazer? Levá-lo a um centro de reabilitação? Ele não é alcoólico. Ele não é toxicodependente. E o pior é que o álcool e a ganza não lhe afetam a vida académica ou o hóquei. Ele levanta-se da cama de manhã e patina como um campeão ou tira excelentes notas nos exames.

Contudo, há uma coisa em falta na rotina dele — os Hurricanes. Depois da notícia da morte do Beau, o tempo parece ter parado por uma semana. O Dean e o Logan tiveram autorização para faltar aos treinos de hóquei porque eram próximos do Beau e o Dean também faltou aos treinos da escola básica. Pensava que era uma pausa temporária. Uma licença de luto, por assim dizer. Mas já passaram três semanas e o Dean continua a recusar-se a voltar. Pedi-lhe que reconsiderasse, mas a única coisa que recebi foi um *não* categórico. Ele disse que já não quer trabalhar com os miúdos.

Suspeito que seja porque trabalhar com eles dá-lhe alegria. E neste momento ele não quer sentir alegria. Ele não quer sentir nada.

Já eu sinto um misto de emoções. Tristeza. Frustração. Raiva, o que gera culpa, porque ele perdeu o melhor amigo, por amor de Deus. Não posso ficar chateada com ele.

Hoje sinto-me determinada. Decidi que o Dean não pode ficar a sofrer para sempre. A dado momento, ele vai encontrar uma forma de sair da espiral depressiva onde está preso e, quando isso acontecer, não quero que ele olhe em

volta e descubra que perdeu algo importante para ele.

Os Hurricanes são importantes para ele.

Estaciono o carro do Dean em frente ao rinque e desligo o motor. Ele já ia na quarta cerveja quando eu saí de casa, onde tenho ficado desde a morte do Beau. Disse-lhe que precisava de usar o carro dele para ir comprar tampões. Truque para a vida: se não quiseres que te façam perguntas, diz a palavra *tampão* e a conversa fica por aí.

Entro no pequeno edifício e percorro o corredor, passo pelas máquinas de venda automática e dirijo-me ao rinque. Uma brisa atinge-me o rosto quando transponho as portas duplas. No gelo, os miúdos estão no meio de um exercício acelerado que envolve patinar muito depressa e depois parar abruptamente. Não percebo, mas tudo bem.

Viro a cabeça e vejo uma figura solitária nas bancadas. A Dakota. O rosto dela ilumina-se quando me vê. Aceno-lhe e levanto um dedo para indicar que já vou ter com ela.

Aproximo-me da parede baixa perto do banco da equipa da casa quando o Doug Ellis vem ter comigo a patinar.

— Allie. Olá. — Ele olha para a entrada. — O Dean está contigo?

Abano a cabeça e ele parece desapontado. Os rapazes também, que claramente me reconhecem das poucas vezes que me encontrei aqui com o Dean antes de irmos jantar. Acho que associam o meu rosto ao treinador adjunto que idolatram.

O Ellis diz aos miúdos que têm cinco minutos de patinagem livre e depois vira-se para mim e ouve, sem tecer nenhum comentário enquanto eu peço desculpa pela ausência do Dean e lhe asseguro que ele voltará em breve.

— Ele está a passar um mau bocado agora — digo eu, baixinho.

O Ellis acena com a cabeça.

— Ele contou-me sobre o amigo. Saiu nos jornais locais. O *quarterback* de futebol americano, não é?

Aceno com a cabeça.

— O Beau Maxwell. Ele… — Imagino os olhos azuis brilhantes e o sorriso do Beau e sinto um aperto no coração. — Ele era um tipo às direitas. — Engulo um nó de tristeza. — Ele e o Dean eram próximos e… sim… tem sido difícil. Mas o

Dean queria que eu lhe dissesse que em breve regressa para treinar os miúdos.

— Não, não queria — diz o Ellis. — Evito o olhar sábio dele. — Ele não te mandou aqui para falares comigo, querida. E ele não disse que ia voltar. — O Ellis encolhe os ombros. — Mas tu queres que ele volte.

Sinto a garganta a fechar-se.

— Sim, eu quero que ele volte. — Engulo novamente em seco. — Queria certificar-me de que o aceita se… *quando* a altura chegar.

— Claro que aceito. — Ele aponta para o gelo. — A questão é se *eles* aceitam? Os miúdos não gostam de ser abandonados.

— Mas também são mais rápidos a perdoar — comento.

Se bem que talvez nem todos. Quando me junto à Dakota nas bancadas uns minutos depois, é evidente que o perdão é a última coisa que ela tem na cabeça.

— O Dean já não gosta de mim — diz-me ela num tom de voz monocórdico. — E eu não gosto *dele*.

Contenho um suspiro.

— Isso não é verdade, querida. Vocês gostam um do outro.

— *Não* gostamos. Se ele gosta de mim, porque é que já não me ensina a andar de patins? E também já não ajuda o Robbie! Há *anos* que não vem aqui.

Três semanas. Mas para uma miúda de 10 anos isso pode parecer uma eternidade.

— Ele está chateado porque eu não quis usar os patins de rapaz? — O lábio de baixo dela estremece. — A minha mãe disse que foi indelicado da minha parte obrigá-lo a comprar-me patins de rapariga. É por isso que ele me odeia? Porque foi obrigado a gastar dinheiro nuns patins de rapariga?

E depois começa a chorar.

Oh, meu Deus. Não sei o que fazer nesta situação. Não sou parente dela. E posso abraçá-la? Vou arranjar problemas se o fizer?

Que se dane. Não quero saber se é inapropriado. A Dakota está a chorar baba e ranho e precisa de ser consolada.

Passo um braço em volta dela e abraço-a com força. E depois, quando o meu coração começa a palpitar descontroladamente, passo os vinte minutos seguintes

a assegurar a uma menina triste que o meu namorado não a odeia.

Ouço a voz grave do meu pai várias vezes na minha cabeça durante a viagem até à casa do Dean.

Eu conheço homens como ele. Não estão preparados para lidar com coisas difíceis. Com os contratempos da vida. Com as mudanças da vida.

Ele colapsava como uma tenda barata.

Apavora-me pensar que o meu pai tenha razão. Mas não pode ser. O Dean está simplesmente a sofrer. Está a chorar a perda de um amigo.

Ele tem uma vida perfeita.

Ele paga aos outros para limparem a porcaria dele.

Um arrepio percorre-me a espinha quando me ocorre um pensamento. Merda. É isso que estou a fazer neste momento? A limpar a porcaria do Dean ao tentar assegurar-me de que a posição dele na escola básica está assegurada? Pedindo a uma criança de 10 anos que o perdoe por a ter abandonado?

Meu Deus, estou tão cansada. Tenho passado estas três semanas focada apenas no Dean. A tentar fazê-lo sentir-se melhor, a tentar que ele ultrapasse esta situação. Estou a deixar para trás os trabalhos académicos. Apareço nos ensaios com os olhos cansados e exausta porque passo o tempo todo a cuidar do meu namorado bêbedo. Os ensaios com os figurinos começam amanhã, caramba. A noite de estreia é daqui a cinco dias. Eu devia estar concentrada na minha atuação, mas mal consigo lembrar-me sobre o que é a porcaria da peça.

A minha frustração só aumenta quando eu entro pela porta quinze minutos depois e sou recebida por uma música ensurdecedora. A canção *Drain You,* dos Nirvana, ecoa pela casa toda. Maravilha.

Encontro o Dean no sofá da sala de estar, com uma garrafa de cerveja numa mão e a fingir que toca bateria com a outra. Está em tronco nu, mas nem mesmo a imagem do seu peito espetacular consegue acalmar os meus nervos em franja.

— Dean! — grito por cima da música.

Ele não me presta atenção.

Pego no comando que está na mesa de centro e paro a música. O silêncio abate-se sobre a sala e a cabeça loira dele levanta-se em sinal de surpresa.

— Olá, amor. Não te vi aí.

— Olá.

Sento-me na ponta do sofá e afasto delicadamente a garrafa da mão dele. Para minha surpresa, ele não protesta. E eu julgo que ele está mais tocado do que bêbedo, porque me pergunta, sem arrastar a fala:

— Tens ensaio esta noite?

Abano a cabeça.

— Não, mas os ensaios com os figurinos começam amanhã.

— Merda. Já?

— A noite de estreia é na sexta-feira — relembro-lhe.

— Oh. Pois é.

Ele age como se soubesse disso, mas tenho a certeza de que a minha peça não lhe passou pela cabeça uma vez que fosse nestas semanas. Ele não mostrou qualquer interesse no que estou a fazer. No que *ninguém* anda a fazer. É como se estivesse congelado, como se tivesse ficado preso no momento em que descobriu que o Beau tinha morrido.

Todos continuaram a viver a sua vida. Incluindo a família do Beau. A Joanna continua a representar na Broadway. Temos trocado e-mails desde o elogio fúnebre e ela disse-me que os pais voltaram ao trabalho na semana passada.

O Dean é o único que se recusa a seguir em frente.

— Amor… — Sinto um aperto na garganta, e a preocupação e o medo formam um nó na minha traqueia. — Vais estar presente na minha estreia, certo?

Os olhos verdes dele cintilam.

— Porque é que me perguntas uma coisa dessas?

Porque não foste ao elogio fúnebre do Beau.

Impeço-me de soltar a acusação e respiro fundo.

— Só quero saber.

— Claro que vou estar. — Pela primeira vez em semanas, vejo emoção genuína nos olhos dele. Um calor sincero. — Onde mais haveria de estar?

Ele não está aqui.

A peça *Viúva* abre com um auditório cheio e fecha com uma ovação de pé. As

lágrimas que me humedecem os olhos quando eu e a Mallory fazemos uma vénia não estão relacionadas com a resposta calorosa que recebemos do público.

Os focos tornam difícil discernir um único rosto além das pessoas das três primeiras filas, mas a segunda fila é tudo o que eu preciso de ver, porque é lá que os meus amigos estão sentados. Ou melhor, de pé, porque se levantaram para aplaudir juntamente com as outras pessoas.

A Hannah. O Garrett. A Megan. A Stella. O Justin. A Grace. O Logan.

Uma gargalhada histérica ameaça sair da minha boca enquanto olho para os rostos conhecidos e experiencio um momento à *Feiticeiro de Oz*. E *tu* estiveste lá e *tu* estiveste lá e *tu* estiveste lá — e sabem quem *não* esteve lá? O homem que amo. O homem que prometeu que estaria aqui.

Nos bastidores, aceito os abraços e os parabéns de todos os que estiveram envolvidos na produção. Do Steven. Dos produtores estudantes. Do nosso conselheiro da faculdade. Dos estudantes de Arte que criaram os cenários. Da equipa de iluminação. O aluno mais velho que fez de meu falecido marido pega em mim e rodopia-me. A Mallory dá-me um abraço suficientemente apertado para me roubar o ar dos pulmões e depois passa cinco minutos a pedir desculpas por ter falhado tantas vezes no início do projeto.

Mal ouço uma palavra que ela diz. As lágrimas mancham-me as faces, mas penso que todos assumem que são lágrimas de felicidade.

Estão todos enganados.

Esta noite há uma festa para o elenco, a equipa e os amigos no apartamento do Steven fora do *campus* e eu garanto-lhe que estarei presente. Mas não pretendo estar. Pelo menos, não já. Preciso de ir a um sítio primeiro e, quando a Hannah me envia uma mensagem a perguntar se nos vamos encontrar em frente ao auditório ou no parque de estacionamento, já estou ao volante do *BMW* do Dean, com o pé trémulo a carregar no pedal do acelerador.

Quando paro em frente à casa, fico surpreendida com a quantidade de veículos estacionados na rua. E há quatro carros que não conheço na entrada, por isso sou obrigada a estacionar junto ao passeio.

Ouço a música antes de chegar à porta da frente, que está destrancada. A raiva

inunda-me o estômago e, quando entro na sala de estar, sinto-a fervilhar e atingir o ponto de ebulição.

Está cheia de monstros — monstros em forma de homens, com algumas mulheres baixinhas à mistura. Por causa do tamanho deles, determino que os rapazes que estão no sofá, nas poltronas e encostados às paredes devem ser jogadores de futebol americano. As raparigas, sabe-se lá. Mas fico contente ao ver que estão penduradas nos jogadores e não no meu namorado. O Dean está sozinho, deitado numa poltrona com os olhos fechados.

Como se pressentisse a minha presença, abre os olhos e o rosto dele ilumina-se quando me vê junto à porta. Mas a felicidade dele dura pouco. Continuo com o vestido tipo bata que a minha personagem usou esta noite. Ainda tenho a maquilhagem que usei em palco. O meu cabelo continua preso num carrapito desalinhado. Não sou a Allie neste momento. Sou a Jeannette. E os olhos do Dean abrem-se em pânico quando se apercebe do que isso significa.

— Allie. — A voz dele é abafada pela música.

Olho uma última vez para a festa que decorre na sala de estar e depois viro-me para me dirigir à escada.

As lágrimas acumulam-se novamente nos meus olhos e sinto a garganta tão tensa que mal consigo respirar. Foi por *isto* que ele não se deu ao trabalho de aparecer na noite de estreia? Porque estava a festejar com uma cambada de jogadores de futebol americano?

Entro de rompante no quarto dele e vou direta ao armário, abrindo a gaveta de cima onde tenho guardado as roupas que trouxe da residência. Também ocupei metade do roupeiro do Dean, e essa é a minha próxima paragem. Começo a puxar as roupas dos cabides e a atirá-las para dentro do trólei.

— Oh, querida, não faças isso. — O Dean surge junto à porta.

Ignoro-o e continuo a fazer a mala.

— Allie, por favor. — Ele põe-se atrás de mim e eu engulo um suspiro quando os braços fortes dele me envolvem. Por um breve momento, permito-me relaxar contra o corpo dele. Apoiar-me no corpo quente e duro, sentir a barba arranhar-me a pele quando ele roça uma face na minha. — Desculpa, amor. Pus a pata na poça. Esqueci-me completamente de que a tua peça era esta noite.

Eu lembrei-te dez vezes!, sinto vontade de gritar.

— Prometo que amanhã estarei presente na peça. — As mãos dele sobem e descem pela minha cintura, acariciam-me o ventre e passam no meu rabo. — Disseste que havia três espetáculos, certo?

A minha voz soa tensa.

— Sim. Mas não precisas de aparecer amanhã à noite. Não te quero lá.

Ele roça o queixo no meu ombro.

— Não digas isso. Sei que estás chateada, mas eu vou compensar-te. Eu vou estar *presente* amanhã.

— Eu queria que estivesses presente *hoje*, Dean. — Continuo sem conseguir virar-me para o encarar. E não sei porque estou a deixar que ele se roce em mim assim. Porque é que ele se está a roçar em mim? Consigo sentir a ereção dele, mais dura do que uma pedra, a cravar-se no meu rabo. Como é que ele pode estar excitado?

A resposta bizarra do seu corpo faz-me virar. Franzo o sobrolho e estudo-lhe cuidadosamente o rosto, catalogando todos os pormenores. Apercebo-me de que não está bêbedo. Tem as faces coradas, mas os olhos estão demasiado despertos. O que significa que também não está pedrado, porque normalmente os olhos dele ficam enevoados quando ele fuma ganza. Neste momento estão brilhantes. Brilhantes de prazer e felicidade que ele *não* devia estar a sentir, não quando estou em lágrimas.

Inspiro lentamente.

— O que é que andas a meter?

Ele parece confuso com a pergunta.

— O que é que andas a meter, Dean? — pergunto, bruscamente. — O que é que meteste?

Ele pestaneja e depois diz:

— Oh, só um pouco de *ecstasy*.

Por amor de Deus.

Sem dizer outra palavra, passo por ele e fecho o trólei.

— Onde vais? — Ele parece magoado.

— Para Bristol — respondo, rapidamente. — Não vou continuar aqui.

— Porquê?

— *Porquê?* Baldaste-te à minha estreia para organizar uma festa e consumir drogas! Estás drogado com MDMA, a esfregar a pila em mim apesar de eu estar a chorar! E estás mesmo a perguntar-me porque é que me vou embora?

Uma nuvem atravessa-lhe o olhar.

— Não organizei uma festa. O Ollie e o Rodriguez ligaram-me e perguntaram se me apetecia juntar uns amigos e relembrar o Beau. Era suposto dizer que não?

Fico de boca aberta.

— Não te *atrevas* a usar o Beau como desculpa para apanhares uma moca!

Ele encolhe-se, mas, quando fala novamente, o tom dele é defensivo.

— Que exagero, amor. Meti um pouco de *ecstasy*. Não o faço propriamente todos os dias. A última vez foi há mais de um ano.

— Não é essa a questão! — Debato-me para respirar novamente. Não vale a pena discutir com ele agora. Ele não consegue ouvir-me, não quando está drogado. Respiro fundo e o ar sai num sopro fraco. — O meu pai tinha razão. Não posso mesmo contar contigo.

— Porra, estás a gozar com a minha cara? Apoiei-te desde o início! — grunhe ele. — Porra, o meu melhor amigo *morreu*, Allie. Por isso, desculpa se tenho andado um pouco distraído ultimamente. Tenho tido muito em que pensar.

Não me agrada o sarcasmo dele.

— Distraído? Não tens andado distraído. Tens andado bêbedo! E agora estás mocado! — O ressentimento sobe-me à garganta e faz-me arder os olhos. — Adivinha, Dean? As pessoas morrem! Fico desfeita por o Beau ter morrido. Desfeita. Mas não podes continuar a beber para esquecer a dor. — O rosto dele fica vermelho. — Eu percebo. A Vida do Dean é um mar de rosas. — É a minha vez de ser sarcástica. — Mas a vida real não é assim. Na vida real acontecem coisas más e tu precisas de lidar com elas. — Pego no trólei e dirijo-me à porta. Detenho-me abruptamente e viro-me de novo para ele. Estou tão irritada e magoada que nem consigo pensar racionalmente. — A vida não é perfeita, Dean, precisas de crescer e aceitar isso. Tenho tentado ajudar-te, mas tu não deixas.

Passei quase um mês a ver-te beber até cair. A ver-te afastar toda a gente, a ver-te desiludir todos à tua volta. — Ele continua sem dizer uma palavra, o que me deixa mais irritada. — Fui falar com o treinador Ellis em teu nome! — grito. — Convenci-o a dar-te outra oportunidade, quando decidires voltar para treinar a equipa. — As lágrimas caem mais rapidamente, molhando-me as faces. — Fiquei sentada ao lado da Dakota enquanto ela chorava baba e ranho! Ela acha que a *odeias* porque não quis usar a porcaria de uns patins de rapaz! — Fico sem ar. — Não vou continuar a segurar-te a mão ou a limpar a tua porcaria. Estou farta, Dean.

Ele respira fundo. Finalmente, há algo que eu digo que lhe chama a atenção.

— Não estás farta.

— Estou, sim. — Tenho a mão a tremer tanto que quase deixo cair o trólei aos pés. — Achas que és o único que perdeu alguém? Eu vi a minha mãe morrer de *cancro*. Vi-a literalmente definhar e morrer.

— Allie…

— Precisas de arranjar uma forma de lidar com o teu luto. Mas não posso continuar a ajudar-te. Não vou ficar a ver-te enfiar a cabeça numa garrafa porque tens demasiado medo de enfrentar a dor. Estou *farta*.

Saio de rompante do quarto, deixando-o a olhar para mim em choque.

32

Dean

Acordo com um gemido alto e agonizante. Credo, parece que alguém está a morrer e demoro um minuto a perceber que o som atormentado vinha de mim. Estou a gemer porque me dói a cabeça. Não, dói-me o olho. Porque é que me dói o olho?

Endireito as costas e examino o rosto. O meu olho esquerdo está tão inchado que não se abre. E a minha boca está mais seca do que o deserto do Saara. Merda. Estou cheio de sede. E esgotado. Só o ato de levantar a mão até ao rosto deixou-me sem energia.

Apercebo-me de que é do *ecstasy*. A última vez que o tomei, fiquei sem forças e dorido na manhã seguinte.

Saio da cama e descubro que adormeci vestido. Dirijo-me ao roupeiro e abro a porta, estudando o espelho da porta. Meu Deus. O meu olho está roxo, quase preto, e, quando estudo o meu reflexo, todos os acontecimentos de ontem à noite me vêm à memória.

Faltei à peça da Allie.

A Allie deu-me com os pés.

O Garrett chegou a casa e gritou comigo. Sobre o que é que ele estava a gritar… tenho dificuldades em lembrar-me. Certo, sobre ter faltado à peça da Allie. Ah, e porque convidei metade da equipa de futebol americano para vir aqui

a casa e eles… sim, alguns dos *linebackers* estiveram a snifar cocaína na cozinha. Caraças. Foi quando o Garrett me chamou à parte e começou a dar-me uma descasca. Eu devo ter dito alguma coisa de que ele não gostou, porque… bem, olho negro.

Afasto-me do espelho e sento-me na ponta da cama para fazer uma lista dos problemas com que tenho de lidar neste momento.

Tenho um olho negro.

Tenho um colega de casa chateado, que me pôs um olho negro.

Tenho uma ex-namorada.

E fiz chorar uma menina.

Fiquei sentada ao lado da Dakota enquanto ela chorava baba e ranho! Ela acha que a odeias *porque não quis usar a porcaria de uns patins de rapaz!*

As palavras irritadas da Allie soam como uma trombeta na minha cabeça, deixando-me as têmporas a latejar e fazendo arder o meu estômago. Quase não chego a tempo à casa de banho, sentindo o refluxo da bílis da minha garganta antes de chegar à sanita. Vomito durante o que me parecem horas. Não comi nada ontem à noite, por isso não há nada para expulsar, mas o meu estômago continua a revirar-se e a contorcer-se e eu não consigo parar de vomitar.

Quando a náusea finalmente para, lavo os dentes no lavatório e fico sentado no chão de mosaico durante algum tempo, a pensar no que fiz. No que perdi.

A Allie.

O Beau.

O Beau, caraças. Por que raio foi ele morrer?

O pensamento é tão absurdo que desencadeia uma onda de riso. Alto e incontrolável, até ficar com os olhos húmidos e com soluços.

Ouve-se uma batida na porta.

— Dean… estás aí?

Encolho-me ao ouvir a voz do Garrett. Ele não parece chateado. Só cansado.

Quando abro a porta, encontro um par de olhos cinzentos sérios a olhar para mim.

— Estás bem? — pergunta o Garrett, bruscamente.

Rio-me novamente.

— Nem um pouco.

A culpa atravessa-lhe a expressão.

— Desculpa o olho negro. — Ele pragueja. — Mas, caramba, estavas a merecer. Devias ter visto a sujeira que aqueles gajos deixaram. A casa está uma pocilga.

Passo uma mão trémula pelo couro cabeludo.

— Eu limpo. E não te preocupes com o olho negro. Eu mereci. Até me admira que a Allie não me tenha feito o mesmo.

Só dizer o nome dela magoa. Parece que alguém me abriu o peito com um patim e está a enfiar a lâmina no meu coração, desfazendo-o em pedaços.

Não consigo imaginar como é que ela me vai perdoar. Não a apoiei na noite de estreia. Nem sequer a apoiei antes. Durante três semanas, andei com uma névoa à volta da cabeça, a fazer todos os possíveis para esquecer que o Beau morreu. Sempre que ele me passava pela cabeça, eu abria outra cerveja ou enrolava outro charro, porque era a forma mais rápida e fácil de desligar o cérebro.

O pai da Allie disse que não confiava em mim para tomar conta dela. E tinha razão. Nem consigo tomar conta de mim próprio, pelos vistos.

— A Wellsy está fula contigo — diz o Garrett.

— Eu estou fulo comigo próprio — gemo, ainda a pensar em como meti a pata na poça. — Eu… — Dói-me a garganta. — Sinto a falta do Maxwell.

O Garrett murmura:

— Eu sei.

— Deixa-me arrasado pensar que nunca mais o vou ver.

— Eu sei.

Segue-se um minuto e depois o Garrett surpreende-me ao abraçar-me. Não um abraço à macho ou uma pancada rápida no peito, mas um abraço a sério, com os dois braços à minha volta, agarrando-me com força.

Eu retribuo o abraço.

— Lamento, meu. Em relação à casa. À bebida. Em relação a tudo.

— Eu sei — diz ele pela terceira vez.

Abre-se uma porta.

— Este é um momento homoerótico privado ou podemos juntar-nos?

Solto uma gargalhada débil quando o Logan se dirige a nós. O Garrett solta-me e o Logan ocupa o lugar dele. O abraço dele é mais rápido, mas não menos reconfortante.

O Logan dá-me uma palmada nas costas e diz:

— Queres treinar hoje? — Estuda cuidadosamente o meu olho esquerdo.

— Não tenho grande alternativa — respondo com um suspiro. — Eu vou, e o treinador que decida se me quer no rinque. Com este olho negro, o mais provável é banir-me para a sala dos pesos.

Quem me dera não ser obrigado a ir. A única coisa que me apetece fazer esta manhã é ir à Bristol House ver a Allie. Jogar-me aos pés dela e implorar que me aceite de volta.

— Dizemos-lhe que estávamos a representar uma cena do *Clube de Combate* — graceja o Garrett, antes de a expressão dele se tornar séria outra vez. — Ele não precisa de saber o que aconteceu mesmo. A festa… as drogas…

Aceno com a cabeça, agradecido.

— Obrigado.

E além do meu olho, não há outro sinal de que tenha acontecido algo impróprio ontem à noite. O bom da festa — não que alguma coisa na minha vida possa ser descrita como *boa* neste momento — é que possuo a capacidade assustadora de recuperar rapidamente, quase como se nada tivesse acontecido. Bebo como uma esponja? Não tenho ressaca. Fumo ganza? A minha cabeça está mais limpa do que o céu azul no dia seguinte. Hoje estou um pouco mais lento a mexer-me, mas isso é por causa do peso avassalador que me faz pressão no peito.

Afastei a pessoa mais importante da minha vida ontem à noite. Surpreende-me que, em três meses, a Allie Hayes se tenha tornado isso. Ela é tudo para mim.

O Tucker tem o pequeno-almoço pronto à nossa espera quando descemos. Comemos e depois vamos para o rinque, onde o Garrett passa o cartão de identificação na porta e nos conduz ao balneário.

Paramos os quatro assim que entramos no balneário. O treinador Jensen e o O'Shea estão no canto do balneário, a conversar com um homem magro, de óculos, que tem um blazer vestido e uma pasta na mão. Alguns dos nossos

colegas de equipa estão em redor deles, mas ninguém diz uma palavra. O Hollis acena-nos. O Fitzy olha duas vezes, quando repara no meu olho negro.

— Bom dia, treinador — diz o Garrett, cautelosamente. — O que se passa?

— «Teste de drogas» — é a resposta curta dele.

O meu coração para. *Splat*. Cai ao chão. A náusea? Bem, essa aumenta. Sobe-me à garganta e fecha-a.

Desvio o olhar para o O'Shea. Ele retribui o olhar, sem expressão, mas eu fico com a sensação doentia de que ele é o responsável por isto. Os testes de drogas aleatórios não acontecem só quando o rei faz anos — acontecem a toda a hora no desporto universitário. Mas a nossa temporada está quase a terminar. A nossa temporada vai de mal a pior, com zero hipóteses de irmos aos *play-offs*. Não há motivo para nos surpreender com um teste de drogas.

A minha náusea piora à medida que os outros jogadores enchem o balneário. Consigo sentir os olhos escuros do O'Shea cravados em mim, mas o meu olhar mantém-se colado às minhas botas. Estou em pânico, a vivenciar o meu próprio conto d'*O Coração Delator*, só que, em vez de ouvir o batimento cardíaco de um homem morto debaixo das tábuas de madeira, estou dolorosamente consciente do sangue que me corre nas veias. O fluxo estável do sangue, a pulsar, manchado com o *ecstasy* que consumi ontem à noite.

Quando a pulsação me martela os ouvidos, solto um suspiro trémulo, exalo lentamente e encaminho-me para o treinador Jensen.

— Treinador… posso falar consigo em privado? — murmuro e, instantaneamente, ele lança-me aquele *olhar*, que me indica que sabe ao certo o que eu vou dizer e que preferia cortar os pulsos a ouvir-me dizê-lo.

— Claro que sim — responde ao fim de algum tempo.

Conduz-me ao gabinete. Não nos sentamos. Eu não falo.

Ele aguarda, mas não consigo confessar. Credo. Estou tão revoltado comigo próprio neste momento. Tão envergonhado, porra.

O treinador suspira.

— Vais obrigar-me a perguntar, não vais? Tudo bem. Eu pergunto. — Ele faz uma pausa. — O que vai acontecer quando mijares nesse copo, Dean? — A

vergonha cresce dentro de mim até eu quase conseguir senti-la quando engulo em seco. — O que vão revelar os resultados? — insiste ele, com a expressão insuportavelmente resignada. — Marijuana? Cocaína?

— MDMA — murmuro.

Ele fecha os olhos por instantes. E depois abre-os.

— Está bem. Obrigado por me avisares.

Saio do gabinete a sentir-me como um homem no corredor da morte.

Dois dias depois, sou expulso da equipa.

33

Allie

Três dias depois de ter saído de rompante de casa do Dean insistindo que estava farta, encontro-me com ele no Coffee Hut do *campus*. Todas as raparigas do café se viram para o admirar quando ele passa pela porta. Eu também me viro porque… meu Deus, ele parece o Dean por quem me apaixonei. Olhos verdes a dançarem quando pede um café no balcão, cabelo loiro afastado do seu rosto cinzelado, calças cargo coladas ao seu rabo perfeito.

Basta-me olhar para o rosto dele para saber que ainda não bebeu. Na verdade, acho que não bebeu nos últimos dias. A Hannah contou-me ontem à noite que o Dean foi apanhado num teste de drogas e foi expulso da equipa. Não posso negar que fiquei de coração partido quando soube disso, porque sei que o hóquei é importante para ele, mas a notícia não me surpreendeu. Não podemos beber excessivamente e consumir drogas sem enfrentar as consequências. À velocidade que ele ia, as festas iam acabar por tramá-lo.

Surpreendentemente, não parece transtornado quando eu trago o assunto à baila, e esse é o primeiro tema de conversa depois de ele se sentar no banco à minha frente. Limita-se a encolher os ombros.

— Eu mereci. — Com uma expressão de mágoa, acrescenta: — Mas não vim cá falar sobre a equipa. Queria pedir-te desculpa.

Aceno com a cabeça. Foi o que eu achei quando recebi o convite por

mensagem, mas sinto um *déjà-vu* porque é a segunda vez em três meses que estou nesta posição. A última vez foi comigo e com o Sean. Sentados neste mesmo café, a ter a mesma conversa. Contudo, desta vez, a dor que sinto no coração é um milhão de vezes pior, porque continuo apaixonada pelo Dean. Desesperadamente apaixonada por ele.

— Lamento muito, amor. Meti o pé na argola. — Os dedos compridos e graciosos dele envolvem o copo de café. — Não lidei bem com a morte do Beau. Para ser sincero, não sei se estou a lidar bem agora, mas pelo menos estou sóbrio. — Eu volto a acenar com a cabeça. — Peço desculpa por ter faltado à tua peça. E peço imensa desculpa por te ter colocado numa posição em que foste obrigada a inventar desculpas por mim. Com o treinador Ellis e… — a voz dele falha — a Dakota. Quero pedir-lhes desculpa também e implorar pelo perdão deles. Mas queria ver-te primeiro.

Eu sei que sim. Ele anda há três dias a ligar-me e a enviar mensagens, mas só agora concordei em encontrar-me com ele. As minhas emoções estavam demasiado à flor da pele.

O Dean engole o café. Quando volta a falar, a voz está carregada de vergonha.

— Consegues perdoar-me do fundo do coração?

Do coração? Meu Deus, o meu coração está arrasado neste momento. Parece que passou por ele um furacão. O furacão Dean. Ainda não consigo apagar a noite de sexta-feira da minha cabeça. Estar no palco e olhar para o público e não ver o Dean. Chegar a casa e encontrá-lo completamente mocado.

Mas consigo perdoá-lo?

Claro que consigo. Eu não alimento rancores. A vida é demasiado curta para isso.

— Claro que consigo perdoar-te. — Não deixo de notar o brilho de esperança nos olhos dele e dá cabo de mim ter de arrasar essa esperança. — Mas não se trata de perdão.

— De que se trata, então?

— Diz-me tu. Convidaste-me para vir aqui para reatarmos?

Ele assente lentamente. Toda a sua expressão se suaviza.

— Amo-te — diz ele, numa voz rouca. — Não quero afastar-me de ti.

A dor cresce em espiral dentro de mim. Também não quero afastar-me dele. Mas… acho que preciso de o fazer.

— Eu… não posso estar contigo — sussurro. Ele faz um som angustiado. — Pelo menos, não neste momento. — Pego no copo de café com espuma com as duas mãos, desesperadamente necessitada do calor que está a irradiar. — Nunca estive sozinha, Dean. Nunca. Foi sempre uma relação atrás da outra. Nem sei se sei estar sozinha, e acho que esta pode ser uma boa altura para perceber isso. Tu próprio disseste, ainda estás a lidar com a tua perda. Ainda tens outras pessoas com quem precisas de esclarecer as coisas. Por isso, enquanto estás a lidar com as tuas cenas, eu posso lidar com as minhas.

O maxilar dele fica tenso. Estou à espera de que ele conteste. Fico à espera de que ele conteste. Porque este é o Dean Heyward-Di Laurentis, o homem que consegue sempre o que quer. O homem que insiste até o obter. Mas ele surpreende-me.

— Quanto tempo? — pergunta, rouco.

Mordo o lábio.

— Não sei. Umas semanas? Um mês? Não tenho um prazo. Só sei que preciso de estar sozinha agora. Sem namorado. Só eu.

Ele parece triste.

— Está bem. — Consigo ver as perguntas nos olhos dele. *Isto é apenas uma pausa ou estamos mesmo separados? Estraguei o nosso relacionamento? Ainda me amas?* Mas ele não as faz. Ele acena com a cabeça e murmura: — Demora o tempo que for preciso, amor.

Dean

Estava a contar que a Allie dissesse uma de duas coisas: *ESTÁ TUDO ACABADO CONTIGO, DEAN* ou *Eu perdoo-te, Dean*. Estava a contar com uma separação ou uma reunião emotiva, mas não com este impasse devastador.

Mas eu estou bem. É só um pequeno contratempo, certo? Se ela precisa de estar sozinha, eu deixo-a sozinha. Mas senti-me encorajado por ela me ter

deixado dar-lhe um beijo antes de nos termos separado no Coffee Hut. E quando lhe prendi uma madeixa de cabelo atrás da orelha, ela debruçou-se e roçou a face nos meus dedos.

Ela ainda me ama. Mantenho essa certeza reconfortante no coração nos próximos dias. Preciso de me lembrar de que alguém ainda me ama, quando me proponho a fazer uma série de pedidos de desculpa que me deixam sem forças. Estou armado com uma lista à *Kill Bill* de pessoas — pessoas a quem tenho de pedir desculpa e não que tenho de matar com espadas de samurai. Escrevi os nomes numa folha de papel, porque não me conseguia lembrar de todos.

Os primeiros nomes são fáceis de riscar da lista.

A Hannah continua chateada comigo por ter magoado a melhor amiga dela, mas eu consegui o perdão dela passando uma hora a mencionar tudo o que adoro na Allie e tudo o que vou fazer se — não, quando, caraças! — *quando* ela estiver preparada para me ver outra vez. A Hannah amolece.

WELLSY ✓

Em seguida, peço desculpa aos meus colegas de equipa por tê-los desiludido. Tecnicamente, não fui expulso da equipa. Fui suspenso até à próxima temporada. Mas concluo o curso na primavera, por isso, não há próxima temporada.

Para minha surpresa, os rapazes reagem bem à asneira que me fez sair da equipa de hóquei. Para ser sincero, acho que eles já não esperam grande coisa desta época. O Garrett assegura-me que os rapazes continuam a dar o seu melhor no rinque, mas acho que todos estão prontos para lavar as mãos deste ano desastroso e recomeçar no outono. Sobretudo o Hunter. É a ele que eu peço mais desculpa, e prometo-lhe que o vou compensar por me ter baldado às nossas sessões privadas.

A EQUIPA ✓

Mas essa não é a minha única equipa, e é com um peso no coração que conduzo até ao rinque de Hastings. Sou novamente apanhado de surpresa, porque não tenho de me esforçar muito para consertar o meu erro junto do treinador Ellis. Antes de fazer o longo discurso que preparei, ele dá-me uma palmada no ombro e diz: «Poupa esse discurso para os miúdos. É bom ter-te de volta.»

TREINADOR ELLIS ✔

Os rapazes? Também são fáceis. Desta vez consigo chegar a meio do meu discurso preparado, que inclui uma promessa de os levar a todos a comer pizza. Quando tento falar depois disso, o Robbie interrompe-me e grita: «Meu, conquistaste-nos quando falaste da pizza!»

OS HURRICANES ✔

Fico para ajudar com o treino. O meu coração já não está pesado. Está feliz, porque a Allie tinha razão — eu *adoro* isto. Patinar com os miúdos, dar-lhes dicas sobre como posicionarem o corpo, quando darem uma stickada. Depois de o apito final soar, ajudo o Ellis a guardar o equipamento e passamos dez minutos a discutir opções que nunca percebi que tinha à minha disposição.

A minha ansiedade manifesta-se de novo ao subir as bancadas.

A Dakota tem o bloco de notas cor-de-rosa no colo e o lápis pousado numa página em branco. Fica tensa quando eu me sento ao seu lado. Não me cumprimenta e eu consigo ver claramente a mágoa a brilhar nos seus grandes olhos azuis.

— Então o que é que a malvada da Sra. Klein vos mandou fazer hoje? — pergunto, roucamente. — Ela ignora-me. — Se tiveres de escrever um parágrafo sobre o teu herói, certamente não serei eu. Mas, se for uma descrição da pessoa que mais odeias, aposto que consegues escrever dez páginas sobre mim com uma perna às costas. — Ela ri-se e tapa a boca em sinal de horror, como se estivesse a tentar enfiar o som agudo dentro da boca outra vez. — Dakota — digo eu com um suspiro.

Ela finalmente olha para mim. Intensamente.

— Estou zangada contigo.

— Eu sei que estás, miúda. — Engulo um nó de vergonha. Sou mesmo um idiota. Baldei-me às nossas aulas de patinagem e não apareci para dar uma explicação. Simplesmente desapareci da vida dela.

A Dakota e o Robbie estão a ser criados por uma mãe solteira. A Dakota fala muitas vezes dela e já admitiu que o pai saiu porta fora um dia e nunca mais voltou. Agonia-me saber que posso ter reavivado essas recordações dolorosas.

— O meu amigo morreu. — Calo-me abruptamente, porque não consigo

pensar no Beau sem sentir uma dor lancinante no coração. Merda. Sinto falta daquele brutamontes. Sinto falta de falar com ele, de conviver com ele. Com quem mais posso discutir o *Crepúsculo* sem me sentir julgado? — Não lidei muito bem com isso — digo à Dakota. — Nunca tinha perdido ninguém. Quer dizer, perdi o avô Kendrick, mas ele morreu quando eu tinha 5 anos. Talvez fosse mais resiliente quando era criança? — Ela observa-me atentamente. — Lamento, Koty. Lamento mesmo muito por ter desaparecido sem dizer uma palavra. Doute autorização para me dares um murro na cara com o máximo de força de conseguires. Mas dá-me agora, rápido, enquanto o treinador Ellis não está a ver.

Ela volta a rir-se. Depois, provando que os miúdos são mesmo mais resilientes, estica-se para me dar uma palmada no braço.

— Para de ser uma menina, Dean. Eu já gosto de ti outra vez.

Contenho uma gargalhada.

— Gostas?

— Hum-hum. — Faz um balão com a pastilha elástica e depois aponta para o bloco de notas. — Tenho de escrever uma página sobre o meu filme favorito e por que motivo gosto dele.

— Percebi. Qual é o teu filme preferido?

— *O Diário da Princesa*.

Claro que tinha de ser.

— Pronto. — Estalo os nós dos dedos como se estivesse a preparar-me para a luta. — Vamos a isso.

DAKOTA ✓

Ligo à Joanna Maxwell quando chego a casa e, felizmente, apanho-a na pausa para jantar do teatro. Peço desculpa por não ter ido ao elogio fúnebre. Ela perdoa-me. Falamos sobre o Beau durante quase uma hora antes de ela dizer, com relutância, que tem de ir ensaiar. Prometemos manter o contacto e eu sinto uma dor no coração quando desligo a chamada. Mas não vou quebrar essa promessa. O Beau era importante para mim. A Joanna é a irmã mais velha dele. Porra, vou manter o contacto.

JOANNA ✓

Tenho mais uma chamada para fazer e não estou ansioso por isso. Há uns dias, pedi ao Fitzy para localizar a Miranda O'Shea por mim. O Fitz consegue sempre ilegalmente jogos de vídeo sem ter de os comprar, por isso achei que ele conseguiria localizar um número de telemóvel. Afinal de contas, tinha razão. Não faço a menor ideia de como ele conseguiu e não pretendo perguntar-lhe, porque prefiro não ir preso.

Marco o número e depois aguardo. Não vejo nem falo com a Miranda há anos. Já não tenho sentimentos românticos, mas é claro que há assuntos por resolver entre nós. E há uma coisa que nunca tive oportunidade de lhe dizer. Espero mudar isso hoje.

Se ela atender a porcaria do telemóvel. Toca e toca e estou prestes a desligar quando ouço uma voz tensa do outro lado da linha.

— Estou?

Respiro fundo.

— Miranda?

— Sim. Quem fala?

— É… hum, o Dean. — Faço uma pausa. — Dean Di Laurentis. — Um silêncio chocado preenche a linha. — Sei que te estou a ligar do nada…

— Como é que conseguiste o meu número? — interrompe-me ela, mas a voz mostra-se suave, não irritada. — Foi o meu pai?

— Não. Um amigo meu arranjou-me o teu número. — Segue-se uma pausa confrangedora dos dois lados. — Não te vou ocupar muito tempo — digo-lhe. — Mas há uma coisa que te queria dizer. Algo que nunca te pude dizer na altura porque o teu pai te tirou da escola. — Exalo rapidamente. — Peço desculpa. — Ela também exala, ruidosamente. — Peço desculpa por tudo o que aconteceu entre nós — prossigo. — Pelo meu papel no teu… hum…

— Esgotamento? — conclui ela, secamente. — A culpa não foi tua, Dean. Eu já lidava com uma depressão muito antes de nós namorarmos.

— Eu sei. Mas… fizemos sexo… e depois… — Credo, que coisa tão desconfortável. E toda esta conversa parece… cínica. Como se fôssemos estranhos a discutir a vida sexual de outra pessoa em vez da nossa.

— Fizemos sexo porque eu te seduzi quando estavas bêbedo. — Ela parece

profundamente envergonhada. — E depois tentei que ficasses comigo por culpa, quando sabia que não eras feliz comigo. Não fazes ideia de como me senti culpada. Queria ligar-te, mas sentia demasiada vergonha. E o meu pai disse-me que me enviava para a Sibéria se voltasse a falar contigo. Por isso mantive-me calada. Achei que te esquecerias de mim mais tarde ou mais cedo. — Segue-se uma pausa. — Obviamente não me esqueceste.

— Não, não esqueci. — Outra pausa. — Enfim. — Pigarreio. — Era tudo o que eu queria dizer. Lamento se fiz ou disse alguma coisa que contribuísse para aquilo que estavas a passar ou para piorar a situação. A minha intenção nunca foi magoar-te.

— A minha intenção também não era magoar-te.

Engulo em seco.

— Então, estás bem agora? Vais concluir o curso em Duke esta primavera, hã?

— Sim! — O entusiasmo ecoa pela linha. — E entrei em Medicina!

As notícias deixam-me surpreendido, porque ela sempre disse que queria ser assistente social e não médica. Mas suponho que as pessoas mudam. Sabe Deus que eu mudei. Passamos uns minutos a pôr a conversa em dia e sinto-me aliviado quando a chamada termina. A Miranda foi um capítulo importante na minha vida, mas sabe bem encerrá-lo.

MIRANDA O'SHEA ✔

Não me dei ao trabalho de adicionar o pai da Miranda à minha lista. Por mais pedidos de desculpa que faça, aquele sacana nunca vai gostar de mim e, verdade seja dita, não lhe devo mais pedidos de desculpa. O único crime do qual sou culpado é de acabar com a filha dele. Não merecia receber um murro na cara e ser tratado como lixo por isso.

O Frank pode resolver os seus problemas sozinho.

Eu estou a resolver os meus.

Passa-se outra semana. A Allie continua a tratar dela. Eu continuo a tratar de mim. Trocámos mensagens algumas vezes, só um breve «Como estás?» e pouco mais. Estou ansioso por vê-la. Abraçá-la. Beijá-la. Fazer amor com ela. Mas eu prometi que seria paciente, por isso mantenho a distância.

Contudo, procuro a Hannah para saber informações sempre que posso. Sei que a Allie se saiu bem na cadeira de Guionismo. Sei que arranjou as unhas no cabeleireiro da cidade. Verde-claro, disse a Wellsy, e isso fez-me sorrir.

Na vez seguinte que lhe pergunto as novidades, a Hannah revela que a Allie viajou para Los Angeles. O meu coração cai-me aos pés, porque eu deduzo que ela se foi embora de vez, mas a Hannah apressa-se a tranquilizar-me. Afinal, o pessoal da Fox queria que a Allie fosse ler o papel para eles pessoalmente. Eles adoraram a gravação da audição, mas queriam testar a química dela com as duas atrizes com quem iria contracenar.

O meu coração quase explode de orgulho, por isso envio-lhe uma mensagem de parabéns. Só tenho notícias dela várias horas depois. Ela diz que está prestes a apanhar o voo de regresso a casa e que falamos em breve.

Apanho o avião no sábado de manhã. Vou fazer uma viagem rápida a Nova Iorque, porque há um último item que preciso de riscar da minha lista.

34

Allie

— Não podes recusar o papel. — A Hannah parece indignada por eu sequer sugerir tal blasfémia.

— Porque não?

— Porque é um papel principal numa *sitcom*! E se a série for um sucesso? Podias vencer um *Emmy*!

Encolho os ombros e bebo o café. Sei que estou a dizer um disparate neste momento. Acreditem em mim, o Ira mostrou-se igualmente incrédulo e implorou-me que aceitasse o trabalho. Mas quando se trata da minha carreira, eu sigo sempre o meu instinto, e o meu instinto diz-me que este não é o papel certo para mim.

— Ainda não tomei a minha decisão final — digo à Hannah. — Deram-me até quarta-feira para decidir. — É sábado à noite. Isso quer dizer que tenho quatro dias para decidir.

O meu instinto insiste que não há nada para pensar.

Sinto-me tentada a ligar ao Dean para lhe pedir um conselho, mas obrigo-me a não o fazer. Estou tão habituada a discutir as minhas decisões com o meu namorado. Fi-lo com o Fletch, o Sean e o Dean. Mas ninguém pode tomar esta decisão por mim. Só eu.

Para ser sincera, gostei de estar sozinha nestas últimas semanas. É bom pensar apenas em mim, para variar. Mas sinto a falta do Dean. Sinto mesmo a falta dele. Eu sei que ele está bem, porque tenho pedido informações à Hannah. Ela disse que ele voltou a treinar os Hurricanes. Ele foi ao Malone's com os rapazes algumas vezes, mas só bebeu umas cervejas, pelo que a Hannah sabe.

Não há fotografias dele no *Instagram* ou no *Facebook* a namoriscar com outras raparigas, mas uma parte de mim continua preocupada com isso. O Dean é o rapaz mais sexual que conheço. Estou a rezar para que ele ande a masturbar-se com frequência, porque não sei o que vou fazer se descobrir que ele dormiu com outra pessoa. Não trouxe o assunto à baila no café porque assumi que ele manteria a abstinência enquanto eu aproveitava este tempo para organizar as ideias.

Talvez tenha sido um pensamento egoísta da minha parte. Mas eu amo-o, e se ouvir que uma miúda qualquer lhe tentou pôr as garras em cima, dou-lhe um enxerto de porrada. Ele é *meu*. E eu estou finalmente preparada para o reclamar. Consegui aproveitar este tempo que estivemos afastados para me centrar, mas agora está na hora de recuperar o meu homem.

O único problema é que o Dean vai passar a noite em Nova Iorque a visitar os pais. Soube-o pela Hannah há pouco, o que me deixou preocupada, porque é estranho ele viajar para Manhattan para passar apenas uma noite.

A nossa conversa é interrompida pelo toque do meu telemóvel e eu fico ainda mais preocupada quando vejo o número do meu pai.

Um segundo depois, a voz dele ouve-se do outro lado da linha.

— Não quero que fiques preocupada. — É assim que ele começa e, oh, meu Deus, quem é que *diz* uma coisa dessas? Agora estou preocupada!

Pouso o copo em cima da mesa da *kitchenette* e levanto-me. A Hannah olha para mim, alarmada.

— O que se passa? — exijo saber. — O que aconteceu? Estás bem?

— Eu disse-te para não te preocupares, não disse? — Meu Deus. Às vezes sinto mesmo vontade de matar o meu pai. — Tive uma pequena queda esta tarde, foi só isso. Se bem que sou capaz de ter partido o braço, por isso chamei

uma ambulância.

O medo invade-me.

— Oh, meu Deus. Estás bem?

— Estou *bem* — diz ele, firmemente. — É apenas um pulso torcido. Não tenho ossos partidos, garanto. — O seu tom de voz torna-se sarcástico. — Posso pedir ao hospital para te enviar as cópias das radiografias, se quiseres.

Cerro os dentes.

— Não sejas idiota, pai.

Ele suspira pesadamente no meu ouvido.

— Desculpa. Mas eu sabia que ias exagerar quando te contasse. Asseguro-te que estou bem, querida. O meu pulso está um pouco dorido, mas estou a tomar analgésicos.

— Como é que foste para casa do hospital?

— Vim de táxi. E agora estou deitado no sofá a ver o jogo dos Hawkeyes.

Respiro lentamente para me acalmar.

— Pronto. Não andes de um lado para o outro. Não tentes levantar nada pesado. Por favor, pai, vai com calma durante uns dias.

— Prometo. Amo-te, AJ.

— Também te amo. — Desligo e viro-me para a Hannah, que pergunta de imediato: — O teu pai está bem?

Aceno com a cabeça.

— Ele diz que sim. — Mas o meu pai era jogador de hóquei. Os jogadores de hóquei dizem *sempre* que estão bem, mesmo quando estão a sangrar dos ouvidos e a cuspir os dentes partidos.

Respiro fundo outra vez. Depois procuro o número do Dean e carrego na tecla «Enviar».

Dean

O Joe Hayes abre a porta com a carranca mais maléfica que alguma vez vi noutro homem.

— Deves estar a gozar comigo! Ela mandou-te cá para ver como eu estava?

Toco suavemente no ombro dele para o afastar do caminho. Sabe Deus que ele não me vai convidar a entrar.

— Sim — confirmo. Depois entro e olho em redor.

Felizmente, não vejo nada de anormal. Olho para as escadas. A Allie disse-me ao telemóvel que o Joe tinha dado uma «queda». Não há sangue no chão de madeira, nem tábuas partidas. Isso é bom sinal. E ele não tem nódoas negras nem ferimentos visíveis. Está a usar a bengala, mas os pés parecem mais estáveis do que da última vez que o vi.

— Por favor, não me digas que apanhaste um avião e vieste até aqui só para me veres — murmura ele.

— Não. Já estava na cidade a visitar os meus pais e o meu irmão.

O Sr. Hayes instala-se no sofá e decide ignorar-me.

Dispo o casaco e pouso-o nas costas da cadeira. Depois sento-me.

Ele olha para mim.

— O que estás a fazer?

— A pôr-me confortável. — Arqueio uma sobrancelha. — Esqueci-me de dizer que vou passar cá a noite.

— O tanas é que vais!

A indignação dele faz-me rir.

— Vá lá. Pensava que já tínhamos chegado à conclusão de que discutir com a sua filha é inútil. Ela pediu-me para passar aqui a noite e para lhe deitar o olho e é isso que estou a fazer. — Porque eu faço tudo que aquela mulher pedir. Vendia a minha alma ao Diabo, se a Allie me dissesse para o fazer.

— Não gosto disto — resmunga o Sr. Hayes.

— Não quero saber — digo eu, alegremente.

E é assim que acabo a ver futebol americano universitário com o Joe Hayes na hora que se segue. Já são quase nove da noite e o meu estômago está a roncar. Ainda não jantei e o Sr. Hayes não se opõe quando peço uma pizza.

— Parece-lhe bem uma pizza de salsichas e bacon? — pergunto-lhe quando faço o pedido.

Ele resmunga. Acho que isso quer dizer que sim.

Passa-se mais uma hora. Não conversamos. Comemos a pizza, bebemos cerveja e passamos do futebol americano para o hóquei no gelo. Os Bruins jogam esta noite. Sempre que gritamos para o ecrã ou torcemos por um golo, olhamos um para o outro cautelosamente, como se nos lembrássemos da pessoa com quem estamos.

Entre o segundo e o terceiro período, pouso a minha cerveja e digo:

— Eu amo a sua filha, senhor.

E ele diz:

— Eu sei que sim, lindinho.

Não sei se isso quer dizer que ele aceita ou se quer dizer: «Sim, tu ama-la, mas eu continuo a odiar-te.» Prefiro pensar que é a primeira.

Por volta das onze, ajudo-o a subir as escadas e aguardo em frente à porta do quarto dele, ficando a ouvi-lo andar de um lado para o outro e a vestir o pijama para dormir. Depois bato à porta.

— Está tudo bem? — pergunto.

— Porra, estou ótimo. Vou para a cama.

Rio-me sozinho e entro no quarto de infância da Allie, onde o Joe disse que eu podia dormir esta noite. A primeira coisa em que reparo é no cheiro. Cum caraças, é *o cheiro*. A fragrância misteriosa que rodeia sempre a Allie e que eu nunca consigo perceber o que é.

Dirijo-me ao armário dela e pego num pequeno frasco de perfume. Ou pelo menos julgo que é perfume. A etiqueta é azul-clara e diz *Allie* numa bonita fonte manuscrita. Mas que raio?

— A Eva mandou-a fazer para ela.

Sou apanhado de surpresa, por isso dou um salto e, quando me viro, vejo o Sr. Hayes de pé junto à porta a usar apenas uns boxers axadrezados. Não consigo deixar de admirar o peito dele. O homem tem 40 e muitos anos e sofre de esclerose múltipla, mas exibe uns abdominais esculpidos. Estou impressionado. Acho que isso explica como é que ele conseguiu conquistar a mãe da Allie, que era uma modelo podre de boa. Merda, de repente ocorre-me que, se o pai da Allie está assim agora, ela deve ter os padrões altos. Vou ter de treinar para o

resto da minha vida.

Ao ver o meu olhar de incompreensão, ele aponta para o frasco de perfume que eu tenho na mão.

— A minha mulher… a mãe da AJ… ela tinha um amigo em França, um designer de moda amaricado com quem ela trabalhou uma vez. Ele conhecia uma perfumista. É assim que se diz? Perfumista?

— Não faço ideia, senhor.

— Enfim, houve um ano em que o amigo da Eva lhe ofereceu um perfume, uma fragrância criada especialmente para ela. A AJ ficou verde de inveja, por isso, quando fez 12 anos, a Eva disse que lhe ia arranjar um perfume especial também. Nessa altura, a minha mulher estava doente, doente a sério, por isso não olhava a esforços para fazer a AJ feliz. Quando perguntou à AJ qual a fragrância que ela queria, a AJ disse: «morangos e rosas». — Ele ri-se.

Rio-me também, porque agora compreendo porque é que nunca consegui perceber que cheiro era este. Rosas e morangos. Duas fragrâncias completamente diferentes, mas que, de alguma forma, quando combinadas, funcionam bem. São a *Allie*.

— Ela mandou fazer seis frascos. Acho que ainda sobram três à AJ. Não sei bem. Ela é muito poupada com eles. Não quer que acabem, penso eu.

— Então a Allie tem um perfume francês que foi criado só para ela? Isso é uma rebeldia.

Ele encolhe os ombros.

— A Eva passava muito tempo em França. Falava francês fluentemente. Ela queria que a AJ aprendesse, mas a AJ não estava interessada.

Sinto um aperto no coração.

— Agora está interessada.

Ele parece surpreendido.

— Ah, sim?

Aceno com a cabeça.

— Está a tentar aprender sozinha assistindo a uma novela francesa.

O Sr. Hayes ri-se.

— Assisti a duas temporadas com ela. — Suspiro tristemente. — Não é assim

tão má.

Isso fá-lo desatar a rir. É uma gargalhada que vem do fundo da garganta e lhe ilumina os olhos azuis.

— Tu também não és assim tão mau, lindinho — diz ele, saindo em seguida do quarto.

Allie

No domingo à noite, estou à espera do Dean no quarto dele quando ele entra. Eu ter-lhe-ia dado boleia, mas ele deixou o carro no parque de estacionamento do aeroporto, por isso trouxe o carro de Boston.

Os seus olhos verdes suavizam-se quando me vê.

— Olá.

— Olá. — Levanto-me rapidamente, mas nenhum de nós avança na direção do outro. Ficamos separados a uns metros de distância.

A distância é insuportável.

Com um som abafado, lanço-me para os braços dele e ele apanha-me com facilidade, pousando as mãos grandes em volta da minha cintura e puxando-me para si. Encosto a face ao peito dele e sussurro:

— Obrigada por teres ido ver como ele está.

— Não tens de quê. — Sinto os seus dedos a entrelaçarem-se no meu cabelo. Ele inclina a minha cabeça para trás, obrigando-me a olhar para ele. — Ele está bem, linda. Prometo. Acho que só chamou a ambulância por precaução. Tem o pulso um pouco dorido, mas é só isso. Ele está ótimo.

Já tinha ouvido tudo isto por telemóvel, dele e do meu pai. Mas eu precisava de ver a tranquilidade e a certeza nos olhos do Dean. Abraço-o com mais força enquanto o alívio me percorre o corpo.

Ele roça os lábios na minha têmpora. Depois inspira fundo, como se estivesse a cheirar o meu cabelo.

— Senti a tua falta — murmura ele.

— Também senti a tua falta. — Engulo em seco e afasto-me do abraço para o

encarar. — Não preciso de passar mais tempo sozinha.

Um sorriso lento curva-lhe os lábios.

— Até que enfim. — Ele senta-se na ponta da cama e senta-me no colo dele. — Andei a dar em doido sem ti nestas últimas semanas.

— Eu sei. Mas o tempo que passámos afastados fez-me bem. Eu precisava de olhar para a minha vida e olhar para *mim própria*, só para mim, e não para a pessoa que sou e que está sempre num relacionamento. Precisava de saber que consigo estar sozinha.

— E consegues?

— Sim. — Passo os dedos pela barba escura do seu maxilar à estrela de cinema. — Mas não quero estar sozinha. Quero estar contigo.

Ele beija-me. Um beijo suave e delicado, sem língua. Só os lábios dele a roçarem nos meus, vezes e vezes sem conta até eu gemer por mais. Quando abro os lábios para convidar a língua dele a entrar, ele afasta-se.

— A Wellsy disse que estás a pensar em recusar o episódio-piloto da Fox. — O tom de voz dele é de desaprovação.

— Bolas. Porque é que andam todos a chatear-me com isso? — Suspiro. — Ainda não tomei uma decisão.

— Mas tencionas recusar.

Hesito. E depois aceno com a cabeça.

É a vez dele de suspirar.

— Eu sei porque estás a fazer isso, miúda, e lamento, mas não posso permitir.

Pestanejo e ele levanta-me do colo dele, fazendo-me bater com o rabo no colchão. O Dean encaminha-se para o local onde pousou o casaco. Enfia a mão dentro de um dos bolsos e tira de lá um envelope.

Oh, não. Os parvos dos extraterrestres estão a provocar um novo *déjà-vu* no meu cérebro.

Ele pousa o envelope na minha mão e diz:

— Abre.

Abro o envelope sem dizer uma palavra e encontro a mesmíssima coisa que o Sean tentou dar-me. Números de confirmação de dois voos para Los Angeles. Por amor de Deus. Os rapazes partilham todos um cérebro ou quê? Uma espécie

de consciência coletiva que os leva a tomar as mesmas decisões parvas?

— Não vens a Los Angeles comigo — informo o Dean. Ele parece perplexo. — Não vou recusar o papel porque não quero estar longe de ti. Vou…

— O bilhete não é para mim.

— … recusar porque… — Calo-me. — Espera. Como assim?

— Não é para mim — explica ele. — É para o teu pai. Sei que não queres estar longe *dele*. Por isso lembrei-me de que, em vez de desistires do teu sonho para ficar na Costa Este com ele, podes manter o sonho e ele ir para a Costa Oeste contigo. — O Dean encolhe os ombros. — Já falei com ele e ele aceitou. Ele disse que vai começar a procurar uma casa para arrendar quando lhe confirmares a viagem.

Estou… chocada. Não consigo deixar de recordar o dia no café com o Sean em que ele insistiu em vir comigo. E agora aqui está o Dean a insistir que eu vá sem ele.

O meu pai estava errado. E certo. Estava errado e certo *ao mesmo tempo*. O Dean foi-se abaixo, sim. Mas talvez precisasse de se ir abaixo para aprender que a vida não é perfeita, que acontecem coisas más e que não podemos deixar de viver quando elas acontecem.

Sorrio e devolvo-lhe o envelope.

— Vou recusar o projeto.

Ele parece chateado.

— Allie-Gata…

— Não é por causa do meu pai — interrompo-o —, mas fico contente por saber que ele está disposto a mudar de cidade se eu ficar a trabalhar em Los Angeles. Vou recusar porque o projeto não é o certo para mim. Não me identifico com o papel. E o contrato exige que me comprometa com sete temporadas, se a série tiver sucesso. Não vou dedicar sete anos da minha vida a um papel que não suporto.

— Bem, que se lixe. Acho que devia ter falado contigo primeiro, antes de ter comprado estes bilhetes não reembolsáveis, certo?

— Achas?

Ele ri-se e senta-me novamente no colo. Eu prendo as pernas à volta das ancas

dele e os braços à volta do seu pescoço. Tento beijá-lo, mas ele fala antes que eu consiga colar os lábios aos dele.

— Também tomei algumas decisões.

Arqueio as sobrancelhas.

— Ah, sim? Quais? — Quando as faces dele ficam cor-de-rosa, eu salto imediatamente. — Cum caraças. Estás a corar? Agora estou *mesmo* curiosa. O que se passa?

— Eu, hum… vou ser professor de Educação Física.

Fico de boca aberta.

— A sério?

Ele parece envergonhado.

— Falei com o treinador Ellis sobre as minhas opções. Descobri que as escolas privadas não são muito exigentes em relação às qualificações necessárias para darmos lá aulas. Não preciso de ter uma licenciatura em Educação, mas ajuda. E, quando estava em Nova Iorque, entrei em contacto com a secretaria das universidades NYU e Columbia. Ambas me disseram a mesma coisa. Posso usar algumas equivalências da minha licenciatura. Tenho de fazer apenas mais um ano com aulas, Cinesiologia, Saúde e Bem-Estar, esse tipo de coisas. Mas poderia dar aulas ao mesmo tempo, dependendo da escola que me contratar. — Ele remexe-se desconfortavelmente. — Portei-me mal.

— Ups. O que fizeste?

— Usei o apelido Di Laurentis a meu favor com as funcionárias da secretaria.

Contenho uma gargalhada.

— Oh, querido, não há problema. É por um bem maior, certo? — Porque o facto de o Dean trabalhar com crianças é *bom*, caramba. Ele pode mesmo fazer a diferença. Ele pode ajudar aqueles miúdos a desenvolverem a confiança, a tornarem-se atletas melhores, a serem melhores pessoas.

— E depois falei com o novo treinador de hóquei da minha escola básica e pedi-lhe para me avisar se houvesse vagas na escola privada, para professor de Educação Física ou para treinador. — Ele agora parece entusiasmado. — Há uma vaga para as duas posições numa escola de Manhattan, do primeiro ao oitavo ano. O trabalho começaria no outono. Aulas de Educação Física para

todos os anos e treinar a equipa de hóquei feminino.

— Feminino? — pergunto eu com um sorriso. — Deve ser divertido.

— Acho que vou a uma entrevista para a vaga.

— Podes crer que vais. Se é isto que queres fazer com a tua vida, é isso que tens de fazer. — Faço uma pausa quando me ocorre um pensamento. — Espera. Isso quer dizer que não vais para Direito? Disseste aos teus pais?

— Sim e sim. Foi por isso que fui a Nova Iorque este fim de semana. Sentei-me com o meu pai e conversámos durante horas. Fiz a mesma coisa com o Nick depois, antes de me teres ligado a pedir que fosse ver o teu pai. Eles apoiaram-me muito.

Não fico admirada. A família do Dean é incrível.

— Estou orgulhosa de ti — anuncio.

— Também estou orgulhoso de mim. — Ele roça o nariz na minha face antes de depositar beijos ao longo do meu maxilar. Depois chupa-me o pescoço e o prazer acende-se no meio das minhas coxas.

Oh, meu Deus. Há muito tempo que não fazemos sexo. Há quase um mês. Ou terá passado mais de um mês? Meu Deus, nem me lembro. A sensação dos seus lábios quentes e húmidos a descerem pela minha garganta está a deixar-me inacreditavelmente excitada.

— Dean — murmuro.

— Hum?

— Amo-te.

— Também te amo. — Ele lambe-me a orelha.

— Mas não te quero neste momento.

Ele levanta a cabeça, com uma expressão bastante indignada.

— Podes repetir isso por favor?

— Não te quero a ti. — Esboço um sorriso tímido. — Quero o Pequeno Dean.

O meu namorado deixa cair a cabeça para trás e ri-se. Depois abre o fecho-éclair das calças e dá-me exatamente o que eu quero.

35

Dean

A formatura está próxima. De certo modo, pouco me importa, para ser sincero, mas eu uso a capa e o chapéu e atiro o diploma ao ar, porque sei que isso vai deixar os meus pais felizes. Já eu estou feliz de um modo geral, porque estou apaixonado pela rapariga mais incrível do mundo e a rapariga mais incrível do mundo está apaixonada por mim.

E apesar de a equipa não ter chegado aos *play-offs*, isso não significa que não haja novidades no hóquei. O meu amigo Logan foi contratado pelos Providence Bruins, a equipa de treino dos Boston Bruins, o que significa que dentro de um ou dois anos ele pode ser chamado para jogar numa equipa profissional. Quanto ao Garrett, o agente dele está a trabalhar bem. Pelos vistos, várias equipas mostraram interesse no G, e eu estou a fazer figas para que ele acabe numa equipa boa.

Eu já sei onde vou acabar… em Manhattan. Na semana passada, fiz uma entrevista para a vaga de professor na Parklane Academy. Ontem de manhã o diretor ligou-me para dizer que tinha ficado com o trabalho. É um contrato de dois anos e o segundo ano dependerá de eu concluir ou não o ano extra de curso.

E eu acho que a minha irmã tem uma certa razão na sua teoria sobre o Universo, porque uma hora depois da minha chamada com a Parklane Academy, o agente da Allie ligou-lhe com notícias que a fizeram guinchar tão alto que o

Garrett a ouviu no chuveiro e veio a correr ao meu quarto nu, armado com um *stick* de hóquei.

Quando lhe assegurámos que estava tudo bem — e comentámos que o pénis dele era muito bonito —, a Allie revelou que lhe ofereceram um papel numa série da televisão por cabo que está a ser criada pelo Brett Carson, o realizador na berra com quem ela fez uma peça no verão passado. Nem foi preciso uma audição, o Carson gostou tanto de trabalhar com ela que lhe ofereceu diretamente o papel. A melhor parte é que a série vai ser filmada em Nova Iorque.

A Allie diz que também quer fazer teatro, quando as gravações da série estiverem em pausa ou se esta for um fracasso, mas eu não acho que vá ser. Contudo, o mais importante para ela é que não vai fazer o papel de cabeça de alho chocho. Este novo papel é sério e «sumarento», como ela gosta de dizer, e eu sei que ela está ansiosa pelo desafio.

— E se eu tiver de mostrar as mamas?

A voz seca dela arranca-me dos meus pensamentos. Estamos a caminhar de mãos dadas pelo caminho de acesso à saída do edifício de Artes Dramáticas, onde ela acabou de ter a aula de monólogos. O ar ainda está frio, mas começa tudo a ficar verde outra vez e a neve já derreteu, deixando uma camada de lama no caminho de pedra.

— O Ira disse isso?

— Não, mas estamos a falar da HBO. O mais provável é que me peçam para fazer nudez. Pelo menos uma cena em *topless*.

— Tu estarias aberta a isso? — pergunto, cuidadosamente.

Ela encolhe os ombros.

— Desde que não seja uma nudez gratuita, eu considero. — Segue-se uma pausa. — *Tu* importavas-te?

Lanço-lhe um olhar diabólico.

— Querida, as tuas mamas são fantásticas. Nunca impediria o mundo de as ver.

— Fala a sério. Importavas-te?

Penso na pergunta dela e depois abano a cabeça.

— Não me importo. Faz parte do teu trabalho, e se te sentes confortável em mostrar alguma pele, então eu também me sinto.

Ela inclina-se para a frente e encosta os lábios à minha face.

— És incrível. Sabias disso?

— Claro que sabia. Ouço isso pelo menos dez vezes por dia.

A gargalhada dela é interrompida quando vemos uma figura familiar. Os meus ombros ficam rígidos quando o ex-namorado da Allie se aproxima lentamente de nós.

O Sean olha para as nossas mãos entrelaçadas. Não preciso de olhar para a cara da Allie para saber o que ela está a sentir neste momento. Consigo perceber pela forma como os dedos dela se contraem em volta dos meus que ela não está feliz por vê-lo. Que não se esqueceu das acusações dele depois do Dia de Ação de Graças.

— Olá, Allie. — O Sean parece infeliz, mas não sinto uma ponta de pena dele. — Pensei em ligar-te.

— Não ligues — digo, bruscamente. — Tens de esquecer o número dela.

A Allie aperta-me a mão para me tranquilizar.

— Já dissemos tudo o que precisávamos de dizer — diz ela ao ex-namorado. O tom de voz dela é suave, mas firme.

O Sean pigarreia.

— Devo-te um pedido de desculpas.

— Sim, acabaste de pedir e eu aceito. Mas não somos amigos nem vamos ser. — Ela avança. Sinto-me relutante em fazer o mesmo. Estou ansioso por dar um murro a este sacana, mas a Allie está a afastar-me dele, com os dedos entrelaçados com força nos meus. — Ele não é importante — murmura-me ela.

Ela tem razão. Ele não é importante.

Mal demos cinco passos quando eu vejo outro rosto familiar. O rosto de uma loira jeitosa que sorri e acena ao passar por nós.

— Estás com bom aspeto, Di Laurentis.

Não devolvo o elogio, porque eu gosto de ter tomates e a Allie vai arrancar-mos se eu der conversa à Michelle. Além disso, não *quero* dar-lhe conversa. A

Allie acabou com esse desejo. Ela é a única com quem quero namoriscar. Além disso, gosto de ter tomates no corpo.

Por isso, limito-me a dizer: «Que bom ver-te» e sigo caminho.

— Parece que hoje é o dia dos ex, não? — diz a Allie, secamente.

Reviro os olhos.

— A Michelle não é uma ex.

— Certo. É só alguém com quem fizeste um *ménage à trois*.

— *Quase* fiz um *ménage à trois*. Tu foste a empata-fodas, lembras-te?

— Sim. — Ela parece agradada consigo própria e eu finjo que amuo. — Ah. Não finjas que arruinei a tua única hipótese de fazeres um *ménage à trois*. Tenho a certeza de que não foi a tua primeira vez.

Encolho os ombros.

— Cum caraças. Quantos *ménages à trois* fizeste?

Desta vez, pisco o olho.

— Alguns. E tu?

— Imensos.

Fico hirto.

— Nomes e datas — resmungo. — Preciso de fazer uma nova lista à *Kill Bill*.

A Allie desata a rir.

— Tem calma. Estiveste presente em todos.

Os meus lábios franzem-se. Acho que me lembraria de estar num *ménage à trois* com…

— Tu, eu e o Winston — diz ela, alegremente.

Gemo de desespero.

— Isso não conta.

— Claro que conta. Houve penetração dupla.

Com certeza que houve.

Uma hora depois, estamos de volta a minha casa. É a vez de a Allie escolher um filme, o que me dá tempo para tomar um duche, porque é ridículo o tempo imenso que ela demora sempre a decidir o que quer ver. Dez minutos depois,

entro na sala de estar e encontro-a aninhada debaixo de um cobertor, a mexer no telemóvel.

A boca dela abre-se quando me vê.

— Oh, meu Deus, Dean. Porque é que estás nu?

— Não gosto de camisolas.

— E de calças? — guincha ela. — Tens algo contra calças?

Atravesso a sala de estar e sento o rabo nu no sofá, para depois pegar na ponta do cobertor e colocá-lo por cima das minhas pernas. A Allie observa-me, divertida.

— O que foi? — pergunto, na defensiva.

— Nunca conheci ninguém tão avesso a roupas. É *tão* estranho.

Pego-lhe na mão e coloco-a debaixo do cobertor, pousando-a diretamente no meu pénis semiereto.

— Estranho ou fantástico?

Ela roça o polegar em volta da cabeça do meu pénis e suspira.

— Fantástico — corrige ela.

— Então, o que é que escolheste? — Aponto para a televisão, enquanto desfruto das carícias lentas por baixo do cobertor.

— Oh, vais gostar deste! — A mão dela para quando ela se vira para mim com um sorriso. — Venceu um Óscar.

Deixo escapar um gemido.

— Não, boneca. *Não*. Recuso-me a ver outro dos teus vencedores de Óscar.

Ela carrega no comando com a mão livre e eu arregalo os olhos, encantado.

— *O Exorcista*? — Deixo escapar. — A porra d'*O Exorcista*? — Deixo de prestar atenção à masturbação que estou a receber. Estou demasiado entusiasmado por ela ter escolhido um filme de terror, e o Pequeno Dean está a pagar o preço pela minha felicidade não sexual.

— Estás a ver como sou boa namorada? Eu faço cedências. — Ela sorri. — Esta relação é o máximo.

— Podes crer que é. — Dou-lhe um beijo na face e depois respiro fundo quando me ocorre um pensamento.

— O que se passa? — pergunta ela, preocupada.

Viro-me para ela com os olhos ainda mais arregalados.

— Amor… somos aborrecidos?

A Allie assobia.

— Acabaste mesmo de perguntar isso?

— Sim, perguntei. — Aponto para a sala. — Olha para nós. É sexta-feira à noite e estamos no sofá da sala de estar a descrever a nossa relação como «incrível». É a coisa mais aborrecida que podíamos estar a fazer. — Suspiro ruidosamente. — É esta a nossa vida agora? Estamos condenados a ficar em casa todas as noites aninhados no sofá? O entusiasmo acabou?

— O entusiasmo não acabou — assegura-me ela.

— Tens a certeza? Porque parece que sim…

— Olá. — A voz do Tucker interrompe-me e ambos olhamos para ele, junto à porta.

— Olá. — Arqueio a sobrancelha. — Pensava que ias sair com o Hollis esta noite.

— Mudança de planos. — Ele entra na sala e vê que estamos debaixo do cobertor. — O G e o Logan estão cá?

Abano a cabeça.

— Estão nas residências.

— Merda. — Ele deixa cair a mão. A expressão tensa no seu rosto é alarmante. Tal como a forma como não para de se mexer, como se não conseguisse encontrar a posição certa.

— Está tudo bem? — pergunta a Allie, descontraidamente.

O Tucker hesita.

— Eu… merda. Tinha esperança de que os outros estivessem em casa, para eu poder contar a todos de uma vez.

— Contar-nos o quê? — O meu desconforto cresce.

— Eu…hum… — Ele cala-se e fecha a boca. Abre a boca. Cala-se novamente. Depois solta um suspiro que parece ser-lhe arrancado da alma. — Vou ter um filho.

A sala enche-se de silêncio.

Pelo canto do olho, vejo a boca da Allie a formar um O. O choque dela é tão palpável quanto o meu.

Fico a olhar feito parvo para a barriga do Tucker por uns bons dez segundos antes de me lembrar que não vivemos num mundo onde o Arnold Schwarzenegger pode ter um filho.

— Vais ter um *filho*? — A minha mente continua a girar como um carrossel, tornando-se difícil falar sem gaguejar. — Com… com *quem*?

O Tucker olha nos meus olhos confusos e diz:

— Com a Sabrina James.

Ao meu lado, a Allie começa a rir-se.

Viro a cabeça na direção dela, mas a sua gargalhada continua a fazer-se ouvir, baixa e sibilante, até ela finalmente recuperar o fôlego e me lançar um olhar de esguelha.

— Com que então, o entusiasmo acabou?

Raios me partam.

Agradecimentos

Estava ansiosa por escrever o livro do Dean desde que o apresentei como colega de casa do Garrett em *O Pacto*. Mal podia esperar, porque SABIA que ele seria uma personagem divertidíssima de escrever. E ele não me desiludiu. Diverti-me muito com esta história e estou muito contente por terem decidido lê-la!

Nota: aldrabei o tempo no que diz respeito ao período de férias da equipa de hóquei. A maioria das equipas da primeira divisão joga entre os meses de dezembro e janeiro, mas eu queria que o Dean tivesse mais tempo de férias, por isso aldrabei o tempo. Mas adorei cada segundo que o Dean e a Allie passaram juntos em Nova Iorque. Por isso… não me arrependo de nada! De nada, tenho a dizer-vos!

Como de costume, quero agradecer às minhas primeiras leitoras/apoiantes/amigas por me ajudarem a dar forma ao livro: Viv, Jen, Sarina, Katy, Monica, Nicole e Sophie. Adoro-vos.

A nível profissional, não conseguiria sobreviver sem a Nic e a Natasha (amigas e assistentes fantásticas!), a Gwen (nunca me deixes!), a Sharon (ainda temos de planear o casamento) e a pessoa que me mantém lúcida: Nina Bocci.

Um agradecimento a todos da Bloom Books, pelo seu entusiasmo e amor por esta série: à minha editora, Christa Désir, e ao resto da equipa: Pam, Molly e Katie.

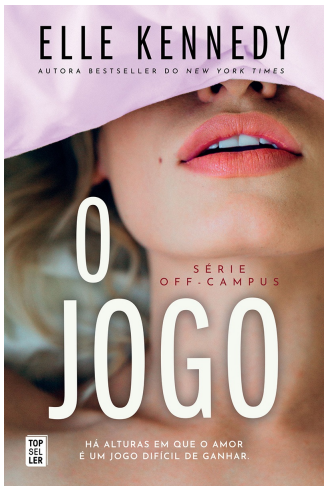
À Kimberly Brower, por ser uma agente incrível.

A todos os *bloggers* e críticos e que me ajudaram a cobrir lançamentos,

publicaram críticas e basicamente falaram da série a quem quer que os ouvisse — vocês são extraordinários. Extraordinários.

E a todos os meus leitores — não imaginam como me sinto honrada por continuarem a apoiar/adorar/comentar esta série. Vocês são «incriveltásticos»!

Sobre este livro



Dean Di Laurentis está habituado a conseguir tudo o que quer, seja no plano desportivo, académico ou amoroso. Na Universidade Briar, todos conhecem a sua fama de mulherengo, mas não há rapariga capaz de resistir aos seus encantos. Ou será que há?

Allie Hayes chegou a uma encruzilhada em relação ao seu futuro profissional e amoroso. Depois do fim do namoro com Sean, não pensa em envolvimentos sérios, mas também não quer relações sem qualquer compromisso. Ou será que quer?

Depois de uma noite na mesma casa, a atração entre Allie e Dean torna-se evidente, mas, por mais irresistível que ele lhe pareça, ela não está disposta a entrar no jogo do rei das relações casuais. Mas a verdade é que ela já conseguiu abalar o mundo de Dean, e ele não irá parar enquanto não a conquistar...

Sobre Elle Kennedy

Elle Kennedy é autora bestseller do *New York Times, USA Today* e *Wall Street Journal*, cresceu nos subúrbios de Toronto, no Canadá, e é licenciada em Inglês pela Universidade de York, acalentando desde muito nova o sonho de ser escritora.

Conhecida pelo género New Adult, no qual gosta de cruzar protagonistas femininas fortes com personagens masculinos sensuais e dominantes, tem muitos dos seus livros publicados em vários países e traduzidos para mais de uma dezena de línguas.

O Jogo é o terceiro volume da série *Off-Campus*, uma das suas séries de maior sucesso em todo o mundo.

[1] O acrónimo pode traduzir-se como «Fica parado e roça-te no teu par». [*N. T.*]